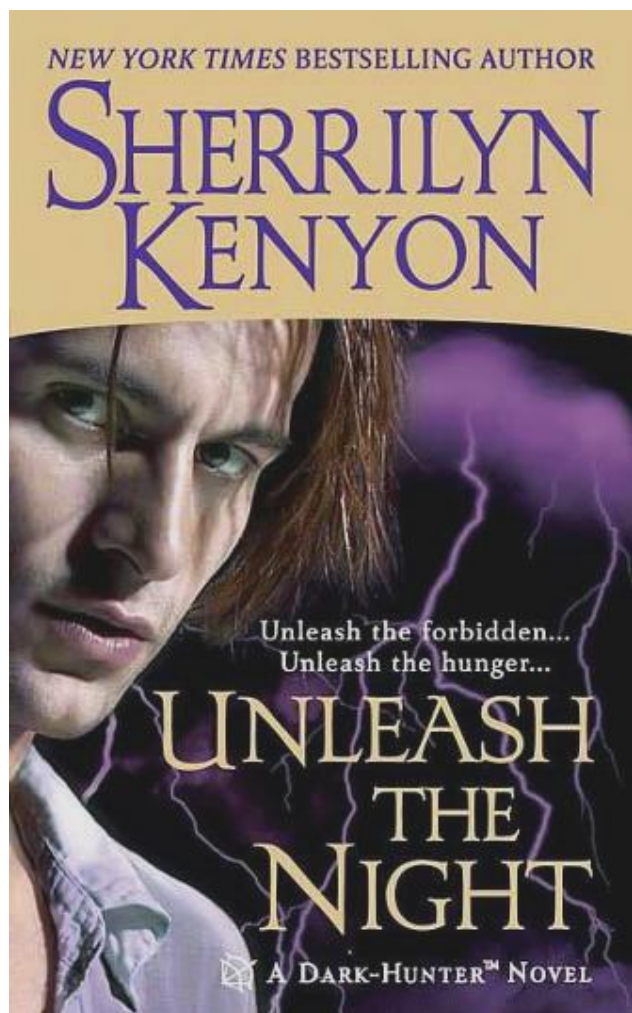


Desata a Noite



Sherrilyn Kenyon



“...É um predador que come predadores no mundo dos Were-Hunters.

Um perigo que assombra qualquer dia. Não há ninguém para confiar. Não para um amor. Não, se eles querem viver ...

Um órfã sem clã que ninguém reclamou, Wren Tigarian cresceu até à idade adulta sob o controle rigoroso e desconfiança das pessoas em sua volta. Uma mistura de dois animais proibidos –leopardo das neves e tigre branco- Wren nunca ouviu nada e ninguém quando havia algo que ele queria.

Agora ele quer Marguerite.

Marguerite D'Aubert Goudeau é a filha de um proeminente senador, que odeia a vida de socialite ela é obrigada a viver. Como sua mãe antes dela, ela tem fortes raízes Cajun que o pai dela não entende. Ainda assim, ela não tem escolha, mas tenta a se adaptar num mundo onde ela se sente como um intrusa. Mas o mundo dos ricos e poderosos nunca soube que o mundo dos Were-Hunters existem lado a lado com eles, invisível, desconhecido, indetectável. E quebrar esta lei é invocar a ira de um convite para o fim.

A fim de ter Marguerite, Wren deve combater não apenas o homem que nunca irá aceitar a sua natureza animal, mas o Were-Hunters que querem ele morto para não comprometer seu mundo. É uma corrida contra o tempo e sem fronteira mágica que poderia custar a Marguerite e Wren não só as suas vidas, mas suas próprias almas...”

Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes

Revisão: Vicky

Revisão Final: Meli E Sarah Gomes

Formatação: Meli

Projeto Revisoras Traduções

O Limani

Dentro de todos, homens e bestas está o eterno desejo de um refúgio. Algum lugar livre de perseguição, livre de ser caçado ou machucado. Mas há muito tempo não havia tal lugar que encontrar para esses que eram ambos, homem e bestas. Esses que podiam caminhar a quatro patas

durante o dia e duas pernas de noite.

Eles eram caçados por todos, sem encontrar refúgio.

Sua história, como todas as histórias, teve um começo – um começo de amor eterno e passado muito emaranhado. Anos atrás houve um antigo rei grego que tinha uma rainha que significava para ele mais que tudo no mundo. Mas sua rainha escondia um escuro segredo. Ela tinha nascido de uma raça maldita.

Mais de dois mil anos antes de seu nascimento, seu clã tinha cometido um trágico engano. Eles tinham assassinado a amante e o filho do deus grego Apolo. Em vingança pelos assassinatos, o deus grego amaldiçoou o seu povo com três coisas. Teriam que beber de seu próprio sangue para viver. Nunca mais poderiam caminhar à luz do dia. Mas foi a terceira maldição a mais dura. Todos eles morreriam lenta e dolorosamente em seu vigésimo sétimo aniversário.

Fiel à maldição do deus, a jovem rainha se converteu dolorosamente em pó no dia que completou os vinte e sete anos. Incapaz de deter a maldição, o rei viu como sua bem amada morria, pronunciando seu nome. Uma vez que ela se foi, ele se deu conta de que seus dois filhos estavam destinados a encontrar o mesmo horrível destino de sua mãe.

Incapaz de suportar sua perda também, o rei procurou na magia o poder para prolongar suas vidas. Usando a mais negra das magias, ele recorreu ao povo de sua esposa, que eram chamados Apolitas, e experimentou com eles. Unindo a força vital de suas vidas malditas com aqueles animais mais fortes, ele criou duas raças. Os Arcádios, que possuíam corações humanos, e os Katagaria, que possuíam coração de animal.

Os Arcádios eram basicamente humanos que podiam tomar forma animal assim que alcançavam a puberdade – um acontecimento que para eles ocorre ao redor dos vinte e cinco anos. Os Katagaria eram animais que podiam tomar forma humana uma vez que alcançavam puberdade à mesma idade. Duas faces da mesma moeda, ambas as espécies nasceram com o poder de usar a magia e viajar através do tempo sob a luz da lua cheia.

Finalmente, a maldição do deus grego era contornada ao menos nesses Apolitas que tinham sido transformados em ambos, humano e animal. Não sendo verdadeiros Apolitas, não podia cair sobre eles a maldição de Apolo. Ou assim pensavam, até que o antigo deus grego recorreu às três Parcas.

—Quem é você para frustrar o plano de um deus? Exigiram as Destinos unidas em uma só voz
O rei respondeu desafiante.

—Igual a qualquer pai, eu protegi a meus filhos. Ninguém levará suas vidas desnecessariamente por algo no que eles não tiveram culpa.

Mas isso não era suficiente para as Parcas. Elas estavam zangadas com a destreza do rei. Com o desafio que tinha infringido ao procurar uma forma de alterar o destino dos Apolitas como os que ele tinha experimentado uma vez. Como castigo, exigiram-lhe que matasse aos Arcádios e aos



Katagaria, começando por seus filhos.

Ele se negou.

—Então nunca haverá paz entre eles, — decretaram as Parcas. —Deste dia em diante, os Arcadios e os Katagaria não conhecerão outra coisa que a luta entre uns e outros. Caçarão e assassinarão até que não fique nenhum deles.

Assim aconteceu durante milhares de anos. Os Arcadios matando aos Katagaria que a sua vez matavam aos Arcadios. Sua guerra durou inclusive até estes dias...

E ainda mais à frente.

Mas como em todas as guerras, com o passar do tempo, foram necessárias as pequenas tréguas. Savitar, o mediador imparcial entre os Arcadios e Katagaria, estabeleceu limanis ou santuários onde humanos e animais podiam ir sem medo de ser caçados. Nestes poucos designados lugares, ambos os Katagaria e Arcadios podiam descansar por um tempo antes que se reincorporassem à suas filas e comesçassem a brigar outra vez.

Não é fácil ser reconhecido como tal lugar, mas uma vez que se obtêm, ninguém, homem ou besta pode cometer uma agressão no santificado limani. Não sem desatar a fúria de todas as espécies de Arcadios e Katagaria por igual.

É uma honra sagrada converter-se em santuário e também é um calvário. A paz sempre surge como resultado de sacrifício. E poucos tinham sacrificado mais que o clã dos ursos que controlava o bar Santuário em Nova Orleães...

Capítulo 1

—A lei, igual à vida, é sempre um estudo de provas... As palavras de seu livro revoaram sobre a mente de Marguerite D'Aubert Goudeau e transformaram a familiar frase de seu amigo e companheiro de estudos Nick Gautier:

—Yeah, bom. A vida é uma prova que chupa sua alma tanto se sobreviver como senão. Pessoalmente, eu penso que o fracassado fede, assim tento sobreviver e rir de todos os perdedores.

Um triste sorriso curvou seus lábios quando a agriçoce dor rasgou seu coração. Ela recordava ao Nick e sua forma cáustica de viver vida, o amor, a morte, e tudo o que houvesse entre eles. Esse homem tinha sido capaz com uma frase de dar a volta ao negócio de um João ninguém.

Deus, como sentia saudades. Ele tinha sido a coisa mais próxima a um irmão que ela tinha tido, e não havia um dia que ela não sentisse sua ausência na parte mais profunda de sua alma.

Ela ainda não podia acreditar que ele se fora. Isso aconteceu num entardecer, seis meses atrás,

sua mãe, Cherise Gautier, tinha sido encontrada assassinada em sua casa em Bourbon Street enquanto Nick tinha desaparecido misteriosamente sem deixar rastro. As autoridades de Nova Orleães estavam convencidas de que Nick era o responsável pela morte de sua mãe.

Marguerite o conhecia melhor.

Ninguém sobre a terra amava mais a sua mãe do que Nick amava a dele. Se Cherise Gautier estava morta, então também Nick estava. Ninguém teria sido capaz de feri-la sem enfrentar a sua fúria. Ninguém.

Marguerite estava segura de que ele tinha ido atrás de quem quer que tenha assassinado a sua mãe e acabou encontrando sua própria morte. O mais certo era que ele estivesse estendido no fundo do Bayou (pântano) em alguma parte. Isso era por que ninguém tinha o visto após. E esse pensamento a fez em migalhas. Nick tinha sido um bom e caridoso homem. Um verdadeiro confidente e geralmente um tipo divertido em muitas maneiras.

Em seu formal e enfadonho mundo no que tinha que assegurar-se de que nunca fizesse ou dissesse algo mau, ele tinha sido um sopro de ar fresco e uma maravilhosa dose de realidade. Isso era por que ela queria recuperar seu amigo tão desesperadamente.

Como o mesmo Nick dizia, sua vida basicamente a sugava. Seus amigos eram vazios, seu pai neurótico, e cada vez que pensava que gostava de um rapaz, tudo o que seu pai o podia fazer era lhes dar um cheque com recursos mais que suficientes ao rapaz e a toda sua família e logo lhe dizer a ela por que ele era socialmente inaceitável. Ou, pior inferior a eles.

Realmente ela odiava a frase.

—Você tem um destino, Marguerite.

Yeah, ela estava destinada a terminar em um sanatório mental ou só para o resto de sua vida a fim de que ela não pudesse envergonhar o seu pai ou a sua família.

Ela suspirou quando olhou seu livro de direito sobre a mesa da biblioteca e sentiu a familiar espetada de lágrimas na parte de atrás de seus olhos. Nick nunca tinha gostado de estudar na biblioteca.

Quando ele estivera em seu grupo, todos eles se colocaram preguiçosamente em sua casa quatro dias da semana para estudar juntos.

Agora esses dias se foram e tudo o que ficou a ela era insípidos e inseguros fanfarrões que só podiam sentir-se melhor com eles mesmos diminuindo a todos outros.

—Está tudo bem, Margeaux?

Marguerite raspou a garganta diante da pergunta de Elise Lenora Berwick. Elise era uma loira alta, perfeitamente esculpida. E Marguerite queria dizer — esculpida. Aos vinte e quatro, Elise já tinha feito seis cirurgias plásticas diferentes para corrigir as imperfeições leves de seu corpo. Na escola secundária Elise tinha sido a primeira debutante de Nova Orleães, e agora ela era a beleza reinante na Universidade de Tulane.



As duas tinham sido amigas desde a escola fundamental. De fato, tinha sido Elise quem tinha reunido ao grupo de estudo há três anos quando todos eles ainda não tinham se graduado. Elise nunca se dedicou realmente à tarefa escolar, e ela tinha pensado nisto como uma maneira de usá-los para que lhe ajudassem a passar as séries. Algo ao que Marguerite não estava disposta. Ela realmente admirava a engenhosidade de Elise e gostava de observar a manipuladora obrigando aos outros a fazerem sua vontade.

Só Marguerite e Nick tinham visto alguma vez as intenções de Elise. Igual a Marguerite, Nick tinha sido imune às maquinações da bela loira. Mas isso estava bem. Se não fosse por Elise, Marguerite não teria chegado a estar assim perto de Nick, e em sua mente isso seria uma completa tragédia.

Agora ela, Elise, Todd Middleton Chatelaine, Blaine Hunter Landry, e Whitney Logan Trahan eram tudo que ficava do grupo. E isso doía mais que tudo.

Por que não está aqui, Nick? Realmente poderia usar seu senso de humor agora mesmo.

Marguerite brincou com a borda do livro enquanto uma imagem de Nick sobrevoava em sua mente.

—Isto só me faz pensar no Nick. Ele sempre amou estas coisas de leis.

—O fazia de verdade? Disse Todd enquanto levantava o olhar de seu livro. Seu cabelo negro estava curto e perfeito ao redor de sua face agradável. Ele tinha posto um caro suéter vermelho Tommy Hilfiger e calças caquis. —Se ele não fosse um criminoso de ascendência duvidosa e sombria, ele possivelmente poderia trabalhar em um dos escritórios de seu pai Margeaux.

Marguerite tentou não deixá-los ver como chiava os dentes quando usavam aquele apelido que ela absolutamente odiava. Pensavam que de certa forma os fazia mais próximos a ela desde que eles o usavam e os outros não. Mas na verdade, ela preferia o muito simples —Maggie— que Nick usava com ela. É obvio esse era um apelido muito plebeu para uma família tão refinada como a sua. Seu pai teria uma apoplexia se alguma vez tivesse ouvido Nick chamá-la assim.

Mas ela preferia. Certamente correspondia a seu aspecto geral e sua personalidade muito melhor que Marguerite ou Margeaux alguma vez o faria.

Agora ninguém a chamaria Maggie outra vez...

O pesar em seu coração era esmagador. Como podia algo assim doer tanto?

—Ainda não posso acreditar que ele já não esteja aqui— sussurrou Marguerite, piscando para afastar suas lágrimas. Parte dela ainda esperava o ver pavonear-se através do portal com esse retorcido sorriso e uma bolsa de beignets na mão.

Mas não faria mais. Nunca.

—Por fim nos libertamos disso— disse Blaine cinicamente enquanto se reclinava em sua cadeira. Com 1,82 de altura e extremamente bem constituído, com cabelo negro azeviche, Blaine pensava em si mesmo como um presente divino para todo o sexo feminino. Sua família era rica e

estava bem conectada, e eles tinham inculcado nele um sentido extremamente elevado de importância.

Ele tinha odiado Nick porque Nick nunca tinha permitido Blaine sair-se com a sua com seu esnobismo e o tinha deixado pelo chão em mais de uma ocasião.

Marguerite olhou a Blaine zangada.

—Você só está incomodado por que ele sempre tirou melhores notas que você nas provas.

Blaine franziu seus lábios.

—Ele colava.

De acordo. Todos eles o conheciam melhor. Nick tinha sido excepcionalmente brilhante. Irreverente e às vezes categoricamente cru, ele tinha feito amizade com Marguerite e a ajudou com tarefa escolar fora dos limites do grupo. Se não fosse por ele, ela teria procurado sua raça de antiga civilização Grega com o Dr. Julian Alexander, que tinha sido seu conselheiro antes de graduar-se.

Todd fechou seu livro, logo o afastou a um lado.

—Sabem, acredito que deveríamos fazer algo para nos despedir oficialmente dele. Mesmo depois de tudo, ele era deste grupo.

Blaine se mofou.

—O que sugere? Queimar incenso para mascarar seu aroma?

Whitney pegou ligeiramente na perna ao Blaine.

—Para já, Blaine. Irrita a pobre Margeaux. Ela realmente considerava o Nick um amigo.

—Não posso imaginar por que.

Margaret ficou rígida quando ela estreitou seu olhar sobre ele.

—Porque ele era agradável e compassivo. —A diferença deles. Nick não era pretensioso ou frio. Ele tinha sido real e se preocupava com as pessoas apesar de com quem estavam relacionadas ou quanto dinheiro tinham. Nick havia sido humano.

—Já sei o que deveríamos fazer— disse Elise, fechando seu livro igualmente. — por que não visitamos esse lugar de que Nick sempre falava? Onde trabalhava sua mãe.

—O Santuário? Blaine se viu completamente enojado. Marguerite não sabia de nenhum homem que pudesse aperfeiçoar esse franzimento de lábios. Elvis certamente teria inveja. —Ouvi que está no outro lado do Bairro Francês. Quão positivamente torpe.

—Eu gosto da idéia, — disse Todd fechando seu livro para guardá-lo na mochila —Sempre estou disposto a uma visita aos bairros baixos.

Blaine olhou com certa risada.

—Ouvi a respeito disso, Todd. É a maldição do novo-rico.

Todd devolveu o olhar ao Blaine dente por dente.

—Muito bem, fique aqui e esquentar nossos assentos enquanto seu traseiro se expande ao tamanho de seu ego. —Ele ficou de pé e captou a atenção de Marguerite. — Acredito que



deveríamos nos despedir de um de nossos membros, estimado ou não, e que melhor que ir beber uma cerveja em seu lugar favorito?

Blaine pôs seus olhos em branco.

—O mais seguro é que contraia hepatite ali.

—Não, não o faremos— disse Whitney. Ela contemplou ao Todd com medo em seus brilhantes olhos azuis. —Verdade?

—Não— disse Marguerite com firmeza enquanto recolhia seus livros. —Blaine é simplesmente um covarde.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Difícilmente. Sendo puro-sangue por ambos os lados, não tenho inclinação a perder o tempo com o proletariado.

Marguerite levantou seu queixo ante seu golpe baixo. Todos sabiam que sua mãe fora uma cajún do Slidell que não tinha nada da posição social de seu pai. Embora ela tivesse ido à universidade com uma beca e tinha sido Miss Louisiana, o matrimônio de sua mãe com seu pai tinha sido escandaloso.

Ao final, esse desastre fora o que tinha conduzido sua mãe à morte.

Era algo que só um verdadeiro cão jogaria na cara de Marguerite.

—Asno de pura raça, querera dizer— disse ela entre dentes enquanto ficava de pé. Ela colocou seu livro de repente em sua mochila Prada. —Nick tinha razão, não é mais que um suscetível verme que necessita que lhe chutem o traseiro.

As mulheres a seu redor a olhavam boquiaberta pela linguagem que tinha usado enquanto Todd ria.

Blaine ficou de uma interessante cor vermelha.

—Tenho que dizer que certamente adoro um pouco dessa picardia Cajun. Disse Todd ficando de seu lado. Venha, Margeaux, estarei mais que feliz de te acompanhar. Ele olhou às outras duas mulheres. Querem se unir a nós?

Whitney parecia um menino que estava a ponto de se dar bem por ficar acordado depois de sua hora de deitar.

—Meus pais morreriam se soubessem onde me coloquei. Conta comigo.

Elise assentiu, também.

Olharam ao Blaine, quem fez um ruído enojado.

—Quando todos contraírem disenteria, recordem quem tinha a razão.

Marguerite pegou sua mochila.

—Dr. Blaine, o residente perito na vingança de Montezuma. Faremos.

Pelo olhar em seu rosto, ela podia dizer que ele morria por devolver-lhe com uma réplica cruel, mas as boas maneiras e o sentido comum o liberaram de falar. Não era sábio insultar duas

vezes à filha de um senador dos Estados Unidos quando tinha ambições de ganhar um período de capacitação com o dito senador.

E isso foi o que mais provavelmente motivasse ao Blaine a unir-se a eles quando se dirigiram ao SUV de Todd.

—OH meu Deus—! Exclamou Whitney no mesmo momento em que entraram no afamado bar de motoristas e motoqueiros O Santuário.

Os próprios olhos de Marguerite se ampliaram quando olhou a seu redor na escuridão, aquele peculiar lugar parecia necessitar uma boa e esmerada limpeza. Estavam vestidos de todos os modos possíveis de motorista com camisetas e calças jeans. As mesas e as cadeiras eram uma mixórdia de duro desenho que nem sequer fazia par. À área de trás estava literalmente grafitada com estranhas salpicas de vermelho e branco, e as mesas de bilhar se viam como se tivessem sobrevivido a muitas brigas de bar com o passar do dia.

Havia inclusive uma capa de palha através do chão que recordava a um celeiro.

A área do balcão estava ocupada por tipos grosseiros que bebiam cerveja e gritavam uns aos outros. Ela podia ver uma escada de madeira diante deles que conduzia ao piso de acima, mas não tinha idéia do que haveria lá em cima. Problema dizia sua mente. Uma pessoa provavelmente poderia encontrar grande quantidade de problemas lá em cima.

Este lugar era definitivamente rústico.

Mas o que lhe chamou a atenção era a grande concentração de homens bonitos trabalhando no bar. Estavam em todos os lugares. Depois do balcão, como garçons, limpadores... Ela nunca tinha visto nada igual a isso. Era um bufê de testosterona.

Elise se aproximou para lhe sussurrar ao ouvido,

— Acredito que morri e subi ao céu. Viu alguma vez tal quantidade de caras bons em sua vida?

Tudo o que Marguerite pôde fazer foi sacudir sua cabeça. Realmente era incrível. Ela estava atônita de que os meios de comunicação não o tivessem descoberto e enviado uma equipe para investigar o que havia na água para que houvesse tantos homens ardentes em um mesmo lugar.

Mesmo Whitney estava boquiaberta e olhando fixamente.

—Que tipo de música é essa? Disse Blaine, torcendo seus lábios em uma brincadeira quando uma nova canção começou a soar no estéreo que estava incorporado ao longo e do balcão.

—Acredito que lhe chamam Metal! — gritou Todd sobre o forte solo de guitarra.

—Eu o chamo doloroso— disse Whitney. —Nick realmente parava aqui?

Marguerite assentiu com a cabeça. Nick tinha amado este lugar. Ele tinha passado horas falando com ela sobre isto e as estranhas pessoas que chamavam a este lugar lar.

—Ele me disse que tinham o melhor andouille (embutido tipo lingüiça, bastante condimentado, usado no preparo da jambalaya e do gumbo) do mundo.



Blaine zombou.

—Duvido muito.

Todd indicou uma mesa a suas costas com uma inclinação de sua cabeça.

—Suponho que deveríamos nos sentar e pedir algo em lembrança do velho Nick. Você só vive uma vez, sabe?

—Bebe em outra coisa que não seja copos aqui e não durará toda a noite— disse Blaine. Ele se via menos que entusiasmado quando seguiram ao Todd à mesa e sentaram.

Marguerite tirou a mochila, pinçou nela para tirar sua bolsa, logo a deixou debaixo da mesa. Ela pendurou sua bolsa em sua cadeira, e sentou. O lugar era muito ruidoso, mas ela facilmente podia ver o Nick ali dentro. Há algo a respeito daquele lugar que recordava tanto a ele. Além da decoração bem exótica que ele sempre tinha preferido. Ela freqüentemente suspeitou que ele se vestisse tão brega simplesmente para irritar as pessoas.

Para ela tinha sido um de seus traços mais cativantes. Ele fora a única pessoa que ela alguma vez tinha conhecido que verdadeiramente não tinha se importado com o que pensavam as outras pessoas dele. Nick era Nick você gostasse ou não e se você não gostasse, podia ir.

—Posso lhes servir algo meninos?

Ela levantou o olhar para ver uma bela mulher extremamente loira de mais ou menos sua idade. Tinha posto um par de calças jeans muito justas e uma pequena camiseta regata com o logotipo do Santuário, uma motocicleta estacionada em uma colina recortada por uma lua cheia. Embaixo disso estava a frase do Santuário: Lar dos Howlers.

Blaine deu a garçonete uma olhada quente que ela sabiamente ignorou.

—Sim, todos tomarão umas Westvleteren (cerveja escura).

A garçonete franziu o cenho ante o pedido de sua cerveja, inclinando a cabeça para ouvir melhor

—O que é isso?

Blaine tinha esse familiar olhar esnobe em seu rosto e usava sua voz de porei-isso-mais-fácil.

—É uma cerveja belga, doçura. Por favor, me diga que ao menos ouviste falar dela.

A garçonete o olhou irritado.

—Menino, nasci em Bruxelas e a última vez que comprovei, esta era minha terra natal, América, não meu lugar de nascimento. Assim pode pedir uma cerveja americana ou te trarei água e poderá sentar-se ali e atuar todo superior como queira até que vomite, de acordo?

Blaine a olhava como se estivesse a ponto de estrangulá-la.

— Seu gerente sabe que você fala com os clientes desta maneira?

A garçonete lhe dedicou um sarcástico sorriso, e disse indulgente.

—Se quer falar com minha mãe, quem possui este bar, ou meu protetor irmão, quem o dirige, ou meu pai, quem se deleita em tratar a chutes a todos os estúpidos, por seu trato para mim,

simplesmente faça-me saber e estarei mais que feliz de ir procurar um deles para você. Sei que adorariam perder o tempo tratando com você. Eles são realmente entendidos nessa matéria.

Marguerite reprimiu uma risada. Ela não conhecia a mulher, mas ela começava a gostar bastante.

—Eu tomarei uma Bud Light, por favor.

A moça lhe piscou os olhos conspiratoriamente antes que ela anotasse em seu pedido.

—Eu também— disse Todd.

Whitney e Elise se uniram com seus pedidos.

Logo todos eles olharam ao Blaine e esperaram seu seguinte estúpido comentário.

—Traga o meu sem abrir, com um guardanapo e um abridor.

A garçonete inclinou a cabeça com um brilho malvado em seus olhos.

— O que? Acaso tem medo de que cuspa nisso, menino importante?

Todd riu.

Antes que Blaine pudesse responder, a loira os deixou.

O sorriso de Marguerite se desvaneceu quando ela repentinamente sentiu algo... o pêlo da nuca lhe arrepiou. Era como se alguém a observasse.

Fixamente.

Ameaçadoramente.

Voltando a cabeça, ela esquadrinhou as pessoas, procurando a fonte de seu desconforto. Mas ali não havia nada. Ninguém que lhe prestasse a mais mínima atenção absolutamente.

Havia vários grupos de motoristas corpulentos jogando. Toneladas de turistas e motoristas formando redemoinhos ao redor. Havia inclusive um grupo de sete homens jogando pôquer em um canto. Garçons e garçonetes indo e vindo do balcão às mesas entregando comida e bebidas enquanto os dois barmans se ocupavam de seus assuntos.

Ninguém estava nem remotamente olhando na direção de Marguerite.

Devia ter imaginado.

Ao menos isso é o que ela pensou até que divisou a um homem num canto que parecia cravar diretamente os olhos nela. Vestido com uma camisa solta coberta por um branco avental sujo, e calças jeans negras descoloridas, que tinham visto dias muito melhores, ele era um ajudante de garçom que tinha feito uma pausa ao limpar uma mesa. As mangas de sua camisa estavam enroladas na metade de seus antebraços. Seu braço esquerdo levava uma brilhante e colorida tatuagem, que ela não podia distinguir a esta distância.

Ela não tinha nem idéia de como parecia desde que seu escuro cabelo lhe tampava a maior parte do rosto e caía diante dos olhos. A parte de atrás só pendia simplesmente sobre seus olhos. De fato, devido a seu penteado ela realmente não podia dizer aonde ele olhava, mas cada instinto em seu corpo dizia que olhava a ela.

Havia algo a respeito dele que parecia escuro e perigoso. Predatório. Quase sinistro.

Ela esfregou seu pescoço nervosamente, desejando que ele voltasse sua atenção ao trabalho.

—Passa algo? Perguntou Blaine.

—Não— disse ela rapidamente, lhe oferecendo um sorriso. Se ela o mencionasse, ele sem dúvida faria uma cena e despediriam o pobre homem de um trabalho que ele provavelmente necessitava. —Estou bem. Mas o sentimento não diminuía e havia algo tão animal e feroz a respeito disso que definitivamente a punha nervosa.

Wren inclinou sua cabeça quando observou à desconhecida mulher que se via tão fora de lugar que ele se perguntava como ela teria acabado nesse bar. A sofisticação e o dinheiro emanavam de cada um de seus poros. Ela definitivamente não era clientela habitual.

Ele também podia dizer que ela não estava muito cômoda em seu próximo escrutínio. Mas bom, ninguém estava, isso era por que ele rara vez fazia contato visual com alguém. Ele tinha aprendido faz muito tempo que nenhuma pessoa ou besta podia agüentar seu intenso olhar por muito tempo.

E ainda assim não podia afastar o olhar dela. Seu cabelo castanho estava preso em um rabo-de-cavalo com reflexos castanhos avermelhados — isso e seu tom da pele mais escuro deixavam transparecer uma herança cajún. Ela vestia um delicado conjunto composto por um suéter rosa e uma saia larga caqui com motivos rosados.

O melhor de tudo, ela tinha um corpo exuberante, curvilíneo que fazia gestos a um homem para aproximar-se e saboreá-lo.

Ela certamente não era a mulher mais bela que ele alguma vez tinha visto, mas havia algo nela que mantinha sua atenção. Algo nela parecia perdido e ferido.

Triste.

Na selva da Ásia onde ele tinha nascido, uma criatura como ela teria sido morta e comida por alguém mais forte. Mais feroz. A vulnerabilidade de qualquer tipo era um convite para a morte. E ainda assim ele não sentia essa familiar concentração de adrenalina que o fazia atacar ao fraco

Ele sentiu um desejo inexplicável de protegê-la.

Mais que isso, ele queria ir a ela e lhe oferecer conforto, mas então, que sabia ele de confortar a um humano? Ele era um feroz predador em forma humana. Tudo o que ele sabia era como caçar e matar.

Como brigar.

Ele não sabia nada de comodidade. Nada de mulheres. Ele estava só no mundo por um motivo, e gostava desse modo.

Marvin, o bonito mascote do Santuário, aproximou-se correndo ao Wren com uma flanela nova para limpar as mesas. Ele tirou da mão do Marvin enquanto ele se obrigava a voltar a limpar a mesa. Ainda assim, ele sentia a presença da mulher desconhecida, e num curto tempo ele se

encontrou cravando os olhos nela outra vez enquanto ela falava com seus amigos.

Marguerite tomou um gole de sua cerveja enquanto Elise e Whitney olhavam fixamente aos homens no balcão. Ela tratou de alcançar uma bolacha salgada seca em forma de oito só para fazer que Blaine esbofeteasse sua mão.

Ele parecia consternado.

— Está louca? Sabe quanto tempo isso está aí? Quantas mãos imundas o hão tocado? E mais, nossa temperamental garçõete provavelmente o envenenou simplesmente por rancor.

Marguerite começou a rodar seus olhos ante sua paranóia. Ela voltou a olhar ao ajudante de garçom, quem tinha movido para mais perto agora. Ele estava trabalhando outra vez, mas mesmo assim ela suspeitava que ela fosse seu foco principal.

Ela franziu o cenho quando viu um bonito macaquinho cor café subir correndo pelo braço do rapaz para descansar sobre seu ombro.

O rapaz tirou uma pequena cenoura do bolso de seu avental branco para dar ao macaco, quem a comeu enquanto ele retornava ao trabalho. Ela refreou um sorriso quando se deu conta de quem era este tipo. Ele devia ser Wren. Nick estava acostumado a falar dele de vez em quando. Havia dito a ela que ao princípio ele tinha pensado que Wren era mudo, já que nunca lhe tinha ouvido falar com ninguém. Conheceram-se durante todo um ano antes que Wren finalmente lhe houvesse dito entre dentes —olá— um dia quando Nick tinha entrado para visitar sua mãe.

Segundo Nick, Wren era um completo solitário que se mantinha isolado e que recusava a participar do mundo. A única razão pela que Marguerite o tinha reconhecido era que Nick lhe tinha falado do macaco... o único verdadeiro amigo do Wren, quem era propenso a roubar suas bolas de bilhar enquanto os dois jogavam no canto detrás do bar.

O macaco se chamava Marvin... Blaine a pegou olhando ao ajudante de garçom. Ele se voltou em sua cadeira para ver o Wren, que havia tornado a cravar os olhos nela. Ao menos isso é do que parecia, mas outra vez, ele mantinha seu cabelo sobre seus olhos, assim não havia maneira que soubesse com toda segurança.

—Está te incomodando?

—Não— disse Marguerite rapidamente, assustada do que poderia fazer Blaine. De uma forma estranha, ela se sentiu quase adulada. Os homens normalmente não a notavam a menos que conhecessem quem era seu pai. Tinha sido sua mãe que tinha feito que girassem cabeças.

Nunca Marguerite.

—O que está olhando? Todd interpelou ao homem.

Wren lhe ignorou enquanto se transladava à mesa ao lado da deles que estavam coberta de copos e um prato de nachos meio comidos.

Marguerite poderia sentir que ele queria lhe falar e ela se encontrou perguntando-se como seria ele por baixo de todo esse cabelo loiro. Havia um ar de perigo ao redor dele. Um

temperamento poderoso, e ainda ela tinha a suspeita de que ele não queria atrair a atenção de ninguém.

Era como se ele queria mesclar-se com a parede do fundo mas, fosse completamente incapaz de fazê-lo.

Uma estranha imagem de um tranqüilo tigre de zoológico veio a sua mente. Isso é o que recordava a ela. Uma enorme besta que cuidadosamente observava a todos a seu redor, desprendido e ainda confiante que poderia tombar a qualquer que o incomodasse.

—Visual chocante— disse Blaine quando observou ao Wren olhando-os —Ouça, amigo, por que não faz algo com essas repugnantes mechas? Blaine lançou alguns dólares ao Wren. —por que não usa isso para que lhe dêem um verdadeiro corte de cabelo?

Wren ignorou completamente ao Blaine e o dinheiro.

O macaco começou a gritar agudamente como se protegesse ao Wren. Sem uma palavra, Wren alisou a cabeça do macaco, e sussurrou algo para ele. O macaco desembarcou de um salto do ombro de Wren e correu rápido e ligeiro para o balcão.

Wren deixou sua bandeja de pratos a um lado.

Seu coração pulsava com força quando se deu conta que se aproximava dela. De perto, ele era muito mais alto do que tinha parecido de longe. Por alguma razão, caminhava relaxado e parecia medir aproximadamente 1,85, mas se ele se endireitasse a sua altura completa, ela estava segura ele andaria aproximadamente perto de 1,90.

Havia uma aura de poder supremo lhe rodeando. Um ar de velocidade e agilidade.

Ele era simplesmente magnético.

Assim de perto, ela finalmente pode ver seus olhos. Eram de um vibrante azul turquesa que era tão pálido que enfeitiçavam em sua cor.

E em sua falta de piedade.

Ele indicou seu copo vazio com uma inclinação de seu queixo.

— Terminou, senhorita? Sua voz era profunda e ressonante, hipnótica. Enviou um emocionante calafrio abaixo de sua coluna vertebral.

Sorriu a seu educado título.

—Sim— disse ela, lhe alcançando o copo.

Ele limpou a mão completamente em seu avental como se não quisesse ofendê-la ou sujá-la antes de tratar de pegar.

Ao princípio ela pensou que suas mãos possivelmente se tocassem, mas ele a afastou como se ele temesse tocá-la. Uma estranha decepção a encheu.

Deixando cair seu olhar fixo, ele tomou seu copo, sujeitando-o como se fosse precioso, e se afastou. Ele o colocou na bandeja, logo voltou o olhar para ela.

—Me desculpe, "Rasta-mon"? disse Todd grosseiramente. —Não precisa olhá-la, imbecil. Ela

está muito longe de seu alcance.

Wren fitou ao Todd com um olhar aborrecido que dizia que não via nele uma ameaça.

—Wren? disse a garçonete loira quando chegou e confirmando assim sua identidade a Marguerite. A garçonete fez uma pausa para lhes dedicar um olhar furioso fuzilando-os antes de suavizar sua expressão e se voltasse para o Wren. — É hora de um descanso, de acordo, querido?

Ele assentiu com a cabeça.

Quando ele começou a ir, Blaine empurrou a bandeja em suas mãos.

—Yeah, céu, mantém os de sua raça na sarjeta.

Antes que a Marguerite se desse conta do que ele estava fazendo, Blaine lançou sua bebida na cara do homem.

Wren deixou escapar um som que era mais um grunhido estranho que não parecia muito humano. Em um abrir e fechar de olhos, ele deixou cair à bandeja e se voltou ao Blaine.

De um nada um grupo de homens apareceu para sujeitar ao Wren. Ela ficou de pé e observou como os quatro porteiros muito maiores tiveram que lutar para sujeitar ao Wren. Rodearam-lhe tão bem que Marguerite só o podia ver entre a barreira que formaram para proteger seu grupo.

A garçonete estava lívida.

—Fora! — grunhiu ela. —Todos vocês.

—Por quê? Blaine perguntou. — pagamos nossas consumações.

Outro homem loiro se aproximou, o qual possuía um parecido notável com a garçonete. Ele devia ser o irmão que ela tinha mencionado antes que gerenciava o bar.

—Melhor que faça o que diz Aimeé, menino. Nós só salvamos sua vida, mas não lhe poderemos sujeitar durante muito tempo. Para quando sua visão se clareie, será melhor que te tenha ido ou não nos faremos responsáveis pelo que ele te faça.

Blaine lhe desdenhou com sarcasmo.

—Ele me toca e processo a todos.

O homem riu cinicamente.

—Confia em mim, ficará o suficiente de ti apenas para que te alimente por um canudo, e que já não digamos que esteja em condições de sustentar um processo legal, cara. Agora saia de meu bar antes que eu te tire.

—Venha Blaine— disse Todd, arrastando-o a ele para a porta. — Já estivemos aqui o suficiente.

Whitney e Elise resistiam a ter que sair, mas se levantaram como obedientes zumbis e seguiram aos meninos.

Marguerite ficou atrás.

—Margeaux? perguntou Todd.

—Vão. Já lhes alcançarei mais tarde.

Blaine negou com a cabeça.

—Não seja estúpida, Margeaux. Eles não são de nossa raça.

Ela estava farta do de nossa raça, nosso status. Ela tinha tido suficiente disso em sua vida, e já era muito para ela que sua família inteira tivesse a idéia de que só havia duas classes de pessoas no mundo. Os que eram decentes e esses que eram abaixo.

Pessoalmente, lhe adoeceia essa classe de pessoas tão mesquinhas.

—Te cale, Blaine. Vá para casa antes que eu te golpeie.

Blaine pôs seus olhos em branco antes de apressar-se à porta com Elise e Whitney de reboque.

—Está segura que quer ficar? —perguntou Todd.

—Sim. Pegarei um táxi para casa.

Ele parecia menos que convencido, mas ele devia ter reconhecido sua determinação para não continuar insistindo.

—De acordo. Tome cuidado.

Ela assentiu, então esperou que saíssem antes de dirigir-se na direção onde ela tinha visto que os porteiros levavam ao Wren. Este completo fiasco tinha sido todo culpa dela e o que podia fazer era desculpar-se pelo fato de ser o suficiente estúpida para relacionar-se com imbecis.

Ela encontrou um pequeno vestíbulo que levava aos banheiros e uma área marcada como: Privado. Só funcionários. Ao princípio ela pensou que os homens poderiam ter entrado na área do escritório privado, até que ela ouviu vozes saindo do banheiro masculino.

—Não molhe outra vez seu rosto, Colt, arrancará o seu braço de um puxão.

Outra vez ela ouviu esse feroz grunhido animal e algo que soava como alguém sendo empurrado para trás.

—Disse isso— disse a voz masculina outra vez. — Os humanos são estúpidos. Esse menino teve sorte de que não deixássemos que Wren lhe atacasse. Você não pisa na cauda de um tigre a menos que queira que te morda.

—Que diabos estava fazendo falando com essa garota de todas as maneiras? perguntou outra voz. — Já. Desde quando falas com alguém, Wren?

Ela ouviu outra vez o grunhido, seguido pelo som de copos quebrados.

—Bem— disse a primeira voz. — Tenha seu ataque. Esperaremos lá fora.

A porta do banheiro se abriu para mostrar a dois homens que rondariam tranqüilamente o 1,82m. Um tinha o cabelo curto negro e o outro também cabelo negro e o levava em um rabo-de-cavalo. Eles se detiveram entre ela e a porta para olhá-la atentamente.

— Ele está bem? —perguntou-lhes ela.

O único que tinha cabelo comprido lhe dedicou um olhar estranho.

—Deveria seguir meu conselho e sair daqui. Já causou muitos problemas para uma noite.

Mas por estranho que pareça, ela não queria ir.

—Eu... —Ela esqueceu suas palavras quando a porta do banheiro se abriu para mostrar ao Wren outra vez quando ele saía do banheiro para entrar no vestíbulo.

Sua camisa estava molhada, fazendo que partes dela grudassem num peito muito musculoso. Ele trazia uma toalha sobre um ombro e sua cabeça baixa. O gesto recordou a ela mais a um predador que estava observando o mundo prevenidamente, esperando para atacar, que alguém que fosse tímido ou reservado.

Ele se aproximou dela lentamente, metodicamente. Algo em seus movimentos recordava a um gato antes que ele se roçasse contra sua dona para acariciá-la com o nariz ou a marcasse como dele.

Wren passou a mão pela cara antes de dirigir um olhar sinistro aos homens.

—Saíam— grunhiu ele.

O que tinha o cabelo comprido ficou rígido como se ele odiasse a idéia de que lhe dessem ordens.

—Vamos, Justin — disse o homem de cabelo curto que devia ser Colt, em tom conciliador. — Wren ainda necessita tempo para esfriar-se.

Justin deixou escapar um baixo grunhido sinistro antes de dirigir-se de volta ao bar.

Colt dedicou um olhar de advertência a ela, logo se dirigiu ao bar.

Marguerite trouxe quando se aproximou de Wren lentamente. Assim perto podia dizer que sua frouxa camisa cobria um corpo magro, duro. Sua pele era de profundo dourado leonino que era tão tentador que deveria ser ilegal.

Havia algo nele que dava a sensação de estar completamente incivilizado. Ele ainda se via como se tivesse dormido com a roupa. Era óbvio que a este homem não importava o que alguém pensasse a respeito dele. Ele não seguia moda alguma ou qualquer regra de urbanidade. Podia ver depois do que tinha ouvido casualmente enquanto estavam no banheiro, não parecia que ele fosse o bastante anti-social.

Em teoria ela deveria sentir repulsa por ele, mas não era assim. Tudo o que ela queria fazer era afastar esse monte de cabelo loiro de seu rosto e ver se ele era tão bonito como ela suspeitava.

—Sinto muito— disse ela timidamente. — Não sabia que Blaine ia fazer isso.

Ele não falou. Em lugar disso ele deu um passo para ela, tão perto agora que ela poderia sentir o calor de seu corpo. Ele estendeu a mão para ela. Ele deteve sua mão pouco antes que tocasse sua bochecha e a manteve ali, enquanto esses estranhos olhos azuis a abraçavam.

Wren queria tocá-la tão profundamente que poderia saboreá-la. Ele nunca tinha desejado nada tanto como isso. Mas então, ele sabia que não deveria.

Ela era humana.

E era preciosa. Seu cabelo parecia tão suave como comprido. Sua pele resplandecia com calor vital. Ele daria tudo por provar em primeiro lugar o sabor dessa pele para ver se ela era tão deliciosa como parecia ser.

Mas ele não podia.

Um animal como ele nunca poderia tocar algo tão frágil como ela. Estava em sua natureza destruir, nunca alimentar-se. Ele deixou cair sua mão.

—É o amigo de quem Nick estava acostumado a falar? Perguntou ela timidamente.

Wren inclinou sua cabeça ante sua inesperada pergunta.

—Você conhecia o Nick?

Ela assentiu.

—Fui à escola com ele. Estávamos acostumados a estudar juntos. Ele disse que tinha um amigo aqui chamado Wren que sempre chutava seu traseiro no bilhar. Era você?

Wren olhou por cima das mesas de bilhar e inclinou a cabeça enquanto recordava a seu amigo. Não é que Nick soubesse nada realmente de Wren. Mas ao menos Nick tinha tratado de fazer amizade com ele. Tinha sido uma boa mudança, diga-se de passagem.

—Esse sou eu— sussurrou ele, não estava seguro de por que se incomodava quando ele nunca falava com ninguém.

Mas ele queria lhe falar. Ele amava o timbre suave e cortês de sua voz. Ela parecia tão terna. Tão feminina. Uma parte estranha alheia a si mesmo realmente queria aconchegar-se com ela.

Ele se inclinou para frente muito ligeiramente a fim de que discretamente pudesse inspirar seu perfume. Sua pele era cálida e suave e tinha rastros de talco e um perfume de especiarias. Isto lhe fez ficar duro e dolorido.

Ele nunca tinha beijado a uma mulher, mas pela primeira vez queria beijá-la. Seus lábios abertos se viam tão tentadores.

Tão deliciosos...

—Wren?

Ele voltou sua cabeça quando ouviu a voz de Nicolette Peltier detrás dele.

A velha francesa se aproximou deles no escritório do bar. Ele podia sentir que Nicolette queria estender a mão e o separar da humana, mas igual aos outros que faziam do Santuário sua casa, Nicolette tinha medo. Os de sua raça eram imprevisíveis. Mortais.

Todos lhe temiam. Exceto a mulher que tinha diante dele.

Mas bem, ela não tinha idéia de que ele fosse um tigre caminhando sob forma humana.

—Devo ir agora— disse a ela, afastando-se.

A mulher se aproximou e tocou seu braço. Sua virilha saltou em resposta a esse contato. Era tudo o que ele podia fazer para suprimir ao animal que procurava tomá-la como dele. Normalmente, ele cederia a esses desejos.

Esta noite não podia. Fazer isso poderia machucá-la, e isso era o último que queria.

—Lamento realmente o que aconteceu— disse ela brandamente. —Foi indesculpável e espero que não o coloque em algum problema ou lhe machuque.

Ele não disse nada enquanto ela percorria com o olhar Nicolette, logo deu a volta e saiu.

Ela partia. Isso lhe transpassou como uma faca.

—Vem, Wren— Nicolette disse. —acredito que será melhor se acabar seu turno agora e te retirar para a noite.

Wren não discutiu. Ele necessitava algum tempo fora de sua forma humana, especialmente dado quão volátil se sentia agora mesmo. Era como se seu corpo estivesse eletrificado. Elevado. Ele nunca havia sentido nada igual a isto em sua vida.

Sem outra palavra, ele se dirigiu para a cozinha, a qual tinha uma porta que conduzia à porta do edifício onde os were tinham sua casa.

A Casa Peltier tinha sido por muito tempo como um refúgio para as criaturas de seu tipo... criaturas que tinham sido exiladas de seus clãs por todo tipo de razões. Como Aimeé dizia tantas vezes, eles eram todos refugiados e inadaptados.

Wren mais que a maioria. Ele nunca tinha tido um clã animal ao que pertencesse. Nem o tigre nem o leopardo tolerariam sua mestiçagem. Ele era um híbrido que nunca ninguém deveria ter permitido viver.

Aqui inclusive podia dizer que não gostavam nem sequer aos ursos. Ele jurava que não confiavam nele. Era sutil. Recolhiam a seus cachorrinhos cada vez que iam a ele. Ou o fariam de noite e o isolariam cada vez que acreditassem que possivelmente estivesse zangado.

Isso era por que ele tinha apreciado tanto ao Nick. Nick tinha tratado ao Wren como se fosse normal.

— Que diabos? — diria Nick. — Todos nós estamos fodidos de alguma forma. Ao menos você te banha e não tenho que brigar contigo pelas garotas. Em meu livro, isso te faz completamente normal.

Nick tinha mantido uma visão única do mundo.

Wren tirou sua camisa molhada enquanto ia subindo as escadas. Marvin chegou correndo atrás dele. Só tinha chegado ao primeiro piso quando um mau pressentimento o atravessou.

A mulher... Ela estava em problemas.

Wren conjurou mentalmente uma camiseta negra em seu corpo enquanto sentia a iminente ameaça para ela. Sem uma palavra ao Marvin, ele flutuou a si mesmo fora do edifício, sobre a rua.

Capítulo 2

Marguerite reduziu o passo quando sentiu outra vez a sensação de alguém observando-a nas sombras. Ela se dirigia baixando pela Chartres, para a Jackson Square, a fim de que pudesse tomar

um táxi e chegar a casa antes que se fizesse mais tarde.

Olhando ao redor, ela meio que esperou encontrar ao Wren ali.

Não o encontrou. O que encontrou foram quatro desalinhados homens que a olhavam com infundado interesse. Mantinham-se nas sombras como se não quisessem que ela os identificasse. O medo a assaltou. Sua atenção estava só muito enfocada. Muito intensos e ameaçadores quando se abriram diretamente para ela.

Ela percorreu o lugar com o olhar, procurando outras pessoas, mas a essas horas da noite, não havia ninguém nos arredores.

Nem sequer o grupo de algum tour... Está bem. Mantém-se na luz e segue adiante. Eles não lhe machucarão se permanecer em plena luz.

Ela acelerou quando ouviu o ruído de pés correndo.

Justo quando estava segura que passariam correndo a seu lado, um dos homens a agarrou e a lançou para um pátio meio aberto.

Marguerite tratou de empurrá-lo e sair correndo.

Ele a esbofeteou com dureza

—Me dê sua bolsa, cadela.

Ela estava tão assustada, que nem sequer podia pensar em soltar de seu braço.

Os outros homens entraram correndo ao pátio e fecharam de repente a porta. Um deles agarrou sua bolsa e rasgou sua camiseta no processo de tirar de seu ombro.

—Hey— disse ele ao outros três. —E se todos nos divertimos um pouco com ela?

Antes que pudessem responder, atiraram-lhe ao chão. Alguém saiu da escuridão e lhe devolveu a bolsa.

Marguerite contemplou ao recém-chegado e quis chorar quando viu Wren ali. Sem andar com esse encolhimento, ele se levantou em toda sua altura... e era dominante. Intenso. Havia um brilho feroz em seus olhos que não era muito cordato quando se interpôs entre ela e outros. Ele se via como se pudesse matar a todos e sem dar um coice.

Os homens atacaram.

Ela cambaleou para trás e observou com temor como Wren os repelia com uma habilidade incrível. Um assaltante se equilibrou sobre ele com uma faca. Ele apanhou o pulso do homem e retorceu até que estalou e a faca caiu de sua mão. Então Wren voltou a mão do homem com tanta força, que o assaltante ricocheteou contra a parede.

Outro chegou às costas de Wren só para ser jogado sobre sua cabeça ao chão enquanto outro lhe dava desde trás. Ele golpeou ao Wren com toda sua força, mas ele nem se quer cambaleou ou mostrou algum sinal de dor. Ele se voltou contra o homem e lhe devolveu o golpe.

Marguerite sentiu alívio até que um dos assaltantes tirou uma arma e se lançou para eles.

Ela conteve a respiração quando Wren se congelou.

Um batimento de coração mais tarde, o homem disparou a arma. Wren se apressou e a golpeou tirando-a de suas mãos. Os outros três puseram-se a correr quando Wren se desfez do único que levava uma arma. O homem caiu ao chão, logo se escapuliu.

—Está bem? Perguntou Marguerite ao tempo que corria para o Wren. —Disparou-te?

—Estou bem— disse ele, recolhendo a arma do chão. Abriu-a e tirou as balas antes que a fizesse migalhas ao golpeá-la contra a parede de pedra. Jogando-a um lado, voltou a olhar a ela enquanto lançava as balas à escuridão. —Feriram-lhe?

—Não. Graças a você, estou bem. Ela respirou aliviada, tremia tão imperfeitamente que não estava segura de que suas pernas pudessem mantê-la de pé. Ela queria estender a mão para lhe tocar em gratidão, mas havia algo nele que lhe dizia que ele não queria ser tocado.

A cólera obscureceu seus olhos enquanto percorria com o olhar sua camisa rasgada. Ela podia suspeitar que ele quisesse perseguir até encontrar aos assaltantes que a tinham machucado, e isto a confortava agradavelmente.

—Normalmente não faço coisas tão estúpidas— disse ela timidamente. —Tratei de chamar um táxi com meu telefone celular, mas me disseram que demorariam de trinta a quarenta minutos. Pensei que poderia atravessar o parque e chamar um mais abaixo ou ao menos esperar no Café Du Monde, onde seria mais seguro. E o seguinte que soube é que estavam atrás de mim – Graças a Deus que apareceu quando o fez.

Sua gratidão parecia incomodá-lo.

—Vamos— disse-lhe, inclinando sua cabeça para a rua. —Acompanharei até em casa.

Ela vacilou ante sua oferta.

—Vivo depois do zoológico. É longe para ir caminhando.

Ele se via como se quisesse discutir.

—Levarei-te pra casa. Não se preocupe.

Marguerite pôs no ombro sua bolsa enquanto ele metia as mãos nos bolsos e a tirava do pátio, de retorno à rua. Sua camisa branca se foi e em lugar disso uma camiseta negra moldava um corpo adequado e firme. Embora ele não estava super desenvolvido, para quem gostasse de um fisio-culturista, mas ela podia ver claramente cada músculo definido nele.

Ele era incrivelmente ardente e sexualmente atraente. E nesse momento, ele era seu herói. Ela nunca esteve mais agradecida a ninguém. Pouco sabia que poderia fazer algo com ela nesse momento que ela não se daria nem conta. De fato, ela queria que a abraçasse para que a ajudasse a acalmar seus desenquadrados nervos, mas ele não parecia estar absolutamente interessado.

Ela sentiu a familiar pontada de não ser outra coisa que amiga dos tios. Por uma só vez em sua vida, esperava que um homem a olhasse com paixão nos olhos. Que um homem a encontrasse sexualmente atrativa e formosa. Mas nunca o faziam, não a menos que cortejassem a seu pai e a usassem para chegar a ele.



Ela bem poderia ser invisível. Ela cruzou os braços sobre seu peito e suspirou quando a familiar pena familiar penetrou no profundo de seu coração.

Enquanto caminhavam, Wren não falou. De fato, ele mantinha a cabeça encurvada e o olhar fixo no terreno. Apesar de tudo, ela juraria que ele estava completamente consciente de tudo o que havia ao redor deles.

Ela só desejava que ele fosse igual de consciente dela.

Wren manteve seus dentes apertados com força. Ele podia cheirar seu desejo e seu incerto nervosismo. Mas ele não sabia como fazer-lhe mais suportável. Ele nunca tinha falado muito com ninguém. A maioria da gente parecia preferir seu silêncio, ou lhe ignoravam completamente. O qual estava normalmente bem para ele.

Sem mencionar que lhe requeria uma grande quantidade de concentração o ficar em forma humana enquanto estava ferido. O disparo não lhe tinha roçado. Tinha-lhe dado em seu ombro direito e doía como o demônio. Ele estava queimando uma quantidade extra de energia mágica para ocultar o sangue que empapava de sua camisa.

Mas ele não queria que ela soubesse. Poderia fazê-la sentir mal o saber que ele tinha sido ferido defendendo-a. Ou, os deuses o proibissem, poderia querer lhe buscar um médico, o qual era quão último ao que ele queria enfrentar-se.

Ou pior ainda que isso, a ela poderia lhe dar no mesmo, e isso o zangaria. Os humanos podiam ter emoções muito estranhas que ele nem se incomodava em sondar.

—Faz muito que trabalha no Santuário? —perguntou ela.

—Não muito.

Isso não pareceu suficiente para aplacá-la.

—Vai a aulas em algum lugar? Ou trabalha a jornada completa no bar?

—Vou a aulas. Era uma mentira e ele não estava seguro de porque a havia dito. Kyle Peltier – o membro menor do clã Peltier dos Ursos – e um par dos outros garçons foram à universidade, mas Wren não era do tipo que se tomava a moléstia de misturar-se com os humanos.

O que precisava saber para sobreviver não o tinham ensinado em nenhum sala de aula.

Mas por alguma razão que ele não entendeu, ele queria aparentar ser normal para ela. Ele queria que ela pensasse a respeito dele como um cara comum com o que podia ter encontrado.

Ser diferente nunca lhe tinha incomodado antes, mas esta noite o fazia. Era realmente estúpido. Ele era um estranho inclusive dentro do mundo dos Were-hunters. Quando chegou ao mundo humano... e o encerraram em uma jaula ainda sem conhecê-lo.

—A qual escola vai? perguntou ela inocentemente.

—Humm. A Universidade de Nova Orleães —era sempre uma aposta segura. Dois dos garçons, Tony e Mark, foram ali, e Wren os tinha ouvido mencioná-la o suficiente para poder mentir a respeito das classes, professores, e o campus se ele o necessitava. Sem mencionar, que ela parecia

muito rica para ir a uma universidade estatal. Ela mais provavelmente que fosse a Tulane ou Loyola.

Ela se deteve e lhe ofereceu um sorriso que fez que se endurecesse imediatamente.

-- Sou Marguerite Goudeau.

O reconhecimento o golpeou ante a menção de seu nome. Era um que ele tinha ouvido bastante nos dois últimos anos.

—Você é Maggie, a companheira de estudo do Nick.

Marguerite sorriu outra vez.

—Suponho que Nick deve ter mencionado.

Sim. Nick tinha estado tremendamente interessado nela. Ele sempre queria convidá-la a sair, mas nunca tinha feito.

—Ela é como Vênus, e havendo encontrado a Vênus uma ou duas vezes, sei que nenhum simples homem mortal tem direito a tocá-la.

Wren supunha que isso também ia pelos tigres. Nick tinha tido razão, havia algo a respeito de Maggie que era muito especial.

—Ele disse que era a mulher mais inteligente que ele alguma vez tinha conhecido, mas que não podia estudar nem a merda.

Ela riu. O som era musical e suave, e o esquentou mais do que deveria.

—Isso soa próprio do Nick.

Marguerite limpou sua garganta quando Wren a estacou com esse olhar intenso que tinha. Havia algo tão animal nele que dava quase medo. Ela se sentiu como na selva, abandonada com uma besta faminta.

—Sinto muito— disse ele, deixando cair seu olhar fixo de retorno ao chão. — Não tinha intenção de te pôr nervosa outra vez. Sei que às pessoas não gostam que eu as olhe.

Ela o olhou carrancuda ante seu tom impassível. Mesmo assim, ela tinha a suspeita de que lhe tinha machucado.

—Não me dava conta.

—Sim, fez. Só está sendo educada. Ele empreendeu o caminho de volta rua abaixo.

Como sabia? As maiorias dos homens estavam longe de ser tão intuitivos.

Marguerite correu para lhe alcançar.

—O macaco que vi no bar é seu mascote?

Ele negou com a cabeça.

—Marvin se possui a si mesmo. Ele só gosta de ficar comigo.

Ela riu ante a doçura das palavras do Wren.

—Nunca tinha conhecido a ninguém que tivesse a um macaco como amigo.

Ele bufou em desacordo.

—Não sei. Acredito que esses dois tipos com quem estava se qualificariam como primatas, mas bom, isso seria insultar aos primatas e eu não quero que Marvin mije em mim. Ele tem uma enorme sensibilidade, sabe?

As palavras do Wren a divertiram.

—Poderia ter um bom ponto nisso. Mas não são meus amigos. Só estudo com eles.

Ela viu seu cenho franzido quando a percorreu com o olhar.

—Por que estuda com imbecis?

Talvez devesse lhe incomodar que insultasse aos de seu grupo, mas então, por quê? Ela realmente estava de acordo com ele.

—Por hábito. Conheço o Todd e o Blaine desde que éramos meninos. Tem que entender que não tiveram uma vida fácil. Ambos têm severos problemas pessoais causados pela separação ou ausência de seus pais.

Ele a olhava menos que impressionado pelas desculpas da rudeza deles.

—Seus pais alguma vez trataram de matá-los?

—Não— disse ela, aturdida de que ele sequer perguntasse tal coisa, —Claro que não.

—Disseram-lhe suas mães alguma vez que eram abominações que alguma vez deveriam ter sido comidas no minuto de nascer?

—É obvio não.

—Seus pais alguma vez trataram de lhes vender a um zoológico?

Ele estava sendo ridículo agora mesmo e lhe responder era tudo o que podia fazer para não pôr os olhos em branco.

—Nenhum pai faria tal coisa.

O olhar dele parecia lhe dizer que ela era muito ingênua se acreditava tal coisa.

—Então, confia em mim, sua vida não foi tão má.

Marguerite se deteve enquanto ele continuava caminhando. Falava a sério? Não, ele só jogava com ela. Ele devia está-lo. Os pais de ninguém tratariam de lhes vender ao zoológico, era estúpido. Wren só punha como exemplo tais situações para provar que tinha razão.

Ela correu para alcançá-lo.

—O que há a respeito de seus pais? —perguntou, tratando de menosprezar suas palavras. — Fizeram alguma vez algo assim a você?

Ele não respondeu, mas algo em suas maneiras lhe disse que não podia estar longe de ser uma conclusão inverossímil...

Não, não um pai não faria isso a seu filho. Seu pai era um completo imbecil a maioria das vezes e nem sequer ele alguma vez tinha sido tão mau.

—Wren? disse ela, lhe devorando para lhe deter. —Seja honesto. Seus pais alguma vez realmente trataram de te vender a um zoológico? Vamos. Diga a verdade.



Ele imediatamente se soltou de seu agarre.

—Há uma canção do Dead Milkmen¹ que os Howlers interpretam bastante quando tocam no Santuário. Chama-se V.F.W.²: Os veteranos de um mundo fodido. Alguma vez a escutou?

—Não.

—Deveria. Abunda a verdade nela. Algo brilhou intermitentemente em seus olhos como um pesadelo que ele estava tratando de descartar. A profunda tristeza neles a atravessou.

—Todo mundo tem cicatrizes em sua vida, Maggie. Simplesmente esquece o que disse e deixa que acompanhe a casa para que possa te mudar. Ele se voltou e continuou seu caminho

O seguiu, perguntando-se quais seriam suas cicatrizes. Para ser tão jovem, ele tinha uma antiga sabedoria em seus olhos. Uma que dizia que tinha vivido muito mais que seus aparente vinte e poucos anos.

—Sabe, ajuda a falar disso. Realmente o faz. É mais fácil esquecer-se do passado quando o compartilha com alguém mais.

Wren arqueou uma sobrancelha ante ela.

—Adirto que você não compartilharia sua infância comigo, Maggie. E eu definitivamente não te conheço o bastante bem para te falar da minha.

Ele tinha um bom ponto. Havia muita dor que ela mantinha oculta em seu interior, e isso a fazia perguntar-se que teria ele dentro. Ele tinha a aparência de um menino da rua. Do tipo de meninos que tiveram que se virar desde muitos meninos. Ele tinha essa aguda dureza que freqüentemente os marcava. Essa aparência cínica de alguém que esperava ser usado e depois descartado de lado.

Isso era o que fazia que quisesse ficar junto a ele e sustentá-lo. Mas ela tinha visto bastante de sua cólera para saber que não daria boas vindas a todas suas boas intenções, considerando a situação ela tinha que lhe outorgar crédito. Ele não se estragou por completo. Trabalhava e ia à escola. Essas duas coisas diziam bastante a respeito de sua fibra moral. A maior parte das pessoas que ela alguma vez tinha ouvido que tinham sido jogadas às ruas tinha terminado como criminosos.

Wren tinha salvado sua vida, e agora se assegurava de que ninguém mais a incomodasse. Ele era um ser humano decente.

1 O **The Dead Milkmen** é uma banda satírica de punk formada em 1983 na Filadélfia, Pensilvânia(EUA).

2 **V.F.W.** siglas do inglês para Veterans of a Fucked Up World, a letra da música em inglês e sua tradução podem ser encontradas no fim desse livro.

Ele a conduziu a Decatur Street, em frente do parque, onde eles rapidamente tomaram um táxi que a levasse a sua casa, a qual estava só a dois blocos do Zoológico Audubon.

Quando passaram pelo quarteirão, ela poderia sentir ao Wren observando-a embora ela não podia ver seus olhos na escuridão. A sensação era cálida e inquietante.

Sem uma palavra, sem mover uma só polegada, ele permanecia sentado nas sombras do táxi igual a algum predador espreitando sua seguinte comida. Havia algo completamente estranha na forma que ele podia ficar assim. Se ela não soubesse melhor, ela pensaria que tinha deixado de respirar. Ele em realidade era uma estátua humana.

Nervosa, ela observou como as luzes da rua recortavam através dos ângulos de seu rosto. Era extremamente incômodo estar com um homem que exsudava uma aura tão primitiva e ela ainda não tinha idéia de como ele parecia realmente.

O silêncio só foi dissolvido pelo ruído do CD do Zydeco do taxista. Ela estava pensando em dizer algo, mas desde que Wren nem sequer fazia o esforço, pensou que poderia seguir seu exemplo.

Quando finalmente chegaram a seu destino, Wren teve ao condutor esperando por ele enquanto saía e abria a porta a ela.

Havia algo estranhamente doce em suas ações. Eram completamente incongruentes com o ar de letal perigo que tão obstinado estava a ele.

—Bom, isto é tudo— disse ela enquanto extraía as chaves de sua bolsa. —Lar doce lar.

Abrindo a porta, ela entrou e se debateu se deveria ou não lhe convidar a entrar. Em parte ela queria fazer, mas temia ser rechaçada. Por regra geral, os caras pensavam nela como um amigo, nunca como uma namorada. Sempre a tinha incomodado, e esta noite não acreditava poder suportar seu rechaço depois de tudo o que tinha passado. Por não mencionar, que ela queria estar sozinha por um momento e acalmar-se.

Wren sentiu sua incerteza enquanto estava de pé na soleira. Isto fazia sair a sua parte animal e o punha nos limites. Sempre tinha estado em sua natureza atacar quando sentia a debilidade, mas com ela era diferente. Ele queria consolá-la.

E isso o assustava.

—Boa noite— disse ele, afastando-se. Precisava pôr alguma distância entre eles.

—Wren?

Ele fez uma pausa para voltar o olhar para ela.

— Muito obrigado. Fez por mim mais do que jamais poderei pagar.

Ele inclinou sua cabeça ante ela. —Está bem, Maggie. Simplesmente mantenha-se longe dos problemas. Ele se voltou para o táxi.

—Quer que te pague o táxi? chamou-lhe ela.

Wren só a saudou com a mão por cima da cabeça. Ele estava tentado a rir de sua oferta. Por que ela pensaria que ele tinha mudado de idéia ao chegar a sua casa?

Mulheres... nunca as entenderia.

Ele fez uma pausa na porta do táxi e jogou uma rápida olhada para vê-la parada no marco de sua porta. Ela se via tão frágil e formosa. Ele queria beijá-la tão profundamente que ele já podia

saborear esses lábios cheios, tentadores. Mas mais que isso, ele queria saborear o resto de seu corpo. Ele queria conhecer cada essência e curva de sua carne...

Seus hormônios faziam estragos nele. Seu corpo inteiro se sentia como se estivesse em chamas e vivo. Não estava seguro como fazer frente a isto. Na verdade, assustava-lhe. Se perdesse o controle, facilmente poderia machucá-la ou inclusive matá-la.

Em sua mente, ele podia vê-la nua. Vê-la debaixo dele enquanto a reclamava não como um animal, mas sim como um homem...

Vá!

Ele não tinha escolha. Seu lugar não estava aqui, não com ela.

Não havia nenhum lugar ao que pertencesse. Por mais que ele pudesse querer de outra maneira, nunca o haveria. Sua vida tinha que ser passada só.

Marguerite se esforçou por não reagir ao quente, devorador olhar do Wren. Ela nunca tinha estado tão interessada em nenhum homem, especialmente não em um que nem tinha idéia de como se parecia.

Isto era ridículo e ainda não podia negar a maneira em que sentia seu corpo. Ela deveria lhe haver pedido ao menos seu telefone ou e-mail.

Ele se meteu no táxi e fechou de repente a porta com uma finalidade que ecoou através dela.

Marguerite observou o táxi partir enquanto sentia um desejo inexplicável de chamar Wren para que retornasse. Havia algo tão solitário nele que a tinha alcançado e lhe tinha impregnado muito fundo.

Mas já era muito tarde. Ele se tinha ido. E ela mais provavelmente nunca voltaria a vê-lo.

Quando o Wren pagou ao condutor só um bloco mais debaixo do edifício de Maggie, ele começava a suar pelo esforço de ficar em forma humana. Ele teve que sair dali e chegar em casa a salvo. Se perdesse o conhecimento como um humano, ele imediatamente se transformaria a sua verdadeira forma. E o último que ele precisava era ser apanhado na forma de um enorme gato.

Esse era um ingresso de ida para algum laboratório do governo de alguma parte. Ele tinha visto muitos episódios de Arquivo-X e Buffy para saber que era o último lugar aonde queria ir.

Sumindo nas sombras de uma garagem, ele se transladou de retorno a Casa Peltier e à sala de curas de Carson White Thunters.

Um Were-Falcão, Carson era o veterinário e doutor residente para todos os habitantes não-humanos do Santuário de Nicolette Peltier, os quais havia muitos. O santuário tinha sido levantado fazia uns cem anos atrás para ser um refúgio para qualquer das espécies. Os mesmos Peltier eram Were-Ursos, enquanto o resto dos habitantes eram leopardos, panteras, lobos, e inclusive um dragão. A única espécie ausente de hierarquia era o chacal, mas bom, os chacais eram ainda mais estranhos que a maioria das espécies que residiam ali. E portanto, os chacais se mantinham fora do

ramo dos Were-Hunters.

Como era típico, Carson estava em seu escritório, lendo um texto médico Nativo Americano em sua forma humana, o qual se devia a seu pai humano, Carson tinha o comprido cabelo negro sempre recolhido em sua nuca com uma fita. Suas sobrancelhas negras em cima de uns olhos que eram de um peculiar verde avelã. Esta noite ele vestia um suéter de gola alta verde escuro, jaqueta esporte, e calças jeans.

Wren se adiantou e chamou golpeando o vidro da porta antes de entrar.

Carson olhou para cima.

—Aguarda um segundo, Wren.

Wren tentou, mas suas pernas cederam. Um instante mais tarde, cintilou intermitentemente a sua verdadeira forma de meio tigre branco, meio leopardo das neves. Era algo que lhe desgostava. Normalmente, ele escolhia uma forma ou outra, mas ferido...isto era tudo o que ele podia fazer.

Carson se levantou com uma maldição e se aproximou correndo ao Wren.

—Que aconteceu?

Wren não podia responder. Ele estava tratando de permanecer consciente, mas no mesmo momento em que Carson tocou sua ferida e a dor o atravessou como um relâmpago, tudo se voltou negro.

Carson amaldiçoou outra vez quando ele viu o sangue que cobria completamente a parte inferior do peito do Wren. Ele agarrou o telefone Nextel de seu escritório e chamou a seu assistente.

—Margie, vêm o laboratório. Parece que dispararam ao Wren.

Carson também chamou um casal dos ursos do piso de baixo para ajudar a agarrar ao Wren e transladá-lo a uma mesa de cirurgia. Entretanto embora Carson como um Were- animal era mais forte que a maioria dos humanos, Wren era um tigre extremamente grande e pesado em suas boas oitocentas libras cada vez que estava em forma animal. Não havia maldita forma de que ele fosse levantar o gato até a mesa de operações só.

Papai Peltier foi o primeiro a aparecer. Com seus mais de dois metros e dez de altura em sua forma humana, ele expunha uma vista temível. Seu cabelo comprido, de ondas loiras flutuava ao redor de uma cara que parecia andar perto dos quarenta em idade humana. Em realidade, o urso estava mais perto dos quinhentos. Vestido com camiseta azul marinho e jeans, Papai Urso era acidentado e difícil... o tipo de homem ou urso que só um tolo provocaria.

Ele franziu o cenho quando viu o tigre no chão.

—Que diabos ocorreu?

—Não sei— disse Carson enquanto mantinha a pressão no peito do Wren. — É definitivamente uma ferida de bala. Não tenho idéia como a obteve. Ele bateu na porta, logo caiu inconsciente.

Um segundo mais tarde, três dos quadrigêmeos Peltier entraram e ajudaram Carson a subir ao

Wren a uma mesa cirúrgica. Margie lhes uniu e rapidamente ficou a preparar a sala para a cirurgia.

Margie Neely era uma dos poucos humanos que sabia quem e que eram os membros do Santuário. Ela era uma pequena ruiva que tinha sido garçonete no bar até que um contratempo lhe tinha mostrado quem eram em realidade os Weres. Ela tinha estado tão tranqüila e o tinha aceito tão facilmente que eles a tinham abraçado e lhe tinham pago os estudos para ser uma assistente para o Carson.

Dev Peltier, quem igual a seus irmãos era uma cópia mais jovem de seu pai, afastou-se para deixar ao Carson outra vez perto do Wren.

—Ele brigou ontem à noite com alguns humanos— disse o jovem urso. — Interrompi-os e os enviei a casa. Não acreditará que um deles retornou e lhe fez isto, verdade?

—Nah— disse Remi seu irmão gêmeo enquanto se afastava da mesa sobre a que tinham colocado ao Wren. — Eram panacas ricos. Não teriam atrevido a pôr em perigo seus recursos por algo assim.

Dev suspirou.

—Desde que é Wren, sabe Deus a quem ele pôs pra correr. Mas ao menos sabemos que foi um humano. Nenhum Were Hunter usaria uma arma. Seria de muito mal gosto.

Papai esteve de acordo.

—Vamos, meninos, deixemos trabalhar ao Carson e averiguaremos o que passou quando Wren desperte.

Os ursos se retiraram enquanto Carson limpava as mãos.

Quando Margie tocou o lado de Wren para prepará-lo, ele despertou com um cruel grunhido, logo lhe lançou uma patada.

Ela se tornou atrás com uma maldição e se embalou o braço contra o peito.

Carson franziu o cenho quando se deu conta de que Wren lhe tinha arranhado o braço.

—Demônios, tigre— grunhiu ele um instante antes que pusesse um tranqüilizante ao Wren. Ainda ele tratou de lutar com o Carson até que o sedativo fez efeito. —Cuida seu temperamento.

— Estou bem— disse Margie enquanto envolvia uma toalha ao redor do braço enfaixando-o. — É minha culpa. Não me dava conta de que despertou. Deveria ter previsto.

Carson negou com a cabeça enquanto inspecionava o dano que Wren lhe tinha feito. Ela definitivamente necessitaria pontos.

—Deveria te haver advertido. Sua raça é extremamente cruel quando está ferida. Não gostam dos outros de qualquer maneira, e que se saiba fazem migalhas a qualquer que não se mantenha a raia.

—Sim, eu estava abaixo no bar quando os humanos lhe atiraram uma bebida nos olhos. Ainda não estou segura como Justin e Colt conseguiram separá-lo deles antes que os atacasse.

Carson deixou escapar um suspiro.

—Wren está se voltando mais instável. Não sei quanto tempo mais ele poderá ficar aqui. Ele viu a preocupação em seus olhos quando a olhou.

—Isso é o que disse Nicolette depois de que ela enviasse ao Wren a Casa Peltier. Se ele saltar outra vez dessa maneira, ela vai jogá-lo.

Carson se voltou para seu inconsciente paciente.

—Deus tenha piedade dele então. O melhor que poderíamos fazer é lhe retirar seus poderes e levar o de volta a algum bosque pluvial em alguma parte. Isso é o que provavelmente deveriam ter feito em lugar de lhe trazer aqui.

—Nicolette está pronta para fazer esses preparativos. Desde que seu pai se voltou louco, ela assume que Wren o seguirá.

Carson voltou o olhar para o Wren. Tinha um nó no peito. Ele tinha conhecido ao tigre desde que Wren tinha sido abandonado aqui por volta de quase vinte anos atrás. Traumatizado pelas violentas e ensangüentadas mortes de seus pais, Wren só estava entrando na puberdade naquele tempo. Naquele tempo seus poderes tinham sido instáveis e trementes. Mas os poderes tinham sido muito fortes para tirar-lhe, sobretudo quando o menino se guardava de aproximar-se de ninguém. Ele não tinha acreditado em que ninguém lhe aproximasse, e como consequência, não tinha maneira de que pudessem lhe controlar.

Mas agora... Agora a guarda do Wren era extremamente baixa ao redor deles. Ao menos a maioria das vezes. Seria fácil de agarrá-lo despreparado e despojar o de seus poderes.

Tal coisa era um último recurso para os de sua raça. Isto só estava reservado para aqueles que não podiam adaptar-se ao mundo humano. Ou esses que ameaçavam expondo aos Were-Hunters ao escrutínio público.

Wren nunca quis mesclar-se. Ele estava orgulhoso de ser um inadaptado e um ermitão. Ninguém lhe tinha prestado atenção desde que fizesse seu trabalho no bar e nem sequer tentava falar com os humanos.

Esta noite isso tinha mudado. Ele tinha ido detrás de uma fêmea humana. Não é que o contato com fêmeas estivesse proibido. A maior parte dos varões tomava amantes humanas de vez em quando. Mas eles tinham que ser cuidadosos com quem escolhiam.

Se a indiscrição do Wren os ameaçava, então não haveria escolha.

Ele seria sacrificado em um abrir e fechar de olhos.

Capítulo 3

—Diabos, tigre. Que diabos têm feito? Além de que lhe disparassem, quero dizer.

Em sua forma de tigre, Wren abriu seus olhos para ver Dev entrando em seu dormitório. Ele percorreu com o olhar o relógio em sua mesinha de noite para ver que era pouco mais de meio-dia

muito cedo para que estivesse levantado, especialmente quando estava muito ferido.

Realmente lhe assombrava que o urso estivesse levantado e em forma humana, vagando por seu quarto. A maior parte dos Katagaria lhes custava muito manter sua forma humana até depois de anoitecer. Como regra geral, eram em sua maior parte noturnos.

Sem mencionar, que os ocupantes de Casa Peltier sabiam que os tigres não gostavam de ser incomodados, especialmente não enquanto dormiam.

Sem mudar sua forma animal, Wren levantou sua cabeça do travesseiro para observar ao Dev entrar em seu quarto. Wren grunhiu em advertência ao urso, quem não lhe prestou atenção enquanto colocava uma enorme flor sobre sua mesinha.

Wren começou a mudar de posição na cama, mas sua ferida era muito recente. Em lugar disso, ele rugiu ameaçadoramente.

—Te acalme tigre estúpido — disse Dev em tom irritado. — Se alguém tiver direito a estar de saco cheio, somos nós. Advertiu que eu sou o único que estou em forma humana? Acredita que quero estar acordado e desta maneira a esta desalmada hora do dia?

O urso tinha um ponto.

—E sabe por que estamos levantados?

Como se lhe importasse. Se Wren estivesse em forma humana ele ficaria olhando com ironia ao urso.

Dando igual o estado de ânimo do Wren, Dev logo que vacilou antes de responder a sua própria pergunta.

—Porque todos nós pensamos que eram para Aimeé. Você nunca terá visto uns ursos moverem-se tão rápidos como nós o fizemos quando Mamãe nos disse que havia um caminhão carregado com flores que deviam ser entregues aqui. Nós estávamos preparados para abrir a porta de certo local quando o tipo da entrega nos disse que eram para você.

Dev se moveu à cama e tirou um pequeno cartão do bolso de atrás de suas calças jeans.

—Diz, obrigado pelo de ontem à noite. — Dev lhe dedicou um afetada sorriso. —Assim o que? Finalmente teve sorte e encontrou a alguém desesperado por uma rápida queda?

Wren lançou uma dentada ao Dev, obrigando ao urso a dar um coice afastando-se da cama.

Dev estreitou os olhos ante isso.

—Melhor será que pares ou se não vamos acabar mau. Não me importa se está ferido, não jogo.

Eu tampouco o faço, imbecil. —Wren lhe enviou as palavras mentalmente.

Dev cravou os olhos no Wren assombrado.

—Wow. Múltiplas sílabas em uma frase inteira do tigre. Quem teria pensado? Quem quer que fosse ela, deve ter um montão de talento para te fazer falar. A próxima coisa que saberá, é que ela será uma morta caminhando. Rápido, chama um Dark-Hunter. Estou seguro que algum deles

gostariam de outra ressurreição.

Wren grunhiu, mas antes que ele pudesse equilibrar-se, mais flores foram entregues pelos quatro irmãos do Dev. Muitas mais. Em uns minutos, o quarto parecia uma completa funerária.

Logo que tiveram as flores empilhadas ao redor da cama e penteadeira, todos os meninos saíram exceto Dev e seu irmão mais novo Serre.

Serre sacudiu sua cabeça loira quando se deteve os pés da cama para cravar os olhos no Wren.

—Homem, Wren. Estou impressionado. Nenhuma mulher me enviou alguma vez flores em agradecimento.

Dev bufou.

—Não é isso o que está impresso. Acredito que ela não enviou as flores para lhe agradecer. Uma flor diz obrigado. Estas dizem que ela pensa que ele está morto. Ou que lhe matou. Dev percorreu a habitação com olhar especulativo. — Hmm... estou pensando, se colocou um tigre em sua cama e isso não foi suficiente para aliviá-la. O que ela necessita em busca de um urso.

Wren se lançou sobre o Dev, mas antes que ele pudesse apanhar ao urso, Serre puxou seu irmão tirando o de seu alcance.

—Para já, Dev. Você definitivamente não quer te colocar entre o tigre e esta mulher.

—Por que não?

Wren se levantou em posição de ataque sobre a cama. Esta vez, ele não falharia

—Por isso— estalou Serre. Ele separou de um empurrão ao Dev guiando-o para a porta, logo se voltou para o Wren. —Vê e descansa, tigre. Já voltaremos depois.

Wren se voltou a sentar em sua cama quando Serre fechou a porta. Mesmo assim, Wren ainda podia escutá-los bem no vestíbulo.

—Meu deus, Dev, perdeste completamente o julgamento? Não se brinca com um tigre psicótico. Ele está de saco cheio e espumando pela boca. Alguém vai pensar que tem a raiva.

Dev se mofou, — Sim, mas me colocar com ele é igual a lançar comida ao Kyle. É altamente entretido.

Serre fez um ruído enojado. — Sim, e desejaria que deixasse de lhe lançar a carne ao pobre Kyle no bar. Ele não pode controlar-se com isso. Quão seguinte saberá, é que ele mudou a urso, Mamãe terá um ataque, e todos nós estaremos longe de controlar às pessoas e manter a lembrança de que não viram um menino converter-se em animal. Será uma moléstia em nossos coletivos traseiros.

—Sim, mas não posso fazer nada para evitá-lo.

Wren ouviu serre lhe grunhir ameaçadoramente a seu irmão maior. —Sabe que se não aprender, Papai te assassinara um dia.

—Mas até que esse dia chegue, vou divertir me muito com todos vós.

Serre suspirou. — Até então, nos faça a todos um favor, e deixa ao tigre. Sei que tem feito de

tudo sobre duas pernas... não obstante, fez muito mais sobre quatro, mas esta garota é diferente no que concerne ao Wren. Por uma vez, deixa sua libido a um lado e vê detrás de uma de suas usuais garotas.

—O que passa contigo? Está louco? Não estou interessado na Srta. Universitária Nervosa Sloan Ranger. Jeez. Eu teria caqui entre os dentes. Pode o imaginar, nunca me gostou do caqui e nunca quero ver uma mulher dessa maneira. Assusta-me.

Suas vozes se foram afastando de seu alcance auditivo. Wren se derrubou de retorno na cama, aliviado de saber que Dev só estava tendo seu estúpido ego e realmente não lhe interessava Maggie. Isso só tinha salvado sua vida.

Não obstante, Wren não deveria tampouco desejar a Maggie. O que estava passando com ele? Não é que importasse. Ele não ia vê-la outra vez. Ele poderia estar louco, mas não era um suicida. Nada bom podia sair do tempo que passasse com um humano. Nada.

Logo que saiu de sua última classe de leis, Marguerite se dirigiu ao Bairro Francês. Ela se livrou do grupo de estudos dessa tarde para ir visitar o Wren. Ela realmente queria lhe agradecer em pessoa por havê-la salvado.

Era o mínimo que podia fazer.

Para quando chegou ao Santuário, eram pouco depois de seis da tarde e já obscurecia fora. Jogando uma olhada ao interior do escuro bar, ela viu um homem alto, de cabelo escuro que trabalhava nas mesas. Não particularmente atrativo, tinha cabelo fibroso e tinha todo o corpo cheio de coloridas tatuagens.

Quando continuou olhando ao redor da gente, ela não pôde encontrar uma só pista do Wren, mas ela divisou à garçonete da noite passada, quem se movia sobre uma mesa com uma bandeja carregada com bebidas.

Marguerite a alcançou quando ela deixou as bebidas aos homens que a olhavam fixamente.

—Olá— disse Marguerite quando a mulher deixou a mesa. —Wren trabalha esta noite?

A garçonete a olhou como se fosse o pior tipo de criatura.

—É essa mulher que estava aqui ontem à noite com esses cabeça ocas.

Marguerite se ruborizou ante suas palavras. —Sim, e isso lamento.

—Deveria. Colocou ao Wren em todo tipo de problemas.

Seu estômago se encolheu ante as palavras da garçonete. —Eu não queria fazer nada disso. Por favor, me diga que não lhe despediram por isso. Não foi culpa dele. Eu não tinha maneira de saber que eles iam atuar assim.

A garçonete ainda a olhava prevenidamente.

—Olhe, realmente o sinto. Marguerite sustentou o presente em suas mãos. — Eu só quero dar isto ao Wren como pequena amostra de agradecimento?

—Agradecimento por quê?

O coração de Marguerite se afundou quando ela se deu conta de que a garçonete não ia a sua ajuda. Não é estranho que ela fosse tímida. Era difícil ser diferente quando as pessoas podiam ser assim de arrudas e antipáticas. Era mais fácil estar só. —Só, por favor, vê que entreguem isto ao Wren. Disse lhe entregando o presente.

Quando ela começou a sair, a mulher a deteve. —Ouça, estava ali quando dispararam ao Wren ontem à noite?

Marguerite ficou geadada ante a pergunta. Tinha ouvido bem? —Perdoa?

—Não importa— disse a loira quando partia dando meia volta com a bolsa em sua mão. —Assegurarei-me que o receba.

Marguerite deu meia volta para deter a garçonete totalmente preocupada. Certamente Wren não estava ferido.

Ela o teria sabido se lhe tivessem disparado a noite anterior

—Do que está falando? —perguntou à garçonete. — Ao Wren não alcançou o disparo de ontem à noite. A bala lhe roçou... verdade?

O olhar na cara da loira confirmou o medo de Marguerite. A bala não o tinha evitado.

—O que lhe aconteceu? Aimeé perguntou.

Marguerite trouxe enquanto a culpabilidade a consumia.

— Estavam-me assaltando e ele veio para afugentá-los. Um dos tipos tinha uma arma a qual disparou, mas Wren me disse que ele não estava ferido. Não vi nenhuma ferida nele. —Certamente ela teria visto uma ferida de disparo, verdade? Se ele tivesse sido ferido, ele haveria dito algo, depois de tudo, a ninguém alcança uma bala sem queixar-se

—Wren te salvou? Perguntou a garçonete como se não pudesse acreditar que ele alguma vez tivesse feito tal coisa.

Marguerite assentiu com a cabeça.

—A bala só lhe roçou, verdade?

—Não— disse a garçonete com firmeza. —Wren quase morre ontem à noite.

Marguerite ficou doente ante as notícias. Isto não podia ser real. Certamente a garçonete só jogava com ela.

—Em que hospital está?

Ela podia ver o debate na expressão da mulher a respeito de lhe responder ou não, de todos os modos ela não podia culpá-la ela, meu Deus, ela tinha feito que insultassem ao Wren, assaltassem-no, e lhe dispararam, tudo em menos que uma hora. Esse pobre homem provavelmente não queria vê-la nunca mais em toda sua vida.

Aimeé entrecerrou seus olhos em Marguerite antes de dar volta.

—Foi você quem lhe enviou todas essas flores hoje, verdade?

—Sim. Se soubesse que estava ferido teria enviado inclusive mais .

Isso pareceu diverti-la.

—Espera. —Aimeé devolveu a bolsa a Marguerite antes que ela se detivesse agüentado uma porta detrás do balcão. —Espera aqui mesmo e voltarei em uns minutos.

Marguerite assentiu quando advertiu as olhadas hostis lhes davam os barmans. Estavam vestidos com camisetas regatas e calças jeans, e embora eram bonitos, havia um ar letal neles. Pareciam ressentir sua presença nessa área do balcão, mas ela não podia supor o por que... a menos que soubessem o do Wren e a culpassem por isso.

Nervosa e insegura, Marguerite se voltou para ver o homem com o cabelo comprido negro de ontem à noite. Justin. Esse tinha sido seu nome. Ao igual a outros, ele a olhava furiosamente. Ele não disse nada enquanto guardava os copos limpos.

Pareceu passar uma eternidade até que Aimeé retornou a chamá-la por gestos através da soleira da porta.

—Me siga.

Marguerite deixou escapar um suspiro aliviado quando a mulher a guiou pela enorme cozinha industrial. Havia cinco cozinheiros fazendo ruído ao redor de panelas e fornos enquanto outros dois homens lavavam os pratos em uma enorme pia. Nenhum dos trabalhadores lhes prestou atenção.

Ao menos não até que chegaram à porta ao final das largas mesas de aço. Um alto homem loiro estava parado diante dela, e parecia menos que agradado de que Aimeé queria levar a Marguerite por ali. Parecia o homem que os tinha jogado do bar ontem à noite, mas ele não parecia recordá-la absolutamente.

—O que está fazendo, Aimeé? Perguntou ele em um grunhido.

—Te aparte, Remi.

—E uma merda.

Aimeé cruzou os braços.

—Te mova, Irmão, ou coxeará.

Ele entrecerrou seus olhos.

— Não me assusta, cisne. Poderia arrancar de um puxão sua cabeça e não me alterar.

—E eu poderia te machucar de uma maneira mais permanente. Seu olhar fixo recaiu em sua virilha. —Agora te aparte ou agüente às conseqüências.

Franzindo os lábios, ele a contra gosto acessou.

—Ignora seu rosto carrancudo— disse Aimeé enquanto abria a porta. — É seu semblante natural. Embora pareça mentira, é muito mais agradável que seu sorriso. Esse realmente se vê horripilante .

Marguerite não soube o que pensar quando Aimeé a induziu a uma sala luxuosa passada de moda. A casa era absolutamente formosa. Bastante estranha, via-se como se fora alguma classe de



cápsula do tempo ou algo pelo estilo. Não houve nada desse lugar que fosse moderno absolutamente. Nada.

Seus olhos caíram sobre a porta que continha cinco ferrolhos Stanley e um sistema de alarme que rivalizaria com a NASA.

De acordo, não inteiramente a antigo. Mas além desses artigos cantosos, era como caminhar entre o cenário de um filme passado de moda.

Aimeé conduziu a Marguerite a uma intrincada escada esculpida à mão que levava ao segundo piso, ele estava repleto de portas da mogno. A garçonete não se deteve até que esteve a metade do corredor. Ela bateu na porta, então abriu.

—Está decente? perguntou ela, interpondo seu corpo a fim de que Marguerite não pudesse olhar no quarto.

Não houve resposta.

—Sim, bom, tem uma visita. Assim necessita ser humano durante um momento, vale? — depois de uma breve vacilação, Aimeé deu um passo para trás e abriu mais a porta. — Esperarei aqui fora até que acabem. Simplesmente me chame se necessitar algo. Depois baixou a voz antes de continuar, —um sacerdote, um policial, ou um domador de leões.

Marguerite franziu o cenho. Que coisa mais estranha para dizer, mas bem, ela rapidamente se inteirou de que todo mundo aqui era um pouco estranho.

Ela deu um passo adiante de Aimeé, entrando no quarto, e se congelou quando ela viu o Wren descansando sobre uma enorme cama baixo uma manta negra que fazia jogo com as cortinas. Sua pele estava fantasmalmente branca. As flores que ela tinha enviado mais cedo estavam postas em fila em sua penteadeira e diante deste, mas fora isso, não havia absolutamente nada pessoal no quarto que o identificasse como dele. Via-se como se não fosse nada mais que uma visita que ficava por uma noite ou duas.

Seu coração martelava quando se aproximou dele. Sua respiração era dificultosa e uma enorme vendagem se sobressaía envolto ao redor de seu ombro e sobre seu peito. À exceção do cobertor negro sobre sua metade inferior, ele estava nu da cintura para acima, mostrando um notavelmente tonificado peito e braços. O homem estava incrivelmente bem constituído, com seus completos seis abdominais. O único cabelo em seu peito era um pequeno rastro moreno que corria de seu umbigo para baixo para desaparecer baixo o cobertor.

Mas o que chamou sua atenção foi o montão óbvio de dor que estava sentindo.

Marguerite se ajoelhou ao lado da cama quando a culpabilidade passou através dela rasgando-a. Isto era tudo culpa dela. Tudo isto...

--Por que não me disse isso?

Ele não respondeu. Em lugar disso ele estendeu a mão e lhe afastou uma mecha de seu rosto.

—Não deveria ter retornado aqui, Maggie.

Sua mão era dura e calosa. A diferença dos tipos que ela conhecia, suas mãos estavam acostumadas ao trabalho duro, não a cuidadas manicures.

— Queria te entregar algo para agradecer pelo de ontem à noite.

Wren percorreu com o olhar as flores em seu quarto. Os ursos e outros were-hunters lhe tinham estado acoçando sem piedade a respeito disso. Não é que lhe importasse. Para ele essas flores eram incrivelmente preciosas.

Ninguém alguma vez lhe tinha dado um presente antes. Ninguém.

Ele começou a incorporar-se, só para que Maggie o detivesse.

— Não deveria te mover.

A preocupação em seu rosto o rasgou.

— Está bem.

— Não. — Ela indicou a vendagem, onde se formava outra vez uma mancha vermelha. — Olhe, está sangrando. Deveria chamar alguém?

Ele negou com a cabeça.

— Curarei-me.

Seus belos e castigados olhos marrons o olharam e duvidaram dele.

— Não posso acreditar que não me disse que lhe tinham disparado ontem à noite. O que aconteceria se tivesse morrido?

Ele desdenhou isso.

— Dispararam-me o suficiente para saber que estarei bem.

Marguerite o olhou atordoada. Dizia a sério? Com ele nunca estava realmente segura. Ele desprezou coisas em suas conversações com ela que seriam horrorosas se chegassem a ser verdades e a forma despreocupada em que ele falava delas a levava a acreditar que possivelmente fossem.

— Quem te disparou?

Ele não respondeu a sua pergunta quando se afiançou a se mesmo na cama. Seus cabelos caíram sobre seus olhos, ocultando seu rosto da vista dela. Ela começava a suspeitar que ele fazia isso a propósito a fim de que pudesse observar o mundo sem que ninguém pudesse observá-lo.

Mesmo assim, ela viu uma pequena gota de suor escorregar pelo lado de seu rosto pela tensão de manter-se acordado.

— Não ficarei muito— disse ela, lhe entregando a bolsa.

Ele cravou os olhos nisso como se fora um extraterrestre. Isso foi realmente cômico. A gente pensaria que o homem jamais tinha recebido um presente antes.

--Que é isto? — perguntou ele.

--Abre-o.

Ela pensou que tinha o cenho franzido quando agarrou o papel de seda de cima e o sujeitou ante seu rosto.

—O que está fazendo? —Perguntou ela agora também com o cenho franzido.

Sem responder, ele deixou a um lado o papel, logo olhou dentro e tirou fora um moletom cinza. Sorriu-lhe ante sua confusão.

—Sei que disse que estava assistindo a aulas na UM, mas não me decidia a pôr um pirata sobre ti. Vi o moletom do tigre da LSU em uma loja e tive que comprá-la. Sei que é estranho, mas sempre tive alguma coisa pelos tigres e pensei que se veria bem em ti.

Ele inclinou sua cabeça para um lado como se o tivessem deixado completamente perplexo ou intrigado suas palavras.

—Obrigado, Maggie.

O som desse apelido em seus lábios a fazia tremer. Ela amava a forma que ele o dizia — seguro, profundo, e protetor. Era quase como uma carícia.

—Assim, há algo que possa fazer por ti? —perguntou ela.

Wren ficou rígido ante sua pergunta, em mais de uma forma. Quão único ele queria dela era quão único ele nunca poderia lhe pedir – tê-la nua em sua cama. E esse profundo e inexplicável ardor em seu peito.

—Estou bem.

—Está seguro? Poderia trazer...

—Aimeé? —chamou ele, interrompendo-a.

A porta se abriu imediatamente para mostrar a garçonete. Ela lhes jogou uma rápida olhada antes de aproximar-se da cama.

—Ela tem que ir— disse Wren a ela.

Aimeé assentiu, então tratou de alcançar a Maggie.

Ela não fez caso do toque do Aimeé.

—Wren...

—Preciso descansar, Maggie. Por favor.

Marguerite vacilou ante a tensão que ela ouviu em sua voz. Como podia ela discutir com isso? Ele estava em extremo dolorido por que lhe tinha salvado a vida quando a maioria dos homens teriam mudado de direção e nem se teriam incomodado.

—Claro. Ela se moveu para a cama e se inclinou apoiando-se nesta para lhe beijar na bochecha.

Wren não pôde respirar quando o desejo o atravessou a gritos. Foi tudo o que pôde fazer para não atirar dela até sua cama...

Antes que pudesse pensá-lo melhor, ele apanhou sua cabeça quando ela começou a afastar-se e atraiu seus lábios aos dele. Ele grunhiu ante seu doce sabor. A brandura de seus lábios baixo os dele. Era a primeira vez em sua vida que ele tinha saboreado a uma mulher, mas mesmo assim ele não podia imaginar que nenhuma mulher sentisse melhor que esta. Ela era incrível.

Os lábios do Maggie eram suaves e decadentes. Eles evocavam uma fome dentro dele que só

se apaziguaria com ela. Era uma fome que o assustava e o emocionava de uma maneira que ele nunca teria pensado possível.

Ele não deveria sentir isto. Não por um humano. Por ninguém.

Deus salvasse a ambos de suas raivosas emoções.

Marguerite gemeu enquanto saboreava o feroz feitiço da boca de Wren. Sua língua varria com a sua, fazendo a ela pedacinhos. Ele cheirava a pachulí e antibiótico.

Mais que isso, ele cheirava a cru e terrestre homem. De meia-noites deliciosas e enfeitiçadas que ela queria passar o dia inteiro provando.

Ele se afastou com um profundo grunhido.

—Vai, Maggie, antes que seja muito tarde.

Suas palavras a confundiram completamente.

—Muito tarde para que?

—Aimeé— chamou ele entre os dentes apertados negando-se a olhar a Maggie.

Aimeé a puxou por detrás.

—Vamos, Maggie. Ele em realidade deveria descansar.

Wren observou como as mulheres saíram. Seu coração se doía ante a perda. Até agora o perfume de Maggie se pegava a ele. Enchia suas fossas nasais, fazendo à besta dentro dele rugir com possessividade. Queria-a de uma maneira que era difícil de negar.

Ele colocou a base de sua mão sobre seu pênis, o qual era uma rocha dura e palpitante. Ele nunca tinha desejado nada como desejava agora mesmo ter uma noite a sós com ela.

Mas era impossível e sabia.

Ela era humana e ele era um animal... em mais de uma forma. Não havia maneira de que ele pudesse confiar em si mesmo com uma mulher. Nenhuma maneira em que pudesse confiar em se mesmo com ninguém. Ele poderia voltar-se cruel em um instante só. Era a maldição de sua gente e sua raça.

Inclusive sua própria mãe se tornou contra seu pai... Suspirando, Wren olhou o moletom cinza que Maggie havia lhe trazido. Ele notou um sorriso curvando seus lábios, e isso era a coisa mais assombrosa de todas. Ele não podia recordar a última vez que tinha sorrido. Diabos, ele não estava seguro se inclusive tinha sorrido alguma vez em sua vida.

Um estranho sentimento entrou em seu peito. Ele não soube o que significava. Ele sujeitou o papel de seda contra seu rosto. Este mantinha o rastro do perfume doce e feminino de Maggie. Ele o espremeu em seu punho quando uma brutal onda de desejo lhe consumia.

Pondo o papel a um lado, ele sujeitou seu presente em seu punho enquanto ele se recostava.

Alguém chamou a sua porta.

Conteve o fôlego ante a esperança de que fosse Maggie outra vez, mas não o era. Aimeé entrou no quarto.

—Está bem, cachorrinho?

Ele assentiu. Aimeé era a única pessoa a que lhe permitia lhe chamar cachorrinho. Ela não o usava como um insulto, mas sim como um carinhoso apelido. De toda a gente e animais no Santuário, Aimeé era quão única alguma vez lhe tinha feito sentir a meio em casa. Mas ela, como outros, temia-lhe. Ela inclusive tinha medo agora, embora estivesse tratando de escondê-lo.

Ela cruzou o quarto. Quando ela tratou de alcançar a bolsa e o papel, ele resmungou e grunhiu. Ela se endireitou instantaneamente.

—Pensei que queria atirá-lo.

—Não.

Ela manteve suas mãos em alto em sinal de rendição.

—Como já saberá, mandei-a a casa.

Aí era onde Maggie tinha que estar, mas o pensamento rasgou seu coração com dor. Ele não queria que se fosse a casa. Ele queria... ele a queria aqui com ele.

O que havia com isso?

—Por que não lhe devolveu sua mochila? —perguntou Aimeé em tom inocente.

Ele voltou o olhar à esquina onde a mochila negra Prada de Maggie estava colocada. Maggie a tinha deixado no bar, debaixo a mesa, durante a confusão de ontem à noite. Aimeé não a tinha encontrado até muito tempo depois de que Maggie se foi e o tinha contado a ele esta manhã. Imediatamente lhe tinha ordenado a Aimeé que a trouxesse. Ele não queria que ninguém tocasse nada pessoal de Maggie.

—Esqueci.

Aimeé assentiu.

—Quer que me encarregue.

—Não!

A ursinha lhe dedicou um fixo olhar afiado.

—Precisa reprimir esse temperamento, cachorrinho. Sabe o que disse Mamãe.

Ele devolveu o olhar fixo de Aimeé centímetro por centímetro.

— Não quero sua essência em sua propriedade. Entendido?

Aimeé pôs os olhos em branco.

— O que acontece com vocês os gatos? Juro não sei quem são mais territoriais, vocês ou os lobos. Artemisa nos proteja de todos vós.

Ele observou como Aimeé deixava o quarto e amavelmente fechava sua porta. Ele rodeou a camiseta com seus braços atraindo-a a ele enquanto fechava os olhos conjurando a face de Maggie. Nick tinha tido razão, ela era uma preciosa dama. Ele finalmente entendeu o que tinha querido dizer Nick quando ele tinha falado de sua alta qualidade. Isto sangrava por cada poro dela.

E ele não era mais que uma asquerosa peça de caça cuja vida não valia mais que um raminho.

Era verdade. Sua vida carecia de valor. Ele carecia de valor. Ele tinha destruído tudo o que alguma vez havia tocado.

Com a dor da verdade, deixou que sua forma humana se dissolvesse na de um tigre. Ele cravou os olhos em sua enorme pata branca sobre a camisa. O que ele não daria de ser um homem humano. Não obstante, ele mataria por ser diferente do que ele era em realidade.

Tudo o que ele tinha querido alguma vez era pertencer a algum lugar. Onde fosse querido. Mas isso não era o que poderia ser.

Uma parte dele queria rasgar a camisa para lhe liberar de sua vista, mas a outra parte se recusava a lhe deixar. Maggie a tinha dado a ele. Ela tinha feito um esforço extraordinário para trazê-la. Era um presente. Um verdadeiro presente, e ele o entesouraria como tal.

Fechando seus olhos, ele ainda podia saborear seu beijo. Cheirar, seu perfume em sua pele. E que Deus lhe ajudasse, ele queria mais.

Marguerite não conseguia se livrar do sabor do Wren. Nenhum homem a tinha beijado da mesma maneira que ele. Tinha sido pecaminoso e malvado. Decadente. Possessivo e quente.

Ele não era o tipo de homem no que deveria pensar. Ele era um ajudante de garçom. Seu pai teria uma apoplexia se ele alguma vez se inteirava que ela tinha falado, ainda mais beijado, a um homem como Wren.

Mas isso não lhe importava. Wren era maravilhoso.

—E me salvou a vida— disse ela em voz baixa. Nem sequer Blaine ou Todd teriam feito tal coisa, e até se o tivessem feito, não teriam ido a sua casa com uma ferida de bala neles. Teriam se desabado no chão, pedindo a gritos uma ambulância e o melhor cirurgião que o dinheiro pudesse comprar para ser atendido dentro da Clínica Maio.

Mas Wren nunca disse uma palavra sobre sua ferida. Entretanto, ele não era exatamente falador. Ela nunca tinha conhecido a alguém que falasse menos. E ainda assim se sentia mais atraída para ele do que alguma vez o tivesse estado por alguém. Ele dizia mais com silêncio que a maioria dos outros com mil palavras.

Ela não podia deixar de perguntar-se se parte do fato de que lhe atraísse tanto fosse que era socialmente inaceitável para seu pai. Ela já podia se imaginar apresentando-os.

—Olá, Papai, este é meu namorado. Sei que ele necessita um corte de cabelo e que ele trabalha em um bar de motoristas, mas não é maravilhoso?

Seu pai instantaneamente teria um ataque.

Mesmo assim, ela ainda saboreou os lábios de Wren. Sentia ainda o aço de suas mãos cavando sua cabeça enquanto ele a saboreava.

Como podia alguém pô-la tão ardente?

—Te tire isso da cabeça.

Yeah, era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Tudo o que ela queria era voltar para o bar e lhe ver outra vez.

—Não posso.

Assim como gostava de Wren, também amava a seu pai, e seu pai nunca, jamais aceitaria que ela saísse com alguém como Wren. Ela não poderia lhe fazer isso, mesmo que fosse um filho da puta ego maníaco que se preocupava mais com sua campanha eleitoral que com sua filha. Ele ainda era seu pai, e do suicídio de sua mãe, ele era toda a família que Marguerite tinha.

Ela não poderia ver mais ao Wren. Não poderia. Não importava que esses estranhos sentimentos em seu interior pensassem ou discutissem, sua relação tinha acabado.

Capítulo 4

Marguerite guardou seus livros na mochila que tinha pedido emprestada. Ela ainda não tinha encontrado sua Prada. Não podia imaginar que tinha acontecido com ela. Ela a tinha perdido e encontrado na biblioteca uma dúzia de vezes. Não era algo que ela perdesse facilmente.

Suspirando, levantou-se de sua mesa para dirigir-se à biblioteca e encontrar-se com seu grupo.

Quando ela deixou o edifício e cruzou através da grama, ela não prestou atenção até que ouviu um homem gritar,

—Maggie. Sua voz era tão intensa e profunda que enviava um tremor ao longo de sua coluna vertebral.

Só havia uma pessoa que ela conhecesse que possuía uma voz como essa. Só uma pessoa que a chamava Maggie hoje em dia... Detendo-se, voltou-se para ver Wren vindo para ela da rua. Ele se movia com um passo gracioso e masculino que enviava quebras de onda de calor através dela. Ele tinha posto umas calças jeans descoloridas que tinham buracos em ambos os joelhos, botas negras de motociclista, e uma camiseta negra embaixo de uma gasta camisa de flanela vermelha e negra que tinha desabotoado.

Ela nunca tinha conhecido alguém que vestisse tão descuidado, e havia algo nas roupas que lhe faziam ter a aparência de um jovem adolescente.

Mas a parte disso, era óbvio que ele era completamente adulto. Um fato do que ela sabia de primeira mão já que o tinha visto sem essas camisas. Havia também uma perigosa confiança a respeito dele que dizia que era muito mais velho do que parecia a primeira vista.

Ele manteve um de seus braços depois das costas quando se aproximou até parar-se ante ela. Ela tremia ante sua presença dominante. Ele era muito mais alto que ela, e esses olhos... havia vezes em que não pareciam muito humanos.

—Deveria estar já levantado? —perguntou ela.

Ele se encolheu de ombros com uma indiferença que ela não podia notar.

—Já te disse que não era grave. Ele tirou sua mochila de detrás dele. — Mas pensei que possivelmente queria ter isto de volta. Deixou-o no bar a outra noite.

— OH, menos mal! — disse ela, contente de havê-la recuperado.

—Aturdiu-me tanto quando veio ontem a minha habitação que esqueci que a tinha.

Ela sorriu, agradecida de que se tomou a moléstia de trazê-la.

—Não tinha por que me trazer isso só tinha que chamar e teria ido buscar.

—Não tinha seu número.

—OH— disse ela quando se deu conta de que não o tinha dado. Isso lhe levava a outra pergunta. Como me encontrou?

Ele não respondeu. De fato, ele se viu bastante incômodo ante sua pergunta.

— Deveria ir.

—Que diabos é isto?

Marguerite levantou o olhar sobre o ombro de Wren para ver Blaine com um grupo de seus irmãos da fraternidade. Ela ofegou. Isto não era bom. Conhecendo o Blaine, ele veria isto como uma violação direta de seu território pelo Wren, e com seus amigos lhe respaldando, quem sabia o que poderia fazer. Blaine podia ser um total imbecil quando queria.

—Não é teu assunto, Blaine— estalou ela a modo de aviso. —se afaste e nos deixe em paz.

Ele a ignorou.

Blaine ficou olhando.

— O que temos aqui, o ajudante de garçom veio cobrar vingança? Em caso de que não o tenha advertido, camarada, aqui não há mesas para limpar.

Ela podia sentir a fúria que crescia dentro de Wren. Felizmente, ele a mantinha a raia.

Ela advertiu ao Blaine.

— Lhe deixe em paz, Blaine. Agora.

Blaine desdenhou com sarcasmo ao Wren enquanto arrastava um enojado olhar por suas roupas.

—O que? Não pode te permitir uma calça de verdade? Ou é de natureza quente, e necessita ventilação natural?

—Blaine— grunhiu ela.

—Que tipo de cabelo é esse? —perguntou outro dos meninos da faculdade. —Não o lava alguma vez?

—Terá medo, “mon” — respondeu outro em um falso acento jamaicano. —É maravilhoso para a fumaça, não sabia, “cha”?

Blaine soltou um —psiu—, logo olhou com fingida simpatia a Marguerite.

— Realmente, Margeaux, por que te envolve com semelhantes maltrapilhos? Sei que não pode fazer nada por quem era sua mãe, mas demônios, mulher, pensava que os gens de seu pai seriam

os dominantes.

—Sinto muito, Maggie— disse Wren em voz baixa. —Não tinha a intenção de te envergonhar.

—Você não me envergonha— disse ela entre seus dentes apertados com força. — Eles me envergonham.

Ainda assim Wren seguia sem olhá-la. Ele começou a afastar-se dela, voltando-se para a rua.

—Yeah, segue caminhando, ajudante de garçom— disse Blaine em um tom azedo, —E não volte a inalar se sequer ao redor dela nunca mais.

Quando Wren passou deles, Blaine o empurrou. A reação do Wren foi veloz e violenta. Ele fechou de repente seu punho diretamente na cara de Blaine. Blaine golpeou o chão com tanta força enquanto seus companheiros da fraternidade saltavam sobre Wren.

—Quietos! —gritou Marguerite, assustada de que machucassem ao Wren. Mas para ser honesta, ele estava se arrumando sem nenhuma dificuldade. Ele escapou de um lançando-o sobre suas costas, direto ao chão, logo golpeou a murros enquanto os outros se equilibravam sobre ele.

De repente, a segurança do campus já estava ali, tirando de cima ao Wren. Ele se voltou contra o oficial com um grunhido e lhe pegou antes que se precavesse que não era outro estudante.

O outro oficial tirou um porrete e golpeou o ombro prejudicado de Wren com isso. Ele grunhiu com força e se separou do oficial. Marguerite se deu conta de que Wren estava a ponto de lhe atacar igualmente.

—Wren, quieto! — gritou ela. — Machucarão-lhe.

Ele se congelou instantaneamente.

—Quero a esse bastardo detido por assalto— grunhiu Blaine grunhisso enquanto sustentava um lenço ensangüentado sobre seu rosto. Seu nariz era um desastre total.

—Não se preocupe— disse o oficial quando algemou as mãos de Wren a suas costas. —Ele vai direto a cadeia.

A cara de Wren era de pedra sem dizer nada em defesa de si mesmo.

Marguerite ficou lívida ante isso .

— Ele não estava fazendo nada mau. Atacaram-lhe primeiro.

—É uma merda— disse outro menino da fraternidade enquanto passava um lenço sobre o sangue de seus lábios — Pegou ao Blaine sem razão. Só protegíamos a nosso irmão de ser maltratado a golpes por este animal.

—Ele nem sequer pertence a este lugar— acrescentou Blaine. —Ele é um popular que transpassou o recinto.

O oficial que Wren tinha golpeado lhe apertou as algemas a propósito onde ela podia ver que os dentes se cravavam em sua pele.

Ainda Wren não disse nada. Nem se arredou ou mostrou qualquer emoção.

—Estuda aqui? —perguntou-lhe o oficial em um tom feroz.



Wren negou com a cabeça.

—Então por que estava no campus?

Wren não respondeu.

O oficial se estava pondo mais furioso quando atirou das mãos algemadas do Wren. — Menino, será melhor que me responda se souber o que é bom par a você. Quem te convidou aqui?

Wren manteve seu olhar fixo sobre o chão. —Ninguém.

—Eu o convidei— disse Marguerite.

Wren a olhou com rudeza.

— Ela mente. Nem sequer a conheço.

O coração de Marguerite se deteve, ele estava tratando de protegê-la a fim de que ela não se metesse também em problemas. Como estudante, ela era responsável por quem convidava ao campus.

O que queria dizer que não havia maneira de saber o que a polícia ia fazer com ele.

Ela começou a levantar a voz e contar a verdade, mas o olhar na cara de Wren a manteve em silêncio. Ela podia dizer tudo, mas o que ele queria era que não lhe contradissesse.

Um carro da polícia se deteve junto à borda.

Sentindo-se completamente indefesa, ela observou como tomavam ao Wren e o metiam no carro.

—Espera até que meus advogados terminam com ele— disse Blaine com uma risada. —Esse bastardo terá cadeia perpétua por isso.

Ela se voltou para o Blaine com um olhar ameaçador.

—É um idiota. Pode ir te esquecendo de ir de interno com meu pai. O inferno se congelará antes que ponha um só pé em seu escritório.

--Margeaux...Ela escapou de seu braço e se voltou rumo a seu carro. Ela tinha que encontrar um advogado para o Wren. Não havia maneira de que ela o deixasse na prisão quando não tinha feito nada para defender-se a se mesmo.

Seis horas mais tarde, Marguerite vacilava na estação de polícia quando sentiu uma onda de medo através dela. Ela nunca tinha estado perto de um lugar assim. Estava frio e estéril. Estranho. Mais que isso, dava medo. Ela esperava não ter nunca que visitar de novo tal lugar.

Se era assim de mal para ela como seria para o Wren, ela não podia imaginar quanto pior devia ser para ele estar na parte mais horripilante do edifício com outros homens que tinham sido presos sabia Deus por que.

Eles tinham que tirar o Wren dali.

—Eu disse, você deveria haver ficado em casa, Senhorita Goudeau— disse seu advogado. Ele

era um pequeno afro-americano com o cabelo liso salpicado de fios grisalhos. Muito distinto e competente, ele era um dos advogados mais proeminentes em Nova Orleães. O melhor de tudo, ele era discreto, assim é que ninguém, nem sequer seu pai, inteiraria-se disto.

Ambos ela e Wren estariam protegidos.

Ela duvidava que Wren pudesse permitir-se seu próprio advogado, e pelo que sabia os advogados de ofício, freqüentemente eram subornados. Ela queria assegurar-se de que Wren passava tão pouco tempo aqui como fosse possível. Felizmente, era suficiente o dinheiro que tinha economizado para cobrir os honorários do Sr. Givry para tirar o Wren fora disto.

—Acredito que você deveria retornar a casa— disse o Sr. Givry enquanto a encaminhava para a saída.

—Não— disse ela precipitadamente. — Quero me assegurar de que está bem por mim mesma.

Parecendo menos que encantado por sua insistência, o Sr. Givry a conduziu ao escritório onde uma mulher se sentava usando um uniforme de polícia. Embora a mulher fosse corpulenta, era óbvio que era bem musculosa e com grande preparação física. Seu rosto era duro e severo com o cabelo cor café escovado para trás deixando livre seu rosto. Ela levantou o olhar com aborrecimento quando se aproximaram.

—Estamos aqui pela fiança de... hum— ele a olhou impaciente.

—Wren— disse Maggie.

—Wren, o que? —perguntou à polícia em tom agitado.

Marguerite vacilou quando se deu conta de que não tinha idéia de qual era seu sobrenome.

—HUm... não estou segura.

O Sr. Givry a olhou atordoando. Provavelmente lhe parecia estranho que ela estivesse disposta a gastar muitos milhares de dólares para libertar um homem, que mal conhecia, do cárcere. Embora para ela tinha perfeito sentido, não se atrevia a lhe explicar ao advogado ou à polícia que Wren, tinha-lhe salvado a vida.

Com sua sorte, isso sairia nas notícias locais e ela estaria em grandes problemas.

—Pois bem— disse Maggie rapidamente, — ele ronda aproximadamente minha idade, mede 1,86 e tem mechas loiras. Trouxeram-no faz umas seis horas por uma briga na Tulane.

Um homem afro americano também de uniforme apareceu e negou com a cabeça.

— Sabe quem que é, Enjoe. É o menino que tivemos que isolar antes.

A mulher arreganhou os dentes com repugnância.

—O louco?

—Sim.

—Louco? Perguntou Maggie franzindo o cenho. —Como assim?

O homem respondeu com um bufido.

—Quando o trouxeram para o presídio, pusemo-lo com a lotação normal de prisioneiros. Ele

golpeou e deixou inconsciente a três deles, requereu-se a sete oficiais para agarrá-lo e colocá-lo em uma cela a sós. Após ele caminha daqui para lá a grandes pernadas como alguma classe de raivoso animal. Ele parece encolerizado e grunhe a todo o que lhe aproxime. É horripilante como o inferno. Há algo que definitivamente não está bem com esse menino.

Seu advogado arqueou uma sobrancelha ante ela.

—Está segura de que quer tirá-lo baixo fiança?

— Sim. Absolutamente.

O Sr. Givry parecia extremamente cético, mas ele se voltou cumpridor para a policial.

—Quanto é sua fiança?

—Setenta e cinco mil dólares.

Ela e seu advogado ficaram de queixo caído.

—Isso não podia ser certo, verdade? Está falando sério? —Perguntou ela.

—Sim, senhora— disse Enjoe sem titubear. —Ele atingiu a um oficial.

Marguerite estava indignada por como tratavam ao Wren.

—Não foi de propósito. Ele não soube que era um oficial até que o golpeou.

O policial desdenhou disso.

—Sim, claro, isso é o que dizem todos.

Marguerite se sentia mau e zangada. Ela não tinha tanto dinheiro. Ao menos não sem recorrer a seu pai, que a mataria se lhe dizia para que o queria.

—*Olá, Papai, conheci um homem que é ajudante de garçom em um bar de motoristas e preciso tirar o do cárcere... O que fez? Não muito. Simplesmente golpeou a um oficial e ao Blaine. Recorda ao Blaine? Seu pai é um de seus principais contribuintes de campanha. Mas está bem, não? Wren é um bom tipo. Ele inclusive recebeu um disparo quando me salvou de ser violada depois de que me assaltassem no bairro onde me disse que não fosse.*

—*Papai? Está escutando? Deveria te levar as pílulas para seu coração?*

Não diga mais, isso teria muito êxito.

O Sr. Givry lhe dedicou um olhar compassivo.

—O que quer que faça, Srta. Goudeau?

—Me emprestar o dinheiro?

Antes que ela pudesse responder algo mais razoável que isso, a porta de fora se abriu para deixar passar a três homens. Ela reconheceu um deles instantaneamente. Ele era o Dr. Julian Alexander, quem tinha sido seu conselheiro antes da graduação.

Alto, loiro, e absolutamente maravilhoso, ele estava com outros dois homens bonitos. Um que era um par de polegadas mais alto e loiro e de curto cabelo negro. O moreno era da estatura do Dr. Alexander.

—Bill— seu advogado saudou o homem de cabelo escuro enquanto lhe estendia sua mão. —O



que te traz por aqui? Não sabia que atendesse chamadas pessoais ainda.

Bill riu quando estreitou a mão do Sr. Givry.

—Não o faço.

—Então devo estar imaginando coisas.

Bill continuou sorrindo.

—Oxalá, mas tenho um cliente extremamente valioso par tirar com liberdade sob fiança. Ele sempre obtém minha atenção pessoal, se souber o que quero dizer.

O olhar na cara do Sr. Givry dizia que ele sabia exatamente do que estava falando Bill. Marguerite não tinha idéia de quem era o cliente de Bill, mas ele devia estar forrado para obter a atenção pessoal de um advogado que normalmente não o fazia.

—Marguerite? —disse o Dr. Alexander quando se aproximou dela. —O que te traz por aqui? Espero que não te tenha metido em problemas.

Ela negou com a cabeça.

—A falta de cobertura pelos meios de comunicação atesta que sou inocente. Entrei para tirar baixo fiança a um amigo mas me inteirei que não me alcança o dinheiro para cobri-lo.

Ela franziu o cenho quando ela repentinamente se deu conta de quem era o homem de cabelo escuro.

—Você é William Laurens, o filho mais velho do Senador de Estado Laurens, verdade?

Bill inclinou a cabeça enquanto procurava em sua mente pistas que a identificassem.

—Conheço-a?

—Ela é a filha do Senador Goudeau— disseram o Dr. Alexander e seu advogado ao mesmo tempo.

—Ah— disse Bill quando compreendeu por fim, lhe estendeu a mão.

— Encontramo-nos nas festas de campanha.

Ela assentiu.

— Adoro a sua esposa. Ela é uma pessoa original. Selena Laurens era mais que isso. Selena era extremamente idiossincrásica, era uma psíquica que possuía uma loja New Age baixando o bairro. Ela só era tolerada pelo pai de Marguerite porque a família de Bill era uma das mais ricas no estado de Louisiana e a família da Selena não estava muito por debaixo dele.

Se Selena fosse pobre, a teria considerado uma louca picareta. Como não o era, o pai de Marguerite se referia à leitora de cartas de tarô como excêntrica.

Bill riu.

— Sim, é-o. É por que a amo. —Ele indicou ao loiro junto a ele. —Este é meu cunhado, Kyrian Hunter, e já conhece o Julian.

—É um prazer lhe conhecer— ela disse para o Kyrian, quem lhe estreitou a mão e lhe respondeu da mesma maneira.

—Se me desculparem um segundo meninos... — Bill foi falar com o policial.

Marguerite se voltou para o Kyrian.

—Você é o homem para que Nick Gautier estava acostumado a trabalhar, verdade?

Kyrian franziu o cenho.

—É amiga do Nick?

Ela assentiu.

—Ele era um grande tipo.

—Sim, o era— disse Kyrian, sua expressão extremamente amarga.

Bill se reincorporou a eles.

— Trarão-o agora, mas o juro, esse menino precisa aprender a manter-se longe de problemas.

—O que aconteceu? —perguntou Kyrian.

Bill suspirou com excesso.

—Pois bem, ele teve o descuido de não me dizer que tinha pego a um policial do Tulane e agora o têm isolado.

—Wren? —perguntou ela esperançada. —Vocês estão aqui pelo Wren?

Kyrian se surpreendeu por suas palavras.

—Você também conhece o Wren?

Marguerite assentiu com a cabeça.

—Apenas nos encontramos, mas sim, conheço-lhe. Ela olhou ao redor timidamente. — Envergonha-me dizer que sou a razão pela que foi detido.

Bill arqueou uma sobrancelha no que a isso se referia.

—Como assim?

—Wren veio ao campus para me devolver minha mochila que tinha deixado no Santuário. Quando partia, um grupo de meninos da fraternidade começaram a lhe acossar, depois de lhe insultar repetidamente, um dos meninos o separou de um empurrão e então Wren lhe pegou. O restante saltou sobre ele e logo veio a polícia e lhe prenderam pelo distúrbio.

Ela podia ver o Bill processando a nova informação baixo um novo foco para ver como ele poderia usar isso para tirar o Wren do problema.

—Ele atacou realmente a um policial?

— Sim, mas foi um acidente. O oficial se aproximou pelas costas e estou segura que ele pensou que era outro estudante que o ia atacar. Wren não viu quem era até depois de que tivesse golpeado ao oficial.

Bill estreito seu olhar nela.

—Está disposta a dar testemunho disso?

—Absolutamente.

—Bem— disse ele com um sorriso. Ela poderia apostar a que Bill ia tirar Wren do problema.

Menos mal.

—Assim, quem é este menino que lhe interromperam o jantar para vir a tirá-lo? —perguntou o Sr. Givry.

—Wren Tigarian.

Seu advogado continuava franzindo o cenho, ao igual a Marguerite.

—Deveria conhecer esse nome? Seu advogado perguntou.

—Tigarian Technologies— explicou o Dr. Alexander. —Ele é o único filho de Aristóteles Tigarian e o herdeiro exclusivo de todo seu império internacional.

Marguerite ficou boquiaberta ante isto. Tigarian Technologies era somente inferior a Corporação Microsoft no mundo corporativo.

—Por que trabalha como ajudante de garçom?

Julian lhe respondeu com outra pergunta.

—Por que vai a filha de um proeminente senador a Tulane e não a Princeton, Harvard, ou Yale?

—Eu gosto de Nova Orleães.

—E Wren não tem interesse em correr à companhia de seu pai— disse Bill. —Ele deixou isto a cargo da gerência.

Aquilo ainda não tinha nenhum sentido para ela. Wren não vivia como um homem rico. Ele vivia como um vagabundo.

Bill olhou por cima do ombro dela, logo ficou carrancudo.

—Ouça! — gritou ele. — tire as malditas algemas ao menino. Não há necessidade de lhe fazer passar vergonha. Ele não é um criminoso.

Os oficiais de polícia que acompanhavam ao Wren deram ao Bill um sinistro sorriso.

—Sim, claro, você não viu a forma em que fez chorar a esses motoqueiros. Este “menino” podia dar algumas aulas ao Mike Tyson.

O coração de Marguerite se acelerou quando viu o Wren. Ele tinha um olho arroxeadado, e seu lábio estava inchado. O oficial de polícia deu uma cruel volta às algemas antes de abrir. Wren levantou o olhar como se ele sentisse sua presença e a imobilizou com um só olhar.

Um pequeno tremor de calor a transpassou. Havia algo tão inquietante nele, e ao mesmo tempo uma parte dela era atraída por ele até contra seu sentido comum.

Bill lançou um assassino olhar aos oficiais.

—Lhe olhem. Viu-o um médico?

—Ele não quis um médico.

Bill negou com a cabeça.

—Está bem, Wren?

Wren assentiu enquanto se esfregava os pulsos.

Marguerite cruzou a distância entre eles, agradecida de que ele estivesse fora de perigo.

—Está seguro de que está bem? —Perguntou ela, afastando com os dedos o cabelo de seu rosto a fim de que ela pudesse inspecionar o dano que lhe tinham feito a seu olho.

Ele acariciou com o nariz sua mão muito ligeiramente antes que assentisse.

— Estou bem. O que faz aqui?

— Estava tratando de te tirar sob fiança.

Ele se assombrou por isso.

—Seriamente?

Ela assentiu.

Deu-lhe um vacilante sorriso.

—Quer que chame o Carson? —perguntou Bill.

Wren negou com a cabeça.

—Quer que te leve para casa? —perguntou ela ao Wren.

—Por favor. Obrigado.

Pelo olhar nas caras dos homens, ela podia dizer que todos estavam aniquilados de que ele aceitasse.

Bill limpou voz.

—Está seguro de que não quer que eu te leve de volta.

Wren negou com a cabeça e foi então quando ela se deu conta de que era a única pessoa com a que ele tinha falado até agora.

Quando Marguerite agarrou suas chaves da bolsa, ela viu abrir a porta exterior. Para sua completa estupefação, Blaine e dois dos outros meninos da fraternidade que tinham atacado ao Wren estavam sendo conduzidos ao interior do edifício algemados.

—Isto é ridículo! Grunhia Blaine. —Meu advogado terá todos seus dados por isso, Ouviu-me! Ele se congelou quando viu o Sr. Givry ao lado dela. — Tom! me tire disto.

Com a expressão preocupada, seu advogado foi para o Blaine e lhe disse que se acalmasse.

—Quais são as acusações? —perguntou o Sr. Givry aos oficiais.

Foi Bill quem respondeu.

—OH, me deixe ver, assalto, roubo, perjúrio, calúnia, contato ofensivo, beber em público, violação de domicílio, racismo, e qualquer outra coisa que me ocorra lhe inculpar.

O Sr. Givry deu ao Bill um irritado olhar.

—vais apresentar acusações?

Bill lhe dedicou o que só podia ser descrito como um satisfeito sorriso aberto.

— Yep. Juro-te que tramitarei essa ordem logo que acabe de falar por telefone com o Wren. Deveria aconselhar a seu cliente que seja mais cuidadoso com quem insulte e ataque. Não só pelo ataque ao Wren no campus, mas também pelo bar local O Santuário, onde tenho um montão de

testemunhas oculares quem gostosamente brindarão testemunho sobre seu comportamento beligerante e bêbado. Alguma vez ouviu a expressão “nunca segure a um tigre pela cauda”? Pois bem, para quando terminar com seu cliente, ele e sua família terão sorte de sair com um palito de dentes que seja dele.

—Você tem que estar de brincadeira comigo— grunhiu Blaine.

O Sr. Givry suspirou.

— Não, Blaine, não o está. Eu vou chamar a seu pai e...

—Não precisa pressa— Bill disse em um tom sem emoção. — Posso-te assegurar que a maioria deles vão passar a noite na prisão.

O Sr. Givry o olhou com o cenho franzido.

— Não pode fazer isso, Bill. São bons meninos, de boas famílias.

—Igual a Wren pelo que parece. Talvez a próxima vez, o pensarão duas vezes antes de fazer hipóteses a respeito de alguém. Bill abriu sua maleta e arrancou uma folha de papel, a qual a deu ao Sr. Givry. —Também tramitei uma ordem de afastamento que será imposta a seu cliente quando ele saia aqui. Se ele se aproximar de meu cliente outra vez, ele vai lamentá-lo seriamente.

Bill voltou a olhar ao Blaine.

— Enquanto estamos nisso, se eu fosse você, avisaria-lhe que se insistir em acusar ante a justiça a meu cliente, ele implicará a Srta. Goudeau no assalto, já que ela foi a anfitriã de Wren em Tulane. Não gostaríamos de implicar à filha do bom senador, verdade?

Blaine se equilibrou sobre o Wren, só conseguiu que o policial segurasse ele.

— Pagará-me por isso, maldito.

—Te cale, Blaine! —admoestou-o o Sr. Givry. —Já está em muitos problemas.

Bill lançou um especulativo olhar sobre o Blaine, quem estava sendo arrastado para um pequeno vestíbulo.

— Acrescentaremos ameaça sobre dano corporal aos cargos.

O policial levou ao Blaine e seus amigos.

O Sr. Givry se via aborrecido.

—Não me vais pôr isso fácil, verdade, Bill?

—Não. Definitivamente vais ganhar-te o salário neste caso.

O Sr. Givry deixou escapar um suspiro cansado.

— Bem. Chamarei-te na manhã e verei o que podemos resolver.

Bill pôs sua mão no ombro do Wren, rapidamente a retirou quando Wren literalmente lhe grunhiu.

—Sinto muito— disse ele. —Eu..., um... chamarei-te mais tarde.

Kyrian e Julian fizeram uma pausa.

—Está seguro que não quer que nós lhe levemos a casa? —Perguntou Kyrian ao Wren.

Wren negou com a cabeça.

—De acordo, então. Mantêm fora de problemas.

Marguerite indicou a porta com uma inclinação de sua cabeça.

—Está preparado para ir?

Ele assentiu. E quando eles partiram, ela percebeu que ele esfregava seu ombro machucado.

—Precisa ir ao hospital?

—Não, só preciso descansar um pouco.

—Está seguro?

—Sim. Só me leve pra casa, de acordo?

Ela o conduziu a sua Mercedes, que estava estacionada baixo um poste.

— Não sabia que estava relacionado com a Tigarian Technologies.

Ele cravou os olhos no capô do carro dela.

—Tem importância?

—Não realmente.

—Então por que deveria falar disso?

Ele tinha um ponto com isso.

—Por que vive em Nova Orleães se a companhia têm sua base em Nova Iorque?

Ele se encolheu de ombros.

—Eu não gosto de Nova Iorque. Muita gente. Muito ruído. Muito frio no inverno. Eu não gosto de sentir frio.

Ela supunha que tinha sentido, lhe oferecendo um sorriso, ela se meteu no carro e esperou a que se unisse a ela. Ele se sentou rapidamente, fechou de um golpe a porta, e se grampeou o cinto.

—Te deram de comer enquanto estava ali? Perguntou ela. Quer que paremos em algum lugar no caminho de volta para comer?

Ele assentiu.

—O que você gostaria?

—Dá-me igual. Comerei algo que não tenha Tylenol ou chocolate.

—Essa é uma lista estranha.

—Para não mim.

De acordo... ele era um homem estranho.

Marguerite se dirigiu ao estacionamento enquanto Wren tirava suas coisas da sacola que lhe tinha devolvido a polícia.

—Foi duro estar ali?

Ele fez uma pausa para contemplá-la.

—Certamente não é a meta de minha vida

Sorriu-lhe ante seu comentário sarcástico.



—O que aconteceu para causar a briga do cárcere?

Ele deslizou sua carteira em seu bolso.

—Pensaram que seria divertido rondar ao “menino” e demonstrar sua virilidade. Eu pensei que seria entretido deixar inconsciente a um par deles.

Pois bem, ela poderia entender isso. Ele tinha uma única forma de tomar as coisas.

—Sempre te mete em brigas como estas?

—Não— disse ele em um tom baixo quando colocava o relógio em seu braço.

—Eu não gosto de brigar. Prefiro estar só. Mas se alguém o começa...

—Você o termina.

Ele assentiu.

—Meu pai estava acostumado a dizer que não é suficientemente rechaçar a golpes a um assaltante. Tem que lhes machucar o bastante para que saibam que não podem voltar a meter-se contigo. Ou preferivelmente, assassiná-los.

—Parece-me que nossos pais têm muito em comum.

Wren não fez comentários. Em lugar disso, ele gesticulou para a esquerda.

—O McDonald's deveria valer.

Ela enrugou seu nariz ante o pensamento.

—Você realmente come ali?

—A comida é boa.

Ela se encolheu de medo ante o pensamento. Ela só tinha visto sua comida em anúncios publicitários e nunca realmente tinha considerado prová-la ela mesma.

—Não sei. Não estou segura de que eu goste da idéia da comida rápida. —Mas ela subiu e ficou à cauda da fila de carros.

Wren lhe deu um olhar suspeito.

—Não me diga que nunca comeste aqui.

—Nunca.

—Onde come então?

—Em restaurantes ou na cantina do campus. Ela se deteve frente ao micro de pedidos e baixou sua janela. —Isto é tão estranho, obter comida assim.

Sorriu-lhe abertamente antes que se inclinasse sobre seu regaço e respondesse à mulher que lhes tinha perguntado seu pedido

— Eu tomarei doze Big Macs, dois Filet-Ou-Fish, três Double de queijo, quatro bolos de maçã, seis batatas grandes, e uma vitamina grande de Baunilha. Ele a olhou. —Você quer algo?

Ela arqueou ambas as sobrancelhas quando ela cravou os olhos nele e sua ordem incrivelmente grande.

—Você realmente não fala a sério a respeito de comer tudo isso sozinho, verdade?

Ele parecia aflito por suas palavras.

—Estou fazendo algo indevido?

—Não— ela disse rapidamente. — Não se tiver fome. É só que não vi comer a ninguém tanto assim antes.

Ele a olhou confundido franzindo o cenho.

—Faço-o todo o tempo.

—E permanece tão magro? Eu estaria tão grande como uma casa.

—Querem alguma coisa mais? —perguntou a voz do interfone.

Ela jogou uma olhada ao menu.

— Tomarei um Cheeseburger e uma Coca-cola.

Os olhos de Marguerite realmente abriram desmesuradamente ante o total da conta antes que lhes dissessem que conduzissem até o próximo posto. Quem diria que a comida rápida podia ser tão cara?

Wren tirou sua carteira e deu a Marguerite o dinheiro para pagar por ele. Ele se recostou em seu assento e observou a forma em que a luz jogava em seu cabelo escuro. Ela era tão bela para ele.

Enquanto esperavam, ele estendeu a mão para tocar sua bochecha com a parte de atrás de seus dedos. A brandura de sua pele lhe assombrava. Também lhe endurecia desejando-a.

Ela volteou sua cabeça para lhe sorrir. A expressão lhe pegou como um soco no estômago e o deixou raramente aturdido. Ela inclinou sua cabeça como se o estudasse a sua vez.

—Como faz para ter o cabelo assim?

—Não sei. Somente os seco e se mantêm assim.

—Como o lava?

Ele se encolheu de ombros.

—Igual a qualquer um, com xampu e creme.

Franzindo o cenho, ela estendeu a mão para tocar um fio. Ela sorriu e enrugou seu nariz.

—Sinto tão estranho. Como algum tipo de lã.

Ela deixou cair sua mão e a subiu à janela.

Wren se sentou quieto enquanto pensava em suas palavras. Ele tinha começado levar as mechas frisadas para manter a distancia a outras pessoas, e tinha funcionado. A maioria das pessoas enrugava os lábios com repugnância e imediatamente afastavam dele, o qual para ele estava bem. A ele realmente nunca tinha gostado que o tocassem. Mas ele não se podia deixar de imaginar Maggie acariciando seu cabelo, sua pele...

Ela lhe virou as costas, logo voltou e entregou sua comida. Wren abriu um Big Mac e cuidou de comer-lhe como um humano, mas foi realmente difícil. Sua raça só come a cada três ou quatro dias, e ele estava faminto. Em realidade, esta não era comida suficiente. Era só para lhe tirar do apuro até que pudesse retornar ao Santuário e comer o resto do que ele necessitava.



Ele agarrou uma batata e a ofereceu a ela.

Sorrindo, ela a pegou de sua mão e a comeu.

Wren a observou estreitamente. Ela não tinha idéia da façanha que tinha sido para ele. Sua raça não compartilhava comida com ninguém ou nada quando tinham fome. Lutavam a morte por um diminuto bocado. Mas ele queria encarregar-se dela. Era um sentimento tão peculiar.

Se ele não soubesse melhor, pensaria que ela era sua companheira. Mas os Katagaria não se emparelhavam com os humanos. Não era possível.

Marguerite conduziu através das congestionadas ruas enquanto jogava uma olhada ao Wren pela extremidade do olho. Ele não falou enquanto comia. Mas bom, ele não falava muito de qualquer maneira.

Ele era uma contradição tão fascinante. Ela ainda não poderia recuperar-se de que ele tivesse a um dos advogados mais exclusivos em Nova Orleães a seu serviço.

—O que pensam seus pais a respeito de que trabalhe como ajudante de garçom? —perguntou ela. Seu se morreria se ela alguma vez fazia algo como isso. Ele sempre tinha escolhido cuidadosamente seus trabalhos a fim de que fossem apropriados para sua carreira e sua posição social.

Wren engoliu sua comida.

—Eles não pensam muito estes dias.

Esperou-lhe que continuasse com esse pensamento. Em lugar disso, ele voltou a comer. Franzindo o cenho, Marguerite o instigou a explicar-se.

—Por que não pensam?

—É um pouco difícil para eles, desde que meus pais estão mortos.

Seu coração se encolheu com força no que a isso se referia.

—Os dois?

Ele assentiu.

—Há quanto?

—Aproximadamente vinte anos.

Ele só tinha sido um bebê quando tinham morrido. Que horrível que não os tivesse conhecido.

— Sinto muito.

—Não o faça. Eu não o faço.

Ela realmente ficou abobalhada.

—Eram uns completos idiotas— disse ele calmamente. — Nenhum nem o outro me podiam agüentar. Nem sequer me podiam olhar sem que franzissem os lábios com repugnância. Minha mamãe só se referia para mim como “isso”.

—OH Deus, Isso Wren é horrível.

Ele se encolheu de ombros.

—Acaba-te acostumando. Tive sorte de ser filho único. Se tivessem tido mais meninos, estou seguro de que os teriam matado.

A indiferença de seu tom a aturdiu.

—Está brincando, verdade?

Ele não respondeu, mas o olhar em seu rosto lhe disse que não o estava. E pensar, nos arranques de fúria nos que ela sempre tinha pensado que seu pai era um porco desinteressado. Ele repentinamente parecia ser o Pai do Ano.

—Assim, se seus pais morreram enquanto foi tão jovem, quem te criou?

—Criei-me eu mesmo.

—Sim, mas quem foi seu tutor?

—Bill Laurens. Meu papai e a assinatura do Bill vêm de muito atrás, depois de que meus pais morressem, um tipo me trouxe aqui com o Bill e ele contratou a Nicolette Peltier para que ficasse com ela e me deixasse trabalhar no Santuário para me manter.

—Não tem mais família?

—Não realmente. Os que tenho, que tenham sobrevivido não querem que me aproxime deles.

—Por que não?

—Não estou bem.

Um calafrio baixou por sua coluna vertebral. Havia algo a respeito dele que ela precisava saber?

—Como que, não está bem?

Ele tomou uma bebida de sua bolsa antes que lhe respondesse.

—Sou disforme.

Percorreu-lhe com o olhar enquanto conduzia. Ele certamente não se via disforme para ela. Ele se via completamente bem e saudável.

—Disforme como?

Ele não respondeu quando abriu outro Big Mac e começou a comer-lhe.

—Wren...

—Não me pergunte mais, Maggie. Estou realmente cansado, tenho fome, e me dói horrores. Se em realidade me conhecesse, daria-te conta de que é um completo milagre que esteja aqui sentado e não te arranque a cabeça, literalmente. Só quero ir a casa, de acordo?

—Sim— disse ela embora ela arrebentava de vontades por uma resposta.

Permaneceram em silêncio o resto do caminho até o santuário. Para quando ela entrou no pequeno estacionamento detrás da casa, ele quase tinha acabado sua comida.

Marguerite deu a volta para lhe ajudar a levar as bolsas.

Ele a conduziu a uma porta traseira vermelha onde se encontraram com o mesmo loiro zangado que tinha querido que Aimeé deixasse a Marguerite no bar.

—Ela não pode entrar.

—Te aparte, Remi— disse Wren entre os apertados dentes.

—Conhece as regras.

—Sim, conheço as regras. Na lei da selva, o tigre come ao urso.

Marguerite viu Aimeé aparecer por detrás do Remi.

—Está bem, Rem, lhes deixe passar.

Remi a desdenhou com sarcasmo.

—Perdeste o julgamento?

Aimeé devorou ao Remi de volta.

—Entrem, meninos.

Marguerite não disse nada enquanto subia as escadas para o quarto do Wren.

—O que foi isso? Perguntou ela logo que ele fechou a porta de seu dormitório.

—Não quer a ninguém em sua casa.

—OH. Suponho que deveria ir...

—Fica... por favor.

Wren sabia que não devia lhe pedir isso. Ele precisava descansar. Demônios, ele precisava cuidados. Mas nada disso importava. Ele só queria estar com ela um pouquinho mais. O perigo não tinha importância. Nada exceto ser capaz de cheirá-la. De vê-la.

De tocá-la.

Ele baixou sua cabeça para a dela até que ela se chocou com seus lábios. Ele a imobilizou na porta enquanto a beijava.

Sem pensar, Marguerite enterrou sua mão em seu cabelo. Wren assobiou e se afastou como se lhe doesse. Sua mão estava ainda inserida nas retorcidas mechas loiras.

—Sinto muito. Sinto muito, —disse ela, tratando de desenredar sua mão antes de lhe machucar mais.

Ele a olhou carrancudo enquanto se esfregava a cabeça.

Estendeu-lhe a mão para lhe ajudar, só para fazer que retrocedesse. Não se tinha afastado mais de uns passos da porta que esta chocou ao abrir-se. Marguerite começou a ver a zangada mulher de média idade que tinha estado no bar ali.

Wren fez uns estranhos grunhidos saindo em um murmúrio de sua garganta.

—Ela tem que ir-se— disse a mulher em uma voz que não admitia discussão. —Agora.

—Quero-a aqui.

—Importa-me um nada o que queira— disse ela, sua voz carregada com um acento francês. — Esta é minha casa e...

—Pago-te o bastante.

—Não— disse ela, seu tom cheio com veneno, — Não o faz. Não para isto.

A última coisa que Marguerite queria era colocá-lo em problemas.

— Está bem, Wren. Irei.

A cólera em seu rosto realmente a assustou. Wren lançou um olhar mordaz à mulher, então escoltou a Marguerite escada abaixo até a porta traseira.

—Sinto isto— disse ele enquanto a guiava fora da casa e de retorno a seu carro.

—Está bem. Verei-te depois.

Ele assentiu, logo abriu a porta do carro para ela, depois de fechá-la dentro, ele colocou sua mão no guichê, e o longo olhar de seu rosto a atravessou.

Levantou-lhe sua mão ao vidro para cobrir a dele e lhe ofereceu um sorriso.

Como ela pôs a andar seu carro Wren se afastou, e a observou até que ela se partiu do estacionamento para depois retornar a dentro.

Ele encontrou ao Nicolette na sala. Aimeé permanecia parada detrás de sua mãe, vendo-se completamente contrita.

—Volta a ameaçar alguma vez mais a algum de meus filhos, e te verei morto, tigre.

Ele riu com amargura ante o que isso significava.

—Pode tentar, mas não terá êxito.

Nicolette manteve seu temperamento quando Wren a deixou e se foi subindo as escadas.

—Não foi culpa dele, Mama— disse Aimeé. — Disse-lhe que ela poderia vir — Nicolette se voltou contra ela. — Volta a ameaçar outra vez a segurança desta casa, e será arremessada à rua. Entendeste-me?

Aimeé assentiu.

—Papai? Nicolette chamou a seu companheiro.

Ele entrou pela porta que conduzia à cozinha.

—Pronta?

—Convoca ao conselho. Acredito que é hora de que nós tiremos ao tigre de nossas vidas.

Capítulo 5

Wren estava no pequeno banheiro fora de seu dormitório, amaldiçoando quando Marvin lhe lançava água.

—Para já, Marvin— grunhiu-lhe ao macaco brincalhão, quem agora o fazia manha. —Sabe que odeio que me coloque água nos olhos.

Ele não poderia ficar cego. Nenhum de sua espécie poderia, o qual era estranho devido ao fato de que adoravam jogar na água.

Eles só odiavam as debilidades. Um tigre débil era um tigre morto.



Seu pai tinha morrido como prova disso.

A porta, a qual Wren tinha deixado ligeiramente entreaberta, abriu-se por completo para mostrar a Aimeé no corredor.

—O que estão fazendo vocês dois?

Wren olhou o pente de seu cabelo. Ele olhou ao redor em busca de algum lugar ao que esconder, mas o único caminho era através da ursita. Odiava que o tivesse apanhado. Ele não queria que alguém soubesse o que estava fazendo.

Aimeé entrou no quarto e fechou a porta detrás dela. Inclinando a cabeça para um lado, ela o estudou com uma fixação que o punha extremamente incômodo.

Marvin saltava acima e abaixo do lavabo, conversando.

—Está tratando de desembaraçar seu cabelo?

Wren não disse nada quando colocou o pente ao lado do Marvin. Não era assunto dela.

—É por essa fêmea humana, verdade?

Ele tentou passar junto a Aimeé, só para que lhe bloqueasse a saída.

—Está bem, Wren— disse brandamente Aimeé. — Não contarei a ninguém sobre ela, me acredite, entendo tudo a respeito das relações impossíveis.

Yeah, ele a tinha pilhado com o lobo Fang na semana anterior. Os dois tinham estado a ponto de beijar-se. Se algum outro a tivesse descoberto com o Fang, Fang teria acabado morto e seriamente triturado. Mas felizmente para eles, a Wren não poderia importar menos quem Aimeé levava a sua cama. De todos os modos não era assunto dele.

Ela recolheu o pente do lavabo.

—Quer que te ajude?

Parte dele queria grunhi-la e fazer que se escapulisse, mas a outra parte se dava conta de que sua ajuda seria agradável.

—Pode tentar— ele resmungou. —Mas acredito que não há esperanças.

Ele tinha estado tentando desenredar seu cabelo durante em torno de uma hora e até agora só tinha obtido fracasso e dor.

E tudo porque ele queria... ele queria o impossível. Por uma vez, ele queria sentir as mãos de uma mulher em seu cabelo, e não era Aimeé a quem queria.

Ele queria a Maggie.

A expressão de Aimeé era de concentração quando tentava passa o pente através de uma pequena parte de cabelo, depois de alguns minutos de tentá-lo tão somente deu como resultado que o pente se rompesse pela metade, ela suspirou frustrada.

—De acordo, Wren, o que precisamos é um especialista. Deixa chamar a Margie para que nos dê uma mão. Ela é a melhor desenredando o cabelo. Se alguém pode fazer isto, é ela.

Quando Aimeé se dirigiu à porta, Wren a deteve.

—Por que está sendo tão amável comigo? Nenhum dos outros ursos tinha sido realmente amável com ele alguma vez. A maior parte deles apenas lhe tolerava.

Mas Aimeé sempre tinha tido bom coração.

Ofereceu-lhe um sorriso.

— Eu gosto, cachorrinho. Sempre o fiz. Sei que não é perigoso... quero dizer, sei que poderia nos matar, que esse é seu perigo, mas que você não expõe um perigo para alguém exceto para você mesmo.

—Mas você ainda me tem medo.

Seus olhos atenuados quando lhe olhou.

— Não. Temo por ti, Wren. Há uma enorme diferença.

Ele franziu o cenho desorientado por suas palavras.

Ela deixou escapar um cansado suspiro.

Você não quer a ninguém ao redor de ti, cachorrinho. Sei o que faz coisas impróprias simplesmente para fazer que as pessoas lhe deixem só, e temo que isso possa fazer um dia todos aqui se voltem contra você permanentemente .

Ela olhou ao Marvin, quem a observava como se ele entendesse e estivesse de acordo.

—Conheço a ferocidade de sua gente. Sei que Bill lhe enviou aqui para evitar que o clã de seu pai te matasse antes que pudesse defender-se. Embora pareça mentira, não quero verte machucado. Todo mundo merece um pouco de felicidade em sua vida. Inclusive os tigres.

Essas palavras lhe tocaram profundamente. Não era estranho que o lobo estivesse tão atraído por ela. Para se um urso, ela tinha um bom coração.

—Obrigado, Aimeé.

Ela inclinou a cabeça, logo saiu. Marvin começou a tagarelar com o Wren enquanto tentava desenredar o cabelo outra vez. O macaco não entendia por que Wren estava tratando de mudar-se a si mesmo. Não tinha sentido para o Marvin.

—Sei— disse Wren ao macaco. -- Mas quero que ela possa me tocar sem este matagal. Um dia encontrará a uma Marvinina par a você e o entenderá.

—OH meu Deus, Margeaux! Tem que ver o que há fora no corredor!

Marguerite levantou o olhar enquanto guardava os livros em sua mochila para olhar carrancuda a Whitney, cuja classe estavam três portas mais abaixo.

—O que?

—Ele é o tipo mais descolado do planeta. Juro-lhe isso, nunca vi a alguém mais quente. Ele deve ser gay. Nenhum homem se veria assim de bem.

—OH, não é asqueroso? —perguntou Tammy do assento adiante. — Você deveria ver em

Arte. Tudo o que alguma vez vi como estudante não graduado foram homens procurando a outros homens. É por isso que estou na faculdade de direito agora. Preciso uma profissão onde realmente possa me topar com um espécime que deseje a uma fêmea.

Whitney deu a Tammy um cínico olhar pelo simples feito de que ela tinha falado sem convite. Marguerite, por outra parte, adorava a estudante gótica, quem sempre trazia as histórias mais interessantes nas manhãs de segunda-feira.

Marguerite sorriu.

— De acordo, Tammy, desde que você é a residente perita em homens, lhe jogue uma olhada e me diga que pensa, em que time se enquadraria ele?

Para quando Marguerite colocou a mochila aos ombros Tammy retornou com um semblante prudentemente carrancudo em seu rosto.

— Não sei. Está muito fechado para lhe chamar. A prepotente Psycho tinha razão, ele é impressionante. Por outro lado, eu diria, que tem esse fator me faça isso, que te faz dar água na boca por provar sua succulenta carne é o que diz, ele está vestido com uma camisa negra de seda que está aberta no pescoço, as mangas enroladas em seus braços, e fica impecável. É obvio que ele não tem frio, tatuado em seu braço esquerdo. Mas... — Tammy enrugou seu nariz. — Ele leva posto umas calças italianas frouxas negras, realmente, realmente caras. Ferragamos parece-me. Das que o usam os gays a maioria das vezes. Os homens normais geralmente não vestem esse artigo. Sem mencionar que ele tem um desses cortes de cabelo caros, mas ao mesmo tempo esfarrapado. Ele realmente não olha a ninguém, homem ou mulher, que passe caminhando. É estranho. Assim que eu diria que nossa equipe tem cinquenta por cento de que bate conosco. Ou talvez é um rebatedor ambidestro.

—Oooh, um mistério— disse Marguerite enquanto saía do sala de aula para vê-lo por si mesma —Me deixe ver o que eu penso...

Havia realmente uma agitação no corredor enquanto as mulheres olhavam embevecidas ou procuravam atrair sua atenção. Ao princípio tudo o que ela pôde ver foi o topo de seu cabelo loiro sobre a multidão.

Foi difícil navegar através do mar de estrogênios de mulheres que queriam vê-lo mais de perto. E quando ela se aproximou mais, Marguerite teve que admitir que ele era completamente impressionante. Ela estava longe de ser imune ao fator me faça isso que Tammy tinha mencionado.

Seu rosto era perfeito, cheios, sensuais lábios que rogavam por um beijo quente. Ele tinha maçãs do rosto altas e um nariz de aristocrata. Seu cabelo castanho era mais curto atrás que por diante, com mechas caindo estrategicamente em seus olhos para lhe acrescentar um ar de mistério. Ele se via extremamente incômodo enquanto sujeitava um ramo de rosas e uma caixa grande de chocolates Godiva. Sua pele era de um tom ouro profundo, leonado.

Não foi até que ele deu um passo para ela e ela viu a exata cor turquesa de seus olhos que o reconhecimento lhe golpeou no peito.



Não poderia ser...

—Wren?

Ele não se deteve até parar-se ante ela e lhe oferecer esse familiar vacilante sorriso antes que ele literalmente acariciasse com o nariz sua bochecha, lhe dando então um suave e gentil beijo.

Tammy se deteve ao lado deles e limpou voz.

—Joga em ambas as equipes? —perguntou ela.

Marguerite riu.

—OH não. Está definitivamente em nossa equipe, confia em mim.

Tammy subiu cinco tons.

—Vê, garota, te assegure de anotar alguns home runs em nosso lado.

Wren franziu o cenho quando Tammy partiu.

—Deveria perguntar?

Marguerite riu nervosamente.

—Não. Definitivamente preferiria que não o fizesse.

Seu semblante carrancudo só aumentou quando lhe estendeu as flores e os doces.

—Trouxe para você.

Isso era tão estranhamente usado e clichê, e ainda fazia que seu coração palpitasse pelo que lhe tinha feito. Ninguém havia lhe trazido floresça e bombons antes.

—Obrigado.

Mordendo os lábios, ela ficou nas pontas dos pés e roçou seu cabelo novo, o qual era incrivelmente sedoso entre seus dedos. A suave textura lhe recordava mais ao cabelo de um animal que ao humano.

Isto se via realmente bem nele, mas parte dela sentia saudades ao antigo Wren.

—O que fez?

A incerteza obscureceu os olhos dele.

—Você gosta?

—Yeah, acredito que sim.

Ela sabia que ele era bonito, mas não tinha idéia de que fosse tão sexualmente atrativo. Havia algo nesta nova aparência do Wren que a punha mais quente que o antigo. Quem saberia que um corte de cabelo ia causar tal diferença?

—Você não o fez por mim, verdade?

Ele afastou o olhar timidamente.

O calor a alagou.

—Não tinha que te cortar o cabelo, Wren. Eu gostava também da outra maneira.

Ele passou o olhar sobre as mulheres que lentamente se dispersavam.

—Não queria te envergonhar mais.

Ela ficou na ponta dos pés e aproximou seu rosto para baixo a fim de que ela pudesse pressionar sua bochecha contra a dele. O perfume masculino de sua pele e a loção pós-barba prenderam fogo a seus hormônios. Mas foi seu sacrifício o que prendeu fogo a seu coração.

—Nunca me envergonhaste, Wren— ela sussurrou em seu ouvido. — Não acredito nem que pudesse.

Wren não podia respirar enquanto a essência dela se derramava sobre ele. Isso era tudo o que podia fazer para controlar-se. O sentir sua pele sobre a dele... sua mão em sua bochecha era maravilhoso. Seu toque o esquentava e tocava a diminuta parte dele que era humana. Mais que isso, tocou seu coração de animal e o domesticou. Ele nunca pensou que sentiria alguma vez algo parecido.

Ele estava em paz. Acalmado. Apaziguado. Não havia dor. Nenhum passado. Nenhuma brincadeira ecoando em sua cabeça.

Tudo o que havia em seu interior era Maggie e uma estranha, frívola alegria de desfrutar de coisas que ele nunca tinha conhecido.

Era um sentimento que não queria que acabasse.

Para instantânea desilusão, ela se afastou para lhe contemplar.

—Como soube que me encontraria aqui? É algum desses estranhos caçadores?

Wren sorriu abertamente no que a isso se refere. Honestamente, o animal nele poderia rastreá-la com facilidade em qualquer lugar que estivesse neste planeta. Ela tinha essência única a mulher e chá de rosas combinado com o xampu Fine que usava. Mas provavelmente a assustaria saber que ela nunca poderia esconder-se dele.

—Seu horário estava na mochila. Olhei-o antes que lhe devolvesse ela ontem.

Ofereceu-lhe um tímido sorriso que fez que ele se endurecesse antes que ela inclinasse a cabeça para cheirar as rosas que havia lhe trazido. Ele estendeu a mão para tocá-la.

—Quem é seu amigo, Margeaux?

Wren recuperou sua mão instantaneamente ao tempo que reconhecia uma das mulheres que foram ao bar com Maggie a noite em que se conheceram.

Marguerite se voltou para ver Whitney atrás dela, olhando ao Wren especulativamente.

—Whitney, apresento ao Wren.

Whitney parecia confusa por isso.

— Wren? O ajudante de garçom imundo que fez que prendessem o Blaine?

Marguerite foi rápida para defender ao Wren.

—Blaine iniciou a briga.

Ela duvidava que Whitney a ouvisse, desde que ela estava olhando ao Wren como um a fera faminta que tinha divisado uma costela de porco em um prato. O único problema era que a costela de porco pertencia a Marguerite, quem não tinha intenção de compartilhar com ninguém.

Ela posou sua mão no oco de seu braço e atirou dele.

— Wren e eu temos um encontro. Até mais.

Wren se inclinou e reafirmando as palavras dela, acariciou sua bochecha com o nariz antes de cobrir sua mão com a dele e conduzi-la para a saída.

Wren ainda não sabia realmente por que tinha saído a procurar Maggie. Os humanos nunca tinham mantido nenhum interesse real para ele no passado. Como um varão Katagaria, ele não deveria sentir-se tão atraído por ela. Ao menos nada mais que fisicamente.

E ainda lhe fascinava enquanto ela o conduzia a sua pequena casa de campo pelo zoológico. Tudo o que ele queria era encolher-se em seu regaço e ronronar. Algo que não tinha sentido, desde que o que ele normalmente queria era rasgar o braço de alguém o suficientemente estúpido para aproximar-se dele.

Ela se manteve olhando por cima nele e lhe dando de presente o mais doce e tímido dos sorrisos que alguma vez tinha visto na face de uma mulher. Mas inclusive pior que seu auto-domínio era o desejo que sentia emanar dela. Ela estava tão faminta por ele como ele o estava por ela, e isto o punha feroz.

O gato nele quis grunhir e espreitar.

Mais que isso, queria emparelhar-se.

Para quando ela entrou em seu caminho de acesso, seu corpo inteiro palpitava. Alerta.

E a queria com uma ferocidade que o assustava. Não havia maneira de que pudesse deixá-la antes que a tivesse saboreado.

Marguerite abriu sua porta do carro e saiu. Wren já estava ali, em seu lado do carro antes que ela tivesse tido a possibilidade de tirar sua mochila

—Eu a levarei— disse ele calmamente.

Ele se tinha movido tão rápido que era quase desumano... Assentindo, inclinou-se a agarrar suas flores e seus chocolates para levá-los a casa. Wren a seguiu até a entrada, logo se afastou e deu um passo atrás enquanto ela destrancava a porta e a abria para poder entrar.

Ela se inclinou para deixar as flores em cima da mesa, e antes que pudesse endireitar-se, ele estava atrás dela. Enterrou seu rosto em seu cabelo e respirou a fundo como se a saboreasse. Ela nunca havia sentido nada igual. Ela podia sentir sua completa longitude contra suas costas. Marguerite realmente tremeu ante o sensual dessa ação.

Ela se encontrou apoiando-se contra ele quando seus braços a rodearam para aproximá-la. Nesta posição, ela poderia sentir sua ereção claramente contra seu quadril. Wren era um homem grande, poderoso.

—Cheira o suficientemente bem para te comer— sussurrou-lhe ele contra sua orelha.

Marguerite não podia responder, quando seu corpo inteiro ardia por sua presença. Ela colocou

suas mãos em seus antebraços e acariciou a tatuagem de uma cena da selva com um tigre branco espreitando entre a alta grama que corria com o passar do braço esquerdo de Wren. Havia tanta força e energia em seus braços que a fazia a sentir-se débil. Trememente. Ela nunca tinha conhecido a nenhum homem que a fizesse sentir-se dessa maneira.

Ele a girou em seus braços de modo que ela ficasse de frente a ele. Seus pálidos olhos turquesa eram quentes e eletrizantes. Ele pegou seu rosto em suas mãos e a beijou ferozmente.

Marguerite se aferrou a ele quando cada hormônio em seu corpo crepitava. Nunca em sua vida tinha estado mais desesperada. Mais consciente de qualquer homem. Sua língua lutava com a sua enquanto a pressionava mais perto de seu magro e duro corpo. Seus endurecidos mamilos roçavam contra seu peito, fazendo-a gemer pelo contato e pelo insaciável desejo de lhe tocar sem suas roupas separando-os.

Ela nunca tinha sido a classe de mulher que saltava à cama com um cara a que acabava de conhecer. De fato, ela só tinha conhecido a outros dois amantes em toda sua vida. Um tinha sido um amigo de primeiro ano de universidade e o outro tinha sido um tipo com quem ela tinha saído algumas vezes durante quase um ano. Essas vezes tinham sido bastante agradáveis, mas não espetaculares.

Os homens não a tinham feito sentir-se desta maneira... não lhe tinham feito ter a impressão que morreria se não os tocasse. Fazê-la arder agradada só com a idéia de os ter dentro dela.

Mas Wren o fazia.

Seus seios estavam pesados e doloridos. Seu fôlego ofegante se mesclava com o dele enquanto se beijavam.

Ele levantou a prega de sua saia lentamente, tão lentamente que a espera era quase dolorosa. Ela gemeu ante a sensação de suas calosas mãos em sua pele nua. A sensação de sua cálida pele se mesclava com o frio tato com o que ele a acariciava com mãos firmes, confiantes. Era o momento mais erótico de sua vida. Ela já estava molhada e vibrante, precisando sentir inclusive mais dele. Isso era tudo o que ela podia fazer para não lhe rogar que tivesse piedade dela.

Wren explorou sua boca, querendo provar mais dela. Ele nunca se havia sentido assim de faminto. Necessitado. Vibrante. Exigente. Ele fechou seus olhos e inspirou sua essência enquanto lhe levantava até mais sua saia a fim de poder sentir a brandura de suas coxas. Ela era um ardente, paraíso perfeito.

Ele nunca havia tocado a uma mulher antes, ao menos não desta maneira, e ele estava começando a compreender o por que o animal dentro dele rugiu com ferocidade. Era uma perigosa besta que queria devorá-la. Rugia e arranhava, querendo liberdade.

Querendo-a.

Uma crua possessividade se elevou em seu interior com assombrosa ferocidade. Ele finalmente entendia por que os animais assassinavam a esses que se aproximavam de seu território.

Se qualquer outro a tocasse... Wren os rasgaria fazendo-os migalha.

Ele deixou seus lábios e enterrou sua boca no oco de sua garganta onde sentia o tamborilar de seu pulso. Lambendo e arranhando sua suave pele, ele lentamente deslizou sua mão por baixo da borda de suas calcinhas azul profundo. Ele meio esperava que lhe detivesse, mas ela não o fez. Em lugar disso, ela separou mais suas pernas, lhe permitindo acessar à parte dela que ele desejava enquanto se agarrava a seus ombros.

OH sim, isto era o que ele necessitava. Ele a sentiu tremer quando a acariciou com uma ternura que ele nunca tinha sabido que possuísse. Se alguém alguma vez lhe houvesse dito que ele poderia tomar a uma mulher e não machucá-la, ele se teria rido deles, e ainda assim ele estava tomando a Maggie com delicadeza.

Não, lhe estava fazendo o amor. Era um término humano que ele nunca tinha entendido até este momento. Mas inclusive o mais surpreendente era o fato de que ele o estava desfrutando muito.

Seu curto, e crispado cabelo acariciaram seus dedos enquanto ele afundava sua mão mais à frente, procurando-a. Ele separou as brandas dobras de seu corpo até que ele pôde tocar essa parte dela que ele mais necessitava. Ele fechou seus olhos e tremeu quando afundou um comprido dedo profundamente nela.

Ela saltou e gemeu contra de seus lábios.

Wren grunhiu em triunfo enquanto a acariciava. Estava tão molhada. Tão suave. Seus gemidos chegaram a seus ouvidos, lhe pondo ainda mais duro para ela.

Marguerite não podia pensar enquanto ele a atormentava com seu toque. E quando ele afundou outro comprido, bronzeado dedo profundamente nela, teve medo de que seus joelhos se fundissem.

—Tenho que te ter, Maggie— sussurrou bruscamente em sua orelha.

Respondeu-lhe desabotoando sua camisa de modo que ela pudesse sentir toda essa luxuriosa, bela pele. Ela vacilou quando viu a vendagem ainda em seu ombro de quando a tinha protegido. Uma estranha ternura a transpassou um instante antes que ela reclamasse seus lábios outra vez.

Marguerite lhe tirou as roupas febrilmente, querendo ver tudo dele. Querendo lhe sentir profundamente em seu interior. Ela nunca tinha querido nada tão desesperadamente.

Tinha que lhe ter. Era como uma loucura que nunca tinha tido antes.

Eles nem sequer chegaram a seu dormitório. Em lugar disso, afundaram-se no piso onde estavam.

Marguerite ofegou quando Wren lhe desabotoou a camisa, então acariciou seu peito com o nariz, para depois enterrar seu rosto. Sempre meio coibida pelo tamanho de seu peito no passado, ela não sentiu nada disso agora, como podia quando ele parecia estar saboreando essa parte de seu corpo? Ele esfregou seu rosto, da frente ao queixo, várias vezes contra seu peito antes de lhe sugar



um comprido momento a seu enrugado mamilo.

Ela tremeu.

—O que está fazendo?

Ele se transladou sobre seu outro peito enquanto soprava um aguçador fôlego quente sobre o tenso pico. Seus olhos azuis enterrados nos dela.

— Quero sua essência em toda parte sobre mim. Quero cheirar sua pele até que esteja bêbado com ela.

Ela gemeu quando ele repetiu essas ações em seu peito direito enquanto seu corpo pulsava com necessitada fome. Que tão estranho que seu corpo estivesse tão descansado com seu toque. Ela não estava nervosa ou indecisa no mais mínimo. Tudo o que ela queria era ao Wren.

Sua língua era áspera contra sua pele, e cada lambida fazia que seu estômago revoasse em resposta. Tirou-lhe a blusa e a camiseta por completo. E quando lhe tirou as calcinhas com os dentes, ela quase se correu de puro prazer.

Ele se tomou seu tempo com ela. Lentamente, metodicamente, ele mordeu cada polegada de sua pele desde seu pé até sua coxa. Era como se ele nunca tivesse saboreado a uma mulher antes. Como se ele quisesse reclamar cada pequena molécula de seu corpo.

E ele estava fazendo um condenado bom trabalho pensou. Esse homem podia lambar como ninguém.

Wren se deteve para olhá-la. Separou-lhe mais as coxas assim poderia deslizar seus dedos sobre sua umidade molhada parando para contemplar maravilhado seu corpo. Era tão diferente do dele. Suave e tentador.

Assim que isso era o que se sentia ao tocar uma mulher...

Ele apertou seus dentes quando passou sua mão sobre suas dobras. Nem sequer os sonhos podiam comparar-se à realidade. Sua fome lhe afligindo, ele afundou dois dedos dentro dela e observou como ela se estremecia em resposta.

Ela estava mais que pronta para ele.

Mas ele queria tomá-la como um varão humano. Ele queria reclamá-la como o animal que era. Os tigres jogavam com suas companheiras...

Marguerite choramingou quando Wren se retirou dela.

—O que está fazendo? Perguntou ela quando ele se afastou.

—Estou-te fazendo o amor, Maggie— respirou ele em seu ouvido quando lhe deu a volta deixando suas costas contra o peito dele.

Marguerite não estava segura do que ele estava fazendo quando se recostou no piso com ela em cima dele. Era tão estranho recostar-se completamente contra seu corpo nu desta maneira. Ela podia notar seu peito contra seus ombros. As coxas dele detrás de seu traseiro quando ele enganchou seus tornozelos com os dela e abria as pernas dela por completo.

—Wren... Suas palavras acabaram em uma pequena choramangação quando ele entrou nela desde atrás. Ela ofegou ante a largura e a profundidade dele finalmente dentro dela. Ele era um homem grande que a enchia completamente.

Ela recostou sua cabeça contra seu ombro quando ele começou a empurrar-se lentamente a si mesmo mais profundo em seu corpo. Ela nunca se havia sentido mais exposta em sua vida. E ainda assim era grosseiramente erótico.

Ele pegou seus seios enquanto ele continuava penetrando-a uma e outra vez com um febril ritmo que a desfazia em prazer.

Ele tomou sua mão nas suas, então as baixou até suas coxas abertas a fim de que ela pudesse notar como se uniam.

—Me toque, Maggie— grunhiu ele. —Quero sentir como me toca.

Como poderia não fazê-lo? Ele era tão duro e grosso dentro dela. Tão poderoso.

Ele deixou sua mão nele e afastou as suas a fim de que pudesse as ter livres para acariciá-la ao mesmo tempo que se introduzia nela.

A cabeça de Marguerite dava voltas quando o prazer se estendia através dela. Este era o momento mais incrível de sua vida. Isto não era simplesmente um ato físico, ela se sentia conectada de algum modo com o Wren. Gostava da idéia de lhe dar algo que não podia lhe dar ninguém mais. Não tinha sentido, mas isso era o que ela sentia com ele.

Wren não podia respirar quando sentia sua escorregadia, quente umidade rodeando-o. Tudo o que ele queria era estar dentro de sua Maggie. Ouvi-la gritar de prazer e saber que era ele quem o dava a ela. Ele acelerou o ritmo, arreganhando-se furiosamente a se mesmo quando ele cuidadosamente enterrou seus dentes contra a parte de atrás de seu pescoço.

Ela jogou a cabeça para trás e gritou enquanto se estremecia em seus braços.

Ele riu ante o triunfo de que ela se corresse por ele. Mas então sua risada morreu quando ele, também, chegou ao clímax.

Ele apertou seus braços ao redor dela enquanto sentia seu corpo estremecendo-se dentro do dela. Ele nunca tinha conhecido nada igual.

Sua cabeça cedeu, ele se recostou contra o piso e agradeceu seu leve peso sobre ele. Ele queria ficar dentro dela para sempre. Mas muito logo seu corpo saiu do dela.

Marguerite se deslizou fora dele, logo se voltou para lhe olhar.

—Isso foi incrível.

Sorriu-lhe, logo levou seus dedos aos lábios a fim de poder chupar-lhe.

—Adoro o seu gosto, Maggie.

O coração dela pulsou com força.

Ela observou como ele lambia sua palma.

—Nunca havia tocado a uma mulher antes de ti— disse ele, seus olhos ardendo nos dela.



—O que?

Ele ficou direito para acariciar com o nariz seu pescoço.

—Já me ouviste, minha doce Maggie, é a única mulher que alguma vez tomei.

Estava falando a sério?

—Como pode ser virgem e me fazer o amor dessa maneira?

Sorriu-lhe.

—Instinto animal.

Ela arqueou uma sobrancelha, especialmente quando seu olhar caiu e ela se deu conta de que ele já estava duro outra vez.

—Wren?

Mas ele não escutava. Ele a devorou de novo ao chão e colocou seu corpo entre as coxas dela.

— Me mostre como ama um varão humano a sua mulher, Maggie. Quero saber como é te ter debaixo de mim.

Ela franziu o cenho ante suas palavras até que ele entrou nela outra vez com um forte impulso que a deixou em chamas. Marguerite suspirou com satisfação quando ela pegou suas nádegas em suas mãos.

—Como pode estar duro outra vez?

Ele mordeu sua mandíbula.

— Tenho muito por fazer.

E nas próximas poucas horas, certamente o fez.

Wren se aconchegou a Maggie, seu coração pulsando. Seu perfume enchia sua cabeça, lhe fazendo querer permanecer ali dessa maneira para sempre. Ele estava abraçando-a desde atrás enquanto ela dormia em seus braços. Ele estava cansado, também, mas o dormir causaria que se convertesse a sua forma natural de animal.

A última coisa que ele precisava era que descobrisse o que era ele. Não lhe cabia dúvida de que lhe aterrorizaria encontrar dormindo com um tigre.

Fechando seus olhos, ele saboreou a sensação de suas suaves nádegas contra seu quadril. Seu cabelo fazia cócegas em seus lábios.

Pela primeira vez em sua idade adulta, ele quase desejou poder emparelhar-se. Mas ele tinha melhor critério. Ele era o último de sua raça. Ao menos por seu lado materno.

Sobre seu pai... Nenhum tigre que se respeitasse o tocaria sequer. Ele era uma abominação para eles. Era bastante mau ser um híbrido, mas ser um tigre branco era considerado a pior classe de deformidade entre sua gente.

Ele nunca teria um lugar no mundo Katagaria como tampouco o teria no humano.

Ele estava só. Não há nada que ele poderia fazer a respeito. Era a maldição de sua raça, e era uma a que ele se resignou a muito tempo.



Suspirando, a contra gosto se retirou da única mulher que ele provavelmente conheceria alguma vez. Ele se deteve o suficiente para beijar sua bochecha.

Era melhor deixá-la e não voltar nunca a vista atrás. Ele agora sabia o que lhe faltava. Ele a tinha saboreado uma vez... bem, de acordo, tinham sido bastante mais que uma vez. Mas deveria ser suficiente. Era hora de lhe deixar a ela seu mundo enquanto ele voltava para o dele.

Marguerite sentiu o movimento na cama quando Wren a deixava. Abrindo os olhos, ela observou como ele se inclinava a recolher a toalha que ela tinha deixado cair esta manhã em sua pressa por partir a classe.

Deuses, ele tinha o melhor traseiro que ela alguma vez tinha visto em um homem.

—Vai? —perguntou ela.

Ele se endireitou para olhá-la.

—Preciso voltar para o trabalho.

Ela riu ante o pensamento de um homem com esse tipo de dinheiro preocupado sobre o salário de um trabalho de meio expediente.

—Por que não chama e diz que está doente?

—Se não estar ali a tempo, Tony não poderá ir a aula. Não seria justo para ele.

Ela sentiu uma estranha revoada em seu estômago quando Wren se preocupou com um colega de trabalho. Nenhum dos homens que ela alguma vez tinha conhecido teria considerado alguém mais por cima de seus interesses.

Wren retornou à cama para beijá-la. Marguerite se derreteu no mesmo momento em que seus lábios tocaram os dela. Ela queria lhe rogar que ficasse mas se negava fazê-lo. Haveria outros momentos como estes quando ela poderia passar mais tempo com ele.

Ele deslizou sua mão embaixo do lençol para amavelmente acariciar seu quadril. Ela suspirou ante o calor de sua pele contra a dela enquanto ela fazia mais profundo seu beijo.

Wren se tornou atrás com um grunhido.

—Se seguirmos assim, não sairei absolutamente.

—Isso seria tão mau?

Um véu descendeu sobre seu rosto.

— Sim, Maggie. Seria. Ele a deixou tão rapidamente que lhe deu um calafrio. Havia um ar estranho nele agora. Um que ela não entendia. Era como se ele tivesse fechado algo.

—O que acontece, Wren?

—Nada— disse ele de maneira concisa quando ele a deixou para passar ao banho.

Marguerite se levantou e colocou seu penhoar antes de sair atrás dele.

—Wren? —perguntou ela apanhando-o na ducha. —me diga o que acontece.

Seus olhos a queimaram. — Não posso. Até que o fizesse, nunca me acreditaria.

—Me ponha a prova.



Ele negou com a cabeça. — Olhe, Maggie. Esta tarde foi entretida... você foi e é incrível. Mas não podemos seguir nos vendo.

—Por que não?

Ele deixou escapar um comprido suspiro, cansado. —Você é a filha de um senador.

— E você o filho de um magnata corporativo. As pessoas como nós se relacionam cada dia.

Ele riu ironicamente. — Não, Maggie. Não o fazem. Tenho uma grande quantidade de merda em minha vida que nunca entenderia.

—Como que?

Seus olhos se voltaram escuros, atormentados. Ele levantou uma mão molhada para colocá-la contra sua bochecha. —Desejaria ser o que você merece. Mas nunca poderei ser esse homem. Em mais de uma forma.

Seu olhar fixo tinto de pesar, ele a soltou e fechou a cortina da ducha.

Marguerite ficou ali, lhe escutando enquanto tomava banho. Sua mente foi através de tudo o que lhes tinha ocorrido da noite em que se conheceram, dali a essa mesma tarde, especialmente depois de que ele desenredou seu cabelo, ela tinha pensado que compartilhavam algo especial.

Mas desejar algo não o fazia real, e se ele não estava disposto a confiar nela, não havia nada que ela pudesse fazer. Ela não era o tipo de mulher que mendigava afeto.

Ainda assim havia algo dentro dela que se encolhia ao pensar em não lhe ver mais. Apenas lhe conhecia e ainda ela... Você não sabe nada dele. Nada.

Isso era verdade. Ele em realidade não tinha compartilhado nada com ela. Assim por que se sentia tão atraída por ele?

Por favor não me diga que me estou convertendo em uma dessas mulheres que se sentem atraídas pelos meninos maus. Ela sempre tinha estado orgulhosa de ser sensata. E ainda ela tinha passado a tarde inteira na cama com um homem que logo que conhecia.

OH, esse bobo!

E se fechou um instante antes que a cortina da ducha se abriu. Marguerite não poderia afastar o olhar da visão que tinha dele completamente nu com a água brilhando em sua pele leonada.

Seu olhar fixo queimando-a, ele se inclinou sobre ela para agarrar uma toalha do balcão. Ela repentinamente sentiu uma necessidade inexplicável de esfregar-se contra ele.

--Eu... um, darei-me uma ducha rápida e te levarei de retorno ao Santuário.

--Obrigado.

Marguerite franziu o cenho quando notou que sua vendagem tinha sumido. Mas o que a aturdiu mais que isso era que a ferida estava virtualmente curada.

—O que...

Ele se afastou antes que ela pudesse olhá-lo mais de perto, antes que ela pudesse obter uma visão mais próxima nisso.

—Wren? —o chamou, indo atrás dele quando ele deixava o banheiro. —me deixe ver seu ombro.

—Não há nada para ver.

—Sua ferida... parece estar curada.

Antes que ele pudesse responder, ela agarrou a bandagem e tirou dele. Ele vaiou, logo grunhiu, mas lhe prestou pouca atenção enquanto cravava os olhos na cicatriz que se via como se fora de vários meses, não simplesmente alguns dias.

Ela vacilou ante o que não podia ser real.

—Como é tão possível?

—Curo-me rápido.

Ela negou com a cabeça.

—O que é você, Wren?

Dedicou-lhe um frívolo olhar.

—O que crê que sou? Um vampiro com poderes extraordinários de cura? Um homem lobo?

Ela pôs seus olhos em branco ante seu comentário sarcástico.

—Não seja ridículo.

—Exatamente. A ferida não era tão grave e eu me curo rápido, vale? Isso é tudo o que há.

—Não tem por que te pôr na defensiva.

Ele deu um passo para ela em uma maneira tão fera que por um segundo realmente a assustou.

—Está em minha natureza atacar quando me interrogam ou me abandonam. Isso junto com outras muitas razões é por que não posso ter uma relação contigo ou com ninguém. Não posso confiar em mim mesmo ao redor de ti, Maggie. Nasci em uma família extremamente violenta, e honestamente não sei como tratar as emoções que você aviva dentro de mim. Seus olhos a estacaram com dor. — Não quero lhe machucar, mas se fico contigo, farei-o. Sei.

Ela não quis acreditar nisso. Como podia alguém tão protetor feri-la? Não tinha sentido.

—Golpeaste a alguma mulher antes?

Sua mão se apertou sobre a toalha que ele tinha envolvido firmemente ao redor de sua cintura enquanto se separava dela para ir-se.

—Fez? —exigiu ela.

Um músculo tremeu em sua mandíbula.

—Não.

—Então por que crê que pode me machucar?

Seus olhos turquesa estavam nublados quando ele afastou o olhar dela.

—Não tem idéia do que sou capaz, Maggie. Nem sequer eu sei, e honestamente, não quero me inteirar. Minha família tem uma história realmente ruim com as relações.

Ela tremeu com suas palavras.

—Como morreram seus pais?

—Não quer que responda a isso. Simplesmente me acredite quando digo que desejaria que as coisas fossem diferentes. Desejaria que fosse diferente, mas não o sou. Ele se inclinou e depositou um ligeiro beijo em sua bochecha. – Só espero que tenha forças para me manter longe de ti. Pelo bem de ambos.

—E se eu não quero?

O olhar angustiado em seus olhos a queimou.

—Por favor, Maggie, por favor não me peça coisas que não te posso dar.

—Me diga o que aconteceu com seus pais, Wren.

Seus olhos a queimaram. Havia tanta dor neles que quando ele finalmente falou, surpreenderam-na.

—Mataram-se em um arranque de fúria. Agora o entende?

Marguerite ficou aturdida por essas palavras. Ali durante um completo segundo, ela não podia respirar.

—Eu tenho o temperamento de ambos e agora já sabe por que não posso estar com outras pessoas. Não quero te machucar, Maggie. Não o farei, mas se ficasse contigo, sei que cedo ou tarde faria algo mau.

Ainda, ela não podia acreditá-lo. —Não acredito que pudesse me machucar nunca.

—Eu tampouco acredito, Maggie. Sei. Confia em mim nisto. Tenho que me manter longe de ti.

Seu coração se estava rompendo e ainda em algum lugar de seu interior ficava uma semente de esperança. Talvez ele só necessitava algum tempo para esclarecer seus pensamentos. Eles se haviam dito que não voltariam a se ver e ainda ali estavam. Nus. Frente a frente.

O impossível podia acontecer e ele muito bem podia mudar de idéia

Mas se não o fazia, ela não o sujeitaria aqui. Ela se negava a ser uma dessas estúpidas mulheres que saíam em perseguição de um homem. Ela era mais forte que isso.

De repente o estúpido velho dito popular “Se amas algo, deixa-o livre. Se retornar, então, sempre será teu. Se nunca retornar, não era algo que valesse a pena começar” passou por sua mente. Isso era certo.

É obvio o pensamento foi rapidamente açoitado pela adição favorita do Tammy:

—Se só se senta em sua sala, come sua comida, suja suas coisas e usa seu telefone enquanto gasta todo seu dinheiro e nunca se comporta como antes que lhe desse essa liberdade... ou te casaste ou nasceste para isso.

Tammy tinha uma interessante maneira de levar a vida algumas vezes.

Não estaria bem que tratasse de amarrá-lo a seu lado.

—De acordo, Wren, mas se alguma vez necessita um amigo, já sabe onde vivo.

Ele sorriu antes que ele acariciasse com o nariz sua bochecha. Seu fôlego esquentou sua pele, pondo-a quente e débil. Isto era tudo o que ela podia fazer para não lhe levar a sua cama.

—Se alguma vez necessitar a alguém que te proteja, já sabe onde vivo.

Ela riu ante isso embora seu coração se contraía ao pensar em não lhe ver outra vez.

—Vá— disse ele, urgindo sua parte de atrás. — Toma um ducha. Esperarei no outro quarto.

Marguerite assentiu e observou como ele a deixava ali, lhe tendo saudades já, ela tomou banho e se vestiu, depois levou Wren ao Santuário.

Ele abriu a porta do carro, então se voltou para ela.

—Obrigado, Maggie.

—Por que?

—Por estar comigo.

Ela franziu o cenho ante suas estranhas palavras, por que deveria ele lhe agradecer isso? — Esteve longe de ser uma adversidade.

—Nunca me esquecerei— suspirou ele. Ele tomou sua mão nas suas, logo beijou sua palma.

Então deixou o carro.

Marguerite começou a baixar o guichê do passageiro. —Wren?

Ele se voltou para ela. — acabou-se, Maggie. Tem que ser assim.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, ele desapareceu no edifício sem sequer olhar atrás uma só vez. Ela escutou a rádio enquanto a canção "I'll Be" do Edwin McCain soava calmamente para preencher o vazio que ficou pela ausência do Wren.

Mas em seu coração ela sabia que nada encheria o vazio dentro dela. Nada exceto Wren, e ele estava decidido a manter-se afastado.

Talvez isso fosse o melhor, entretanto. Havia algo muito escuro e muito sinistro a respeito do Wren. Talvez ele tivesse razão. Talvez houvesse algo mau nele.

Os periódicos estavam cheios todos os dias com mulheres que tinham feito as escolhas equivocadas com seus namorados ou maridos. Muitas das mulheres não tinham vivido para lamentá-lo.

Mas Wren não a machucaria. Ela sabia isso instintivamente.

—Yeah, mas a menos que esteja disposto a confiar em mim, não há esperança para isto.

Wren queria sua liberdade e ela se negava a correr atrás dele.

Ela era Marguerite Goudeau. E se ela não tinha nada mais em sua vida, ainda ficava seu orgulho.

—Adeus, Wren— sussurrou ela — Espero que nos encontremos outra vez algum dia quando tiver aprendido a confiar em alguém.



Capítulo 6

Wren se sentiu como uma merda quando atravessou a porta traseira meio aberta do Santuário. obrigou-se a fechar a porta devagar e não de um golpe. Ele não queria estar ali. O único lugar no que queria estar era com Maggie.

Inclusive agora podia cheirar sua essência em sua pele, sentir seu corpo pressionado contra o dele. Ele a desejava com uma loucura que o consumia de vontades de converter-se em sua forma original e retornar atrás dela.

Mas isso nunca poderia ser.

Não havia lugar em sua vida para ela.

—Chega tarde, tigre— grunhiu-lhe Remi quando Wren entrou na cozinha. —Onde diabos estiveste?

Wren lhe ignorou ao tempo que agarrava um avental branco do gancho da porta, o penetrou por diante, e o atou ao redor de sua cintura. Marvin se aproximou correndo a ele, gritando com aborrecimento quando expressava seu desconforto por ser esquecido com os ursos portanto tempo.

—Sinto muito, bonito— disse Wren tranquilamente. — Tive coisas que fazer esta tarde.

Marvin franziu sua boca antes de correr por seu braço e enroscar-se no pescoço lhe revolvendo o cabelo. Wren o voltou a alisar mas não fez comentários.

Remi lhe dedicou um olhar hostil antes de ir pegar outro barril de metal fora do quarto de fornecimento.

Tony entrou através da porta da cozinha da área do balcão com uma carga de pratos. Ele olhou com alívio ao Wren quando os deixou em uma enorme pia de aço inoxidável.

— Homem, estivemos ocupados hoje. Juro que se sente como Mardi Gras³ ou algo assim.

Wren jogou uma olhada ao relógio na parede. Ele chegava quinze minutos tarde e Tony ainda tinha que tratar com o tráfico.

³ **Mardi Gras** é uma festa carnavalesca que ocorre todo o ano em Nova Orleães, Estados Unidos, sendo um dos mais famosos Carnavais do mundo. Conhecido por suas máscaras de gesso, colares de continhas e paradas com bandinhas durante todo mês antes do Carnaval, na "terça-feira gorda" — que significa *Mardi Gras* em francês.

Tony inclinou sua cabeça para o Wren. — Não se preocupe, chegarei a tempo. Mas tome cuidado com o Remi, esteve que um estado de ânimo de merda todo o dia.

Wren lhe bufou isso. Remi permanecia em um estado de ânimo de merda. O filhote de urso tinha um perpétuo PMS⁴.

—Não corra— Wren advertiu ao Tony quando se tirou seu avental e tirou suas chaves de seu

bolso de atrás. Há um policial justo rua abaixo.

—Obrigado pelo conselho.

Logo que Tony saiu, Remi fez uma pausa com o barril de metal e olhou ao Wren outra vez. —
O que? Agora oferece ajuda?

Wren lhe ignorou enquanto agarrava uma bandeja para os pratos vazia.

Remi inclinou sua cabeça.

—Cheira a humano, tigre. Onde esteve esta tarde?

Ele podia sentir como o urso queria atacar, era igual na natureza do Remi como o era na sua própria. Mas felizmente o urso tinha melhor sentido. Sem lhe fazer o menor caso, Wren se dirigiu ao bar para recolher mesas.

Era uma típica tarde com turistas e motoristas misturando-se com canções Heavy Metal soando no estéreo. Os Howlers não começariam a tocar até mais tarde. Com exceção do Colt, que era seu violonista, a banda tinha tendência a dormir durante todo o dia e só levantar-se ao entardecer. Era duro para um animal manter sua forma humana durante o dia.

Só os verdadeiramente fortes podiam fazê-lo.

Desde que estavam servindo o jantar, as mesas estavam apinhadas com pessoas comendo. Não havia muitos Were-Hunters por ali. Wren era um da minoria que se atendia isto cedo. Mas bom, a luz do dia nunca lhe tinha incomodado muito. Embora ele era jovem para a idade de um Were-Hunter, ele nunca tinha tido muitos problemas permanecendo em forma humana antes que escurecesse. Ele não estava seguro do por que.

Possivelmente se devia ao feito de que tomava mais esforço manter-se na forma de um tigre puro ou um leopardo que na forma humana. Ele tinha aperfeiçoado essas habilidades ao princípio de sua vida como uma forma de se dar melhor com os outros animais.

Infelizmente, isto não tinha servido de muito, desde que eles podiam cheirar que ele era um híbrido. Sua essência era o único ele não podia mudar nem sequer com magia. E ele a odiava.

Logo que encheu sua bandeja, ele voltou para o balcão pela porta da cozinha, detrás do balcão, Fang se moveu para manter aberta a porta da cozinha para ele.

4 **PMS** pre-tension menstrual situation(do português estado de tensão pré-menstrual, famosa TPM).

Wren inclinou a cabeça em agradecimento. Fang era um lobo que tinha chegado ao Santuário fazia já quase um ano e meio. Ele tinha passado os primeiros meses ali sumido em um coma induzido pelo cruel ataque de um Daimon que tinha deixado ao lobo completamente indefeso. A diferença dos vampiros da lenda de Hollywood, os Daimons não só bebiam sangue mas também sugavam as almas em seus corpos para alargar suas vidas. Desde que os Were-Hunters podiam



utilizar a magia, eram particularmente procurados pelos Daimons, que podiam usar a magia por eles mesmos depois de matar um Were Hunter.

Era algo duro para um Were-Hunter ser atacado por eles , e Wren podia entender o coma do Fang por isso. O lobo era condenadamente afortunado de estar vivo.

Desde esse estranho dia de Ação de Graças quando Fang tinha conseguido deixar sua cama pela primeira vez, ele tinha começado lentamente a sair por perto, mas o lobo ainda tinha graves cicatrizes por seu ataque.

—O que aconteceu com seu cabelo, tigre? —perguntou Fang.

—Cortei-o.

Fang negou com a cabeça quando Wren passou caminhando diante dele para a cozinha. Ele se deteve nas pias. Marvin saltou de seu ombro para a prateleira enquanto ele descarregava a bandeja para as máquina de lavar pratos.

—Como foi esta tarde?

Ele voltou sua cabeça para ver Aimeé detrás dele, como sempre, ela estava surpreendentemente formosa, com uma ajustada camiseta vermelha e um par de calças jeans. Um amplo sorriso curvava seus lábios. Ela parecia esperançada.

Wren se encolheu de ombros.

—Foi tudo bem.

Seu sorriso se desvaneceu.

—Não funcionaram as flores?

—Funcionaram.

—Então por que não está feliz?

Ele se encolheu de ombros outra vez.

Aimeé lhe agarrou pelo braço e o afastou da fila auditiva de outros, levando-o a uma esquina.

—Wren, me fale.

Ela tinha sido a única pessoa a quem ele alguma vez realmente tinha falado, o qual não dizia muito, desde que ele estranha vez lhe dizia algo além de umas quantas palavras.

—Não tenho lugar ao lado de um humano.

Ela voltou o olhar para a porta que levava ao balcão onde Fang estava trabalhando.

—Yeah, dói querer algo que sabe que não deveria. Mas...

—Aqui não há mas, Aimeé— Disse Wren entre dentes apertados com força. —Os Katagaria não têm companheiros humanos, você sabe. Quando foi a última vez que um de nós acabou emparelhado com um humano?

—Isso ocorreu.

Ele sabia melhor.

—Ainda se assim fosse, seríamos estéreis. Um animal não pode ter filhos com um humano.

Qual não podia ser tão mau. Os deuses sabiam que quão último ele precisava era engendrar a mais fenômenos como si mesmo. Mas esse não era o ponto. O ponto era que Maggie estava fora de sua liga. Ela era todo o decente no mundo, e ele era tudo o que dava pesadelos aos humanos.

Era impossível.

Wren suspirou resignado. —Tirei-a de meu organismo. Agora preciso trabalhar.

Mas o problema era que Maggie não estava fora de seu organismo. Mais que nada, ela formava parte de seus pensamentos inclusive mais que antes. Ele não entendia a fome que ele sentia. A necessidade.

A besta dentro dele queria sair em busca dela. Salivava em seu interior, cozendo-se a fogo lento. Menos mal que ele sabia como controlar à besta, de outra maneira não teria sabido dizer o que ele faria.

Ele deixou a Aimeé e foi recolher sua bandeja.

—Wren? —disse ela, lhe segurando para que se detivesse.

Wren emitiu um olhar significativo para o balcão onde Fang estava esperando a Were-ursa.

—Deixa de ser uma sonhadora, Aimeé. Nossa realidade é muita dura para isso.

Ele viu a dúvida em seus olhos azuis.

—Mas é a esperança de algo melhor o que nos mantém aí.

Ele se burlou de seu cego otimismo.

—Abandonei a idéia da esperança o dia que minha própria mãe se lançou sobre minha garganta para me matar. Ele olhou a Aimeé com dureza — E se eu fosse você, Aimeé, prestaria também atenção a essa advertência. Nenhum de nós tem uma mãe humana. Se pensar por um momento que Nicolette não se voltaria contra você, também, está louca.

—Sou sua única filha.

—E eu fui filho único, o último da espécie de minha mãe, e ainda assim ela não vacilou em vir atrás de mim. Pensa nisso. —Wren passou roçando Aimeé, de volta ao bar.

Ainda, as palavras de Aimeé soavam em seus ouvidos.

Esperança. Ele bufou ferozmente ao pensar nisso. A esperança era para os humanos. Não era para animais ou abominações.

—Olá.

Ele levantou a vista para ver uma jovem com uma saia extremamente pequena e uma mini camiseta aproximando-se dele.

Ela inclinou a cabeça e tirou sua bebida.

—Pensei que te economizaria um pouco de tempo e te trouxe meu copo— disse ela, lhe jogando um quente olhar. Ela deslizou seu copo vazio sobre seu peito antes de dar-lhe a ele.

Assombrado de que não sentisse absolutamente nada por ela, Wren inclinou sua cabeça e tomou seu copo antes de mover-se para outra mesa.

A mulher fez beicinho antes de retornar a seu assento.

—Que diabos vai mal contigo, tigre? —perguntou Justin quando se aproximou do Wren. —
Que tipo de besta rechaçaria isso?

—Vá por ela, pantera—disse Wren tranquilamente. —É toda sua.

—Yeah, acredito que o farei.

Wren observou como Justin se dirigia diretamente rumo à mulher e cercava conversação. Alguns minutos mais tarde, os dois saíram por volta do quarto de armazenagem perto do lugar que tinha sido tirado o som por um dos ursos como um lugar para levar-se às fêmeas humanas para uma ou duas rápidas quedas.

Era estranho que Wren não sentisse absolutamente nada pela mulher. Nem sequer uma leve paixão. Se não soubesse melhor, juraria que estava emparelhado. Mas não havia marca de emparelhamento em sua mão, e mesmo se a houvesse, ele nunca formaria casal com um humano. Especialmente não com Maggie. Seu pai era um homem muito proeminente.

A idéia era manter seu mundo em segredo dos humanos. Emparelhar-se com um membro da família de um político era suicídio.

Marvin se aproximou correndo para depositar um copo em sua bandeja antes que saísse disparado outra vez.

Nicolette se deteve simplesmente fora da porta de seu escritório enquanto observava ao Wren limpando as mesas. Cada sentido animal que ela possuía lhe dizia que era hora de que ele deixasse o Santuário — não é que lhe tivesse querido realmente alguma vez ali.

Se fosse por ela, ninguém se hospedaria no Santuário à exceção de sua família. Mas essas não eram suas leis. Elas ditavam necessariamente que qualquer outro Were-Hunter poderia entrar, sair e inclusive até viver em seu bem amado lar.

Isso não queria dizer que gostasse.

Seu olhar se suavizou quando caiu sobre seu filho Dev, quem falava com seu outro filho Cherif. Ela tinha perdido a dois filhos à mãos dos Were-Hunter Arcadianos quem os tinha açoitado uma vez até o fim do mundo e mais à frente sem outra razão que não fosse lhes proporcionar diversão. Ela se negava a perder a mais meninos naquela guerra sedenta de sangue entre os Arcadios e os Katagaria.

Ela faria algo para proteger a sua família.

—Oi?

Ela se voltou ante a chamada de seu companheiro. Aubert a olhava com um preocupado olhar

—Oui, Aubert?

Ele olhou para onde estava Wren.

—O tigre não machucou a ninguém.

Ela franziu os lábios enquanto observava ao Wren limpando.

— Sua mesma presença me ofende. Ele não está bem e sabe.

—Ele não tem nenhum lugar aonde ir.

—Nem sequer o temos nós. Ela indicou com um gesto de seu queixo em direção ao macaco quando saltava de retorno para o tigre. — Isso também é antinatural. Odeio a esse condenado bonito. É um cinemaníaco. Animais como esse são mantimentos para nós. Nunca deveriam ser conservados como mascotes.

—Marvin não é um mascote— disse Aubert tranquilamente. — Wren não lhe possui. São amigos, e o macaco mantém acalmado ao tigre. É por isso que lhe permitimos ficar.

Ela fez um som enojado.

—Por que devemos cuidá-lo? Somos ursos. Somos os mais poderosos. Um golpe e poderíamos matar ao tigre.

Aubert concedeu o ponto com um assentimento

—Em estado selvagem, besta contra besta, sim. Mas Wren é em parte humano, como o somos nós. Ele sabe que não nos pode atacar de frente, mas não duvidaria em nos atacar pelas costas. O que lhe falta em força, tem-no em velocidade e agilidade. Ele poderia nos matar. Não tenho dúvida.

Ela olhou a seu companheiro com rancor. —Teme-lhe?

—Não— estalou ele. —Mas não sou tolo. Não deixe que seu ódio te cegue, MA petit. Melhor utilizar sua força para lutar por nós, que convertê-lo em nosso inimigo.

Ela considerou isso.

—Possivelmente, mas ele não é como os outros. Vê através de nós e nossa hospitalidade.

—Oui, mas ele o guarda para se mesmo. Estranha vez fala com alguém.

Ainda Nicolette não confiava no Wren. Ela podia sentir o desassossego do tigre. Sentia seu estado volátil. Ele poderia voltar-se violento de um momento a outro

— Acredito que deveríamos levar as nossas preocupações ao Omegrion. —O Omegrion era o conselho governante para os de sua raça. Este fazia e implementava as leis de todos os Were-Hunters, e seus membros podiam solicitar uma caçada de sangue para alguém que os Weres acreditassem uma ameaça para seu mundo.

Aubert pôs seus olhos em branco.

— Não há necessidade para isso. Wren não é um Assassino.

—Não, mas o será. Posso senti-lo.

Wren deixou escapar um profundo suspiro enquanto terminava de lhe passar um trapo à mesa. Com seu corte de cabelo novo atraía muito mais a atenção, e isso era algo que odiava. Sempre lhe tinha gostado de confundir-se com o fundo. No passado, possivelmente advertiam sua presença, mas rapidamente apartavam o olhar. Ou franziam seus lábios com repugnância.

Inclusive era preferível ao olhar das mulheres sobre ele agora. Aos homens estreitando seus olhares porque suas namoradas lhe olhavam fixamente.

Os tigres por natureza eram criaturas solitárias. Viviam suas vidas a sós.

E ainda seus pensamentos seguiam voltando a deriva de volta aquela tarde. À vista da face de Maggie.

Tenho que esquecê-la.

O único problema era que ele não podia.

Marguerite suspirou enquanto se punha em sua cama. Mas era duro não pensar no Wren enquanto ela fazia a cama aonde tinham passado a tarde.

—Que se tenha ido foi melhor— disse-se a si mesma.

Isso era verdade. A faculdade de direito não era fácil. Suas classes eram difíceis, e requeriam uma grande quantidade de concentração. Quão último ela precisava era a distração de um problemático namorado bad-boy.

A última coisa que poderia confrontar era que a expulsassem dessa escola. Só daria razão a seu pai ao final.

Marguerite se separou da cama e tropeçou com algo baixo seu pé. Franzindo o cenho, ela viu a pequena carteira negra no piso.

Ela fez uma careta ao olhá-la. —Maldição. De todas as estúpidas sortes. Devia haver caído ao Wren do bolso enquanto se estava vestindo.

Ela a recolheu e a abriu para encontrar sua licença e dinheiro. Sip, era dele. Não podia haver pertencido a qualquer outro, mas ela ainda tinha mantido a esperança torpe de que fosse do ladrão de casas.

—Deveria enviar-lhe por correio.

Mas ele provavelmente a necessitaria antes.

—Posso ser adulta nisto.

Ela a levaria ao bar, deixaria-a com a garçonete, e se largaria antes que ele a visse.

De acordo, isso era um pouco covarde e pouco adulto, mas seria a maneira de salvar seus sentimentos. Se ele não queria vê-la, então ela tampouco.

Wren estava na cozinha, descarregando os pratos quando algo estranho passou através dele. Era quente e cintilante. Igual a algo que tivesse roçado contra sua mesma alma.

Entrecerrou os olhos, agachou sua cabeça e esquadrinhou o quarto.

Ali não havia nada fora do normal. Mas ainda a besta dentro dele sentia.

Apertando seus dentes, deixou a cozinha para dirigir-se para o bar. Ele só tinha posto um pé dentro do bar quando ele encontrou a fonte de seu desconforto...Maggie.

E estava falando com o Dev.

O olhar do Wren se estreitou inclusive mais quando um ciúmes como o que nunca tinha experiente fizeram presa dele. Era tudo o que ele podia fazer para manter-se em forma humana e tornar-se de cabeça e atacar ao urso até que tivesse ao Dev jazendo totalmente morto em suas mandíbulas.

Mas ele cruzou o bar a enorme e rápidas pernadas.

Marguerite sentiu o ar detrás dela agitar-se. Até antes que ela volteasse sua cabeça, ela sabia que era Wren. Ela podia sentir sua presença igual a um tangível toque.

Ela o olhou por cima de seu ombro. Seus olhos azuis a escaldaram com calor. A intensidade de seu olhar a fez tremer.

—Deixou-te a carteira— disse ela rapidamente, não querendo que pensasse que lhe seguia a pista. Ela tomou a carteira de mãos do homem a quem a tinha dado e a entregou ao Wren. —Só vim te trazer isto.

Ela se voltou para a porta.

—Espera— disse Wren, segurando-a para que se detivesse.

—Esperar para que? —disse ela com mais dureza do que pretendia — Não sou um ioiô, Wren. Deixou bem claro que não havia nada mais entre nós. Eu fui....

Ele cortou suas palavras completamente com um beijo abrasador. Marguerite realmente gemeu ante o feroz sabor dele.

Mesmo assim, ela se tornou atrás.

—Isso é cruel. Ela viu amargo desejo em seus olhos quando a olhou.

—Quiseste alguma vez algo que sabe que é mau par a você? Algo que anseias tanto que não pode pensar em nada mais?

—Sim, isso é pelo que sempre termino comendo todo o tablete de chocolate, de todas maneiras.

O agarre sobre o braço dela se fez mais leve quando ele sorriu. Para o choque na cara do homem por cima de seu ombro.

Wren a puxou contra dele, acariciou-a com o nariz, e aspirou profundamente seu cabelo.

—E eu quero inalar meu chocolate, gatita. Até se isso me matar.

Ela o olhou carrancuda ante suas palavras.

—Nunca te machucaria, Wren.

Ele se esticou como se ouvisse ou sentisse algo.

—Precisa ir agora. Não é seguro que esteja aqui.

—Como assim?

Wren não respondeu. O dois estavam chamando muita atenção sobre os outros Were-Hunters do bar. Ele não podia permitir o luxo de deixar que soubessem o que esta mulher significava para



ele.

—Tomo meu descanso— disse ao Dev antes que ele tomasse seu braço e a guiasse para a porta.

—O que está acontecendo aí dentro? —perguntou ela enquanto saíam fora.

—Não lhe posso explicar isso, realmente não posso. Não havia maneira de lhe dizer a ela que os sentimentos que havia dentro dele estavam completamente equivocados. Não se supunha que sentisse isso por um humano. Não algo assim.

Ele se sentia... igual a um ser humano. E isso era algo que majoritariamente não era.

Wren a acompanhou a sua Mercedes, o qual estava estacionada na rua lateral. Ele apertou seus punhos quando seu corpo cobrou vida, exigindo que a tomasse outra vez.

Por que se estava sentindo assim? Demônios, estava mau.

Levantando uma mão, ele colocou seus dedos contra o rubor da bochecha dela.

Ele não era o que ela necessitava em sua vida. Ele não era alguém a quem necessitasse, e sabia. Mas pela primeira, ainda assim, ele queria estar com alguém.

E uma mulher humana nada menos.

O que estava mal com ele? Era isto a trelosa que os Were-Hunters obtinham ao chegar à puberdade? Ele nunca havia sentido realmente isto quando adolescente e não entendia a raivosa loucura que aparecia com feitas ondas hormonais.

Mas ele o sentia agora. Roía-lhe e exigia.

Talvez a trelosa se demorou nele porque era um híbrido. Não sabia. Mas os humanos não se supunham que lhe atraíssem. Não como nada mais que uma presa ou um possível companheiro de cama.

Ela ficou olhando com esses acusadores olhos cor café que brilhavam de cólera. — Não entendo o que está acontecendo aqui, Wren. Aparta-me e ainda me olha como se fosse um vagabundo morto de fome e eu o único bife na cidade.

—Isso o resume perfeitamente— disse ele brandamente. —Você está também fora de minha liga.

—Como estas seguro?

—Eu não estou bem, Maggie. Fisicamente, emocionalmente, socialmente... eu não deveria estar contigo.

—Isso é completamente estúpido. Você continua dizendo isso e eu vejo nada anormal em ti. O que está tão mal contigo que não podemos nem ter um encontro?

Como desejaria poder dizer-lhe mas isso era estúpido e ele sabia, lhe dizer que ele era um animal a assustaria por toda vida. Em lugar disso, ele utilizou argumentos humanos. — Sou anti-social.

—Tanto como eu. Sou socialmente torpe e odeio as festas e os estrondos.



—Eu odeio às pessoas.

—Então por que está sua mão ainda em meu rosto?

Ele tragou ante a verdade que ele não podia negar.

—Porque não te odeio.

—Bem é um alívio sabê-lo, especialmente depois dessa tarde.

Um tic começou em sua mandíbula enquanto baixava a mão.

— Preciso retornar ao trabalho.

—Verei-te depois?

Ele queria dizer que não, mas havia uma parte dele que estava tão tranqüila ao redor dela. Era a única vez em sua vida que ele se havia sentido assim.

Queridos deuses, ela realmente tinha vencido alguma parte dele.

Afasta-a.

Ele não podia. Ele precisou senti-la contra dele. Contra sua vontade, ele se encontrou assentindo com a cabeça.

Marguerite deixou escapar um suspiro de alívio. Ela não se deu conta de que tinha estado contendo o fôlego ante a espera.

Ele não a tinha rechaçado esta vez. Era um bom sinal.

—Wren?

Ela olhou além dele para ver a mulher de meia idade no meio na rua, lhes olhando. Aparentemente a mulher não tinha mudado nada da última vez que tinha jogado a Marguerite de sua casa.

Wren olhou à mulher, então grunhiu de uma forma muito pouco humana quando se voltou a perder nos olhos de Marguerite.

— Tenho que ir agora.

—De acordo. —Marguerite se inclinou para diante e depositou um casto beijo em sua bochecha. Quando ela se tornou atrás, viu a forma em que ele saboreava isso.

Ele recolheu sua mão e a levou a seus lábios, onde depositou um beijo faminto nos nódulos dela.

—Tome cuidado.

—Você também.

Ele deu um passo atrás enquanto ela entrava em seu carro e não se moveu até que ela se partiu.

Mudando de direção, Wren caminhou para onde Nicolette estava ainda de pé. Ela não disse uma só palavra quando ele passou direto por ela, mas ele sentiu o calor de seu olhar.

Ignorando isto, ele retornou ao bar e voltou a trabalhar.

Nicolette seguiu ao tigre dentro e se deteve em seu filho Dev.

— É antinatural para nossa raça sentir-se atraído por um humano.

—Ele se está voltando instável.

Ela assentiu.

— Falei com um parente dele faz algumas horas.

—E?

Ela entreceitou seus olhos no tigre.

—Ele disse que Wren tinha matado a seus pais.

Dev parecia aturdido pelas notícias, mas ela não o tinha estado. Era o que ela tinha esperado ouvir. Havia algo mau a respeito desse tigre.

—Como? —perguntou Dev. —Ele não era mais que um cachorrinho quando o trouxeram aqui.

—É a maldição de sua raça, por que pensa que os leopardo brancos estão quase extintos? voltam-se loucos e se voltam contra quem dependem. Quão únicos cuidam deles.

—Você pensa que Wren está enlouquecendo?

—Você o que pensa?

Dev percorreu o olhar para onde Wren limpava uma mesa com o Marvin em seu ombro. — Acredito que ele está apaixonado por essa mulher. Eu em realidade o ouvi rir.

Nicolette desdenhou com sarcasmo o mesmo pensamento.

— É antinatural para um Katagaria amar a um humano. Por não mencionar, que essa mulher—, ela cuspiu a palavra— é a morte para todos nós. Pode imaginar o que aconteceria se seu pai alguma vez soubesse de nós? Seríamos caçados e assassinados.

Dev assentiu.

—Os humanos se aterrorizariam, sem dúvida.

Nicolette apertou seus dentes, a amarga cólera a consumia.

—Não permitirei que essa besta híbrida nos ponha em perigo a todos.

—O que pensa fazer, Mama?

Ela não respondeu até que viu o tigre arreganhar o lábio ao olhar para ela antes de ir-se à cozinha.

Ela não podia dizer ao Dev o que ela tinha planejado. Por alguma razão, a seu filho caía bem o tigre. Algo que verdadeiramente a afligia. Mas bom a maioria dos varões eram débeis. Era por isso que as bearswans eram as mais fortes da espécie, e por isso era ela a que dirigia sua casa.

—Não se preocupe, Devereaux. Mamam se encarregará de tudo. Só retorna e checa a entrada.

E logo sua casa estaria outra vez segura da ameaça que Wren supunha para todos eles.

Capítulo 7

Marguerite suspirou excessivamente enquanto caminhava a sós no zoológico, observando aos animais jogando juntos ou descansando. Três dias tinham passado sem uma só palavra do Wren. Pior, seu pai tinha chamado fazia duas horas para lhe gritar sobre a detenção do Blaine e o julgamento pendente. Aparentemente nem Blaine nem seu pai se incomodaram em informar-se simplesmente quem era Wren realmente – Blaine provavelmente se recusava a acreditar nisso. Depois de tudo, que família poderia ser inclusive mais importante que a sua? E como alguém com o tipo financeiro do Wren fazia outra coisa que não deleitar-se em sua própria grandeza? Isto era suficiente para fazê-la adoecer e inclusive agora ela podia ouvir a voz zangada de seu pai em sua cabeça.

—Ele terá uma mancha permanente em seus créditos e por que? Por um vagabundo sem valor com o que decidiu cercar amizade? Realmente, Marguerite, O que passa contigo? O pai do Blaine ajudou a subir minha campanha com dez mil dólares, e minha filha faz que seu único filho seja detido? Está tratando de me matar? Quer que me desabe morto de uma parada cardíaca de modo que você possa ter logo sua herança? Simplesmente tire uma arma e dispare contra mim logo. Só toma uma pistola e me dispare então. Acaba de uma vez com...

E então ele tirou o único disparo que nunca falhava em fazê-la chorar.

—Isto é o que obtenho por me casar com uma cajún contra os desejos de minha família. Nunca deveria ter tido filhos. Não são um problema que um político pode permitir-se.

Ela nem sequer tinha sido capaz de dizer nenhuma só palavra no meio do barulho de seu rimbombante discurso de quarenta e cinco minutos. Ao cabo de um momento, ela nem sequer o tinha tentado. Ela tinha deixado o telefone de barriga para baixo sobre o móvel mostrador, comido batatas fritas, e tinha olhado uma revista enquanto ele destrambelhava. Uma vez que ele tinha terminado, ela simplesmente se desculpou e lhe tinha pendurado.

Seu pai nunca tinha sido o tipo de homem de ater-se a razões. É obvio, ela podia ter acabado completamente tudo lhe dizendo quem era Wren e por que Blaine não tinha podido subornar para sair de seu problema, mas ela obtinha um sádico prazer ao não dizer-lhe. Deixou que seu pai seguisse adiante com suas falsas ilusões.

Conhecendo seu pai, daria um giro completo assim que se inteirasse da riqueza do Wren.

Mas ela não queria que gostasse de Wren por que era rico. Ela queria que ele visse o homem, não o dinheiro.

Negando com a cabeça, ela foi andando pelo corredor de madeira entre as jaulas no zoológico enquanto tratava de afastar tudo aquilo de sua mente. Mas era impossível. Ela não queria brigar com seu pai.

Tudo o que ela queria era que seu pai se orgulhasse dela. Que a aceitasse. E ainda ele era tão

irracional. Ela nunca tinha conhecido alguém que pudesse fazer trabalhar a sua mente tão rápido com tão pouca informação e logo discutir até o infinito que eles tinham razão enquanto os outros estavam equivocados.

—Um dia vou fazer te frente, Papai— sussurrou ela. Ao menos esperava poder chegar a fazê-lo, mas era difícil. Apesar de tudo, lhe queria. Ele era seu pai e tinha profundos momentos de ternura...

Ao menos algumas vezes.

Ele só tinha expectativas muito altas para ela. Ele queria que ela fosse como Whitney ou Elise, uma debutante perfeita. Uma beleza sensacional que poderia ser a companheira de algum homem rico. Uma que desse festas estratégicas para ajudar a seu marido a subir a ladeira do êxito sem importar o que ele escolhesse.

Mas essa não era ela. Ela era simples e longe de ser fraca ou frágil. Por isso em respeito às festas... ela tinha estado em mais de uma esquina lendo algo sozinha. Ela odiava ser amável com as pessoas que não gostava por que seu anfitrião queria suas contribuições. Ela odiava ser falsa. Tudo o que ela queria era ser ela mesma.

Ela queria deixar seu próprio rastro no mundo como o tinha feito sua mãe antes de seu matrimônio, não ser a ajudante de alguém mais. Esse tipo de vida tinha destruído a sua mãe, e que ela sabia inerentemente que isso a mataria, também.

—Só quero respirar.

Não lhe importava o que fizesse tanto como o trabalho ou a carreira que escolhesse. Ela não queria ser encerrada em uma jaula como estavam os animais aqui. Por mais que ela queria a seu pai, ela se negava a lhe deixar tratar da mesma maneira que o tinha feito com sua mãe, cedo ou tarde, ela ia obrigá-lo a enxergá-la de verdade.

Marguerite deteve seu passeio ante o tigre branco exibido. Desde que era uma garotinha, sempre lhe tinha gostado de ir pelo zoológico. Tinha sido o lugar favorito de sua mãe na terra.

Sua mãe tinha crescido aqui. Tinha sido o avô materno de Marguerite o que tinha conduzido a cruzada para salvar o zoológico nos anos setenta e inícios dos oitenta. Ele tinha sido um visionário que tinha salvado o zoológico das idades escuras e o converteu em um dos principais zoológicos do país.

Em todas as partes que ela olhasse, via seu lado materno da família aqui.

De fato, ela via sua mãe.

Quando sua mãe tinha sido uma estudante de universidade no Tulane, ela tinha estado trabalhando aqui como docente. Ela tinha planejado ser veterinária ou uma guardiã do zoológico depois da universidade, mas seu matrimônio tinha detido todos seus sonhos.

A única vez que Marguerite podia recordar a sua mãe sorrindo e rindo era quando ela havia a trazido aqui e lhe tinha contado as histórias a respeito de diferentes animais e a maneira em que

viviam e tinham sido caçados. Era aqui onde Marguerite encontrava paz.

Aqui era onde ela podia sentir outra vez a presença de sua mãe.

O pai de Marguerite odiava este lugar. Para ele era plebeu, comum, e muito sujo. Mas para Marguerite era formoso.

—Sinto sua falta, Mamãe— sussurrou ela enquanto observava aos dois tigres jogar em uma pequena imitação de seu hábitat selvagem.

Ela só tinha doze anos quando sua mãe, doente de ser a esposa de um político, se sobre medicou com antidepressivos. É obvio que o pai da Marguerite o havia talher coberto a fim de que todo mundo pensasse que tinha sido um acidente, mas ela sabia a verdade. Seu pai se recusou a divorciar-se de sua mãe ou até a viver separados. Teria sido mau para sua carreira.

Incapaz de agüentar o prospecto de ser castigada por seus amigos, seu guarda-roupa, e ser posta a prova em todas as coisas pelo resto de sua vida, sua mãe tinha tomado o assunto em suas próprias mãos. Ela tinha deixado ao final uma nota dizendo a Marguerite que fosse mais forte do que ela tinha sido.

Segue seu coração, Marguerite. Não deixe que ninguém te explique como viver sua vida. Isso é quão único você tem, mon ange. Vive-o pelas duas.

Os lábios de Marguerite tremeram quando a pena passou através dela. Sua mãe tinha sido uma alma verdadeiramente bela e suave.

Durante muito tempo, Marguerite tinha odiado a seu pai depois da morte de sua mãe. E na verdade, ela tinha odiado a Deus por deixá-la a sós com ele. Mas quando cresceu, ela tinha começado a compreendê-lo um pouco.

Igual a Blaine e Todd, ele estava a mercê das ambições de sua família para seu futuro. Seu avô tinha conduzido a vida inteira de seu pai desde seu nascimento. Seu avô ainda o fazia de muitas formas. Inclusive como um poderoso senador, seu pai sempre se inclinou para ele por conselho. Se o Avô estava molesto, Papai estava alterado e contrito.

A única vez que seu pai tinha feito frente a seu avô tinha sido casando-se com sua mãe.

Marguerite não estava nem sequer segura de que seu pai alguma vez realmente tivesse amado a sua mãe. Sua mãe tinha sido uma dessas mulheres absolutamente sensacionais. O tipo de beleza que fazia voltar todas as cabeças. Qualquer homem a teria querido.

Sem dúvida seu pai tinha sido atraído por ela por seu aspecto excepcional. Sem mencionar, que como antiga Miss Luisiana e cajún com um pai que tinha salvado o amado Zoológico Audubon, ela era um benefício importante para um homem com ambições políticas. Com sua mãe a seu lado, seu pai tinha podido afirmar que ele entendia as necessidades de todos os membros de Louisiana – ambos os ricos e pobres.

Pois bem, ele poderia entender suas necessidades, mas ele nunca tinha entendido a sua filha e nunca o faria.

—Olá, Maggie.

Marguerite se congelou quando ela reconheceu essa voz profunda, hipnótica. Ela olhou sobre seu ombro para ver detrás dela ao Wren. Levando uma camisa solta e calças, ambos os jeans, ele era o melhor que ela tinha visto em dias. Seu cabelo loiro estava despenteado, e o azul de sua camisa fazia que seus olhos virtualmente resplandescessem. Ele tirava completamente o fôlego.

Antes que ela pudesse mudar de opinião a respeito disso, lançou-se literalmente a seus braços e lhe sujeitou perto, precisando sentir o calor de alguém.

Sua aparição não tinha podido ser mais oportuna.

Wren estava surpreso por sua reação. Ele a envolveu com seus braços e se aferrou firmemente a ela. Ninguém tinha estado tão feliz de lhe ver antes. Ele trouxe quando as pouco familiares emoções se rasgavam através dele.

—Estou tão contente de que esteja aqui— sussurrou ela.

—Não o tinha notado.

Ela se tornou atrás com uma careta de desgosto e ele sentiu sua súbita desilusão. Wren lhe sorriu enquanto seu coração golpeava com uma estranha doença.

—Era uma piada, Maggie.

Sua expressão se suavizou para voltar-se de alegria.

—Como soube que estava aqui?

Ele vacilou enquanto tratava de pensar em uma mentira plausível.

—Não estava em casa.

—Sim, mas podia ter estado em qualquer lugar de Nova Orleães.

Wren se esfregou o pescoço nervosamente. Ele tinha que afastá-la dessa linha de perguntas antes que ele dissesse algo sem querer.

—Eu gosto de vir aqui. Essa era uma completa mentira. Ele em realidade odiava os zoológicos. Ele não poderia suportar ver os animais enjaulados. Como um deles, ele podia ouvir seus pensamentos e sentir seu desconforto. Não era que todos eles estivessem descontentes com sua situação. Havia um número de animais aos que gostavam da atenção e que agradeciam ter um ambiente seguro.

Mas os outros... Eles eram como ele. Predadores. E desprezaram as jaulas de qualquer tipo.

Quando era menino, sua mãe sempre tinha ameaçado lhe vendendo a um zoológico.

—É um fenômeno. Pagariam bastante dinheiro por ter algo como ele em exibição. Só imagine quanto dinheiro poderíamos fazer. Seu pai tinha sido a única coisa que tinha mantido ao Wren fora de algo semelhante como aquele lugar.

Wren moeu seus dentes quando afastou a vista dos tigres brancos. Eram a atração de número um no zoológico. Sua mãe não tinha estado equivocada.

Ele a odiava por isso.

Afastando à força esses pensamentos, ele se voltou para Maggie.

—Por que está aqui?

Deu-lhe um sorriso atrativo.

— Já te disse que tinha uma coisa pelos tigres. Ela olhou detrás dele, no oco onde os tigres brancos jogavam. — Acredito que Rex e Zulú são as criaturas mais belas que alguma vez vi e eu adoro vir visitá-los e observá-los.

Suas palavras lhe divertiram.

—Você gosta dos tigres brancos, huh?

Ela assentiu.

— Daria algo por mimar um.

Ele sorriu ante a ironia disso. Pouco sabia ela, que já o tinha feito.

—Não são tão difíceis de domesticar.

Ela riu.

— Se, claro. Eles provavelmente comeriam a alguém o suficientemente estúpido para aproximar-se deles.

Talvez, mas não quando a mão que os acariciava era tão suave e delicada como a dela. Qualquer tigre se tenderia a seus pés...

Ao menos ele o faria.

Wren tomou essas belas mãos nas dele. Sua pele era como veludo quente contra a dele, e lhe recordou simplesmente que tão suave era o resto de seu corpo. Ele podia sentir uma tristeza profunda dentro dela, e isso fazia que lhe doesse seu próprio coração por ela. —por que não está estudando?

Ela suspirou como se o peso do universo inteiro estivesse em seus ombros. -- Não podia me concentrar. Tive uma horripilante chamada de meu pai recentemente e estava tentando utilizar o zen e me pôr em algum lugar de tranqüila felicidade.

Seu estômago se encolheu ante suas palavras. Ele não tinha tido a intenção de incomodá-la. — Quer que te deixe sozinha?

Ela negou com a cabeça.

— Não. Encontrei meu lugar feliz no minuto em que vi você.

Seu coração deixou de palpitar quando ouviu as palavras que nunca lhe tinha ocorrido ouvir sobre ele. Esta era uma relação tão impossível. Os Were-Hunters não escolhiam a seus companheiros, os Destinos o faziam sem que isso importasse a nenhum deles.

Sempre que um Were Hunter era emparelhado, deveria aparecer uma marca de emparelhado em suas mãos. Esta quase sempre aparecia depois do sexo, o qual era um dos porquê os Were-Hunters sem emparelhar era tão promíscuos. Com quantos mais dormissem, mais provável era que encontrassem a seu companheiro. Mas não havia marca visível para lhe mostrar que Maggie fosse



dele.

A única marca estava em seu coração que a desejava tão ardentemente.

Ele não falou quando ela brincou com os dedos da mão dele enlaçados com os seus. O sorriso em seu rosto esquentava cada parte dele.

Seu cabelo estava jogado para trás, com uma só mecha deste caindo da um lado de seu rosto até o pescoço. Ele desejava passar seus lábios contra esse lugar a fim de que pudesse inspirar seu precioso aroma.

Seus olhos estavam cheios de paixão e carinho. Ela era sem dúvida a criatura mais bela que ele alguma vez tinha visto em sua vida.

Um grupo de escolar passou correndo junto a eles, rindo-se e gritando para os dois tigres macho.

Wren logo que notou aos meninos.

—Que planos tem para hoje?

Ela se encolheu de ombros.

—Estou livre. O que há a respeito de ti?

—É meu dia de folga.

—Seriamente?

Ele assentiu com a cabeça, então lhe sorriu com malícia. Quer que nos dispamos?

Marguerite chiou ante sua oferta quando ela sentia o calor esgandar seu rosto. Mas a verdade era, que ela não queria nada mais. —É tudo o que sou para a você? Perguntou ela em um tom aguçador.

—Não— disse ele com sinceridade com chamas em seus olhos. —É muito mais que isso para mim.

Ela tragou ante a profundidade de sua voz. Ante a necessidade aparente em seu rosto. Ela estava completamente cativada por ele. Ele soltou suas mãos para lhe pegar o rosto e incliná-la acima para a dele. Marguerite fechou seus olhos à espera de seu beijo.

Seus lábios roçaram os dela.

Até que um grito rasgou o ar.

—Socorro! OH Deus, alguém chame os guardiões do zoológico! Rápido!

Wren se separou de Marguerite quando os meninos começaram a gritar e as pessoas começaram a correr todos ao redor deles.

—Que aconteceu? —perguntou ela.

Uma senhora gritava alguns metros mais à frente.

—OH meu Deus, esse menino está na jaula com os tigres!

—O vão devorar!

Marguerite não podia respirar quando viu um menino ao redor dos oito anos na jaula. Seu rosto ensangüentado e suas roupas rasgadas pela queda, ele estava chorando e gritando enquanto tratava de subir de retorno a plataforma, mas a concreta parede o afastava dela. Ele salpicou ao redor dentro a água, captando ainda mais a atenção dos tigres.

Pior, os tigres estavam grunhindo e assobiando quando deixaram sua parcela e se moveram para a água que os separava a eles dele.

Ela estava segura de que o menino estava morto, como o estavam todos outros ali reunidos.

De repente, Wren se afastou dela, para a grade de ferro que protegia aos visitantes das feras. Ela observou com horror como ele saltava sobre o arame de puas da jaula, para aterrissar dentro não muito longe do menino em uma das concretas almofadinhas que formavam pequenas ilhas na água. Com sua cabeça inclinada em atitude familiar, Wren ficou lentamente de pé e trocou de direção para o menino, quem estava gritando e chorando.

Ela cobriu sua boca com sua mão enquanto esperava que os tigres os matassem a ambos.

Wren se moveu com precaução para o menino, quem obviamente tinha ficado ferido em sua queda.

—Está bem, menino—disse Wren em um tom acalmado, constante quando se abria passo na água para alcançar ao menino. —Como te chama?

—Johnny.

Wren tentou subir à concreta ilhota, mas o menino não se soltava.

—Confia em mim, Johnny. Não vão machucar lhe. Não os deixarei.

Johnny chorava quando a contra gosto soltou a parede de cimento. Wren o embalou contra seu peito enquanto olhava ao redor em busca de uma forma de levar o menino à segurança. Com a força animal do Wren, ele facilmente podia saltar para a área de espectadores que havia por cima de suas cabeças, mas isso provavelmente daria mais pistas às pessoas que olhavam que ele não era realmente humano.

Não é que eles não tivessem algumas suspeita de todas maneiras, desde que ele ia sair desta jaula sem que ele ou Johnny fossem mordidos ou machucados. Wren apertou os dentes quando se deu conta da quantidade de pessoas que havia com câmaras de fotos.

Diabos.

Voltando a cara, ele jogou uma olhada ao redor. A melhor maneira para saírem dali era através de uma porteira na parte de atrás que os guardiães do zoológico provavelmente usavam para alimentar aos tigres. Wren se moveu para ali.

Rex e zulus se aproximaram, rugindo e pavoneando-se em advertência. Wren deu a volta e os olhou diretamente. Queriam lhe atacar, ele podia senti-lo, e ainda estavam confundidos pela mescla de seu aroma de humano e tigre.

Ele assobiou ante eles.



Eles retrocederam.

Johnny gritou.

—Shh— disse Wren serenamente. — Não tenha medo. Podem-no cheirar, e é esse perfume o que lhes faz querer te atacar. Finge que não são nada mais que gatos de estimação.

—Mas são tigres.

—Sei. Imagine que você também é um tigre. Imagine que não nos podem ver absolutamente.

As lágrimas do menino diminuíram.

—Aqui, gatinho, gatinho.

Wren assentiu com a cabeça.

—Isso, Johnny. Seja valente.

Os tigres se aproximaram mas ficaram o bastante atrás para que Wren alcançasse a portinhola. Um grupo de guardiães do zoológico estavam já ali para abri-la. Logo que Wren entregou ao Johnny a uma das guardiãs do zoológico, um dos tigres correu para ele.

—Corre! — gritou o guardião.

Wren não se moveu quando o tigre saltou para ele. Ele o apanhou e começou a rodar pelo chão com ele. Rex só queria jogar com o Wren. Ele se tendeu sobre o chão com o tigre sobre seu peito enquanto Rex beliscava em brincadeira a pele do Wren. Ele aplaudiu a cabeça do Rex em brincadeira.

—Melhor será que me deixa levantar, Rex? — disse ele tranquilamente. —de outro modo poderiam te lançar um tranqüilizador.

O tigre lhe lambeu a cara antes de afastar-se. Wren se levantou e voltou para perto.

—Que diabos foi isso? —perguntou o guarda.

—Cresci ao redor de tigres— disse Wren. —São simplesmente gatos grandes.

—Sim— disse o guarda em um tom incrédulo. — Seguro. Você tem sorte de não ser seu almoço.

Wren saiu da jaula.

Quando o guarda fechou a porteira detrás dele enquanto outro guarda atendia ao menino, Maggie se aproximou correndo ao Wren.

—Está bem?

Ele assentiu.

Ela o sujeitou na longitude de seus braços enquanto o examinava como se não pudesse acreditar que ele estava completamente intacto.

—Pensei que estava morto quando aquele tigre correu par a você.

—Ele só queria um companheiro de jogos.

—Sim, e o inferno é só uma sauna. Podia ser comido vivo.

Ele sorriu ante seu preocupado tom.

—Ser comido vivo não é tão mau, de pende de quem dê a dentada.

Um rico rubor cobriu seu rosto.

— Como pode levar na brincadeira? O que fez foi incrível.

As pessoas começavam a chegar à altura deles, fazendo perguntas que Wren não tinha intenção de responder.

—Vamos— disse a Maggie. —Saíamos daqui.

Ela assentiu antes que ela tomasse sua mão e se dirigisse com ele para a saída. Tiveram que tapear a um grande número de pessoas que queriam respostas antes de chegar a seu carro.

Logo que estavam nele, Marguerite conduziu de volta a sua casa.

—Realmente te criou ao redor de gatos grandes? —perguntou ela.

—Sim.

—Em Nova Iorque?

Por seu tom ele podia dizer que ela não o tragava.

—Não acredita?

—Bom, Nova Iorque não é exatamente conhecido por seus territórios conservados em estado virgem.

Wren lhe dedicou um sardônico sorriso.

—OK. A verdade é que sou como o Doutor Dolittle. Posso falar com todos os animais. Sei o que pensam todo o tempo. Meti-me na jaula e disse aos tigres se tornassem atrás. Obedeceram-me porque sou um deles.

Marguerite começou a rodar seus olhos.

—Agora está sendo ridículo.

Wren deixou escapar um suspiro exasperado. Ele não podia ganhar para perder. Mesmo que lhe disse a verdade, ela se negava a acreditar nela.

—Então, diga-me isso Maggie, por que não me mataram os tigres?

Estiveste sempre ao redor de domadores de leões?

Ele riu disso.

—Estou ao redor de ti. Facilmente te poderia classificar como uma domadora de tigres.

—OH, esquece-o. Não posso obter uma resposta de ti, verdade?

Ironicamente, ela as tinha estado obtendo, solo que não queria as ouvir. Não é que a pudesse culpar. Em seu mundo, as pessoas eram pessoas, não eram animais disfarçados. Sua raça não devia estar em seu mundo. Muito poucos humanos até podiam começar a entender, e muito menos sobreviver a isso.

—Te senti falta, Maggie— disse ele em um tom silenciado. — É em tudo o que pensei estes dias. Tendo-te em uma cama e tudo no que posso pensar é em estar contigo, em te tocar.

Ela entrou em seu caminho de acesso e apagou o motor. Ele sentia irritação e desassossego

vindo dela.

—Não o entendo, Wren— disse quando lhe olhou à cara. — É um dos homens mais ricos do país e ainda assim parece que você gosta de viver sem um centésimo e trabalha como um ajudante de garçom em um balcão de motorista entre todos os lugares possíveis. Diz-me que não quer nada comigo mais e ao momento me diz que tudo o que quer é te despir comigo. Que me sentiste saudades embora não tive notícias suas dias. Qual é a verdade de ti? Está só jogando comigo? Porque se o está...

—Eu tampouco me entendo. OK? Nunca senti essa necessidade. Até a noite em que entrou no Santuário, tudo era básico. Levantava-me, comia, trabalhava, e ia à cama. Agora... não sei o que quero.

Essa não era a verdade. Ele sabia exatamente o que ele queria. Só que não podia o ter.

—Sei que sou mau par a você, Maggie. Se tivesse um cérebro em minha cabeça, partiria-me e te deixaria sozinha, mas Deus me ajude, não posso fazê-lo. Só quero estar contigo embora saiba que está mau.

—Mal como?

Ele chiou seus dentes com raiva, desejando que ele pudesse lhe dizer a verdade e pudesse acreditá-la. Mas ele não podia. Contar-lhe tudo provavelmente a mataria.

— Não deveria estar em seu mundo.

—Eu não deveria estar no meu.

Ele a olhou com cenho. Agora ela era quão única estava sendo ridícula.

—É obvio que deve.

—Não, Wren, eu não. Poderia levar esses trajes e conduzir o carro, mas meu coração não está em minha vida. Odeio deixar a meu pai me fazer sentir que mereço em certa forma o que tenho. Odeio viver aqui na casa que meu papai me escolheu por que temia que se vivesse em um dormitório universitário — o qual era o que eu queria fazer— sairia com turma errada de pessoas. Houve tantas vezes em minha vida quando roguei por ter o valor de escapar de tudo isto. E ainda aqui estou, na casa de meu papai, ainda tomando classes que odeio, e tudo por que não sei o que quero fazer com minha vida.

Sua tristeza alcançou ao Wren de um modo que nunca antes o tinha feito.

—Se pudesse te liberar de seu pai, o que faria?

Ela deixou escapar um lento suspiro.

—Não sei. Viajar talvez. Sempre quis ver todas as culturas diferentes de mundo, mas meu pai não o permitirá. Ele diz que é muito perigoso e tem medo de que pudesse ser apanhada em algum escândalo que poderia salpicá-lo a ele ou a sua carreira. Não posso imaginar ser você e não ter a ninguém ante quem responder.

—O que você gosta de ter esse tipo de liberdade?

O ele riu com ferocidade.

— Estar só. A ninguém importa o que me ocorra. Se me tivessem matado quando me dispararam a noite que nos conhecemos, me teriam enterrado sem uma lágrima e esse teria sido o fim disso. E não sou tão livre como pensa que sou. Abunda as pessoas que se teriam regozijado se a bala me tivesse pego um pouco mais à esquerda e atravessasse meu coração, Pessoas que adorariam me ter totalmente morto.

—Por que?

A amargura se inchou dentro dele.

—O dinheiro motiva, e há várias pessoas que seriam bastante mais ricas se eu não estivesse já aqui.

—Pois bem, há uma pessoa que sei que seria muito pobre se deixasse de existir.

O coração do Wren se encolheu com força com suas palavras. Ele se inclinou para frente para capturar seus lábios com o dele. Ela tinha sabor de mulher e doçura. A pura decadência. Mas sobre tudo, ela tinha sabor de céu.

Ela o envolveu com seus braços quando se abraçaram nos limites apertados de seu carro.

Seu pênis se endureceu com uma necessidade primitiva que só ela poderia aliviar. Não era simplesmente sexual. Ela tocava algo dentro dele. Um pouco tão humano como animal.

Ofegando, Wren se separou dela. Ele podia usar seus poderes para transladá-los do carro à cama, mas isso seria realmente estúpido.

Quão último ela queria saber era que se estava deitando com um animal.

Desejando-a mais do que jamais desejou outra coisa, ele se inclinou sobre ela e abriu a porta do carro.

A Marguerite virtualmente caiu de seu carro. Wren engatinhou para sair do carro detrás dela por seu lado, antes que ela pudesse recuperar sequer o fôlego, ele a levantou em seus braços e virtualmente correu com ela para sua casa.

—Impaciente?

Ele riu de sua pergunta.

— Você tenha a chave preparada ou poderia derrubar a patadas a porta.

O tom de sua voz disse a ela que ele não estava brincando. Marguerite ria quando tratava de colocar a chave no ferrolho. Wren grunhiu antes de pô-la sobre um de seus ombros e lhe tirar a chave. Ele abriu a porta um batimento do coração mais tarde.

Ele entrou na casa, fechou de repente a porta, logo a deixou no chão frente a esta.

Marguerite ainda ria quando lhe olhou. Seus olhos a abrasaram quando ele devorou sua camisa pela cabeça. Sua risada morreu ante a vista de seu peito leonado descoberto. A cicatriz em seu ombro era um duro aviso do que ele tinha sacrificado por ela. Ele a agarrou para um beijo abrasador que roubou seu fôlego.

Ela passou os braços ao redor dele e gemeu ante o sabor matreiro dele, ante a sensação de sua pele quente baixo suas mãos. Ela podia sentir seu coração golpeando contra seus seios quando ele afundou seu beijo.

Ele se moveu de sua boca a seu pescoço, onde seu fôlego a queimava. Os calafrios se propagam por todo ela enquanto ele amavelmente chupava a suave pele dali. Tinha-lhe sentido tantas saudades... mais do que ela teria acreditado possível. Não tinha sentido, mas bom, os sentimentos quase nunca o tinham.

—Amo a maneira em que cheira— disse ele em um esfarrapado fôlego ao lado de sua orelha.

—Amo a maneira em que te sinto.

Sobre tudo, ela amava a picante barba de suas bochechas. Seu corpo era tão duro comparado com o dela. Tão incrivelmente masculino.

Wren não podia pensar com ela em seus braços. Tudo o que ele queria era estar dentro dela outra vez. Era um desejo tão potente que ultrapassava toda razão. Ela arrastou seus lábios ao longo de sua mandíbula enquanto lhe levantava a saia a fim de que ele pudesse cavá-la e pressioná-la mais perto de seu encerrado pênis.

Parte dele queria tomar o tempo saboreando-a, mas outra parte estava além disso. Ele jogaria com ela mais tarde. Agora mesmo a besta nele a necessitava.

Com dificuldades para respirar, ele deslizou suas calcinhas por suas pernas.

Marguerite tremeu ante a vista do Wren ajoelhando-se entre seus pés. Ela levantou seus pés um a um a fim de que ele pudesse desfazer-se de sua roupa interior. Ele a contemplou, e a intensidade acalorada desses olhos azul claro a abrasaram. Ele se levantou lentamente, levantando sua saia outra vez ao mesmo tempo, seu olhar fixo nunca vacilante do dela. Marguerite deixou escapar um profundo ofego em sua garganta quando ele passou sua mão através do pequeno triângulo de pêlo. Seu toque foi incrivelmente tenro quando ele lentamente separou as dobras de seu corpo para tocá-la. Era tudo o que ela podia fazer para permanecer de pé enquanto lhe dava prazer, e quando ele deslizou seu dedo dentro dela, ela gemeu de êxtase.

Wren a observou estreitamente enquanto ela lentamente montava seus dedos. Não havia nada mais belo que esta mulher tomando seu prazer dele. Incapaz de agüentá-lo, ele se separou o suficiente para desabotoar suas calças e liberar-se a se mesmo. A besta de dentro grunhiu como se levasse o mando e o possuísse. Ele podia notar seus dentes crescendo dentro de sua boca enquanto brigava por ficar em forma humana com ela.

Mas era difícil.

Enterrando sua cabeça contra seu pescoço, ele levantou sua perna o bastante a fim de que ele pudesse entrar nela. Ela gritou de prazer quando ele se sepultou até seu punho.

Marguerite não podia pensar enquanto ele a enchia completamente e faziam o amor furiosamente. Ela não estava segura de como podia sujeitá-la e ainda podia empurrar, mas ele o

arrumou e era incrível. Ela nunca tinha tido a um homem tão desesperado por estar com ela.

Ele lambeu e acariciou com o nariz seu pescoço enquanto ela recostava a cabeça de volta contra a porta enquanto ele se mergulhava a si mesmo dentro e fora dela.

—OH, Wren— ofegou ela enquanto enterrava sua mão em seu cabelo de suave ouro.

Ela podia ouvir sua própria respiração entrecortada enquanto ele a sujeitava contra a porta.

—Vêem por mim, Maggie— sussurrou ele. —Quero ver o prazer em seu rosto.

Ela se arqueou de retorno contra a porta de madeira enquanto ele continuava inundando-se ruidosamente a si mesmo nela. Ela envolveu ambas as pernas ao redor de sua cintura a fim de que ela pudesse lhe conduzir ainda mais profundo em seu corpo.

O ritmo de seus embates era mais do que ela podia suportar. Dois segundos mais tarde, seu orgasmo a reclamou enquanto ela gritava seu nome.

Wren sorriu enquanto a observava confrontar o êxtase. Ele podia notar seu corpo agarrando firmemente o dele. Ele acelerou o ritmo até que ele se uniu a ela naquele momento perfeito de completa sorte física.

Jogando para trás sua cabeça, rugiu com o prazer percorrendo-o quando finalmente lhe concedeu à besta dentro dele o grito de triunfo.

Marguerite sorriu ante a vista do Wren correndo-se em seus braços. Não foi até que ele começou a sair que um horrível pensamento passou através dela.

—Não usamos proteção.

Ele a olhou franzindo o cenho.

—O que?

—Justamente acabo de me dar conta de que poderia estar grávida! Poderia...

—Maggie —disse ele firmemente. —Não se preocupe.

—Par a você é fácil dizê-lo— disse ela, zangada pela típica resposta masculina. —Você não é o único que...

—Maggie, me escute— disse ele em um tom acalmado, racional. —Não posso te deixar grávida. Não posso.

Ela franziu o cenho.

—O que quer dizer?

Seu rosto estava triste quando lhe afastou o cabelo da frente e a beijou. —Sou estéril, OK? De fato sei. Não há maneira de que eu possa te deixar ou a qualquer outra mulher grávida.

Ela deixou escapar um aliviado suspiro.

—Está seguro?

—Absolutamente.

Ela se sentiu melhor até que um novo pensamento a afetou. —E que há a respeito das enfermidades?



Ele se mofou dela.

—Só estive contigo. Já te disse isso.

Estava lhe dizendo a verdade? Honestamente, lhe custava muito trabalho acreditar nisso.

—Está seguro disso? Você não faz o amor como um novato.

Ele fez o desenho de um —X—, sobre seu coração. —Cruzo meu coração. Você é a única mulher com quem alguma vez quis ter intimidade. Juro-o.

Essas palavras a tocaram profundamente. Sorriu-lhe.

—Sinto que seja estéril.

Ele deu uma, amargurada risada.

— Não o sinta. me acredite, é o melhor.

Como podia ser isso? Um homem como ele deveria ter uma casa cheia de meninos. Ele era protetor e carinhoso. Paciente.

Ela estendeu a mão para tocar sua bochecha. Fechando seus olhos, ele beijou sua palma enquanto lhe desabotoava sua blusa.

Marguerite tremeu quando ele passou suas mãos sobre seu peito direito e a acariciava através de seu sutiã. Ela pôde ver como já ficava duro outra vez.

—Como pode fazer isso?

—Não sei. Só o faço quando estou contigo.

Ela negou com a cabeça.

—Você continua dizendo todas as coisas corretas, e eu possivelmente te conserve.

Ele deslizou a blusa dela antes que alcançasse a seguir o broche de seu sutiã e o desenganchasse, então lentamente lhe tirou sua saia. Marguerite tragou quando se encontrou nua em sua sala de estar. Wren se tirou os sapatos, depois as calças também voaram.

O olhar em seu rosto a abrasou quando tratou de alcançá-la e a beijou. Ela passou baixou sua mão pela colorida tatuagem em seu antebraço. Era uma obra de arte tão bela que mostrava a um tigre escondido que observava às escondidas através da grama da selva.

Wren se tornou atrás com um diabólico sorriso.

—Sabe o que quero fazer contigo?

—Acredito que já fez isso.

Ele riu, então a devorou para a porta de vidro corrediça que levava ao pequeno pátio na parte de atrás.

Marguerite se negou a mover-se no mesmo momento em que ele moveu a um lado sua cortina.

—O que está fazendo?

—Quero fazer o amor em sua piscina.

Ela fez um ruído de completo desacordo.



— Está louco? Estamos a plena luz do dia. Alguém poderia nos ver.

—Ninguém nos verá.

—Bruto! Nem sequer sabe.

Ele baixou sua cabeça para lamber ligeiramente seu peito. Marguerite gemeu ante a sensação de sua língua quente sobre sua pele.

—Ninguém nos verá, Maggie. Prometo-lhe isso. Ele se endireitou. —Confia em mim?

Isto não era algo que ela devesse fazer.

—Por tudo o que sabemos poderiam haver ali fora repórteres com câmaras.

—Se os houver, matarei-os antes que possam revelar o filme.

—Sim, claro.

—Juro-lhe isso, não há ninguém ali fora, Maggie. Vamos, te aventure comigo.

Marguerite se mordeu o lábio enquanto o considerava. Seu pai morreria... Mas esta não era a vida de seu pai. Era a dela. Ela nunca tinha feito algo assim antes. Isto era estranhamente excitante... revigorante.

Erótico...

—Bom, mas se nos apanharem...

—Deixarei que me castre.

Lhe deu um olhar furioso.

— Farei.

—Sei.

Ela se mordeu os lábios em antecipação quando ele abriu a porta e a empurrou para o pátio. Isto era absolutamente horrendo e ainda estranhamente estimulante estar fora à luz do sol, completamente nua.

Ela olhou ao redor nervosamente, meio esperando encontrar alguém espiando-os, mas para seu alívio estavam simplesmente eles dois. Sempre paranóica a respeito da privacidade, seu pai tinha contratado aos jardineiros para plantar arbustos altos ao redor de todo seu pátio. Realmente não havia maneira alguma de que alguém os traspasassem.

Wren a soltou para mergulhar-se em sua piscina. Ele saiu à superfície para encontrar que ela seguia em sua posição sobre o cimento, cobrindo-se como melhor podia com suas mãos. Ela era absolutamente bela com a luz do sol beijando sua pele.

—Te una a mim, Maggie.

Seu sorriso era tímido que um instante antes que ela se metesse totalmente na piscina com ele. Ao igual a todos os tigres, ao Wren gostava de jogar na água. Ele podia conter o fôlego baixo a água muito mais tempo do que podia fazê-lo um humano.

Ele voltou a mergulhar-se e se propulsou a si mesmo para sua presa. Ele mordeu sua coxa baixo a água antes que ele saísse à superfície.

Marguerite tremeu quando sentiu o corpo nu do Wren contra o dela na água. Ele se aproximou de abrir suas coxas para colocar seus quadris entre suas pernas. Ela gemeu ante a sensação da água dando lambidinhas contra a parte mais tenra de seu corpo enquanto a ponta de seu inchado pênis pressionava contra seu centro.

Ela ficou com o olhar fixo no Wren. Ele estava maravilhoso com seu cabelo jogado para trás liberando seu rosto. Suas facções realmente eram perfeitas. Mas não foi até então que ela se deu conta de que ele já não ocultava seus olhos dela. Em público, ele ainda mantinha o olhar baixo e o cabelo sobre seus olhos.

Mas com ela ele não fazia. Se lhe apartava o cabelo dos olhos, ele o deixava desse modo.

—Por que me olha dessa maneira? —perguntou ele.

—Estava pensando que tão diferente é da noite em que nos conhecemos.

Ela fechou seus olhos quando ele se deslizou a si mesmo dentro dela outra vez.

Como podia qualquer outro homem estar preparado para ter sexo tão logo?

—Não sou diferente, Maggie. Sou ainda o mesmo.

Mas junto a ela ele não o era. Era muito mais aberto e confiando. Ele falava com ela, enquanto que normalmente não falava com ninguém. Isso fazia que ela se inclinasse cada vez mais para ele.

Como um raio, soltou-se dele, tomando tudo em seu corpo, antes que ela se apartasse por completo dele. Ela partiu nadando.

—Maggie? —a chamou ele. —Fiz algo mau?

Ela chapinhou na água.

— Não. Mas se me quer, terá que me apanhar.

Ele sorriu antes de lançar-se a mergulhar baixo a água e se dirigisse para ela. Marguerite chiou antes de dirigir-se aos degraus por onde saía da piscina.

Wren a alcançou antes que alcançasse os degraus. Para sua surpresa, realmente lhe lançou à água e o imobilizou contra os degraus. É obvio que ele não estava realmente encurralado, ele facilmente podia com ela. Mas tinha curiosidade por saber que era o que ela tinha planejado para ele.

Ela beijou seus lábios antes que lhe cavasse em sua mão. O prazer o cegou quando ela amavelmente acariciava seu pênis da base até a ponta.

Ela se moveu a si mesma a fim de ficar entre suas pernas. Wren se afundou até os degraus, logo os escalou a fim de que ela pudesse subir em cima dele se ela queria.

Em lugar disso, ela pegou suas mãos em seu traseiro e levantou seus quadris até que ele estivesse fora da água. Ele começou a lhe perguntar a ela o que estava fazendo, mas antes que ele pode falar ela o tomou em sua boca. Atordoado pelo inesperado prazer, ele deixou seu cabo e acabou com a cabeça debaixo a água.

Wren saiu da água, cuspidando para ver os olhos marrons do Maggie lhe olhando com picardia.

--Não tinha a intenção de te afogar.

Ele não podia falar enquanto continuava tossindo.

Ela o conduziu perto da borda a fim de que pudesse recostar sua cabeça no seco cimento enquanto ela voltava a encarregar-se dele com sua boca.

A cabeça do Wren recaiu com êxtase ao vê-la lhe dar prazer. Ele pegou seu rosto em sua mão enquanto sua língua formava redemoinhos ao redor de seu pênis. A vista dela ali... era mais do que podia suportar. Ele nunca tinha conhecido nada tão sublime ou doce.

Ele se correu em uma fera, enceguedora onda de prazer. Mas ainda ela não se afastou. Ela continuou lhe lambendo e lhe chupando até que tinha espremido a última gota de prazer de seu corpo.

Wren ficou completamente aturdido por suas ações, pela estranha ternura dentro dele.

Ele olhou sua mão, esperando a marca de emparelhamento. Certamente nenhuma mulher poderia lhe fazer sentir dessa maneira sem ser sua companheira, mas ainda não havia queimação em sua carne, nenhum sinal mágico que lhes dissesse que estavam destinados a formar um casal.

Apertando sua mão com frustração, ele quis amaldiçoar a decepção. Ele puxou seu corpo ruborizado para o dele e a sujeitou em seus braços.

—Obrigado, Maggie— disse ele antes de beijar sua bochecha.

Marguerite suspirou completamente ditosa enquanto lhe mantinha perto. Se ela pudesse, permaneceria perdida neste perfeito momento para o resto de sua vida.

Ela nunca queria deixar a piscina.

—Wren? —perguntou ela, levantando sua cabeça de seu peito para cravar os olhos nele. --Não quero passar um mau momento ou algo, mas preciso saber que não vais partir-te outra vez. Nunca me senti assim e não quero que pense que salto sobre qualquer tipo que entra em minha casa.

Ele acariciou sua bochecha com os dedos enquanto lhe oferecia um tímido sorriso. — Eu quero seguir te vendo, Maggie. Tomemos os dias conforme vão vindo e veremos o que acontece. Certo?

Ela assentiu, logo recostou sua cabeça de volta a seu peito.

Wren fechou seus olhos e a sustentou enquanto seus pensamentos se debatiam dentro dele. Os Katagarias e os humanos não se mesclavam. Por não mencionar que havia um monte de Katagarias e humanos que o queriam morto. Ele nem sequer sabia se tinha um futuro.

Tudo o que sabia era que se o tivesse, ele a queria nele.

Mas isso não dependia dele, tampouco. Ele melhor que ninguém sabia da crueldade dos Destinos. Em um momento o benziam e ao seguinte lhe amaldiçoavam.

E ele era maldito o suficiente tempo para não espera nada melhor. Não, algo ia ocorrer. Podia senti-lo em seu interior. Seu tempo com Maggie era limitado. Ele só esperava que o problema que

ele sentia chegar, caísse só sobre seus ombros. Quão último queria era que Maggie fosse ferida por sua culpa.

Mas uma coisa era segura. Ele gostosamente entregaria sua vida para proteger à mulher que tinha em seus braços, e mataria a quem a ameaçasse.

Capítulo 8

Neratiti.

Uma misteriosa ilha fora das costas da Austrália.

Ao menos no momento...

Dante Pontis fez uma pausa para orientar-se quando se materializou na grande câmara circular que tinha sido decorada em Borgonha e ouro. Através das janelas abertas que se expandiam através do piso de mármore negro até o céu raso dourado, ele poderia ver e ouvir o oceano em todos os lados do quarto.

Savitar, seu dúbio e misterioso mediador, gostava de água... muito.

O quarto recordava a tenda de acampamento de algum antigo sultão. Estava exuberantemente decorado, com uma enorme mesa redonda no centro que sempre tinha feito que Dante se perguntasse como seria o resto do palácio. Mas nenhum Were-Hunter tinha recebido alguma vez um convite para aventurar-se no restante do palácio.

Seu mediador protegia furiosamente sua privacidade. Ao extremo da paranóia.

Esse ditado dos humanos que diz “a curiosidade matou o gato” realmente veio da pantera Arcádia que uma vez tentou se esgueirar, passando pela porta do conselho para jogar uma olhada ao redor do palácio.

Savitar lhe tinha matado no ato.

Como um ponto de interesse, a satisfação não trouxe de volta ao gato. Não há suficiente magia no mundo para reanimar a grande escura, forma chamuscada que uma vez tinha sido uma criatura viva. Esse único incidente tinha obtido o ponto de Savitar sobre seu orgulho. Não meter-se com o grande homem.

Ele realmente não tinha senso de humor.

Apesar de toda sua relaxada pessoa, Savitar podia deixar cair seu traseiro medieval em qualquer momento. E desde que Dante tinha vivido uma vez na Idade Média, ele entendia esse conceito melhor que a maioria.

Dante deixou escapar um grave suspiro quando ouviu as gaivotas grasnando fora. A chamada

para comparecer no Omegrion não podia ter chegado em melhor momento... inserindo toda tentativa de ser sarcástico.

Seu irmão Romeo tinha estado doente com um mau caso de gripe durante os últimos três dias enquanto os cachorrinhos da pantera corriam frenéticos pela casa de Dante sem seu papai ali para vigiá-los.

A esposa de Dante, Pandora, estava a ponto de deixar cair uma ninhada inteira de panteras em qualquer segundo, e seus outros dois irmãos, Mike e Leo, tinham decidido que poderiam dirigir seu bar sem ele.

Yeah, ele precisava retornar a casa antes que incendiassem o lugar ou pior, Pandora ficasse de parto sem ele. Em cujo caso sua pantherswan tinha prometido lhe ver em pedacinhos. Ele se encolheu ante o mero pensamento. Conhecendo sua suscetível pequena pantherswan, certamente seria mais doloroso. E dado o desconforto de seu embarço com seus cachorrinhos, ela o desfrutaria a fundo.

Ele esquadrinhou a pequena aglomeração que se reunia ali para o concílio. Oito membros, todos pareciam tão emocionados de estar ali como ele o estava. Quão únicos havia ali eram desde longe Katagaria. Não é que isso o surpreendesse. Os Arcadios tendiam a aparecer no Omegrion juntos, como se temessem encarar a seus primos animais a sós.

E bom eles deveriam. Não havia uma família Katagaria que tivessem uma dívida de sangue com os Arcadios que amava caçar e matar aos animais.

Sempre lhe tinha assombrado que os líderes ou regentes Katagaria ou Arcadios pudessem sentar-se juntos sem brigar. Não queria dizer que não tivessem tido rixas no passado. Mas essas transgressões eram das que se ocupava rápida e dolorosamente o mediador do Omegrion.

Savitar não jogava. Se alguém abria uma brecha em suas regras, ele rapidamente o torrava.

Literalmente.

E com supremo prazer.

Algo da ira de Dante se desvaneceu quando viu ao Fury e Vane Kattalakis em uma esquina, falando o um com o outro, Dante tinha conhecido aos lobos anos atrás, mas o que encontrava estranho é que estivessem ali juntos. O Omegrion era uma reunião onde só os Regis, ou chefes, de cada ramo Were-animal eram enviados para representar a todas suas espécies.

Só um lobo Katagaria deveria estar presente.

Uma fera criatura ao igual a Dante, Vane tinha o comprido cabelo marrom escuro que levava solto ao redor de seus ombros.

Fury levava seu cabelo loiro recolhido em um rabo-de-cavalo. Igual a Dante, Fury estava vestido todo de negro, enquanto que Vane trazia posto um par de calças jeans com uma camiseta branca e uma jaqueta de couro marrom por cima.

—Lobos— os saudou Dante quando se aproximou deles.

Vane estendeu sua mão primeiro, depois o fez Fury. Dante sorriu abertamente quando notou que Vane tinha uma marca de emparelhamento em sua mão.

—Parece que ambos fomos etiquetados desde a última vez que nos vimos— disse Vane.

—Yeah— disse Dante com uma risada. —O inferno meio se congelou lá encima, né?

Fury riu.

—Não tem nem idéia.

Dante olhou aos dois irmãos.

—Assim como é que os Lykos Katagaria têm dois representantes?

Vane lhe dedicou um sorriso sinistro.

—Não os têm.

Dante franziu o cenho.

Os olhos azuis de Fury dançaram com humor.

—Eu sou o Regis Katagaria. Vane é o Regis Arcádio.

Essas notícias aturdiram a Dante. Não era possível. Vane era Katagaria.

—Não há maneira disso no inferno.

Vane assentiu com a cabeça.

—Como disse, o inferno meio que se congelou.

Dante negou com a cabeça.

—Yeah, mas como é possível?

—Defeito de nascimento— explicou Vane. —Troquei da Katagaria a Arcádio na puberdade, mas nunca o disse a ninguém até recentemente.

Dante se voltou frio quando uma metade da cara de Vane mostrou as estilizadas marcas de Sentinela Arcádio. Eram os soldados humanos encarregados de assassinar a seus primos Katagaria. Como tal, Dante os desprezava com cada pedaço de seu ser.

—Te acalme, Dante— disse Fury. —Vane cresceu como um de nós. Katagaria. Ele não é como os outros Sentinelas, que matam sem razão.

—Melhor que não o seja— disse Dante quando seu humor se rebaixou. — Posso suportar a um limani, mas não sinto carinho algum pelos Sentinelas.

—Somos dois— disse Vane quando a marca se desvaneceu. —me acredite, perdi muito em minha vida pelos estúpidos Sentinelas e não tenho intenção de tomar sua cruzada. Paz? Tendeu-lhe sua mão a Dante.

Dante vacilou antes que ele a estreitasse. Tomando tudo em consideração, ele respeitava ao lobo.

—Humano, huh? Realmente o sinto por ti.

Vane lhe dedicou um aberto sorriso sardônico.

—Yeah, eu, também.



Recuperado seu humor, Dante sorriu ao lobo.

—Homem, tenho que te respeitar, entretanto. Dois votos no Omegrion. Isso é impressionante. Possivelmente tenha sorte e um de meus cachorrinhos poderia mudar ao Arcádio na puberdade também, e me de outro voto.

Fury arqueou uma sobrancelha ante isso.

—Sua companheira é Arcádia? Sabe ela como se sente a respeito de sua gente?

Dante se moderou.

—Ela sabe. Mas a única coisa que tem importância é como me sinto a respeito dela, e disso ela não tem nenhuma dúvida.

Fury e Vane assentiram em acordo.

Dante olhou ao redor para ver como um par de Katagarias entravam no quarto.

—Têm algum de vós alguma idéia de por que estamos aqui?

Vane suspirou.

—Ouvi que se tratava de um Katagaria com a Trelosa.

Dante deixou escapar seu fôlego entre os dentes. Trelosa era uma enfermidade parecida com a raiva. Era uma enfermidade que infectava a seu tipo durante a puberdade. Ninguém estava seguro do que a causava. Mas uma vez no sangue, consumia ao anfitrião, lhe convertendo em um assassino indiscriminado. Não havia cura conhecida, determinou-se que uma vez que um Katagaria ou Arcádio o tivessem, então devia seguir-se sua pista e matá-lo.

—Quem traz as acusações? —Dante perguntou.

Vane indicou a um loiro alto na esquina.

—Um dos tigres.

Dante estudou ao homem, quem vestia um caro traje cor café claro da Versace. O tigre jorrava dinheiro e sofisticação por cada poro.

O olhar de Dante se estreitou nele.

—Esse não é Lysander. —Lysander Stephanos era um tigre de cabelo escuro que era quase tão áspero como ninguém que Dante tivesse conhecido alguma vez e que não estivesse morto, a menos que tivesse voltado para a vida. —Ele é o substituto do Regis Tigarian?

—OH, diabos, não— disse Fury em um tom incrédulo. —Eu gostaria de encontrar ao tigre com Pelotas e a habilidade para derrubar ao Lysander. Esse menino come ursos para tomar no café da manhã.

—Melhor urso que pantera— disse Dante com uma risada sinistra.

Vane começou a rodar seus olhos. —Aquele se chama Zack. Ele está esperando a que Lysander apareça, mas aparentemente Sander não está tão convencido do cargo como o está Zack.

—Por que o diz?

—Se Sander pensasse que sua reclamação tivesse mérito, duvido que Zack estivesse aqui.

Isso tinha sentido para Dante. Como era típico entre a espécie do tigre, Lysander era muito solitário e não gostava que alguém ou algo ameaçasse seu espaço. —Então quem lhe respalda?

—Não estou certo— disse Vane, —mas isto deveria ser interessante.

Dante assim o esperava. Não há nada pior que uma reunião aborrecida.

Uma luz brilhante cintilou, fazendo a Dante sobressaltar-se quando Lysander apareceu ao outro lado do quarto. Vestido com umas calças frouxas e um colete bastante sem mangas em seda Índia negra, que estava pesadamente bordada em ouro, o tigre estava nu da cintura para acima. Seu ombro direito e seus bíceps estavam cobertos pela colorida tatuagem de um coração atravessado por uma espada. Seu cabelo negro ondulado caía fortuitamente ao redor de seu rosto.

O tigre loiro desdenhou quando viu a aparência pouco ortodoxa de Lysander. —Fazia calor na selva?

Lysander estreitou seu olhar ameaçadoramente no tigre menor. — Não foda comigo, hijda. Só tenho forma humana por um motivo, e desde que não me sinto atraído pelos homens, não estou feliz de estar aqui.

Dante intercambiou um olhar divertido com Vane, que tinha razão a respeito de que Lysander não deixaria que ocupasse seu lugar outro tigre. Particularmente gostou do insulto hindi para a virilidade do tigre que tinha passado por sua cabeça.

Lysander se separou do tigre para tomar assento na grande mesa redonda, mas era óbvio que ele estava tão ansioso por partir como o resto deles.

Não antes que Dante tivesse tempo de girar-se algo brilhou intermitentemente simplesmente a sua direita. Dante observou como Damos Kattalakis aparecia a alguns metros deles. Damos era um Arcádio Drakos. O dragão estava vestido com armadura medieval, o qual tinha sentido, desde que a maioria dos dragões vivia no passado onde os campos abertos e as inexploradas regiões lhe faziam mais fácil ocultar-se dos humanos.

Igual a Fury e Vane, Damos era um descendente direto dos irmãos da realeza cujo pai tinha criado magicamente suas raças.

Damos inclinou sua cabeça para eles.

— Lobos. Pantera.

—Dragão— disse Dante, mas ele não tendeu sua mão a Damos. Com exceção de sua esposa e Vane alguns segundos atrás, Dante nunca tocava a um Arcádio por vontade.

Damos pareceu divertido quando tendeu a mão ao Vane.

—É bom verte outra vez, primo.

—O mesmo digo— disse Vane, estreitando sua mão.

Enquanto Damos estreitava a mão de Fury, outros nove Arcádios brilharam intermitentemente no quarto e ocuparam seus assentos na grande mesa redonda sem reconhecer a qualquer dos Katagaria.

Dante brincou ante suas ações.

—Olhe aos assustados meninos. Estou surpreso de que tivessem Pelotas para mostrar-se antes que Savitar estivesse aqui para lhes proteger.

—Quem diz que não estou aqui?

Dante sacudiu com força sua cabeça, ante a ligeiramente acentuada voz detrás dele. Mantendo seus dois metros e seis Savitar era uma visão imponente. Não era que a Dante desse medo, mas tinha um grande respeito por aquele antigo.

Havia mútuo brilho de respeito nos olhos negros de Savitar. Seu comprido cabelo castanho escuro caía por seus ombros, e seu tom de pele era tão escuro como a cútis italiana de Dante. Savitar tinha a barba de um par de dias, bem cuidada. Ninguém estava seguro da herança de Savitar, mas ele facilmente podia passar-se por espanhol, italiano, ou inclusive árabe.

Como sempre, ele estava vestido com uma túnica larga azul escuro, que a Dante recordava um antigo desenho egípcio. Mas o que desafinava eram um par de Birkenstocks (tipo de sandália de couro) marrom escuro em seus pés.

—Me deixe adivinhar— disse Dante com uma risada. —É o último grito na costa norte?

—Sim. O tom do Savitar era mortalmente fervoroso. —Assim façamos isto rápido. Tenho a uma prancha, uma onda, e um bebê com meu nome e eu gostaria de aproveitar os três.

Savitar deixou seu lado.

—Animais. Pessoas, — disse ele enquanto caminhava a grandes passos através do quarto com um modo de andar que lhe anunciava como o mais alto da cadeia alimentar. —Gente de quatro patas.

Dante fez uma careta ante a escolha de palavras do Savitar. Ele em realidade odiava essa expressão.

Constantine, um chagal Arcádio, desprezou ao Savitar, o qual era muito má coisa —Nós não escutamos para... Suas palavras foram cortadas instantaneamente quando Savitar agitou sua mão na direção do chagal. O chagal começou a ofegar como se uma mão invisível lhe estrangulasse.

—Você é um novo pequeno valentão— disse Savitar em um tom sinistro enquanto se aproximava do Were-Chagal. Savitar entrecerrou seus olhos nele. —Aprenderá.

O chagal se sentou imediatamente... igual o fizeram todos outros. O pobre animal continuava respirando com dificuldade enquanto esfregava sua machucada garganta.

Dante estava um pouco mais tranquilo, mas inclusive ele tinha melhor critério que provar a paciência extremamente limitada do Savitar. Os poderes do Savitar punham em ridículo a cada criatura dali.

Savitar se dirigiu a seu trono, o qual não estava na mesa. Este estava a um lado, muito mais parecido ao assento de um salva-vidas...ou árbitro. Bastante apropriado, desde era por isso que Savitar estava aqui. Para proteger as vidas de todos os que estavam ali como a das pessoas e

animais a quem representavam.

Reclinando-se em seu acolchoado trovejo, Savitar passou um aborrecido olhar a cada um deles.

—OK, caras e animais, temos exatamente quarenta e dois minutos e treze segundos até a seguinte grande onda que vem em meu caminho, e espero assim acabar isto a tempo de estar sobre minha prancha, esperando por ela.

Savitar deixou escapar um suspiro de resignação. —Mas desde que temos várias caras novas entre nós, me deixem prescindir desse ridículo roll pedagógico...Ouçam, ouçam, bem-vindos à Câmara do Omegrion. Aqui nos reunimos, um representante de cada ramo da Pátria Arcádia e Katagaria. Vamos em paz para fazer a paz, disse Savitar com um bufido como se o só pensamento lhe fizesse rir.

—Sou seu mediador, Savitar. Sou a soma de tudo o que foi e tudo o que um dia será. Ponho ordem no caos e caos na ordem —Uma das mulheres se burlou, lhe interrompendo.

—Quem é este tio e por que temos que lhe escutar? Desde quando nos dá ordens a qualquer de nós um humano?

Dante olhou através da mesa para onde uma pequena morena ocupava o assento Litarian Arcadio. A pobre leoa não tinha idéia do que dizia.

Ele metade esperou que Savitar a convertesse em pó.

Em lugar disso, Paris Sebastienne, o representante Litarian Katagaria, recostou-se sobre o assento e lhe falou.

—Carinho, ele não é humano. Vê leão ali? Ele assinalou ao velho urso Arcadio, de cabelo cinza que estava três assentos abaixo de Dante. —Ele tem sentado ali no conselho, desde quanto Leão? Novecentos anos?

—Novecentos e oitenta e dois, para ser exato.

—Sip— Paris continuou. —E Savitar lhe precede. Ele presidiu esta câmara de vereadores do começo, e a advirto, Savitar parece rondar os trinta. Nós não sabemos o que ele é, mas não é um de nós e tampouco é humano. E me acredite, seu não queria me colocar com ele.

—Obrigado por esse para nada divertido resumo— disse Savitar secamente. —A próxima vez que tenha insônia, já sei a quem chamar. Enquanto isso, à leoa pequena que provavelmente gostaria de viver outro ano, não me interrompa outra vez. Eu não gosto e eu tendo a assassinar as coisas que eu não gosto.

Savitar lhe apontou o assento à esquerda dela que estava vazio.

—É aí onde estava acostumado a sentar o Regis Jaguar Arcadio. Nota que não há ninguém ali agora.

A mulher franziu o cenho quando o olhou.

—O que lhe aconteceu?

—Desgostou-me muito.

Ela se viu confundida por isso. —por que não há outro jaguar que tenha ocupado seu lugar?

—Ele me desgostou muito... durante um bom momento.

Paris se inclinou para sussurrar forte,

—Não ficou nenhum Jaguar Arcadio. Savitar destruiu completamente sua linha de sangue.

Seus olhos se abriram desmesuradamente enquanto sua boca fazia um completo

—Ou. —Ela esclareceu sua garganta e fez a um apaziguador gesto. —Por favor, Savitar, continue.

—Yeah-h-h-h— disse Savitar, estirando a palavra para adequá-la a seu estado de animo. Ele comprovou seu relógio de pulso. —Nos está acabando o tempo, meninos. Ele fixou-se em Nicolette Peltier. —Assim por que fui chamado?

Nicolette ficou de pé lentamente para dirigir a palavra a todos eles.

—Me perdoe por lhe fazer perder o tempo, Sua Senhoria. Mas tenho incômodas notícias. Parece que temos a um Slayer em nosso centro, e necessito ajuda para com ele, desde que ele está agasalhado em um de nossos santuários protegidos. Como nossas leis mandam, eu não posso matá-lo sem sanção.

—Estaremos encantados de nos encarregar de seu problema— Anelise Romano se alistou como voluntária. Uma Arcádia Niphetos Pardalia, ou leopardo das neves, a mulher tinha um brilho de luz em seus olhos que recordava a todo mundo que aquelas mulheres were estavam muito mais sedentas de sangue que os homens.

Savitar negou com a cabeça.

—E quem é seu Slayer, O?

—Wren Tigarian.

Savitar arqueou uma sobrancelha ante o que a isso se refere.

—Onde está Wren? Como último Katagaria Niphetos Pardalia, ele tem um assento aqui no Omegrion, por que não o ocupou?

—Ele não pode se for um Slayer.

Savitar começou a olhar ao tigre loiro que se expressou publicamente a seguir. O tigre se adiantou.

Pela cara do Savitar Dante podia dizer que não lhe agradava absolutamente.

—E quem é você?

—Sou Zack Tigarian, primo do Wren.

Anelise franziu o cenho quando farejou o ar.

—Mas você não é um leopardo das neves. É um tigre.

—Estou relacionado com ele por seu lado paterno. Seu pai era um tigre.

Savitar acariciou seu queixo enquanto estreitava seu olhar negro no tigre.



—E o que sabe você deste assunto?

—Sei que Wren assassinou a seus pais a sangue frio. A ambos.

Savitar lhe dedicou um olhar travesso.

—Se sabia por que esperaste a deixar cair isto ante o Omegrion?

—Porque me dava medo responder ao chamado. Era muito jovem então e tinha medo de meu primo. Sem mencionar que o humano Bill Laurens o recolheu e o escondeu sem dizer nada no Santuário de Nicolette antes que o pudesse dizer a alguém. Uma vez que Wren esteve protegido ali, eu estava impotente de lhe levar ante a justiça.

Savitar parecia menos que convencido.

—E agora é melhor para todos vocês?

—Já não lhe temo. Não, chegou a hora de que ele pague por seus crimes. Sem mencionar que ele está mostrando sintomas de trelosa a qual corre prolífera através de sua espécie. Ele deve ser detido antes que ele mate a qualquer outro.

Dante negou com a cabeça quando a cólera o transpassou.

—O que foi isso? —perguntou Fury em um sussurro.

—Ele mente.

—Não cheiro a mentira nele.

—Sim, mas quando há tanto dinheiro envolto... —ele sacudiu a cabeça.

—Não confio no Sr. Versace.

Savitar deixou escapar um comprido suspiro cansado.

—Pois bem, parece que este é um problema Katagaria. Arcadios, vão-se a casa.

Quando começaram a objetar, Savitar os tirou da câmara, retornando-os a seus períodos de tempo respectivos.

Todos exceto a um.

Vane Kattalakis.

Nicolette ficou de pé quando Vane se moveu para sentar-se ao lado de seu irmão Fury.

—Por que está ele ainda aqui? Ele é um Arcadio.

Savitar arqueou uma sobrancelha nela.

—Verdadeiramente você é um inferno de urso atenta, Lo. Mas Vane tecnicamente atravessa a barreira. Ele é por todos os direitos o chefe dos Katagaria Lykos.

Fury olhou com um malvado sorriso a urso.

—Eu sou simplesmente uma figura decorativa e tenho poucas vontades de desafiar ao Vane e que me chute o traseiro meu próprio irmão.

Seu olhar se estreitou colericamente nos dois lobos.

—Ele favorece ao tigre.

Vane se encolheu de ombros.

—Favoreço a verdade, Lo. Boa, má, ou indiferente.

Zack se adiantou para situar-se detrás da cadeira de Nicolette.

—A verdade é que a trelosa sempre existiu através da família da mãe de Wren. Quase cada membro de sua família sucumbiu a isso. Isso é por que Wren é o último de sua raça. Inclusive ela se voltou louca ao final de sua vida. Alguns dizem que Wren a matou só depois de que lhe atacasse primeiro.

Dante observou a cara do Savitar quando considerava as palavras do tigre.

—Talvez— disse Savitar depois de uma breve pausa, — Mas Wren não está na puberdade agora. Faz tempo que entrou na maturidade.

Zack o contradisse. —Ele só tem quarenta e cinco anos. A puberdade para os de sua raça pode durar até a idade dos sessenta.

—Não necessariamente— disse Savitar. — Depende dos gens.

—Ele entrou tarde na puberdade— disse Nicolette. — De fato sei. E ele só despertou sexualmente nos últimos dias. Após ele se tornou cada vez mais violento. Instável. Ele inclusive foi detido por isso e por atacar a oficiais de polícia humanos.

Ela negou com a cabeça.

— Esta tarde, tinham-lhe tirado fotos e saiu nas notícias locais porque os humanos o viram correndo no zoológico como um humano em uma jaula com outros tigres brancos. me diga que isso não é loucura.

Ela olhou a cada um dos restantes membros Katagaria para lhes pôr de seu lado.

—Suas ações apresentam uma ameaça para todos nós. Se os humanos alguma vez soubessem...

—Estupidez— disse Dante em voz alta. —Isto cheira a avareza.

—Isso é ridículo—disse Paris. —Somos animais, não humanos. Desde quando se preocupa qualquer de nós pelo dinheiro?

Dante sustentou em alto suas mãos.

—Olá? Alguma vez te passaste por meu clube, O Infernizo? Eu me mijo em cima dessa frase. De fato, sou o segundo Katagaria mais rico no mundo. E quem é o primeiro? Wren Tigarian. Isto cheira a golpe. Ele fulminou ao tigre com o olhar, o qual ficou com o olhar completamente em branco.

Lysander acariciou sua mandíbula.

— Não sei. Se ele nos tiver exposto...

—Wren não é um perigo— disse Vane. —Conheço esse menino. Ele é tranquilo e abstraído. Ele nunca faria nada para ser o centro das atenções.

Nicolette desdenhou do Vane.

—E o que sabe você em realidade do Wren? Falaste alguma vez com ele?

Vane grunhiu pelo baixo, mas ao fim ele admitiu a verdade.

—Bom... não muito.

—Reconheceu-te de algum jeito?

Um tic começou na mandíbula do Vane.

—Não. Não realmente. Como disse, ele se abstrai do mundo.

—Tem razão— disse ela, franzindo os lábios. Ela olhou ao Savitar. — Ele é completamente anti-social. Ele recusa sempre escutar alguém ou algo. Ele ameaçou as vidas de meus filhos e a minha. Agora ele está saindo com a filha de um senador, me diga que Katagaria com a mente sã faria tal coisa?

Inclusive Dante teve que admitir que isso era viver perigosamente.

—Devemos esperar a que mate a um inocente? —perguntou Nicolette. —Esperar até que ele sofra uma mudança de forma frente ao senador? Já perdi a muitos meninos. Não perderei outro. Quero-lhe fora de minha casa. Se trato de lhe tirar a força, ele me matará ou matará a um de meus cachorrinhos. Sei. Ele nunca esteve mentalmente sã.

—Ele matou a seus pais quando só tinha vinte— acrescentou Zack. — Eles eram predadores altamente poderosos e adestrados. Imagina o que ele pode fazer agora que ele se treinou também.

Savitar passou um desgostado olhar a Dante. —Eu sou simplesmente um observador aqui. Ao final do dia, a decisão final recai sobre vós meninos. Ele voltou o olhar para Nicolette e Zack. — Mas recordem isto, se estão equivocados, será minha fúria a que vocês confrontaram. A avareza é para os humanos, não é para os Katagaria. Ele olhou ao Zack ao dizê-lo. —Força uma injusta caçada e esta voltará sobre ti.

—Wren é um assassino— repetiu Zack. —Digo que chamemos os Strati e acabemos com ele.

—Apóio— disse Nicolette.

Savitar deixou escapar um pesado suspiro — Temos dois votos para caçar e matar ao Wren Tigarian. Todos os que estejam a favor, digam sim.

Wren suspirou quando se fez a um lado a camiseta e se jogou água pela cara. Estava cansado, mas tudo no que podia pensar era em ver Maggie outra vez. A compulsão dentro dele era como uma loucura.

—Por que me sinto assim? —vaiou entre os dentes. Era suicídio perseguir qualquer outra coisa com uma mulher como ela e ele sabia. Não era como se fossem companheiros.

Ele comprovou sua mão outra vez. Até agora, não havia marca, por que se sentia assim? Ele tinha passado toda a tarde com ela e ainda queria mais.

Não tinha sentido.

Ele lavou a cara, logo fechou a água e passou as mãos úmidas por seu cabelo. Quando tratou

de alcançar uma toalha, sentiu uma fissura estranha no ar a seu redor...

Wren inclinou a cabeça da mesma maneira que um tigre ouve algo e sente o ar a seu redor.

Dois segundos mais tarde, ele percebeu a essência de um predador.

Wren se voltou, mas inclusive antes que pudesse enfocar seu olhar, algo perfurou seu peito. Ele amaldiçoou quando se cambaleou.

—Tenha o colar preparado.

As vozes pareciam vir de longe. Sua vista se obscurecia. Wren amaldiçoou quando se deu conta de que tinha sido drogado com um tranqüilizante, mas ele se recusava a sucumbir a isso.

—Foda-se isso— grunhiu ele, alternando de humano a tigre.

Ele se lançou fora para encontrar a quatro humanos no vestíbulo.

—Lhe dispare! — gritou um.

Ele se equilibrou sobre o que tinha a arma. Quando fez contato o humano se converteu em um tigre. Wren sentiu outra ferroadada a sua volta quando dois dos humanos tratavam lhe colocar um nó corrediço ao redor de seu pescoço. Se eles tinham êxito, agarrariam-no.

Cintilou à forma de um leopardo, ele sabia que sua única esperança era fugir. Ele se lançou contra a janela fechada e saiu de um salto para a rua. O vidro se rompeu e partes disto se incrustaram em sua carne.

Seu corpo inteiro se ressentiu quando golpeou duramente contra o chão.

Ele se tendeu no asfalto só um instante para recuperar o fôlego antes de obrigar-se a levantar-se e correr a toda velocidade por atrás do beco, para o convento rua abaixo. Ele podia ouvir os outros perseguindo-o.

O sangue emanava de seus cortes enquanto ele correu a toda velocidade. Ele tinha que afastar-se deles. Matariam-lhe se ele baixava a velocidade. Mas na forma em que estava, ele não poderia seguir muito tempo mais. Entre o tranqüilizante e seus cortes, ele se estava desvanecendo rapidamente.

Seu coração golpeando, ele sabia que teria que encontrar um novo refúgio ou ele estaria morto.

Marguerite acabava de lavar os pratos quando ouviu que alguém golpeava a porta de atrás.

Ela franziu o cenho, meio temendo ir para ali. Ninguém deveria estar em seu pátio traseiro a uma hora tão tardia, e tinha visto muitos episódios de “Os Mais procurados da América” para saber que não devia nem jogar uma olhada.

Em lugar disso, ela tratou de alcançar seu telefone para chamar à polícia.

—Maggie?

Ela franziu profundamente o cenho quando reconheceu a voz do Wren, por que estaria ele em seu pátio traseiro? Talvez imaginava.



—Maggie, por favor me deixe entrar.

Ainda agarrando firmemente o telefone no caso de precisar, ela afastou a um lado as cortinas para lhe ver no pátio completamente nu. Mas mais que isso, ele estava coberto de sangue. Sua respiração entrecortada, seu rosto arranhado e arroxeadado. Parecia que ele tinha tido alguma espécie de acidente.

—OH meu Deus, Wren. — Ela ofegou quando abriu a porta para lhe deixar entrar. —O que aconteceu?

Ele não falou quando passou à cozinha.

—Wren?

Ele caiu sobre seus joelhos e a contemplou enquanto continuava ofegando.

— Sinto muito, Maggie. Não sabia nem sequer aonde ir.

Com coração pulsando de pânico, ela se ajoelhou ao lado dele.

—Chamarei...

—Nada de polícia— disse ele com um gemido. —Nada de médicos.

—Mas você está...

—Não! — grunhiu ele, agarrando o telefone fora das mãos dela. —Matarão-me.

—Quem te matará?

Ela observou impotente como seus olhos rodavam e caía desacordado a seus pés. Um instante mais tarde, em lugar de um homem no chão, havia... Algo.

Ela se cambaleou, afastando-se da criatura. Parecia como se foi uma mescla estranha de leopardo das neves e tigre branco, e era enorme.

Marguerite nunca tinha visto nada como aquilo, uma parte sua procurava gritar e outra parte estava meio atordoada pelo que tinha visto.

—Isto não está acontecendo... — Ela tinha que estar sonhando.

Ainda isso não concordava com o que havia em seu chão. Ela olhou os rastros ensangüentados que entravam em sua casa. Eram humano.

Eram do Wren.

E se detiveram no tigre...

—Sofro um colapso nervoso. Estou delirando. Isso. Ela estava tendo um flashback.

Você não toma drogas.

—Bem então, mente, me explique que narizes é isto, huh?

Mas não havia explicação. Ao menos não uma lógica. Wren tinha entrado em sua casa, parecia que alguém lhe tivesse golpeado, e agora havia um animal sangrando em seu chão.

Um animal sangrando e grande em seu piso.

—De acordo, Marguerite, vive em Nova Orleães. Lê a Anne Rice e Jim Butcher. Viu Silver Bullet... Mas ele não é um lobisomem.

Não, ele era outra coisa.

E agora ela entendia o que ele tinha estado tratando de lhe dizer sem dizê-lo explicitamente. Não obstante, havia dito a ela exatamente o que ele era e ela estupidamente o tinha feito a um lado.

Agora ela sabia por que ele tinha podido meter-se na jaula do tigre e não sair ferido. Como ele tinha sanado dessa ferida de bala tão logo.

Ele não era humano.

Ao menos não completamente.

—Não sabia nem sequer aonde ir.

Suas palavras a transpassaram. Mais ainda, ele sabia que ocorreria ao minuto que se desmaiou — era provavelmente o motivo que ele se negou a passar a noite com ela antes. Mas ele tinha acreditado nela o bastante em sua hora de necessidade para sair a procurá-la.

Sua vida estava agora em suas mãos. Se ela chamava à polícia, uma ambulância, ou inclusive o resgate animal, encerrariam-no em uma jaula e nunca lhe deixariam sair.

Ou pior, como ele tinha pontudo antes, matariam-lhe.

Com seu coração pulsando acelerado, moveu-se mais próximo do enorme gato em seu piso. Com uma mão tremente, ela a estendeu para tocar seu suave pêlo. Era como acariciar um sedoso e grande gato. Ela nunca havia sentido nada mais suave. Impulsivamente, ela enterrou seu rosto na pelagem e deixou que acariciasse sua pele.

—É realmente você, Wren?

Ele não respondeu de qualquer forma.

E ele ainda sangrava.

Aterrada de que ele estivesse morrendo ali em seu piso, ela tratou de lhe mover, para inteirar-se de que ele parecia pesar quase tanto como seu carro. Sem outra idéia do que fazer, ela foi a seu banheiro para trazer álcool, pomada antibiótica e ataduras.

—Que diabos— disse ela enquanto os recolhia. —Ele curou rápido depois de que lhe disparassem. Todas os tipos estranhos de pessoas cicatrizavam rapidamente, verdade? Se ela o enfaixava muito bem, ele deveria levantar-se e rondar por aí em qualquer momento.

Ao menos assim o esperava.

Mas quando ela retornou ao seu lado e começou a limpar suas feridas, ela não podia ajudar, mas se perguntava quem ou por que o teriam ferido. Mais importante, ela não podia nem chegar a perguntar-se se quem quer que lhe tenha feito seria capaz de lhe encontrar.

E a ela.

Capítulo 9



Wren despertou lentamente para encontrar uma severa dor em seu crânio que parecia ecoar em cada parte de seu corpo. Seus ouvidos zumbiam quando lentamente abriu seus olhos e tratou de enfocá-los.

A primeira coisa que ele viu foi um sofá verde escuro.

Onde diabos estou?

Repentinamente tudo retornou de repente. Os tigres que lhe perseguiram. As pessoas que tentaram lhe tranquilizar. A amalucada carreira através das ruelas de Nova Orleães. O carro que se estrelou contra ele quando cruzou velozmente a rua para evitar a outro predador.

O impacto o tinha mandado voando a uma loja na Decatur Street e o pandemônio resultante dos turistas escapando de um leopardo das neves, e os homens com armas, tinham-lhe permitido livrar-se de seus perseguidores.

Sem outra escolha, ele tinha ido a Maggie...

Sua cauda se sacudiu.

—OH Deus.

Ele olhou para o som alarmado da voz do Maggie para vê-la parada em sua cozinha, seus olhos muito abertos quando ela olhava. Ela estava aterrorizada. O pungente aroma disso chamava a sair ao predador dentro dele.

Um predador que tinha sido domesticado por ela... Por uma vez, a besta de seu interior estava em paz. Não havia desejo de atacar. Nenhum desejo de fazer mal.

Em seu lugar, queria só sua cálida mão em sua pelagem...

—Está bem, gatinho— disse ela com essa estranha voz aguda que os humanos só usavam com os meninos pequenos e os mascotes. — Não te coma à encantadora dama, vale? Ela não te vai machucar, menino. Ela só vai dar um passo para lá para que não a ataques. Por favor, não ataque.

Ela se moveu um pouco mais perto, lhe olhando cuidadosamente. Sua voz baixou duas oitavas quando lhe falou outra vez. — Está realmente aí, Wren? Sabe quem sou?

Wren respirou profundamente para preparar-se a si mesmo para o que ele estava a ponto de fazer e emitiu a si mesmo de retorno a forma humana. Sua dor aumentou dez vezes, mas ele agüentou para que a inconsciência não lhe devolvesse de novo à forma do gato. Ele enfocou a atenção nela.

—Sei que é você, Maggie.

Marguerite tragou com alívio quando viu a confirmação do que ela tinha temido e esperado. Wren realmente era o gato.

Assustada e nervosa, ela cruzou a pequena distância onde permanecia tendido de barriga para baixo no piso com uma das mantas dela lhe cobrindo suas pernas e traseiro nu. Havia arranhões e dentadas por todas suas costas como se outra classe de gato lhe tivesse atacado. Seu cabelo loiro

caía sobre seus olhos, obscurecendo-os quando ele se levantou muito ligeiramente de um modo que lhe recordava ao de um gato despertando-se.

Ela se ajoelhou ao lado dele e colocou uma mão reconfortante em suas costas nua. Ele se voltou lentamente, gemendo brandamente quando se moveu, a fim de que pudesse ficar de barriga para cima, contemplando-a.

Os cortes e os machucados arruinavam seu peito igualmente. Havia em particular um feio machucado negro que virtualmente cobria toda sua caixa torácica esquerda. A marca se levantava alta em cima de seu peito, até seu coração. Tinha que lhe matar o só deixar respirar o ar, e ainda assim ele suportava sua agonia com um estoicismo que a assombrava.

Sua cabeça repousando sobre seu travesseiro, ele a contemplou com esses abrasadores olhos azuis. Só deixavam transparecer a dor que levava dentro. Mais que isso, ela viu seu próprio temor a que ela o rechaçasse agora que sabia a verdade.

Como se ela fosse fazer tal coisa.

—Não tenha medo de mim, Maggie.

Ela inclinou a cabeça enquanto lhe apartava o suave cabelo da cara. Em sua forma humana, ele tinha muita febre. Sua pele estava tão quente e úmida e pegajosa que a assustou até mais. Havia ainda alguns cortes e machucados em seu rosto, incluído um corte em seu lábio inferior, mas eram em algum modo tão maus como o tinham sido a noite em que ele tinha aparecido em sua porta traseira.

Os dias de descansar inconsciente sobre o chão lhe tinham deixado com uma grossa barba morena crescendo em seu rosto. Entretanto para ser honesta, viu-se surpreendentemente bem nele.

—Como se sente? Perguntou ela.

—Como se tivesse sido atropelado por um ônibus que me tivesse passado várias vezes por cima para assegurar-se de que acabava o trabalho. Ele enrugou seu nariz ante ela. —Acredito que deve ter moído seus aros em minhas costelas durante a última carreira. Já sabe, só em caso de que realmente queria voltar a respirar no que fica de vida.

Sorriu a seu extraviado humor quando ela apoiou sua mão sobre o peito dele. Seu batimento de coração eram fortes debaixo sua mão. Agradecida por esse pequeno milagre, ela deu uma pequena e silenciosa prece em agradecimento.

—O que aconteceu?

Wren vacilou. Ela podia ver o conflito em sua formosa cara quando procurava que lhe dizer.

—Seja honesto comigo, Wren. Já sei que pode mudar de forma e não tive um ataque de pânico... não muito. Pode me dizer todo o resto.

Ele se sobressaltou como se algo o ferisse antes de falar.

—Yeah, teria desejado permanecer acordado o suficiente para ver seu rosto quando me transformei.



—Não, te asseguro que não ia querer, não foi agradável.

Ele inclinou sua cabeça e tomou suas mãos nas dele a fim de que ele pudesse brincar com seus dedos enquanto descansavam sobre seu peito, justo sobre seu nu mamilo. Ele esfregou sua palma contra sua dureza antes que ele subisse sua mão a seus irritados lábios e depositasse um tenro beijo nas pontas de seus dedos.

—Não há nada a respeito de ti que não seja precioso, Maggie. É a mulher mais formosa que alguma vez vi.

Seu coração palpitou ante suas palavras quando o calor a transpassou. Ninguém alguma vez lhe havia dito nada tão doce antes.

—Sei que teve uma comoção.

Ele começou a negar com a cabeça, mas terminou com um coice, quando o gesto devia havê-lo machucado.

—Assim, o que ocorreu? —perguntou ela outra vez.

—Nada importante. Só um grupo de idiotas que saíram para me matar.

Ela não estava segura o que a desalentava mais, seu estóico tom ou o fato de que sua confissão realmente não a surpreendesse. Ela também o tinha imaginado.

—Quem eram eles?

—Outros Were-animais.

Havia mais como ele? Ela se esforçou em não reagir a isso. Mas para ser honesta, ela tinha assumido que os que lhe fizessem mal haviam sido humanos. Dada sua natureza solitária, teria tido sentido que ele estivesse completamente só no mundo.

Que estúpida por não ser mais imaginativa.

—Por que estão tratando de te matar?

—Porque não deveria sair com um humano. Não se supõe que temos mais que relações casuais com os de sua raça. Eles temem que se estiver contigo, esteja-me voltando perigoso para eles.

Tanto como ela odiava lhe ouvir dizer —sua raça— ela percebeu por uma vez que ali realmente havia uma diferença entre ela e ele. Ela era humana e ele não o era.

Ao menos não inteiramente.

—É perigoso?

—Não sei. Você é em tudo o que posso pensar. Quando estou longe de ti me dói de uma maneira que nunca tinha acreditado possível e não conheço o porquê. Eu não deveria sentir isto por uma mulher humana. Sei. Desejo tão ardentemente estar contigo que é como alguma classe de loucura em meu interior. Talvez tenham razão. Talvez deveriam acabar comigo.

—Ou talvez estão equivocados. Não penso que seja perigoso, Wren. Ao menos não fisicamente. Mas o que faz a meu corpo poderia ser considerado criminoso em alguns estados.

Sorriu-lhe. —Obrigado por me acolher e não chamar à polícia.

—Não há problema, me acredite, deixar a um magnífico homem nu entrar em casa não é uma adversidade para a maioria das mulheres.

Ele riu brevemente ante isso. —Não posso acreditar o bem que te está tomando isto.

—Isso é só porque você esteve inconsciente durante o pior disto, tive tempo de que me ajustar ao feito de que havia um tigre meio morto em meu chão que tinha entrado em minha casa com a aparência de meu namorado.

Ao Wren ainda lhe custava esforço acreditar que estivesse tão acalmada. Ele tinha esperado que ela escapasse e o deixasse só no melhor caso. No pior dos casos, ele tinha esperado que ela o entregasse às autoridades.

Normalmente, ele nunca teria acreditado em ninguém para seu bem-estar. Mas com o tranqüilizador fazendo efeito, ele não tinha tido escolha que não fosse esperar que Maggie não lhe traísse.

E ela não o fez. Ela o tinha oculto, e pelo aspecto geral da cama de palha provisória em que ele estava ela o tinha atendido enquanto ele estava inconsciente.

Quando Wren começou a incorporar-se, lhe ajudou. Suas mãos se sentiam bem sobre sua pele nua, apaziguando-o quando ele se apoiou contra seu sofá. Ele daria algo por conservar essas preciosas mãos em seu corpo, mas infelizmente, ela se afastou.

—Quanto tempo estive inconsciente?

—Quatro dias.

Ele se congelou ante suas palavras. Isso não poderia ser certo. Verdade?

—O que?

Ela inclinou a cabeça.

—Disse-lhe isso, tive tempo de sobra para me acostumar a você sendo um gato grande, estive aterrorizada todos os dias de que não te voltasse a despertar.

O terror o consumiu. Se ela tivesse deixado sua casa... Era realmente um milagre que os que vinham atrás dele, não houvessem lhe encontraram ambos e os tivessem matado.

—O que estiveste fazendo enquanto estava inconsciente?

Ela indicou um pequeno colchonete no chão ao lado dele.

—Fiquei perto em caso de que necessitasse algo. Tudo o que fiz foi limpar o sangue do alpendre de atrás, depois fechei a casa. Não sabia quem estava atrás de ti, mas tinha medo de quem quer que fosse pudessem te encontrar, assim mantive o telefone preparado para pedir ajuda em caso de que eles o fizessem.

A ternura lhe alagou ante as ações dela. Era inconcebível que alguém fizesse tanto por ele. Nem sequer uma vez em sua vida alguém tinha tratado de lhe proteger nunca. Ele nunca tinha tido qualquer falsa ilusão a respeito de Nicolette. Se tivesse feito algo para pôr em perigo sua vida ou a

dos seus membros de sua família, ela o teria descartado em um batimento de coração.

Mas Maggie não o fez. Não lhe devia nada e ainda lhe tinha mantido a salvo inclusive embora isso pusesse em perigo sua própria vida. Era inconcebível.

Ele deixou escapar um aliviado suspiro ao ver que ela tinha tido o bom sentido de estar preparada.

—Veio alguém por aqui?

—Não. Mantive as janelas e as portas bem fechadas, no caso de.

Ele estava assombrado de que não lhe tivessem encontrado, mas de todas formas, inconsciente, ele não tinha estado mascarando seu aroma ou sua pista. Ele teria que tomar cuidado agora. Sua raça enviaria sondagens psíquicas. Se ele usava sua magia, como estava fazendo agora mesmo para manter-se humano, poderiam encontrá-lo.

Fechando seus olhos, ele camuflou seus poderes. Mas não ia ser capaz de agüentar isso por muito tempo sem que se debilitasse ainda mais.

Cedo ou tarde, ele tinha que deixar um rastro que muito facilmente poderiam rastrear.

—Temos que sair daqui o quanto antes.

Ela pareceu confundida por isso

— Por que? Tenho comida suficiente.

—Não posso deixar que me encontrem em sua casa, Maggie. Deus sabe o que lhe poderiam fazer...

—Sou uma garota grande, Wren. E tenho uma pistola completamente carregada.

Sorriu ante sua bravata.

—Se recordar a noite em que nos conhecemos me dispararam, recordará que as armas não são realmente eficazes sobre nós. Ao menos não até que nos díspares na cabeça a muito curta distância.

Ela girou seu rosto com repugnância.

—Sim— ele respirou. —Como já disse, temos que ir.

Marguerite não sabia que dizer. Ela não queria que ele saísse.

—Quantos mais são como você?

—Os suficientes para fazer que o elenco de um filme de Cecil B. DeMille⁵ parecessem dois homens da ópera. —Ele se levantou e pegou sua bochecha na palma.

⁵ **Cecil B. DeMille(1881-1959)** famoso cineasta americano, um dos 36 fundadores da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, também conhecido pelo grande numero de atores que utilizava em seus filmes.

—Virão atrás de mim, Maggie, e não se deterão até que esteja morto. Você esteve no Santuário e eles sabem, cedo ou tarde, encontrarão-lhe se te deixo atrás. Usarão-lhe para chegar para mim.

Sua cabeça naufragou ante o que ele dizia.

— Não posso ir. Tenho classes. Responsabilidades...

—Você não poderá ir a classes se estiver morta.

Ela começou a aterrorizar-se quando o verdadeiro horror da situação se fez evidente para ela. Isto não podia estar acontecendo

—Irei a meu pai. Ele pode nos proteger.

Wren se desvaneceu diante dela. Dois segundos mais tarde, ele estava detrás dela.

—Ele não pode te proteger de minha gente— sussurrou ele contra sua orelha.

—Como fez isso? Perguntou ela, incapaz de acreditar na extensão de suas habilidades.

—É fácil. Minha gente pode viajar no tempo e podem usar magia à vontade. Não há humano nesta terra que te possa proteger deles. Confia em mim.

A raiva fluiu para cima ante o que lhe dizia. Ela se sentia impotente, e essa era a única coisa que odiava mais que nada. Ela era uma mulher adulta a cargo de sua vida, e não gostava do pensamento de não ter forma de proteger-se a se mesma. Tinha que haver algo que eles pudessem fazer.

—Se eu não posso usar uma arma para me proteger e não podemos nos esconder, então o que se supõe que vamos fazer? Supõe-se que devo entregar minha vida inteira só por que me deitei contigo?

Wren retrocedeu ante suas palavras, as quais lhe impactaram como um golpe físico. Ela tinha razão. Ele exigia muito dela. Não era justo, por que deveria esperar ele que ela sacrificasse o resto de sua vida por ele?

Era lhe pedir muito a alguém. Sem mencionar que ela tinha tido uma vida que tinha sido perfeita até que ele tinha entrado nela. Não, ela não necessitava algo como ele para estragar seu futuro. Ele nunca havia trazido felicidade ou alegria a ninguém. Ela tinha sido uma do único reduzido punhado de pessoas que alguma vez tinham sido realmente amáveis com ele... Não lhe pagaria danificando-a.

Havia uma única forma de sentenciar isto — Marguerite franziu o cenho quando Wren beijou seus lábios meigamente.

— Sinto fazer fodido sua vida, Maggie— disse ele em voz baixa quando retrocedeu para permanecer baixo ela. Seus olhos a queimavam com sua triste resignação.

Com pesar.

Ele acariciou sua bochecha com seus dedos enquanto cravava seus olhos nela para gravar seus traços em sua memória.

Logo dois segundos mais tarde, ele se desvaneceu diante dela.

O calor de sua mão ainda permaneceu muito tempo em sua bochecha enquanto que o resto dela se sentiu geada por sua ausência.

—Wren? —chamou ela, olhando ao redor do quarto por ele. Certamente ele apareceria de repente como o tinha feito fazia só um minuto... verdade?



—Wren? Onde está?

Alguém chamou a sua porta.

O que estava fazendo ele agora?

Segura de que era ele, ela foi e abriu a porta para encontrar ao Dr. Alexander parado em seu alpendre de entrada.

—Olá, Marguerite— disse ele. —estive...

—Agora não, por favor, Dr. Alexander. Tenho um sério problema.

—Há algo que possa fazer para te ajudar?

Desgostada, assustada, e frustrada pelo que lhe estava acontecendo, ela falou sem pensar.

—Não. Não a menos que você saiba como rastrear a um tigre desaparecido.

Ela viu como a cor abandonava seu rosto. —Então Wren realmente está aqui.

Então soube... Isso foi pelo que o Dr. Alexander e outros se apresentaram no cárcere para tirar Wren baixo fiança.

—Você sabe o que ele é?

—E você?

Sua defensiva estava começando a chateá-la.

— Por que está você aqui, Dr. Alexander? perguntou ela em um tom frio.

—Não apareceste na faculdade nos últimos quatro dias e não respondeste ao telefone.

Seu estômago se contraiu com reserva.

— Como sabe você isso? Você já não é meu conselheiro.

Sua formosa cara estava sombria.

— Não, não o sou. Mas sabia que mais provavelmente foi quão última tinha visto o Wren e eu tenho que encontrá-lo.

—Por quê?

—Por que está morto se não o fizemos.

Marguerite ofegou ante a profunda voz detrás dela. Ela se voltou para ver um alto, homem loiro vestido de negro.

—Como entrou em minha casa?

Ele não respondeu enquanto ia para onde Wren tinha estado dormindo.

—Ele esteve aqui— disse ao Julian. —Sua essência está por todo o lugar. O homem a estacou com um furioso olhar. —Há onde foi?

—Quem diabo é você? —demandou ela.

—Fury— grunhiu ele, — e não é só um nome, é meu temperamento. Assim deixa de ser defensiva, humana. Não tenho tempo ou paciência para isto. Nós estamos aqui para salvar a seu namorado antes que consiga que o matem.

O Dr. Alexander limpou voz em um gesto preventivo.

— Você me conhece, Marguerite, me acredite quando digo que estamos do lado do Wren. Sabe onde está?

Ela vacilou enquanto considerava suas opções. Wren tinha chamado ao Dr. Alexander e ao Bill quando o tinham encarcerado. Mas então, ele não tinha ido a eles enquanto estava ferido.

Queria dizer isso que eles não eram de confiança? Ou só queria dizer que ele confiava mais nela? Insegura da resposta, ela decidiu que a única maneira de lhe ajudar agora era correr o risco e rezar que fosse a decisão correta.

—Não. Ele se desvaneceu faz um segundo.

—O que disse antes de sair? —perguntou Fury.

—Não sei. Ele me disse que eu precisava fugir com ele e eu lhe disse que não podia ir. Ele tinha esse estranho olhar em seu rosto e logo se desculpou por estragar minha vida. Dois segundos mais tarde, ele se foi.

—Merda— Fury grunhiu quando se encontrou com o olhar do Dr. Alexander. —Ele se dirige a já sabe onde.

O Dr. Alexander parecia aborrecido.

—Avisa ao Vane e diga que se encontre comigo ali. Fury logo que tinha terminado essas palavras antes que ele, também, tivesse desaparecido.

O Dr. Alexander amaldiçoou quando tirou seu telefone celular de seu bolso e pressionou um botão.

—Vane— disse ele depois de alguns segundos, — Descobrimos onde esteve. Mas lhe perdemos. Literalmente. Acredito que se dirige ao Santuário para enfrentá-los.

Dr. Alexander a olhou carrancudo enquanto fazia uma pausa para escutar. — Não. Tenho à mulher com quem ele esteve. Manterei-a comigo por agora. Podem Fury e você encarregar-se dos outros?

Marguerite se mordeu uma unha enquanto esperava.

—Levarei-a para o Jean Luc, me faça saber o que acontecer. Ele pendurou o telefone. — Empacota o que necessitar para a noite.

—Por quê?

Seu olhar era severo e cortante com sua intensidade. —Eles sabem quem é Marguerite. Por isso estou aqui. Comprovei com seus professores, quem me disse que tinha estado faltando as aulas. Estava aterrorizado de que já lhe tivessem encontrado e lhe retivessem para pôr uma isca ao Wren. Ambos são malditamente afortunados de que não lhes tenham seguido a pista ainda, mas me acredite, é só questão de tempo até que o façam. É imperativo que lhe levemos a segurança. Agora.

Ainda, ela queria algumas respostas.

—Quem são eles?

—Olhe, explicarei-te todo isso depois. Agora mesmo, necessito que saia deste inferno antes



que tenha que matar a pessoas que geralmente considero meus amigos.

Ele tinha razão. Ela estava sendo estúpida quando já sabia do que eram capazes de fazer.

Assentindo, Marguerite se voltou e correu para sua habitação, onde ela agarrou uma pequena bolsa que rapidamente encheu com umas mudas, roupa interior, alguma maquiagem, e uma camisola.

Para quando retornou, Bill Laurens se uniu ao Dr. Alexander em sua sala de estar.

Ela arqueou uma sobrancelha ante o advogado.

—Sim, sei— disse Bill. —Pareço um amável advogado corporativo. Mas posso lutar com um urso ou um tigre qualquer dia. Vamos, temos que te tirar daqui.

—Quanto tempo estarei fora?

Bill intercambiou um olhar nervoso com o Dr. Alexander.

—Não sabemos.

Agitada ante a rapidez com a que sua vida inteira estava mudando e que tão impotente se via ela para detê-lo, ela tomou seu telefone celular e seu carregador do aparador. Ela guiou aos homens fora de sua casa, logo fechou a porta com chave.

—Você realmente não pensa que Wren foi conseguir que o matassem, verdade? —perguntou-lhe ao Dr. Alexander quando a conduziu a seu Land Rover negro.

Ambos os homens responderam imediatamente.

— Para te salvar? Sim.

Marguerite nunca se havia sentido tão egoísta em sua vida como quando subiu ao carro do Dr. Alexander.

—Não posso acreditar que isto esteja acontecendo... —Ela não se deu conta de que tinha falado em voz alta até que Bill falou.

—Bem-vinda a nosso mundo. Não é um lugar bonito. Mas jamais te aborrece, de todas as formas.

Ela suspirou quando a dor a transpassou.

—Sigo pensando que isto é todo um sonho e que amanhã vou despertar me em minha cama e me perguntar que diabos jantei.

Bill riu quando o Dr. Alexander saía de seu caminho de acesso.

—Quer um brusco despertar, pois pergunta a seu professor de clássicos quão velho é em realidade.

Pelo tom de voz do Bill, ela podia dizer que aquilo ia enviar a ao bordo.

—Não quero sabê-lo, verdade?

—Não realmente— disse o Dr. Alexander. —Digamos que adquiri os conhecimentos que reparto em minha matéria de primeira mão.

Isso fazia que sua cabeça fosse à deriva. Nenhuma maravilha era tão impressionante como o

conhecimento do Dr. Alexander. Seria muito fácil ensinar um tema do que realmente experimentaste o que queria dizer que o homem tinha provavelmente muitos milhares de anos. Isso era suficiente para aturdir a mente humana.

Marguerite observava o tráfico enquanto se dirigiam ao Warehouse District. O mundo fora do carro parecia normal, e ainda nada era tão mesmo tinha sido cinco dias atrás. Ela se perguntou quanto mais disto havia ali fora que não era o que parecia. Caralho, com tudo o que sabia, o bar que estavam indo agora mesmo podia ser dirigido por demônios ou algum outro tipo de estranhos Were-animais. Gárgulas, inclusive.

Mas isso não era realmente o que mais lhe preocupava. Agora mesmo seus pensamentos estavam em um particular Were-Besta...

—Me digam que Wren vai estar bem.

Bill se voltou a olhá-la sobre seu ombro.

— Neste momento, deveria preocupar-se mais por ti mesma, Marguerite. Se os que estiverem detrás do Wren alguma vez se inteirassem de que existe, viriam atrás de ti.

Olhou-lhe com cenho.

— O que não entendo é por que se sabem que você sabe que existem, por que não vão detrás de você?

—Eu tenho um grosseiro interesse em manter sua existência oculta. Você não.

—Eu não? —perguntou ela, sua voz elevada pelo medo e a angústia —Quão último quero é que Wren seja encerrado em um laboratório de governo em alguma parte.

Bill sorriu favoravelmente.

—Boa resposta.

Marguerite suspirou enquanto afastava as lágrimas que ardiam seus olhos.

—Não posso acreditar que estejam tratando de lhe matar por minha culpa. Não pode simplesmente lhes dizer que já não me verá mais?

Bill a olhou franzindo o cenho.

—Do que está falando?

—Wren disse que foram detrás dele porque não querem que esteja envolto com um humano. Se já não nos virmos mais...

—Temo que seja muito tarde para isso— disse Bill em voz compassiva. —Isto já não se trata de ti, Isto Marguerite é a respeito de um grande negócio. A família do Wren esteve ansiando uma oportunidade para lhe matar de uns anos para cá. Enquanto ele teve o amparo do Santuário a suas costas, eles não podiam lhe tocar ou a seu dinheiro. Agora que o jogaram à rua, não há nada que os detenha.

Mas isso não tinha sentido.

—Não entendo nada. O Santuário é simplesmente um bar, não?

—Não— disse Bill, sua voz carregada com gravidade. — É mais como um refúgio animal onde as pessoas como Wren podem ir, lá não podem ser caçadas por quem quer assassiná-los.

—Não pode encontrar ele outro santuário?

Bill negou com a cabeça.

— Eles não plantam exatamente árvores para os de sua raça. Não é que importe. Agora mesmo o Omegrion o marcou para morrer. Até que se levante essa sentença, ninguém pode acolhê-lo e lhe dar amparo. Se o fizerem, morrerão também.

Ela franziu o cenho.

—O que é o Omegrion?

—É o concílio governante para sua gente— disse o Dr. Alexander enquanto girava à direita. — Parecido a sua versão do Congresso.

Ela esperava que seu Congresso fosse algo mais efetivo e mais cooperativo, especialmente desde que sua decisão determinava se Wren vivia ou morria.

—Como os obrigamos a levantar essa sentença contra ele? —perguntou ela.

Bill suspirou.

—Tem que provar que não é perigoso para sua gente.

—E como o fazemos?

Bill deu a ela um duro olhar.

—Não o fazemos. Basicamente Wren é caçado e eventualmente assassinado. Tudo o que podemos fazer ante este ponto é atrasar isso e te manter com vida até que determinem que você não é tanta ameaça como ele.

Isso era tão injusto. Como podia ser isso? Uma só lágrima caiu por sua bochecha quando as palavras do Bill atravessaram como adagas sua analogia.

—Wren não merece isto. Homem ou animal, ele é a alma mais gentil que alguma vez tenha conhecido.

Os olhos do Bill se ampliaram quando o Dr. Alexander fez um som de desacordo.

—É a única que alguma vez tenha conhecido que diga isso a respeito dele, Marguerite— disse o Dr. Alexander. —Wren é quase tão selvagem e perigoso como os que vêm atrás dele.

Talvez para eles, mas ele não era assim com ela.

Marguerite fechou seus olhos enquanto imaginava a maneira em que tinha sido Wren a noite em que se conheceram. Ele tinha sido tão tímido e vergonhoso. Ele se tinha mantido nas sombras, só tinha saído para falar com ela.

Logo seus pensamentos voltaram para momento em que ela tinha sujeito enquanto faziam o amor. A maneira em que ele tinha sido quando repeliu aos assaltantes dela. Eles tinham razão, Wren podia ser perigoso. Mas ele não estava fora de controle. Ele nunca tinha atacado a alguém sem provocação. Isso não o fazia uma ameaça. Isso só o fazia não ser um fraco.

—Temos que lhe salvar— disse ela aos homens. —me diga como matar as coisas que vão atrás dele.

Em forma do tigre, Wren se arrastou através das escadas para o piso de acima do Santuário, procurando Nicolette. Ele não tinha dúvida de que se tornou contra ele, e era hora de acabar isto. Uma coisa era ir atrás dele, mas pôr em perigo a Maggie era outra história.

Tinha chegado o momento de que todos eles se dessem conta de que ser solitário não queria dizer que fosse fácil de derrotar. Este tigre tinha dentes e ele estava mais que em condição de usá-los.

—Merda!

Ele se voltou para encontrar ao Fang em sua forma humana de pé em uma porta aberta detrás dele. O lobo levava nada posto exceto um par de jeans. Inclusive seus pés estavam nus.

Agachando-se, Wren se preparou para atacar.

—Tira seu traseiro daqui— estalou Fang. —Agora!

Wren começou a afastar-se dele.

— Lhe escute, Wren. Por favor.

Ele se congelou ante a voz do Aimeé. Também em forma humana, a bearswan estava de pé atrás do lobo. Um lado de seu rosto estava vermelho e seus lábios estavam inchados, como se ela se esteve enrolando com o Fang em seu quarto.

Diabos, esses dois tinham piores problemas dos que tinha ele.

Antes que pudesse mover-se, outra porta se abriu. Aimeé saiu precipitadamente de vista quando seu irmão menor Etienne se congelou em sua porta. Alto e o loiro ao igual ao resto de seus irmãos, o urso era só algumas décadas maior que Wren mas não parecia mais velho em forma humana.

Etienne instantaneamente cintilou a sua forma do urso.

—Não briga no Santuário— disse Fang, fechando sua porta para proteger Aimeé quando se moveu a ficar entre os dois. —Ambos conhecem as Leis Eirini que nos governam.

—Ele foi marcado, lobo. te afaste.

Wren trocou de direção ante o som da voz do Aubert e cintilou a sua forma humana para enfrentar-se ao afamado Papai Ouso, o qual só recebia ordens de Nicolette. —Não fiz nada mau. Isto é uma estupidez e todos vós sabem.

—Perdeste a razão— disse Aubert. —ameaçaste a meus cachorrinhos e a minha companheira.

Wren estreitou seu olhar no urso. — Não, não o fiz. Mas pode lhe dizer a sua puta que estou aqui por ela.

Aubert se lançou contra ele.

Fang se interpôs entre eles e apanhou ao urso quando ele se equilibrou. Wren se esticou, esperando que Aubert se desfizesse do lobo, mas para seu assombro, Fang se manteve firme.

Rugindo, Aubert derrubou Fang a um lado e chegou ao Wren.

Wren cintilou a sua forma de tigre e se lançou sobre o Aubert, quem se transformou instantaneamente em urso. Wren apanhou ao enorme animal da garganta quando Etienne lhe atacou desde atrás. Ele assobiou quando Etienne o jogou contra a parede e lhe rasgou uma perna com sua enorme garra.

Aturdido, Wren saltou a ficar em pé só para que a ferida aberta em sua pata o rasgasse de dor. Suas feridas eram ainda muito recentes, e estas novas se cobravam muita em sua força vital. Não é que lhe importasse. Ele tinha entrado ali sabendo que mais provavelmente o matariam.

Mas planejava ter alguma compensação disto antes que ele morresse.

Os ursos se levantaram em duas patas antes que comesçassem a ir para ele.

Só tinham dado um passo quando uma luz brilhante cintilou intermitentemente no vestíbulo.

Wren deu marcha atrás, preparado para brigar, só para deter-se quando viu o Vane e Fury agora no corredor.

Em forma humana, Vane jogou uma olhada ao sangue no ombro do Fang e deixou escapar um baixo grunhido de sua garganta. —Aubert? perdeste o julgamento?

Aubert cintilou intermitentemente de retorno à forma humana, enquanto Etienne permanecia como urso.

—Ele está marcado para morrer— Aubert grunhiu. —Acolhemos-lhe, lobo, quando não tinha a ninguém. É assim como nos paga isso?

Os olhos verdes do Vane resplandeciam.

— Não, Aubert. Não esqueci minha dívida para contigo ou Nicolette. Mas não ficarei quieto e verei o que acontece com um inocente. Wren não tem a clã ao que voltar. Assim que lhe ofereço o meu.

Wren ficou completamente aturdido pela oferta. Era um suicídio permanecer fiel a ele agora e ele não podia acreditar que Vane considerasse inclusive tal ação.

Aubert estava igual de incrédulo.

—Respalda-o contra do decreto do Omegrion?

Vane não emitiu resposta. Seu rosto era sombrio e mortífero.

—Malditos sejam.

Wren viu o brilho de pânico na cara humana do Fang quando ele olhou sobre o ombro do tigre.

—Não!

Todos eles se voltaram para ver Aimeé à metade do corredor detrás deles. Só Wren e o Fang sabiam na habitação de onde tinha saído.

Ela tragou enquanto seu olhar ia de seu pai ao Fang.

—Papai, por favor. Não faça isto. Isto está mau e sabe. Wren não supõe nenhuma ameaça para nós.

—Está louca, filha? Ele está aqui para matar a sua mãe.

Mais comportas se abriam agora. Mais animais saíam para ver que era toda essa animação. Maldição, Wren teria que correr através deles para alcançar ao único animal com o que ele andava procurando briga... Até depois das palavras atrevidas do Vane, Wren realmente não esperava que ninguém ficasse de seu lado, assim quando os três lobos formaram uma barreira entre ele e os outros, ele ficou atônito.

—Nunca sairão daqui com vida— avisou Aubert. —Nenhum de vós.

Wren inclinou a cabeça quando viu que algo estranho passava entre o Fang e Aimeé. Ele sabia que falavam telepaticamente.

Um batimento do coração mais tarde, Fang a agarrou em seus braços, convocando uma faca em sua mão, logo o sujeitou ameaçadoramente contra sua garganta.

—Não nos seguirá. Matarei-a se o faz.

Fang se voltou a olhar aos três.

—Fury, Vane, tiram o Wren daqui.

Wren começou a protestar, mas antes que pudesse fazê-lo, Vane o agarrou pelo pescoço e cintilou do corredor a uma habitação que ele nunca tinha visto antes.

Era escura, não havia janelas em nenhuma parte. A única luz procedia de dois abajures de noite em duas mesas opostas ao final da habitação. Ele olhou ao redor, perguntando-se aonde havia o trazido Vane. O equipamento era moderno e elegante e de alta tecnologia, sem mencionar que as paredes eram feitas de aço cinza escuro.

Por essas paredes e o vaivém do chão, ele podia dizer que estavam em um navio em alguma parte.

Vaiando com ferocidade, Wren cintilou intermitentemente à forma humana para enfrentar ao lobo.

—Que diabos crê que está fazendo?

—Salvando sua vida.

Ele franziu seus lábios ante o Vane.

—Não quero que me salve a vida, imbecil.

Fury, Fang, e Aimeé cintilaram intermitentemente no quarto ao lado do Vane. Aimeé se lançou aos braços do Fang.

—Vós dois perdestes a cabeça? —perguntou-lhes Vane. —Entre vocês e o tigre, estamos bem fodidos.

—Não, não o estão. Wren tratou de emitir-se a si mesmo de retorno ao Santuário para terminar



com isto, só para precaver-se de que não podia. —Que diabos?

—Tenho-te baixo chave— disse Vane.

Wren tinha melhor critério que ir pelo Vane — o lobo era muito poderoso para tratar de lhe matar — mas isso requeria cada pinga de seu autodomínio para não tentá-lo. —Levanta-o.

—Não— disse Vane firmemente. —Não acabo de pôr em perigo meu clã para ver como lhe suicidas.

—Esta não é sua briga.

—Sim, é-a. Não vou permanecer sentado e observar como matam a um inocente pela cobiça de algum imbecil.

Wren se mofou do heroísmo do Vane.

— Pois bem, obrigado, Sr. Altruísta, mas o tigre não quer sua ajuda. Assim fora do campo.

Alguém começou a aplaudir. Wren se voltou para ver o Jean Luc o Dark-Hunter entrando no quarto de uma porta a sua esquerda. Um pirata em sua vida humana, o imortal caça vampiros ainda conservava muito de sua velha aparência. Com um pequeno aro de ouro brilhando intermitentemente no lóbulo de sua orelha esquerda, ele estava vestido de negro, com um par de calças de couro, uma camisa de seda que se abotoa abaixo, e botas de motorista. Seu cabelo comprido negro estava recolhido para trás em uma cauda que enfatizava os ângulos afiados de seu rosto. Seus olhos eram tão escuros que nem sequer as pupilas eram reconhecíveis, e esses olhos dançavam com diversão.

—Encantadora expressão, tigre.

—Te cale, cão de águas, esta não é sua briga, tampouco.

Jean Luc susteve audivelmente seu fôlego ante o insulto.

—Menino, melhor que contenha essa língua antes que te encontre sem ela.

Wren deu um passo para ele, logo se congelou quando Maggie entrou através da porta atrás do pirata. O alívio em seu rosto manteve ao Wren imóvel.

Ela correu a seu lado e jogou os braços ao pescoço. —Estou tão contente de que lhe alcançassem antes que fosse muito tarde. Realmente não foste fazer nenhuma estupidez, verdade?

—OH não, carinho, chegamos tarde— disse Fury com sarcasmo. —O “Menino-Tigre” mijou baixo a árvore equivocada de mel e conseguiu que todas as abelhas, ou neste caso, os ursos, se enchessem o saco.

Fury olhou ao Fang.

—Entretanto, conhecendo os ursos, andarão a caça de lobo antes que a do tigre. Bom movimento, Fang. Passando o tempo com sua única filha. Realmente rápido. Sabe que o chocolate é letal para nossa raça. Acredito que se quiser suicidar, essa é a forma menos dolorosa de fazê-lo.

—Deixa-o já, Fury— disse Vane, movendo-se para onde estavam Fang e Aimeé. — Temos que devolvê-la. Agora.



— Sei— disse Fang.

As lágrimas refulgiram nos olhos de Aimeé.

— Não quero ir.

Os dois olharam suplicantes ao Vane, quem parecia como se lhe tivessem golpeado o estômago.

— E eu pensava que minha relação com Bride estava condenada. Maldição, meninos e animais, isto fede.

Fury disse com um bufido.

— É o líder, Vane, nos lidere.

Vane olhou ao céu e suspirou.

— Se tivesse um pouco de cérebro, o qual obviamente não tenho, nunca me teria enredado nisto. Entregaria a meu irmão e ao Wren aos ursos e simplesmente agarraria a minha esposa e encontraria um bonito e tranqüilo lugar, onde criar a nosso filho.

Ele varreu a tudo com um irritado olhar.

—Mas obviamente, sou verdadeiramente o homem mais estúpido no planeta.

Jean Luc tirou um comprido, magro estilete de sua bota.

—Aqui, mon ami. Para você ou para eles. Um corte e todos seus problemas estão solucionados, né?

—Não me tente. — Respondeu Vane com um grunhido enquanto examinava a todo o lote. — Wren, escuta bem, por que, tio, suas oportunidades andam minguando. Mata a Nicolette e está morto. Não há maneira de retornar disso.

Wren se burlou dele.

—Não há maneira de evitar retornar de uma ordem de execução. E ponto.

Sacudindo sua cabeça em negativa, Fury deu um passo adiante.

—Não estava ali quando se votou. A câmara de vereadores estava dividida sobre a ordem.

Wren franzido o cenho.

—O que está dizendo?

—Que tem uma oportunidade de redenção— disse Vane, —mas não se mata a Nicolette por vingança.

Wren vacilou quando sentiu uma pequena pontada de dolorosa esperança, atreveria-se a acreditar neles? Parecia muito inverossímil inclusive para um homem que era um tigre.

Vane suspirou.

—Dê à câmara de vereadores uma prova que é inocente de matar a seus pais e Savitar rescindir a ordem do Omegrion.

Wren se congelou quando essas ridículas palavras lhe transpassaram. O lobo estava de piada?

—De que fodida merda está falando? Estão tratando de me matar porque saio com Maggie.

—O que é, estúpido? —perguntou Fury. —Sua relação com a humana é só o catalisador de que Mamãe Lo desprezasse seu traseiro. A sentença de morte é porque assassinou a seus pais.

—Quem o diz?

—Seu primo Zack.

Wren apertou sua mandíbula para evitar rugir de fúria.

Isto, isto era tão sujo. Ele não podia acreditar que esse bastardo tivesse ido à câmara de vereadores com suas mentiras...

—Nós podemos te ajudar, Wren— disse Vane serenamente. —Mas tem que confiar em nós.

Wren desdenhou com sarcasmo ao lobo.

— Não ponho minha fé ou minha vida nas mãos de ninguém. Tudo o que consegui com isso é que me chutem, e meu traseiro já está suficientemente machucado.

Fury arreganhou os lábios com repugnância.

—Encantadora imagem, tigre. Muito gráfica. Alguma vez pensou em escrever livros para meninos?

Fang golpeou ligeiramente a seu irmão na parte de atrás da cabeça.

—Ai! — se queixou Fury, esfregando o lugar onde lhe tinha golpeado. Ele olhou ao Fang.

—Era assim de chato antes que me atacassem? —perguntou Fang ao Vane.

Vane não vacilou.

— Sim, e ainda o é a maioria das vezes. E agora temos um tema de que discutir.

—Não há nada que discutir— disse Wren. — Você não pode me manter aqui para sempre, lobo, me pôr em um navio foi um bonito truque para mantê-los afastados de meu aroma, mas não lhes levará muito tempo imaginar-se onde estou. Tudo o que tem feito é arrastar aos Dark-Hunters a nossa briga, e conhecendo o Acheron, estou seguro de que não lhe fará graça.

Wren deixou escapar um cansado suspiro enquanto negava com a cabeça ante eles.

— Virão atrás de mim e todos sabem que não se deterão. Prefiro enfrentá-los em meus próprios termos antes que me ataquem nos deles.

Muito cansado e machucado para sustentar-se mais, Wren se dirigiu para a porta.

Quando passou junto ao Jean Luc, o Dark-Hunter o agarrou, antes que Wren pudesse reagir, ele sentiu a espetada de uma agulha em seu braço.

Enfurecido, ele grunhiu e trocou, mas antes que pudesse fazer algo mais, tudo se voltou negro.

Marguerite se voltou fria ante a vista do Wren caindo ao chão aos pés do Dark-Hunter.

—O que lhe fez?

—Pus-lhe um tranquilizador.

Fury deixou escapar um lento suspiro- Ele vai estar seriamente zangado quando despertar.

—Não o duvido— disse Jean Luc. —Por isso sugiro que lhe mantenhamos assim durante ao menos um dia ou dois, até que ele possa curar-se e possam planejar os detalhes que é o que ele



precisa fazer.

—Sim, mas se ele não escutar...

—Exponham seu plano— disse Marguerite, —e eu me encarregarei de que o escute.

Fury, quem ela rapidamente aprendeu que era o cético do grupo, riu dela.

— Não seja tão insolentemente presunçosa, humana. Wren não é o tipo de besta que você possa manipular.

Aimeé negou com a cabeça para ele.

— Não, Fury, está equivocado. Com ela, o Wren é diferente.

Fury se aproximou dela e tomou a mão de Marguerite na dele. Ele a girou para olhar sua palma.

—Eles não estão emparelhados.

Aimeé olhou com ternura ao Fang antes de voltar a olhar ao Fury.

— Não tem que estar emparelhado para cuidar profundamente de alguém. Acredito que Wren a escutará.

Marguerite se manteve a parte com Aimeé quando os homens recolheram a forma de tigre do Wren e o baixaram pelo estreito corredor a um exuberante dormitório que estava adjacente ao que lhe tinham dado a ela. Ela tinha aprendido do Bill que este navio tinha sido convertido em um bunker. Por fora, parecia-se muito oxidado, mas dentro dele guardava cada luxo conhecido pelo gênero humano, incluindo uma habitação com satélite que daria mil voltas à NASA.

O Dr. Alexander e Bill tinham determinado que um navio era o lugar mais seguro para que eles se escondessem. Enquanto estavam sobre água, o Were-Hunters que foram detrás do Wren não poderiam rastrear seu aroma, e sempre que ele mantivesse o uso de sua magia ao mínimo, não poderiam lhe encontrar.

Ela só esperava que isso funcionasse.

—Realmente pensa que há alguma maneira de que Wren possa provar sua inocência? — perguntou ela ao Vane quando ele cobria a forma de tigre do Wren com uma manta.

—Não sei. Caramba, nem sequer estou seguro de que não matasse a seus pais. Seu primo fez um condenado bom argumento.

—Ele não os matou— disse Aimeé firmemente. —Eu estava ali quando lhe trouxeram. Ele estava muito traumatizado por isso. Ele se sentou em uma esquina durante três sólidas semanas com seus braços ao redor de si mesmo, simplesmente balançando-se daqui para lá cada vez que ele estava em forma humana. Como tigard, leopardo, ou tigre, ele permanecia enroscado.

Vane franziu o cenho.

—Estava ferido quando lhe trouxeram isso?

Marguerite viu a relutância na cara do Aimeé.

—Ele estava um pouco arranhado.



Vane parecia cético.

—Um pouco ou muito?

—De acordo, muito— admitiu Aimeé a contra gosto. —Mas se tivesse estado em uma briga com dois adultos Katagaria, ele teria estado mais ferido do que ele o estava.

—A menos que ele os envenenasse — disse Fury. —Zack realmente não disse como os tinha matado ele.

—Eu ainda não acredito— disse Marguerite. —Não está nele.

—Sim, e você é uma iludida— disse Fury. —Pequena, notícias de última hora. Com exceção de ti e o pirata, aqui todos somos animais. E todos temos o instinto de um assassino.

Aimeé suspirou enquanto olhava a forma inconsciente do Wren. —Ele o passou mal na puberdade. Ele não podia manter suas formas e tinha ataques extremamente violentos por coisas sem importância.

—Como qual? —perguntou Vane.

—Pois bem, a primeira noite ele estava trabalhando na cozinha, Dev o surpreendeu e Wren lhe cortou a garganta com a faca que tinha em suas mãos. Felizmente, Dev se afastou o suficientemente rápido para que só fora uma ferida pequena, mas se os reflexos do Dev tivessem sido mais lentos ou se Dev houvesse sido humano, podia ter sido fatal.

—Isso não quer dizer que ele matasse a seus pais— disse Fang quando se moveu ao lado de Aimeé.

Jean Luc fez um ruído de desacordo.

—Por todos os diabos. As pessoas normais não fazem isso.

Fang parecia duvidoso.

—Não, mas alguém que tivesse sido gravemente atacado e que se visse incapaz de detê-lo, faria-o.

Fury não pareceu comprar o argumento do Fang, mas Marguerite o fez.

—Não sei, Irmão— disse Fury. —Acredito que projeta o que te aconteceu sobre o Wren.

Marguerite olhou a Aimeé.

—Quando foi a última vez que Wren atacou a alguém sem que eles lhe atacassem primeiro?

Aimeé não vacilou com sua resposta.

—Só essa vez com o Dev, mas Wren estava assustado e tremia quando ocorreu.

Marguerite assentiu com a cabeça.

— Isso é o que pensei. Wren é inocente nisto. Ele me disse que seus pais se mataram um ao outro, e lhe acredito. Agora só precisamos juntar nossas cabeças e pensar em alguma maneira de prová-lo.

Capítulo 10

Marguerite se deitou sobre a cama ao lado do Wren, quem ainda dormia em forma de gato. Ela tinha aprendido do Vane que os Were-Hunters como animais tinham conhecimento humano completo.

—Se Wren não lhe fez mal em sua forma humana, então não lhe fará isso como animal.

Esse conhecimento a tinha aliviado muito. Isto era tão estranho, entretanto, estar tocando um enorme gato selvagem, e não ter medo dele.

Como podia ser este animal o homem que ela conhecia? Marguerite tocou seus suaves orelhas aveludadas. Sua pelagem era incrivelmente branca, e quando estava em sua forma “verdadeira”, não havia riscas as ou pintas nela. Ele parecia um enorme, fofo gato. Como tigre, ele tinha as marcas negras típicas do tigre que dividiam em duas a branca pelagem.

Ela moveu sua mão para afundá-la profundamente na peluda pele de seu pescoço. Era como acariciar a seda mais suave que se pudesse imaginar. Ela podia sentir a força dele. Isto a assustava e estranhamente a reconfortava.

Sem pensá-lo um segundo, ela afundou seu rosto ali e lhe manteve perto. Pobre Wren tinha passado portanto. Se ela pudesse, aliviaria-lhe a dor.

Mas como? Tudo o que ela podia fazer era lhe oferecer comodidade e esperar que seu plano sortisse efeito. Quão último ela queria era lhe ver mais machucado. Vane lhe tinha contado muito a respeito da infância do Wren, a respeito do sozinho que tinha estado sempre. Era algo que ela entendia muito bem. Toda sua vida ela, também, tinha sido uma estranha. Nunca o bastante boa. Nunca o que outros queriam que fosse.

Esse era um solitário lugar para viver.

Seu coração doía, ela acariciou com o nariz a suave pelagem enquanto lhe acariciava amavelmente o lado que não tinha machucado.

Wren despertou para notar a mais incrível sensação de sua vida. Alguém lhe acariciava...

Ninguém alguma vez tinha colocado uma suave mão em sua forma de animal antes. A mão em seu flanco era cálida, tranquilizadora. Acariciava e alisava sua pelagem em um sensual ritmo que não tinha nada de sexual. Era reconfortante. E significava para ele mais do que nunca tinha significado nada.

Outros Were-Hunters sabiam que era melhor não lhe tocar quando estava assim. Os humanos lhe temiam como animal.

E seus pais... eles nunca tinham sido carinhosos.

Ao menos não com ele.

Ele soube instintivamente que era Maggie que o estava mimando agora. Seu aroma se pegava

a sua pelagem e ele o adorava.

Ele também recordou o que ele tinha estado a ponto de fazer quando o condenado Dark-Hunter lhe tinha drogado.

Mas no momento, o suicídio era a coisa mais remota de sua mente. Ele só queria ficar aqui e sentir a força delicada da mão de Maggie em seu corpo. Não havia nada como a paz que ele sentia dentro. A felicidade.

Como desejava que ali não houvesse nada mais no mundo que somente eles o dois...

Marguerite ofegou quando Wren se deu a volta, mudando do tigrard a homem. Esses pálidos olhos azuis a chamuscaram com calor.

Ela tocou o corte cicatrizante em seu lábio inferior.

—Está bem? Como se sente?

—Enjoado. Nebuloso. Com náuseas.

Ela enrugou seu nariz ante sua honradez. Precisa ir ao banheiro?

Ele negou com a cabeça.

—Só necessito alguns minutos para deixar que o último da droga se consuma de meu sistema. Odeio os tranqüilizantes.

—Posso supô-lo. Ela afastou o cabelo de volta de sua formosa cara. —Estava planejando ser um estúpido?

—Não tenho nenhuma escolha.

—Vane diz que a tem. Se pode provar...

—Como? —perguntou ele. Sua voz soava tão cansada. Tão reservado e resignado a seu vagabundo destino. —Não há nenhuma prova que demonstre quem matou a meu pai ou a minha mãe.

Ela se recusou a acreditar nisso. Ali tinha que haver algo que tivesse ficado para ajudar ao Wren. Algo que poderia provar sua inocência. —me diga o que aconteceu.

Wren ficou quieto enquanto recordava as horas da vida de seu pai. Ele nunca tinha falado a respeito disso com ninguém antes. Mas os pesadelos ainda o encurralavam às vezes.

—Eu justamente tinha estado aprendendo a mudar de formas e não podia agüentar nada por muito tempo. Um momento era um humano indefeso, e ao seguinte era leopardo, tigre ou tigrard. Minha mãe estava completamente enojada por mim e minha aparência. Foi por isso que nunca tiveram mais filhos. Ouvi por outros que eles tinham estado juntos até meu nascimento, depois disso, minha mãe se recusou a deixar a meu pai tocá-la por medo de ter outra coisa como eu.

O coração de Marguerite se doía por ele. Ela não podia imaginar que seus pais a negassem por completo. Seu pai podia ser julgativo, preocupado ou equivocar-se às vezes, mas ele nunca tinha sido deliberadamente cruel.

Wren brincou com uma mecha de seu cabelo enquanto continuava falando. —Meu pai

estranha vez me olhou como um cachorrinho. Eles me mantiveram encerrado em uma pequena jaula em sua casa até que comecei a entrar na puberdade. Meu pai sabia que necessitava que alguém me treinasse sobre como usar meus poderes, assim é que ele contratou a um primo para que viesse e me ensinasse... Zack.

O único que havia dito Vane tinha acusado ao Wren dos assassinatos. Mas Marguerite não expressou isso nesse momento. Primeiro ela queria entender a cadeia de acontecimentos. —Assim foi seu primo quem te ensinou como usar seus poderes?

—Não. Ele estava muito enojado de que eu não pudesse manter uma forma sólida, assim que ele me abandonou uma semana depois de que meu pai lhe tivesse contratado. Wren deixou escapar um lento suspiro. —Assim que meu pai decidiu que teria que fazê-lo ele mesmo. Foi a única vez em minha vida que ele passou algum tempo comigo. Ao princípio, ele estava tão furioso comigo, tão frio, que eu tentava sair da forma que podia. Escapei da habitação, ou usei meus poderes fluorescentes para me emitir em outras partes da casa ou fora dela. Zangado e aborrecido, ele me arrastava de volta e tratava de me ensinar outra vez.

—Como te arrastava de volta?

A dor alagou seus olhos. —Isso não importa.

Ela o conhecia melhor. A rigidez de seu corpo lhe dizia algo diferente. As ações de seu pai tinham talhado diretamente a alma do Wren.

—Uma vez que comecei a ter algum grau de controle, meu pai se acalmou. Ele estava inclusive começando gostar de mim, acredito. Isso foi o que mais me feriu quando morreu. Tinha passado toda minha infância a sós, só vendo meu guardião que entrava uma vez ao dia para mudar minha comida e minha caixa, de vez em quando, meu pai entrava, cravava em mim seus olhos que me olhavam com decepção ou ódio, e logo saía sem dizer nada. Assim é que quando ele começou a me prestar atenção, foi a coisa mais incrível.

Ele fez uma pausa e afastou o olhar. Ela poderia ver que as lembranças lhe doíam. Ela só desejava conhecer a maneira de aliviá-los.

—Eles me trasladaram de minha jaula a um dormitório— disse Wren tranquilamente. —Estava dormido quando ouvi algo cair estrepitosamente pelo corredor. Transformei-me em forma humana para ver o que era e encontrei a ele em seu dormitório com a garganta aberta. Havia tanto sangue e machucados que nem sequer podia ver seu rosto.

—O que fez?

—Sentei-me ali curvado em forma humana, com minha mão nas dele. Não podia me mover, não podia pensar. Nunca tinha visto uma matança recente antes. Tudo o que pude fazer foi cravar os olhos nele.

—Não sabe quem lhe matou?

—Soube— disse ele em um tom feroz. —Ouvi minha mãe e a seu amante. Eles riam disso em

outra habitação.

Marguerite tragou quando o pânico a consumiu ante o ódio amargurado da voz dele. Talvez tivesse matado a sua mãe depois de tudo.

— Estava tão zangado que não pensava. Entrei no quarto onde os dois estavam brindando com champanha. Lancei-me contra minha mãe, mas seu amante me apanhou e me atirou ao chão. Ele ia matar-me também, mas lhe deteve. Intei-rei-me logo que esse tinha sido seu plano inicial. supunha-se que ela nos matava a fim de que meu tio pudesse assumir o comando da Tigarian Tech. Mas ela disse que ela não confiava em meu tio. Se morria, ela estava segura de que ele os deixaria sem nada. Sua única esperança para conservar algo do dinheiro de meu pai era me manter drogado e controlá-lo como meu guardião.

A fúria se enroscou através de Marguerite, que alguém pudesse fazer tal coisa, sem lhe importar seu filho. O que tinha estado mal com sua mãe?

—E o que fizeram eles? Ela perguntou.

—Não estou seguro. Eu estava tentando usar a magia para me ocultar de seu amante, a seguinte coisa que soube, foi que despertei em um quarto fechado enquanto a casa inteira se consumia em chamas a meu redor.

Ela franziu o cenho.

—Como conseguiu sair?

—O piso se queimou de baixo de mim. Fui caindo escada abaixo e um bombeiro me viu e pensou que eu era um mascote. Jogaram-me uma manta por cima e me tiraram fora antes que a casa visse abaixo. Quando me tiraram, vi os corpos de minha mãe, seu amante e meu pai, que jazia sobre a grama onde os tinham colocado.

Um tic palpitou rapidamente na mandíbula do Wren.

—Antes que me pudessem entregar ao controle animal, mordi ao bombeiro e me escapei. Dirigi-me diretamente para as árvores e os arbustos que rodeavam a casa. E só continuei correndo até me encontrei com outro homem que me disse que subisse ao carro.

—Isso não foi incrivelmente perigoso?

Ele bufou.

—Provavelmente, mas ele sabia quem e o que era eu e me disse que meu pai o tinha enviado a encarregar-se de mim. Realmente não pensava claramente no momento. Estava ferido e assustado, e não havia nenhum lugar ao que correr. Tudo o que soube era que se ele tivesse a oportunidade, meu tio me mataria também, e o homem que veio para mim cheirava a humano. Meu tio odiava aos humanos, assim acreditei que ele era minha aposta mais segura.

Marguerite estava assombrada pela história do Wren. Ela não podia imaginar-se quão aterrador devia ser aquela noite para ele.

—Por que nunca disse a ninguém o que aconteceu com seus pais?

Deu-lhe um olhar risível.

—Quem me acreditaria? Os animais não matam por dinheiro. Esse é um crime humano.

—Você não é um animal.

—Sim, Maggie— disse ele, seus olhos queimando-a com sua intensidade. —Sou-o. Nunca engane a você mesma sobre isso. Até que tive vinte e cinco anos de idade, não fui a não ser um cachorrinho de tigrado. A habilidade para me voltar humano é um subproduto da magia que algum rei demente forçou sobre minha gente vários séculos. Mas ao final do dia, tenho o coração e instintos de um animal. E sempre atuarei como um animal.

Ela ainda não o comprava.

—E seu chamado tio-animal matou por uma razão muito humana e ele agora te está tendendo uma armadilha. Acredito que há mais humano em ti do que admite.

Ele afastou a vista dela.

— Estive vivendo toda minha vida no Santuário. Sabia que se alguma vez o deixava a família de meu pai viria atrás de mim. Agora o farão. Ele centrou seu olhar nela. —Eles lhe assassinarão para chegar a mim. O entende?

Suas palavras enviaram uma onda de medo sobre ela, mesmo assim, ela se negou a acovardar-se. Ela não sabia o que faria ou que poderia ocorrer, mas ela não ia fugir disto. Ela não deixaria que a intimidassem.

—Sim.

Wren deixou escapar um fraco, mas determinado suspiro —Tenho que enfrentá-los.

—E esse é o animal em ti falando, te enfrente a eles e luta a morte. —Lhe jogou o cabelo para trás, esperando que ela pudesse dissuadir o de matar-se tão inecessariamente. — Só por um minuto, Wren, para e pensa como um humano. Qual é a melhor forma de vingar-se de alguém que é ambicioso?

—Os mata.

Ela pôs seus olhos em branco quando deixou cair sua mão a seu peito nu

— Não, empobrece-os. Tire-lhes todo o dinheiro que tanto significa para eles e os encerra.

Ele desdenhou.

—Eu mas bem os matava.

Ela entreceitou seus olhos nele.

Para sua surpresa, lhe sorriu.

—De acordo, digamos que por um minuto te escuto. O que sugere que faça?

—Vane disse que nós podíamos retornar no tempo a...

—Nós?

—Nós— disse ela firmemente. —É o único lugar onde não me andarão procurando. Se ficar aqui, você não terá nenhuma forma de te assegurar de que estou bem e eu não terei nenhuma

maneira de me assegurar de que está bem. Se retornarmos juntos, podemos encontrar algo que implique a seu tio nos assassinatos.

O Wren apertou com força seus dentes e lhe dedicou um cético sorriso. —vai ser perigoso.

—Eles já tentaram nos assassinar. O que poderia ser mais perigoso que isso?

Por seu rosto ela podia dizer que concedia esse ponto a ela.

— Nunca tratei de levar alguém através do tempo antes. O que acontece se fodo com tudo?

—Vane jura que não o fará.

—Vane não tem nada que perder com isto. Eu sim.

Ela tomou sua mão nas dela e o olhou sem vacilar.

—Confio em ti.

Wren deixou escapar um profundo suspiro ante o que isso significava. Ninguém lhe tinha dado sua confiança antes. E ele não podia acreditar que ela a desse a ele agora, quando ela tinha tanto que perder.

Deus, se ele tivesse um pouco de cérebro, ele a deixaria aqui para que Jean Luc a protegesse, e ainda assim Wren sabia que ela tinha razão. Ele não tinha forma de saber se ela estava a salvo ou não. Ele estava tão preocupado por sua segurança que não poderia centrar-se e fazer o que devia para provar sua inocência.

Ele baixou o olhar à mão dela sobre seu peito. Ela era humana. Frágil. E ainda assim tinha uma força dentro dela que o aturdia. Ele tinha estado só toda sua vida... Não seria bonito ter alguém a seu lado, somente por esta vez?

Ele deixou escapar um cansado suspiro enquanto um profundo desejo ardia através dele. Honestamente, ele não queria viver sem ela. Nem sequer por um minuto.

—De acordo, Maggie. Tentaremos-lo a sua maneira, mas se não sortir efeito...

—Então pode matá-los a sua maneira...

Wren trouxe seu rosto para se, tentando beijá-la. Mas logo que seus lábios se tocaram, o telefone móvel dela começou a soar.

Marguerite grunhiu irritada enquanto se tornou para trás. Normalmente ela o ignoraria, mas esta era uma chamada que ela tinha que agarrar.

—É meu pai— explicou ela. —Aguarda um segundo.

Ela respondeu o telefone.

—Onde estiveste, senhorita?

Ela se encolheu de medo ante a cólera na voz de seu pai.

—Olá, Papai, que agradável falar com você, também.

—Não comece comigo, Marguerite. Chamaram-me de sua escola me dizendo que não foste as aulas em dias, vão expulsar te. No que está pensando Tem alguma idéia de quão vergonhoso resulta isto?

Marguerite odiava o fato de que as lágrimas estivessem empoçando-se em seus olhos. Sobre tudo, ela odiava o fato de que suas palavras realmente a machucavam.

—Sinto ser tal decepção, Papai. Mas tenho...

—Não me importa o que tenha, menina. Tem que te reintegrar a suas classes e a seu grupo de estudo. Blaine disse que em lugar de estudar, estiveste passando todo seu tempo com a chusma local. Gasto muito dinheiro em ti como para que deixe suas responsabilidades por algum tipo de lixo que fique bem em um par de calças jeans. Eu desejaria poder só decidir não me apresentar ao trabalho em uma semana.

E isso determinou seu aborrecimento por completo. Por tudo o que ele sabia, ela podia ter tido um acidente ou estar doente. Se preocupou em averiguar por que tinha faltado ela à escola? Não.

—Sinto muito, Papai, mas tenho algo mais importante que fazer.

—E isso é?

Ela agarrou o telefone com força quando se voltou a olhar ao Wren, quem a estava olhando com cólera em seus próprios olhos.

—Escapo-me com um tigre. Chamarei-te em quando puder.

E com isso, ela pendurou o telefone e o fechou.

Wren começou a abrir a boca.

— Não posso acreditar que lhe dissesse isso.

—OH, por favor— disse ela irritada. —Ele só pensará que é algum estudante da LSU.

Ela aspirou profundamente quando considerou as repercussões do que ela justamente tinha feito.

—Mas começará a chamar os agentes do governo para que me encontrem. Assim se não me leva contigo, minha “recuperação” por ele será bastante pública e seus amigos saberão bem onde me encontrar.

Ele carranqueou embora seus olhos turquesa brilhassem com humor.

— É uma trapaceira.

Ela se mordeu os lábios em brincadeira.

— Sim e não. Você necessita a alguém que te cubra as costas, e não acredito que confie em muitas pessoas para isso.

Seu olhar se obscureceu.

— Não confio em ninguém aí... Logo esses rudes olhos se suavizaram. —te excetuando. —Ele pegou seu rosto em sua palma.

Marguerite suspirou quando ele a beijou, meu deus, esta era a relação mais disfuncional no planeta. A filha fugitiva de um senador e um tigarde procurado por assassinato.

Apesar de si mesmo, ela começou a rir.

Wren se tornou para trás com cenho.



—Sinto muito— disse ela, lhe beijando ligeiramente. —Só pensava em que isto seria um fodido título para o Weekly World News: “A filha do proeminente Senador retrocede no tempo para salvar seu noivo Tigre”.

Ela acariciou sua bochecha quando a completa realidade disto a impactou.

—Não posso acreditar que o mundo no que vive seja real. Sigo pensando que isto é um sonho e que despertarei de um momento a outro.

—Desejaria por sua segurança que isto fosse um sonho. Desejaria que fosse humano. Mas sabe que se sobreviver a isto, não posso ficar contigo.

Embora o odiasse, ela sabia que ele tinha razão.

—Sei.

Wren se congelou quando ouviu algo fora de seu quarto.

Inclinando a cabeça, ele escutou atentamente.

—O que vai mau? —perguntou Marguerite.

Para sua surpresa, as roupas apareceram em seu corpo enquanto se levantava lentamente da cama. Ele fez um gesto para que ela guardasse silêncio.

Ele deu um passo mais aproximando-se da porta.

De um nada, um homem apareceu no centro do quarto.

Marguerite ofegou quando Wren se voltou a enfrentar ao estranho.

Quando ele se equilibrou, o homem desapareceu.

—Merda! Grunhiu Wren. — Encontraram-nos.

A porta se abriu um instante antes que Vane entrasse precipitadamente no quarto.

—Acabo de sentir uma brecha?

Wren o olhou com ironia.

—Se falas do tigre estúpido que estava aqui antes que você, sim. —

Vane amaldiçoou.

—Meninos já não há tempo.

—Não posso saltar até a lua cheia — disse Wren.

Vane lhe dedicou um sorriso matreiro.

—Sim, você pode.

Um minuto estavam no navio, ao seguinte estavam em um quarto meticulosamente adornado que tinha as janelas abertas por onde ela podia ouvir o tráfico retumbando fora.

A cara de Wren estava cinzenta quando olhava a seu redor como se não pudesse acreditar no que via.

—Onde estamos? —perguntou ela.

Seus olhos estavam totalmente abertos quando se voltou para olhá-la.

—No quarto de meu pai.

Capítulo 11

Wren sentiu como se tivesse ficado apanhado em um cruel pesadelo quando olhou ao redor de uma habitação que ele não tinha visto em vinte anos. Demônios, ele não recordava como tinha sido. Ele só tinha visto a habitação uma ou duas vezes em sua juventude, e mesmo assim só brevemente.

Ele se sobressaltou quando recordou a visão de seu pai descansando totalmente sobre o piso entre a cama e a porta.

Tirando-se de cima a imagem, Wren jogou uma olhada ao redor. O quarto altamente equipado com a tecnologia dos anos 80, decorado em azul escuro e verde, com uma cama de água king size. A arte abstrata pendurava nas paredes junto com a pele de um tigre que seu pai devia ter matado. Era um rasgo comum Katagaria trazer sua primeira presa como uma lembrança de sua vitória e uma advertência para qualquer outro animal que pudesse querer enredar-se com eles.

Pelo tamanho da pele e as marcas de feridas, Wren podia dizer que seu pai devia ter tido uma briga infernal entre suas mãos naquele momento. Mas o importante era que seu pai tinha sobrevivido enquanto a outra besta não.

Com o coração pulsando rapidamente, Wren caminhou lentamente para as janelas abertas para ver o animado tráfico que discorria por detrás da cuidadosamente protegida fazenda de seu pai.

—Esta é a casa que foi incendiada? —Perguntou Maggie.

Wren assentiu lentamente com a cabeça, perguntando-se outra vez quem tinha iniciado o fogo e quando.

—Temos que sair daqui antes que alguém nos veja. Meu pai tendia a comer-se aos intrusos, e não quero lhe demonstrar a meu tio que tinha razão se tiver que matar a meu pai por que nos ataque por equívoco.

Ela negou com a cabeça.

— Temos que encontrar a prova.

—Não haverá nada aqui dentro— disse ele simplesmente. —Minha mãe não era tão estúpida.

De repente, havia vozes no corredor de fora que pareciam aproximar-se da habitação. Eram definitivamente um homem e uma mulher... E estavam brigando.

Wren agarrou a Maggie e a empurrou a um armário extremamente grande que parecia ter só as roupas de seu pai nele. Ele brevemente considerou emití-los fora da casa com seus poderes, mas desde que ele realmente não recordava o traçado do lugar ou o horário do pessoal ou de seus pais, ele poderia terminar reaparecendo bem diante de si mesmo quando cachorrinho ou de seu pai.

Ambos os encontros poderiam ser desastrosos.

Por agora, o melhor seria ficar aqui e esperar até que ele tivesse uma melhor disposição da situação.

Ele ouviu a porta do dormitório abrir-se e logo fechar-se de repente.

Ele se congelou quando reconheceu o feroz tom de sua mãe. Havia uma arruda fragilidade em sua voz que era inconfundível até depois de todos estes anos de não estar sujeito a ela.

—Por que você fez retornar da Ásia, Aristóteles? Preciso correr em liberdade por algum tempo.

Seu pai emitiu uma escura risada.

—Estiveste correndo livremente há muito Karina. Muito como para que já seja hora de que volte para casa.

—Por quê? —deu-lhe um golpe baixo.

—Aprendi algumas coisas interessantes a respeito do Wren. Como sua mãe...

Algo se fez pedaços.

—Não comece com isso. E te dei o herdeiro que tão estupidamente aceitou. Já não me necessita mais.

Ele ouviu a voz de seu pai fazer-se mais profunda. —Precisa ver o que Wren pode fazer.

—Assim já pode transformar-se em um humano agora— disse ela em um tom aborrecido e sarcástico. —Bom, finalmente. passou muito tempo desde que começou a mudar. Disse-te que era retardado.

Marguerite ofegou agudamente ante essas duras palavras. Ela viu a dor no rosto de Wren que ele tentava esconder e sentiu a fúria consumi-la. Honestamente, ela queria chutar a porta e golpear a sua mãe por sua crueldade.

Como podia dizer alguém tal coisa a respeito de um menino ao que tinha dado a vida?

—Não dará mais passeios fora daqui, Karina— expressou seu pai com um grunhido.

Marguerite ouviu a fria risada da mãe do Wren. —Não sou uma das pessoas às que ordena, Ari. Nem sou sua puta. Não tenho que te escutar.

—Bem. Mas só me deixe te dizer, troquei meu testamento enquanto foi.

O silêncio sepulcral reinou no dormitório durante vários segundos.

—O que fez o que? —Karina finalmente chiou em um tom que, deveria ter feito pedaços um copo. Como fora, Marguerite estava bem segura de que seus tímpanos nunca voltariam a ser os mesmos outra vez.

—Já me ouviu. A voz do pai do Wren era fria e sem emoção. — Estou aborrecido de que ronde por aí e me esfregue isso em minha cara enquanto pago suas contas. Sei a respeito de seu amante leopardo e sei que ele retornou aqui contigo. Bem. Estabeleci uma residência separada para você em Nova Jersey.

—Nova Jersey? —grunhiu ela. —Está louco?

—Não, estou mijado. Se crê que eu gosto do fato que os Destinos me condenassem a formar casal contigo, equivocaste. É minha companheira por seu decreto e ainda assim você não deixa que te toque. Estou condenado ao celibato enquanto você faz de prostituta aproximadamente com qualquer varão leopardo que te aproxima. E ainda esperas que te mantenha. Segue sonhando, meu amor. Seus dias de vagar livre se acabaram.

—Deve-me isso— disse Karina entre os dentes apertados com força. — Não pedi para ser sua companheira mais que pedi dar a luz a uma abominação mutante. Se fosse realmente um tigre, teria-o matado quando nasceu em lugar de me impedir de fazer o que tinha que ser feito para conservar nossas espécies.

—Wren é meu filho.

—Você é humano— burlou-se Karina de um modo que fazia que lhe chamar “humano” soasse como o pior insulto que ela podia imaginar.

—Sim— disse seu pai colericamente, — e como humano, fiz ao Wren meu herdeiro exclusivo. Se algo me ocorrer, seu futuro inteiro descansa em suas mãos. Assim se fosse você, rezaria que ele seja mais humano que animal. Talvez ele tenha alguma misericórdia de ti. Mas não contaria com isso.

—Bastardo!

—Sim, e antes que faça migalhas a casa procurando o testamento para destruí-lo, já está arquivado com a Assinatura Laurens em Nova Orleães.

--Odeio-te!

A resposta de seu pai foi imediata e carregada com o mesmo tom sarcástico e cheio de ódio. — O sentimento é completamente mútuo. Agora se você me desculpa, eu gostaria de ir passar algum tempo com meu filho. Quando retornar a este quarto, espero que te tenha partido. Permanentemente. Taylor te levará de carro a sua casa nova, onde encontrará seus novos talões de cheques e seus cartões de crédito esperando ali por você. Está fora de todas minhas contas inteira e eternamente.

Uma porta se fechou um instante antes que algo se destroçasse. Marguerite podia ouvir Karina gritando e rompendo coisas no quarto. Soava como se ela estivesse a ponto de derrubar as paredes. Então Marguerite ouviu o som de um feroz gato bramando e assobiando.

Finalmente, deteve-se.

O silêncio repentino era inquietante.

Marguerite se congelou, meio assustada de que a mulher entrasse no armário para arranhar as roupas de Aristóteles ou algo pelo estilo.

Ela não o fez.

Em lugar disso, Karina fez uma chamada Telefônica.



—Grayson? —disse ela em um tom quase confidencial. —É Karina. Agora te acredito. Aristóteles perdeu completamente o julgamento. Estou de retorno na cidade. Há alguma parte onde possamos nos encontrar e possamos discutir o que precisamos fazer?

Marguerite estava aturdida por quão racional soava a mãe do Wren ao telefone. Era difícil de acreditar que esta fora a mulher que tinha jogado a casa abaixo alguns segundos antes.

Seu pobre pai tinha que tolerar a uma besta tão volátil. Marguerite estava simplesmente agradecida de que Wren não tivesse herdado a personalidade de sua mãe.

Houve uma pausa breve. —Sim, sei onde está isso. As três em ponto. Verei você logo.

Depois Marguerite ouviu Karina pendurar o telefone e sair do quarto.

Marguerite recorreu ao Wren, incapaz de acreditar no que tinha acontecido nos últimos poucos minutos.

—Acredito que sua mãe e meu pai deviam haver-se casado o um com o outro.

Não houve rastro de diversão na cara do Wren.

—Sinto muito, Wren— disse Marguerite, sentindo-se instantaneamente contrita. Como podia encontrar ele gracioso o fato de que sua mãe fosse uma cadela cruel a qual estava a ponto de assassinar a seu pai? Uma canalha que virtualmente tinha arruinado sua vida. —Mas pelo menos sabe que seu pai te queria.

—Isso é o que dói— disse Wren em um sussurro baixo. — Isso faz que pense que se somente ele tivesse sobrevivido... Minha vida teria sido tão diferente.

Abraçou-lhe quando sentiu sua dor.

—Sei. Passei muito tempo odiando a minha mãe porque ela me deixou. Ao menos seu pai não o fez de propósito.

Os olhos do Wren arderam ante isso.

—Não, ele não o fez. Deu a ela um duro olhar. Obrigado.

Ela estava completamente perplexa por suas palavras.

—Por quê?

—Por me fazer retornar aqui. —Havia uma sombria determinação que ardia brilhantemente em seus olhos. — Eu estava feliz lhes deixando que acabassem com o que fizeram a mim e a meus pais. Você tinha razão. Há mais humano em mim do que pensava. Por que agora mesmo quero vingança, e não sairei daqui até obtê-la.

Assim o que fazemos?

Ele afastou o olhar quando um feroz tic começou a aparecer em sua mandíbula.

— O primeiro, temos que nos assegurar de que não alteramos nada aqui neste lapso de tempo. Precisamos tentar e nos manter longe de alguém que nos pudesse recordar no futuro. Em segundo lugar, temos que nos assegurar que não me topo comigo mesmo.

Ela assentiu com a cabeça.

—Causaria um paradoxo.

—Sim, e causaria meu total desaparecimento — realmente não é uma boa coisa para o eu de agora ou o de antes. Mas felizmente, neste tempo e lugar, eu estou confinado em um dormitório baixo o corredor.

Ele abriu a porta do armário e olhou às escondidas fora, no dormitório.

—Está livre.

Seguiu-lhe de volta ao dormitório.

—Algum plano de ação?

—Seguir a minha mãe. Grayson é meu tio, e desde que se encontram, meu dinheiro diz que é aí que planejaram o assassinato de meu pai.

Isso tinha sentido completo para Marguerite.

—Bem, mas como fazemos isso?

Marguerite ofegou quando suas roupas se transformaram em uma camisa vermelho forte, frouxa e uma saia bege estampada. Era um traje muito similar a alguns dos que ela tinha visto que levava sua mãe nas velhas fotos mais ou menos na época em que ela tinha nascido.

Wren sorriu abertamente ante sua confusão quando suas roupas se converteram em um pólo negro e escuras calças jeans.

—Necessitamos parecer deste tempo.

—Como fez isso?

Seu sorriso aberto se ampliou.

—É mágica.

Sim, mas sua magia começava a enjoá-la. Uma coisa era viajar pelo tempo, outra muito distinta era encontrar-se levando roupa passada de moda que era de fato a altura da moda desse tempo em que se encontrava.

Uma mulher realmente poderia perder o julgamento pensando a respeito destas coisas... Entretanto, possivelmente ela já o tinha feito. Talvez tudo isto não era nada mais que uma enorme alucinação... Era certamente uma possibilidade.

Quando Wren deu um passo para a porta, esta se abriu.

O tempo pareceu deter-se quando ambos se enfrentaram a um homem que era uma cópia exata, só que maior, do Wren. Vestido com um elegante traje negro, o homem tinha o cabelo loiro curto e cacheado. Seus olhos azuis cintilaram quando ele estreitou seu olhar fixo ameaçadoramente neles.

Wren não estava seguro do que ele deveria fazer. Ele podia emitir-se a ele e a Maggie fora do quarto, a outra parte da casa, ou inclusive ao exterior, mas seu pai podia rastreá-los e segui-los.

Demônios, estavam agarrados e apanhados.

Seu pai farejou o ar, logo franziu o cenho ante a óbvia incredulidade.

—Wren?

Wren trouxe quando encontrou os olhos café escuro de Maggie. As emoções reprimidas se rasgaram através dele. Pena, Fúria, mas no fundo era a parte dele que tinha querido amar a seu pai.

A parte dele que queria que seu pai o amasse.

Seu pai se moveu mais perto do Wren com um semblante profundamente carrancudo marcando sua frente.

—É você, verdade... do futuro?

Não havia necessidade para mentir. Seu pai distava muito de ser um homem estúpido, e não havia outra explicação para que eles dois estivessem em sua casa.

Dobro demônios. Isto ia contra cada regra que Wren conhecia a respeito de viajar no tempo... não que ele soubesse muitas. Desde que ele não praticava o saltar, ele não estava muito a par das leis disso.

Ele aspirou profundamente antes responder a pergunta de seu pai.

—Sim.

—Por que está aqui agora? Seu pai franziu o cenho enquanto seu olhar ia de um ao outro. — Quem se supõe que é você?

Como cada segundo passava e nada acontecia — não gostaria de deixar de existir — começou a perguntar-se a respeito disso. — Não...Sim...Possivelmente? Desde que não estou morto agora, não estou muito seguro. Se supõe que eu não estou aqui, não deveria ter morrido quando entraste pela porta?

Seu pai deixou escapar um exasperado suspiro. —Ainda não aprendeste a dirigir seus poderes?

A fúria se transbordou em seu interior. Como se atrevia seu pai a julgá-lo? Ele já não era um cachorrinho inexperiente. Ele era um adulto que era mais que capaz de encarregar-se de si mesmo, e ele se ressentia de seu pai por pensar de outra maneira.

—Poderia contigo, ancião, e não piscaria ou me alteraria.

Seu pai lhe olhou com orgulho em seus olhos. Um sorriso lento curvou seus lábios.

—Mas não salta no tempo?

—Não— respondeu ele honestamente. —Foi dito a muito tempo que não era o mais necessário para eu aprender.

—Por quê?

—Ele se criou no Santuário— disse Maggie. —Ali há muitas pessoas que querem ao Wren morto.

Wren entrecerrou seus olhos em seu pai no caso de que ele não compreendesse as palavras de Maggie.

—Não que tenha temido alguma vez uma briga ou me jogar atrás em uma.

—Isso é a verdade— acrescentou Maggie. —Juro que ele é meio peixe beta. Ele teria lutado com seu próprio reflexo para provar um ponto.

Wren ignorou sua interrupção. — Mas do mesmo modo, não sou estúpido e eu nunca quis pôr as coisas fáceis a alguém. Especialmente não a meus inimigos.

Não houve má interpretação no orgulho no rosto de seu pai.

— Bom menino. Alegra-me saber que não lhe mataram ainda.

—E não o vão fazer.

Seu pai olhou a Maggie.

—É sua companheira?

Wren tomou a mão dela na sua e a apertou enquanto Maggie lhe observava impacientemente por essa resposta.

—Não exatamente... mas estamos trabalhando nisso.

Seu pai riu até que ele inalasse pelo nariz o ar outra vez. Ele inclinou a cabeça com curiosidade.

—Ela é humana.

Wren a envolveu com seus braços para protegê-la.

—Tem um problema com isso?

—Não— seu pai disse firmemente. —Sinceramente. Minha mãe era humana, também.

Wren ficou de queixo caído, deixando Maggie saber que seu pai justamente lhe acabava de revelar um segredo.

—Perdão?

Seu pai se moveu a jogar o ferrolho à porta do dormitório como se temesse que alguém lhes escutasse sem intenção.

—Ouviste-me bem. Não é algo que alguma vez falamos fora da família imediata, mas sim. Minha mãe era um tigre Arcádia. Seu rosto se adoçou. — Inferno de mulher era ela, cheia de fogo e espírito. Eu desejei aos deuses que me tivessem emparelhado com uma humana, ao contrário da cadela com a que te criei.

Marguerite sentiu ao Wren esticar-se ao redor dela, mas ela não estava segura de por que. Esfregou-lhe o braço para lhe oferecer seu suporte. O pobre menino estava tendo um dia infernal.

Mas então, eles tinham retornado ali por respostas. Até as duras.

—Quero que saiba que não o lamento— disse seu pai, estendendo a mão para tocar o ombro do Wren. — Nunca o fiz. E logo seu rosto de aparência agradável se voltou triste e nostálgico. Deduzo por sua presença aqui que eu não estou por aí em seu futuro.

Wren apoiou sua cabeça contra a dela. Sua tensão aumentou antes que respondesse.

—Não.

Seu pai se sobressaltou enquanto deixava cair sua mão e dizia suspirando.

—Eu fiz... fiz algo bom por ti ao final?

Wren não respondeu à pergunta. Em lugar disso ele perguntou.

—Que dia é hoje?

—5 de Agosto de 1981.

Marguerite ofegou quando a data caiu como se um calafrio baixasse por sua coluna vertebral.

—O que? —perguntaram os dois.

—Nascerei no meio-dia de amanhã— disse ela incredulamente. —É algum tipo de coincidência, verdade?

O pai de Wren disse com um bufido. — Não em nosso mundo. Acostuma-se a cada raridade.

Wren aspirou profundamente enquanto ele continuava sustentando-a perto.

—Três dias a partir de agora, eu estarei na parte de atrás de um carro com matrícula de Nova Orleães.

Seu pai abriu sua boca como quem diz algo, logo voltou a fechá-la. As emoções passaram através de seu rosto enquanto a realidade de sua morte iminente lhe golpeou.

Marguerite não podia imaginar nada pior que saber simplesmente que tão limitado era seu futuro. Todos os lamentos. Todas as preocupações. Seu pobre pai.

Ele suspirou com excesso.

—Vou dizer o obvio que não sou o que te envia ali.

—Não.

Seu pai se sentou na borda da cama com um amargo olhar, afastada em seus olhos. Ela podia dizer que ele estava lutando contra as notícias.

—Só tenho três dias mais de vida— que ele respirou.

—Você não deveria sabê-lo— disse Wren.

—Não. Seu pai os contemplou. —Se você está aqui, então é o que tinha que ser.

Um sentimento estranho passou através de Marguerite enquanto considerava isso. —Acredito que ele tem razão, Wren. Lembra-te do que me contou a respeito de te topar com o homem no bosque que te levou ao Santuário? Ele sabia quem o que era. Ele sabia que estaria ali. Como?

Wren se via tão perplexo como ela se sentia.

Seu pai franziu o cenho.

— Por que não foi ao Grayson para que te protegesse? Ele é seu tutor.

Wren negou com a cabeça.

—Bill Laurens foi meu tutor até que eu me converti no meu próprio.

Seu pai se mofou disso.

—Bill é um menino.

— Não, ele tem vinte e um agora mesmo, e por razões que nunca entendi, você o fez meu tutor. Bill foi o único que se encarregou de mim até que aprendi a usar meus poderes e se assegurou

de que pudesse me proteger eu mesmo.

—Grayson é um dos que o querem matar— disse Marguerite ao Aristóteles. —Ele teria matado ao Wren, também se Bill não tivesse sido seu guardião.

O pai do Wren grunhiu quando se levantou da cama.

— Esse lamentável saco de merda. Sempre soube que era um bastardo. O ódio e a cólera ardiam profundamente em seus olhos azuis enquanto caminhava de um lado ao outro do quarto. — Deveria havê-lo matado. Deveria ter... Sua voz se desvaneceu. Aristóteles se deteve para voltar a olhá-los aos dois.

—Sua companhia tem razão. Esteve ali antes. Tinha que está-lo. Por que se não tivesse sido assim Grayson teria tido todos os direitos sobre ti. Nunca teria deixado a meu único filho nas mãos de um menino humano.

Aristóteles grunhiu e amaldiçoou... e voltou a passear-se inclusive mais rápido. Recordava a ela definitivamente a um tigre enjaulado que estava preparado a rasgar o braço de qualquer que lhe aproximasse.

—Quem leva minha companhia depois de que eu mora?

—Aloysius Grant.

Ele fez um gesto de repugnância

—Ele é um intelectual incompetente.

—Sim, mas é um visionário— disse Wren tranquilamente. —Nos seguinte vinte anos ele fará desta, a segunda maior companhia, só por debaixo da Microsoft.

A repugnância deixou passo à incredulidade quando seu pai se deteve outra vez. Ele os olhou boquiaberto.

—Microsoft? Não me diga que esse menino da Costa Oeste realmente obteve essa equipe para voar?

—OH, sim— disse Marguerite rindo, —Bill Gates assume o controle da maioria do mundo como o conhecemos.

O pai do Wren grunhiu outra vez. —Diabos, vê o que acontece quando se morre antes do tempo? Alguém mais domina o mercado ao que dedicaste sua vida inteira. Não é justo.

—Está bem, Papai. Sua companhia faz isso no lado do hardware de todas as formas. Isso e World Wide Web. Sem mencionar as televisões de plasma e os telefones móveis.

Os olhos de seu pai ardiam com intensidade quando centrou seu olhar no Wren.

— Não minha companhia, cachorrinho. Sua companhia. —Ele franziu seu cenho como se lhe ocorresse outro pensamento. —O que é essa coisa da World Wide Web?

Marguerite riu outra vez.

—Em resumo, dinheiro. Montões e montões de dinheiro. Especialmente para a Tigarian Tech.

O pai do Wren sorriu.

—Bem. Eu gosto do dinheiro. Sempre o tive. Este não te trai, e a menos que alguém o roube, fica onde o deposita. Mas principalmente, o dinheiro nos mantém a salvo do mundo exterior. —O humor escapou de seu rosto quando ele deixou escapar um comprido suspiro. —Suponho que meu problema foi que não estava olhando dentro. Deveria ter mantido um melhor olho sobre minha família.

Ele voltou a passear-se de um lado a outro com as mãos depois das costas e o olhar fixo no chão.

—Assim é que só tenho três dias para arrumar o assunto. Ele voltou o olhar atrás para eles. — Mas isso não explica por que estão vós dois aqui, verdade?

Marguerite se separou do Wren.

—Estamos sendo caçados.

—Quem? Por quê?

—Grayson quer terminar o que começou— respondeu Wren. —Ele me quer morto a fim de que ele e seu filho Zack possam assumir o controle da companhia.

—Isso será sobre meu... —Aristóteles moeu seus dentes. — Espelho que é já sobre meu cadáver.

Marguerite se moveu para caminhar de um lado para outro ao lado dele. Ela não estava segura por que, parecia uma coisa tão natural.

—Eles culpavam ao Wren das mortes sua e de sua esposa.

Arqueou ambas as sobrancelhas.

—Karina morre também?

Wren assentiu. —Mas não antes de te matar.

Ele enrugou seu nariz como se essa fora a coisa mais repugnante que ele alguma vez tinha ouvido.

—Como diabo me mata essa cadela? Não há maneira de que pudesse fazer isso.

—Ela teve ajuda— disse Marguerite. —Seu amante estava aqui com ela.

Aristóteles sacudiu a cabeça em uma negativa.

—Esse cachorrinho de leopardo sem valor? Ele logo que pode atar seus próprios cadarços. Ele jamais poderia comigo. Isso é absolutamente estúpido.

—Nunca o entendi de todas as maneiras. Mas de cachorrinho, ouvi algo romper-se nesta habitação e vim aqui dentro e te encontrarei morto. Mamãe e seu amante estavam no estudo passando o corredor, rindo-se disso.

Aristóteles ainda negava com a cabeça com incredulidade.

—E quem a matou?

Wren se encolheu de ombros.

—Meu dinheiro diz Grayson. Mas não sei. Quando despertei depois de que seu amante me

atacasse, ela e seu amante estavam mortos, também. Nunca vi nem um só cabelo de quem o fez.

Seu pai passou a mão pela cara antes de suspirar cansadamente. Seus olhos eram sinceros quando ele olhava ao Wren. —Lamento não ter estado aí por você, Filho. Aqui estava eu pensando que teria tempo para te ressarcir de que tivesse deixado só sendo um cachorrinho. Nunca deveria te haver ignorado.

Ela podia dizer exatamente quanto essas palavras significavam para o Wren. E ela estava agradecida de que ela e Wren tivessem retornado a fim de que ele as pudesse ouvir.

—Está bem.

—Não— disse seu pai severamente, —Não o está. Passei-me todo o tempo edificando uma companhia que nem sequer vou ver prosperar. Deve me odiar.

—Nunca te odiei, Papai. Não realmente.

Ele estendeu a mão e puxou ao Wren a um abraço premente.

Marguerite observou o olhar na cara do Wren quando se esticava, logo devolveu o abraço. As lágrimas fluíram em seus olhos quando ela estendeu a mão e acariciou as costas do Wren.

—Eu te amo, Wren. Sinto se alguma vez disse ou fiz algo que te machucou.

-- Eu também te amo, Papai.

Wren retrocedeu e limpou sua garganta, mas mesmo assim ela podia ver as lágrimas que brilhavam em seus olhos.

Seu pai se voltou para ela.

—Espero que tenha estado cuidando de meu menino.

Sorriu ao Wren.

—Estive-o tentando. Mas ele pode ser muito difícil. Não escuta.

Wren revirou seus olhos para ela antes de se dirigir a seu pai.

—Karina saiu para encontrar-se com o Grayson esta tarde. Poderia manter a Maggie a salvo enquanto a rastreio?

Marguerite grunhiu ante isso.

—Wren...

—Não, Maggie— disse ele, sua voz dura e dominante. — É melhor assim. Será mais fácil para mim procurá-la se for só.

—Cabeça dura!

Os dois a ignoraram.

— Protegerei-a com minha vida— prometeu Aristóteles.

—Wren! — estalou ela.

Ele embalou sua bochecha em sua cálida palma calosa.

—Está bem, Maggie. Realmente. Tenho que fazê-lo.

Marguerite não queria lhe escutar, mas ela viu a turbulência dentro dele. O temor que ele

tinha por ela. Isso a alcançava e a emocionava profundamente.

Ela não seria estúpida. Com sua sorte, ela só conseguiria que os apanhassem de qualquer maneira. A espionagem não era algo no que ela fosse hábil.

De fato, ela tinha danificado tudo cada vez que tentava escapar de algo.

Ela deixou escapar um comprido e exasperado suspiro.

—Não te atreva a me deixar aqui sem ti.

—Não o farei. Ele beijou sua bochecha, logo se desvaneceu diante dela.

Marguerite bufou ante suas ações.

—Odeio quando faz isso.

O pai dele riu.

—Agrada-me saber que ao menos dominou com mestria esse truque.

—Ele dominou com mestria muitos. Acredito que estaria muito orgulhoso dele. Ele se virou para sobreviver contra todas as probabilidades desde que lhe conheci. —Então estendeu a mão a seu pai. —Sou Maggie Goudeau, a propósito.

Ele estreitou sua mão amavelmente.

—Um prazer te conhecer, Maggie. Tenho que dizer que é uma formosa companheira para meu menino.

As palavras do Aristóteles a esquentaram. Ao menos até que um estranho pensamento a transpassou.

—Você não teria por casualidade algumas fotos antigas do Wren, verdade? Eu gostaria de saber como era de pequeno.

Seu pai sorriu diabolicamente.

—Tenho algo inclusive melhor que isso para você.

Ela não entendeu o que ele quis dizer até que a conduziu com o passar do elegante corredor, a outro quarto que havia ao final do mesmo.

Ele abriu a porta, logo deu um passo para trás a fim de que ela pudesse entrar no escuro quarto primeiro. Marguerite entrou, logo se congelou quando viu um jovem Wren do outro lado de um espelho de dois lados.

Isto não é perigoso? Sussurrou ela.

—Não. Aristóteles fechou a porta e se moveu para ficar justo detrás dela. —Wren não pode nos ver, nos ouvir, ou cheirar nada de nós. Faz tempo que construí esta habitação de modo que eu pudesse vê-lo sem que ele soubesse.

Ela olhou com cenho.

—Por quê?

Havia muita pena e profunda dor nesses olhos turquesa que lhe recordava muito aos do Wren.

—Porque sempre quis a meu filho até quando ele me rechaçava, e quero que você te assegure

de que ele saiba isso. Que ele em realidade o entenda.

Ela olhou ao Wren, que tinha a aparência humana de um menino de treze ou quatorze anos tendido no chão do outro quarto. Seu cabelo loiro estava comprido e revoltado, seu magro corpo fraco. Ele se via tão vulnerável. Tão assustado e inseguro. Coisas que ela nunca tinha conhecido no Wren homem.

—Como pode ele inclusive lhe rechaçar? —perguntou- ela ao Aristóteles.

Ele indicou a janela que mostrava ao Wren sobre suas costas em forma humana. Ele estava completamente nu e contorcendo-se como se estivesse sofrendo.

—É a natureza dos animais matar aos que são débeis. Esses que são diferentes. Durante os últimos vinte e cinco anos, deixei que a frieza da Karina distorcesse meus pontos de vista sobre meu filho. Wren nasceu nem tigre nem leopardo, a não ser uma mescla de nós. Seu olhar a queimou. — Não tem idéia de que tão incomum é isto em nosso mundo.

Ele se moveu para o vidro, tão perto que estava assombrada de que Wren não lhe pudesse ver, cravando os olhos nele.

— Toda sua vida, pensei que era uma deformidade. Não soube até que chegou à puberdade, que era um presente. Verá, por regra geral, nossa raça só pode ser duas coisas. O humano e qualquer animal com o que nasçamos. Não há escolha nisso. Mas Wren... ele é especial. Ele pode ser o tigrard como o que nasceu.

—Ou um tigre. Eu o vi como tigre.

Seu pai sentiu.

— E pode ser um leopardo. Branco ou normal. De dia ou a noite. Ele não está preso pelas mesmas leis que o resto de nós devemos seguir. É um presente incrível o que ele tem. Tinha ouvido mitos de tais criaturas. Mas igual ao legendário unicórnio, pensei que era um mito. Até que o vi.

Ele voltou o olhar para o Wren, quem começava a tremer.

—Em sua idade de agora, ele não deveria poder tomar forma humana até depois do anoitecer. É difícil para um Katagaria ser humano à luz do dia. Eu tenho uma vantagem porque minha mãe era humana. Posso manter esta forma durante mais tempo que a maioria de minha classe. Para o Wren poder tomar forma humana à luz do dia à idade de vinte e cinco anos é incrível.

O coração de Marguerite pulsava apressadamente enquanto observava ao Wren lutar contra algum desconforto invisível.

—Deveríamos lhe ajudar. Parece como se lhe doesse muito.

Seu pai negou com a cabeça.

—Não há nada que possamos fazer.

—Mas...

—Observa e vê.

Ele a deixou sozinha dentro do quarto de observação, depois entrou no quarto com o Wren.

Logo que Wren ouviu o bracelete da porta girar-se, ele trocou de posição à forma de um tigrard. Ele grunhiu por baixo quando viu seu pai unir-se a ele.

—Te acalme, Wren— disse seu pai, ficando de joelhos. —Vêem aqui.

Wren retrocedeu enquanto olhava prevenidamente ao Aristóteles.

Ele se moveu para o Wren que continuava retrocedendo para a esquina. Quando seu pai estendeu a mão, Wren fez um movimento de repente com suas garras.

Seu pai retrocedeu.

Ela podia ver a decepção em seu rosto. Por mais que tratava de lhe tender a mão a seu filho, Wren o rechaçava.

Depois de alguns minutos, ele saiu.

Ela observou como Wren voltava a mudar a sua forma humana. Ele tratou de levantar-se, mas por alguma razão suas pernas lhe falhavam.

Seu pai se reincorporou a ela.

—O que lhe passa?

—Ele não sabe como caminhar ou falar como um humano. Ele é como um bebê agora. Tudo o que você aprendeu de bebê ele o tem que aprender como adulto. Se ele me aceitasse, seria mais fácil lhe ensinar. Mas temo que o deixamos só muito tempo. Ele é feroz. Se alguém entrar na habitação, ele lhes dá patadas.

Marguerite queria ir a ele com tanta vontade que lhe doía. Mas ela sabia que não podia — poderia alterar seu futuro, e isso era quão último ela queria.

Faria-me um favor, Maggie?

Ela não tinha idéia do que Aristóteles lhe poderia perguntar, assim respondeu com vacilação.

— Suponho que sim.

—Diga ao Wren que se pudesse mudar meu passado, o teria mantido a meu lado e não trancafiado.

Seu coração se encolheu ante as palavras do Aristóteles e a tragédia em que se converteria sua relação. —Parece cruel que possa viajar pelo tempo e não possa arrumar isto.

Ele esteve de acordo.

—É cruel e é isso pelo que muitos de nós não saltamos. É muito tentador emendar o passado, mas cada vez que faz uma tentativa...

—Muda o futuro.

Ele assentiu.

Marguerite observou como Wren se levantava com seus braços através do piso em uma esquina. Seu corpo inteiro tremia enquanto tratava de fazer o que pareciam ser palavras. Recordou-lhe em certo modo ao Wren que ela conheceu no Santuário.

Retraído e solitário. Ferido.

Esperando por algo que acreditava não possuir direito de ter.

Mas o homem que ela conhecia agora... ele era completamente diferente. Wren lentamente começava a ser ele mesmo, e ela esperava que possivelmente parte disso se devesse a ela.

Seu pai deixou escapar um triste suspiro enquanto observava ao Wren lutando.

—Espero que nunca saiba o que é ver seu filho e saber que lhe faz mal. Lembro que quando era cachorrinho minha mãe girava comigo sobre a terra e brincava. Não lhe importava que fosse um animal enquanto que ela era humana. Ela me queria apesar de tudo. Justo como amava a meu pai. Deveria ter pensado da mesma maneira com meu próprio filho. E agora... agora não há tempo para desculpar-me.

—Acredito que se equivoca. Conheço Wren, e o que você fez enquanto ele estava aqui... isso lhe ajudou mais do que acredito que você nem sequer se dá conta.

Aristóteles deu a ela um olhar de apreciação. —Preciso me assegurar que tudo esteja arrumado para quando eu morra, ele terá o futuro que se supõe que deve ter. Mas primeiro, há outra coisa que eu quero lhe dar.

—E isso que é?

—O futuro que ele merece.

Capítulo 12

Aimeé aspirou profundamente quando entrou pela porta de atrás da Casa Peltier. Este era o último lugar no que ela queria estar, mas ela melhor que ninguém entendia por que tinha que retornar.

Sua família mataria ao Fang e a todo seu clã se ela não o fazia.

Endurecendo-se a se mesma para o que ia vir, fechou a porta e se dirigiu às escadas.

Ela só tinha chegado à mesa do vestíbulo quando seu irmão Dev saiu pela porta que conduzia à cozinha para vê-la. Ela viu alívio em seus olhos um segundo antes que fosse substituído com cólera.

—Assim é que tornaste.

—É minha casa.

Ele zombou dela.

—Eu procuraria outra, se fosse você.

Ela ficou rígida ante seu frio tom.

—Está-me jogando à rua?

—Está sendo advertida. Escolheu seu lado e era o equivocados.

—Nos deixe.

Aimeé olhou para o tom dominante de sua mãe. Mamam estava no topo das escadas, olhando-os intensamente. Dev negou com a cabeça ante Aimeé antes que ele retornasse para a cozinha.

Ela emitiu a si mesma ao lado de sua mãe.

— Não pense sequer em me pegar, Mamam. Não estou de humor para isso. E lhe devolverei isso esta vez.

Sua mãe entrecerrou seus olhos em Aimeé.

—Você sacrificaria a todos por um órfão híbrido sem clã?

—Nunca. Mas não ficarei quieta e verei como condenam a um inocente por nada. Não pode ver a mentira que se disse, Mamam? Conheço o Wren. Eu falei com ele. Ele não é ameaça para alguém que não ele seja ele mesmo.

Ainda a cara de sua mãe estava zangada e fria. Sua família, e em especial sua mãe, não eram estúpidos. Aimeé não teve dúvida de que sua mãe e seu pai sabiam que se foi voluntariamente com o Fang.

—Traiu a todos.

Aimeé suspirou.

—Se fazer o correto é trair, então sim, suponho que o fiz. Assim, o que vais fazer agora, Mamam? Me matar?

Sua mãe lhe dedicou um feroz grunhido, mas Aimeé manteve sua posição.

O ar ao redor delas jogava fumaça um instante antes de algo se fizesse pedaços no quarto do Wren.

Ela seguiu a sua mãe, quem correu para a porta e a abriu de repente. Aimeé metade esperava encontrar ao Wren ali.

Ela podia dizer pelo aroma que era um tigre, mas o loiro não era Wren.

—O que está fazendo aqui, Zack? —perguntou sua mãe.

O tigre curvou seus lábios quando abria a gaveta.

—O bastardo se livrou de nós. Preciso algo com seu perfume para pulverizar aos Strati.

Aimeé arqueou uma sobrancelha ante isso. Os Strati eram soldados Katagaria de elite que eram cuidadosamente adestrados para caçar e assassinar. Seus irmãos Czar e Dev, junto com seu pai, eram guerreiros Strati.

—Você não necessita nada dele— disse sua mãe, para surpresa de Aimeé. Sai de minha casa.

Zack não escutou. Ele se moveu a outra gaveta.

Sua mãe usou seus poderes para fechar uma.

—Eu te disse que partisse.

O tigre se moveu para enfrentá-la.

— Não te enfrente comigo, urso. Tem muito mais que perder com isto que eu.

—Como que?

Mas Aimeé já sabia.

— Você é quem denunciou ao Wren no Omegron. Você Mentiu.

Sua mãe sacudiu com força sua cabeça para olhar a Aimeé.

—Não seja estúpida, cachorrinho. Eu teria cheirado uma mentira.

Aimeé negou com a cabeça.

—Não se o animal tem por costume mentir. Ele facilmente poderia camuflar seu aroma.

Zack deu um passo para ela unicamente para encontrar seu caminho bloqueado por sua mãe.

—Está Aimeé dizendo a verdade?

Zack respondeu com outra pergunta.

—E você? —Ele arqueou uma sobrancelha ante ela. — Crê em realidade que Wren está louco? Honestamente? Só o queria fora daqui e te agarrou a qualquer desculpa para jogá-lo. Admite-o, Lo. Não quer a alguém aqui exceto a sua família e isso te irrita, ter que ser amável com o resto de nós.

Ela deixou escapar um baixo grunhido de sua garganta.

Zack entrecerrou os olhos.

— Se Savitar alguma vez descobrir a verdade, virá atrás de ti e todos seus cachorrinhos. Não ficará um só tijolo de seu precioso Santuário.

Sua mãe o agarrou e o jogou contra a parede. Ele aterrissou com suas costas contra isso, mas não pareceu lhe desconcertar absolutamente.

Zack realmente riu dela.

—O que aconteceu com as regras do Santuário, Nicolette?

Aimeé sujeitou a sua mãe antes que ela pudesse atacar ao tigre outra vez.

—Parte, tigre— grunhiu Aimeé. —Se solto a minha mãe, não ficará o suficiente de ti para preocupar-se com o Savitar ou qualquer outra coisa.

Zack se separou da parede. Ele olhou a ambas.

—Você tem mais que perder que eu, me dê o que necessito para cobrir seus traseiros.

Agora foi sua mãe a que riu.

— É completamente estúpido? Wren nunca deixou seu aroma em nada. Olhe ao redor de ti, idiota. Não há artigos pessoais aqui, logo que um objeto de vestir se desprendia de seu corpo, ele sempre o lavou ou destruiu. Ele inclusive mantém a um macaco aqui a fim de que seu aroma camufle o dele. Nunca poderá lhe rastrear. Enfrenta-o, Zack, o cachorrinho é mais inteligente que você e seu pai juntos.

Aimeé ficou repentinamente impressionada por sua mãe. Ela nunca realmente tinha pensado a respeito de por que Wren tinha chegado ao Santuário com o Marvin, mas obviamente sua mãe o tinha sabido todo o tempo.

As janelas do nariz de Zack se abriram de raiva.

—Isto não se acabou.

—Oui, mas sim. Volte aqui outra vez e com código ou sem código, eu te verei morto.

Grunhindo, Zack se desvaneceu.

A tensão no ar se aliviou grandemente.

Sua mãe deixou escapar um lento suspiro enquanto se voltava para ela.

—Aimeé, chama a seu lobo e lhe advirta do que ocorreu. Estou segura que ele sabe onde está Wren e que lhe pode advertir de que o tigre está encurralado e desesperado. Em sua posição, Zack é capaz de qualquer coisa.

Ela olhou carrancuda ante a repentina mudança de sua mãe.

—Não entendo, por que está sendo incrivelmente compreensiva de repente? Sem intenção de ofender, Mamam, assusta-me.

Sua mãe olhou Aimeé com dureza.

—Não tenho nenhum carinho pelo Wren, isso sabe. Mas respeito ao predador dentro dele e não aprecio ser manipulada por outro. Nem gosto que me façam passar por tola. Ela negou com a cabeça. —Deveria me haver perguntado por que Zack e seu pai chamaram continuamente para averiguar sobre o Wren depois que ele foi enviado aqui. Permitti-lhes semear a dúvida em minha mente e vi o que ele quis que eu visse. Não posso acreditar que fosse tão tola.

Seu olhar se suavizou.

—Dou-te crédito, cachorrinho. Você não estava cega. Agora devemos reparar isto antes que o peso da fúria de Savitar caia com estrépito sobre todos nós. —Ela apressou Aimeé para a porta. —vá advertir lhes, a você, escutarão.

—O que vais fazer?

—Vou falar com seu pai e seus irmãos. Temo a que estamos a beira de uma perigosa situação e os quero a todos preparados.

Aimeé deu um passo para a porta, logo fez uma pausa.

—Te amo, Mamam.

—Je't'aime aussi, ma petite. Agora vá e nos deixe concertar isto tão bem como possamos.

Em forma de tigre, Wren localizou a sua mãe em um banco no Central Park. Felizmente o lugar estava abarrotado, o qual ajudaria a encobrir seu aroma e lhe permitir misturar-se com o meio.

Oculto em um amontoado de arbustos, ele cintilou a um humano com o cabelo negro, calças jeans, óculos escuros, e uma camiseta dos Ramones. O tipo de humano a que sua mãe nunca prestaria atenção. Ele provavelmente podia ter conservado o cabelo loiro, mas ele se via bastante parecido a seu pai que não queria arriscar-se.

Observando-a enquanto buscava em sua bolsa por algo, ele teve que lhe outorgar crédito, ela era bela em forma humana. Elegante. Seu traje de rua branco e sua blusa vermelha de seda faziam ressaltar sua impecável figura lhe dando vantagem. Muitos varões humanos se detinham para falar com ela, mas ela rapidamente os afugentava com cáusticas ferroadas.

Para ser um animal, ela tinha um grande domínio sobre o idioma humano. Sua língua era uma arma tão mortífera como suas garras.

Negando com a cabeça quando ela despachou a outro presumido admirador, Wren se tornou para trás até que viu seu tio aproximando-se. Com o cabelo loiro e vestido com um traje azul marinho, ele era o equivalente masculino para a mãe de Wren. Os dois pareciam um poderoso casal do Fortune 500⁶.

Grayson a saudou com a cabeça enquanto se sentava no arbusto oposto do banco. Wren advertiu que seu tio mantinha uma distância segura a fim de que pudesse escapar se Karina repentinamente se lançasse sobre ele... homem preparado.

—Assim, O que acontece? — perguntou Grayson.

Wren se aproximou um pouco mais a fim de que pudesse escutá-los explicitamente.

—O tigre perdeu o julgamento— disse ela evasivamente. —Tinha razão, estive dedicando tempo a sua descendência enquanto eu estava ausente.

—Disse-te que envenenasse ao cachorrinho antes que te partisse.

Olhou-lhe com irritação.

—Aristóteles teria suspeitado, e desde que não estivemos no melhor dos termos nos últimos vinte e cinco anos, pensei que me convinha mais deixá-lo vivo.

Wren apertou seus dentes ante suas palavras. Até agora era difícil lhe ouvir tão calosa condenação de sua vida.

Ela curvou seus lábios com raiva.

—Ele agora me cortou por completo, recebi um barracão diminuto em Nova Jersey de todos os lugares. Meus cartões de crédito têm os limites de um camponês humano. Ele me deixou com nada.

⁶ **Fortune 500** famosa lista dos 500 empresários mais bem sucedidos que é publicada pela revista norte americana Fortune.

Os olhos do Grayson brilhavam como se sua fúria lhe divertisse.

—Disse-te que não esfregasse a seu amante em seu rosto. Meu irmão é uma besta orgulhosa. Tem sorte de que não lhes tenha matado a ambos.

Ela zombou disso.



—O desafio a tentá-lo. Asseguro-lhe isso, posso me manter em pé contra qualquer tigre.

Grayson lhe dedicou um olhar cético.

—Possivelmente não deveria ser tão arrogante. Sabe que os tigres sabem rasgar as gargantas dos leopardos.

—Só em seus sonhos. Dirigiu um olhar sinistro ao Grayson. —Quero me liberar desta relação. Enquanto esse tigre viva, não posso formar um casal dentro de minha espécie.

—Pensei que você o amava.

—Amor? —ofegou ela. —É estúpido? O amor é para os humanos.

Ela retirou com força a luva branca de sua mão direita e a sustentou em alto para lhe mostrar ao Grayson.

—Eu me emparelhei com ele por isso. O emparelhamento em nossas espécies se leva a cabo quando a marca aparece. Nunca equivale a amar para os Katagaria, sabia. Ama a sua companheira?

—Ela me satisfaz.

Karina tinha um olhar perdido em seu rosto como se ela recordasse algo no passado. A tristeza marcou suas perfeitas facções.

—Eu, também, estive satisfeita uma vez— disse ela brandamente. Seu rosto se endureceu outra vez ao da cadela que Wren tão bem conhecia. —Até que vi o que nosso emparelhamento produziu. Sou a última de minha raça. Se não puder prolongar a raça do leopardo das neves, então ao menos deixa reproduzir a um leopardo puro e não a uma espécie de híbrido.

Obrigado, Mamãe. Eu também te amo. Ele adoraria lhe mostrar de que uma aberração era realmente capaz.

Inclusive ficaria impressionada com sua habilidade para lhe arrancar a garganta antes que pudesse inclusive defender-se.

Grayson cruzou os braços sobre seu peito e falou em um tom acalmado, nivelado como se discutissem o clima e não a vida e a morte do Wren e seu pai.

A mesma indiferença fez que Wren quisesse matar a ambos.

—Então já sabe o que precisa fazer, Karina.

—Agora não é tão simples— disse ela com um suspiro. —Deixou tudo ao mutante. Estou realmente segura que me acompanhará até a porta do deserto gelado antes de me permitir estar perto dele.

Grayson bufou.

—O que pode fazer um leopardo contra a vontade de um tigre?

Ela assobiou nele.

— Não seja estúpido. Nossos habitats mínguem todos os dias. Ao menos na fazenda de um humano rico posso estar segura de que sempre terei um refúgio para estar em minha verdadeira forma. Também sei quão desesperadamente quer Tigarian Technologies, mas Aristóteles suspeita



muito de ti para que alguma vez confie em ti a suas costas novamente. Assim aqui está o que eu proponho. Eu os mato a ele e ao mutante, e você me dá uma parte da herança.

—E se eu disser não?

—Então eu o tentarei a sorte com o mutante.

Yeah, pensou Wren colericamente. Esse seria inclusive um pior engano. Inclusive como cachorrinho ele havia odiado a sua mãe. Que pena que ela não se tomou a oportunidade com ele.

Grayson se manteve em silêncio enquanto ele considerava suas palavras.

—Muito bem, aceito.

Pedaço de merda, ele tinha esperado que seu tio dissesse alguma coisa mais. Mas então, Wren estava observando uma história da qual já sabia o resultado.

—Bem, mas te conheço, Grayson. Não confio em ti, tampouco. Quero algum seguro.

Woow, Karina realmente tinha tido um cérebro. Ao menos por um momento. Pena que seus seguros lhe tivessem falhado ao final, mas possivelmente dariam ao Wren alguma maneira de provar a culpabilidade do Grayson nesta ação.

—E o que seria isso? Grayson perguntou.

—Quero que me ponha como acionista majoritário em sua companhia e quero que um milhão de dólares, sejam transferidos de sua conta à minha antes que eu faça algum movimento com o tigre.

Inclusive Wren podia dizer que tudo isso era tão efetivo como mirar a seu tio. As feições de Grayson realmente se viram cravadas e apagadas. Wren meio esperava que o tigre a mandasse a voar.

Ele não fez.

—Quanto tempo tenho?

—Não muito. Conheço o Aristóteles, por agora, ele me tem a casa inteira proibida. Mas ele disse que queria que eu visse o mutante. Fingirei interesse. Direi-lhe que repensei e eu gostaria de vê-lo. Quando abrir a porta, posso-lhes matar a ambos.

Agora isso agradou a seu tio. Seus olhos eram agora brilhantes e felizes.

—Necessito tempo para liquidar algumas coisas para ter o dinheiro em efetivo para a você.

—Tem quarenta e oito horas. Ela puxou um cartão de apresentação de sua bolsa. —Essa é minha conta. Uma vez que o dinheiro esteja ali, será um homem muito mais rico.

Wren observou como ela ficava de pé e se ia de repente. Era o momento mais duro de sua vida o agüentar ali e deixar que a história seguisse seu curso quando tudo o que ele tinha que fazer era lançar-se sobre eles e matá-los.

Poderia salvar a vida de meu pai... Mas seu pai se supunha que morria. Se não o fazia, então Wren não iria a Nova Orleães e nunca conheceria a Maggie.

Ela não é sua companheira.

Isso era verdade. Como sua mãe tinha pontuado ao Grayson, não estava em sua gente amar. Não como o faziam os humanos, e ainda assim Wren sentia algo por Maggie que desafiava qualquer outra explicação.

Ele só queria estar com ela e ainda assim ele sabia que não tinha nada que lhe oferecer.

Mas agora mesmo, ele podia salvar a vida de seu pai... E perder a Maggie para sempre.

Seu pai ou Maggie.

Mas tio, ali não havia verdadeira escolha. Se Wren salvasse a seu pai, ele alteraria muitos mais destinos que simplesmente o seu.

Sua mente voltou para quando Vane tinha estado vivendo no Santuário. Um dos companheiros de grupo do Vane tinha vindo a lhe matar. Só Wren o tinha mantido longe do Vane.

Se o Wren não tivesse estado ali... Vane poderia estar morto agora. E esse era simplesmente um instante do qual Wren sabia. Uma vida tocava outras centenas, já fora diretamente ou indiretamente.

—O mais ligeiro distúrbio no ar pode manter um furacão em movimento a mil milhas de distancia.

A teoria de caos. O Dark-Hunter Acheron tinha sido o que o tinha ensinado ao Wren vários anos atrás. Mudar até a menor coisa podia ter repercussões extremamente daninhas.

Não, ele tinha que deixar que a história seguisse seu curso.

Apertando seus dentes, ele partiu dando meia volta e se transladou a uma área isolada a fim de que ele pudesse retornar à casa de seu pai.

—Vós dois podem ficar aqui dentro uma vez que Wren retorne— disse o pai do Wren quando fechava a porta para selá-los aos dois em um dormitório para convidado a sós.

Marguerite franziu o cenho ante suas ações enquanto algo dentro dela começava a assustá-la. Ela não quis estar a sós com o pai do Wren. Mas não tinha nenhum sentido. Aristóteles só tinha sido amável com ela até agora.

Ainda, ela se sentia extremamente incômoda.

Aristóteles aspirou profundamente enquanto ele brincava com uma pequena caixa de porcelana que havia sobre a penteadeira de madeira de cerejeira. —Pensa que Wren poderá encontrar a prova que necessita?

—Espero que sim.

Aristóteles negou com a cabeça.

—Minha mãe sempre me disse que tomasse cuidado com o Grayson. Ela disse que ele tinha muito de humano nele para seu bem.



Marguerite franziu o cenho ante suas palavras.

—Como assim?

Aristóteles pôs a tampa sobre a caixa, logo se voltou e se apoiou contra a penteadeira.

—Os animais por regra geral não são em particular ciumentos, mas Grayson sempre foi. Ele era o maior da descendência de meus pais. Eu fui o mais jovem... nascido muito tarde em suas vidas. Tive dois companheiros de ninhada que não sobreviveram. Por isso, minha mãe se inclinou para mim. Posso recordar ser simplesmente um cachorrinho e pegar ao Grayson me olhando com malícia. Minha mãe estava todo o tempo assustada de nos deixar a sós juntos. Isso foi por que o separei de minha companhia faz muito tempo.

Marguerite podia entender a preocupação do Aristóteles, mas suas ações a golpearam com extrema paranóia.

—Sim, mas o ciúmes nem sempre fazem às pessoas homicidas.

Ele riu disso.

— Não falamos de pessoas, Maggie. Somos animais falantes. Em nosso mundo, a sobrevivência é tudo. Ganha o que o leva tudo.

Ele cruzou o quarto para parar-se ante ela.

—Ama a meu filho?

—Eu... Marguerite vacilou. Mas ao fim, ela sabia a resposta. Não havia negação possível. — Sim.

Aristóteles sorriu.

—O amor de um humano. Não poderia desejar nada melhor para ele. Os animais protegem o que eles conhecem. Protegem o que estão obrigados a proteger, mas os humanos... os humanos têm uma maior capacidade para sacrificar-se por aqueles que vivem em seus corações.

Antes que Maggie pudesse mover-se, Aristóteles a agarrou pela garganta e a atirou ao chão. Ela tratou de gritar, para descobrir que ela nem sequer poderia tomar ar em seus pulmões.

Ela não poderia mover-se, não poderia brigar. Era como se alguma força nunca vista a mantivesse paralisada.

Seus olhos a queimaram.

—Me perdoe por te fazer isto. Espero que o entenda com o tempo.

Seu desejado grito saiu como um gemido quando ele se transformou em um tigre e mordeu seu ombro.

Marguerite estava completamente paralisada quando a dor rasgava através dela. Ela viu cores formando redemoinhos a seu redor assim como um estranho zumbido começou em suas orelhas.

Sua respiração se voltou penosa, dolorosa. Era quase como se asfixiasse.

Ela estava morrendo. Ela sabia.

Por quê? Por que lhe estava fazendo ele isto? Seus pensamentos recorreram ao Wren. Ele

ficaria devastado.

Luta, maldição, luta! Mas ela não podia. Ela não tinha controle sobre seu corpo. Nenhum controle sobre o que o pai do Wren lhe estava fazendo a ela. Era aterrador.

Sinto tanto, Wren.

Foi seu último pensamento antes que tudo se voltasse negro.

Wren se encontrou a sós no dormitório de seu pai. Ele inclinou a cabeça quando ouviu a música apenas perceptível saindo de outro quarto. Era a canção “The Lion Sleeps Tonight”.

Wren bufou. Não havia dúvida de que essa era forma de seu pai de lhe fazer saber Wren onde estavam.

Ele abriu a porta do corredor e o percorreu com o olhar para assegurar-se que seu “eu” menor não andasse perto. Não havia muita probabilidade de que isso acontecesse. Se o recordava corretamente, ele não se aventurava fora depois de anoitecer e ainda assim só foi uma vez ou duas. Ele tinha estado muito assustado para deixar que seu pai o visse. Assustado de quanto mais seu pai lhe odiaria se ele soubesse o que ele podia fazer.

Meu deus, ele tinha sido tal idiota. A mesma coisa tinha causado que seu pai mudasse seus sentimentos para ele, tinha sido a coisa que lhe tinha assustado mais.

Se só tivesse sabido.

Wren baixou pelo corredor, na direção oposta ao quarto de sua infância. Ele encontrou a porta de onde saía a música.

No caso de estar equivocado, ele chamou ligeiramente à porta.

Ninguém respondeu.

Indeciso, abriu-a lentamente para encontrar a um grande tigre branco na cama. Ele se congelou nem tanto ante o que viu como ante o que cheirou. O ar estava espesso mesclando o aroma do tigre com o de Maggie.

Mas não havia rastro dela.

O coração de Wren martelou ante o significado.

—O que tem feito? Grunhiu-lhe à besta que estava tendida de cara à parede oposta. — Como pudeste comer a minha namorada, Papai? Ela era tudo o que alguma vez tive. — Maldito seja!

Sua fúria transbordando, Wren se dirigiu para a cama, tendo a intenção de matar a seu pai quando mudava à forma de tigre. Ele agarrou ao tigre, fazendo-o voltar-se.

O olhar fixo do Wren se fechou na do tigre, cujos olhos não eram azuis... Eles eram marrons.

Eram marrons como os de Maggie.

E estavam grandes com o pânico.

Wren a soltou e voltou a mudar a forma humana. Assustado do que ele via, ele estendeu a

mão para tocá-la, meio esperando que fosse um truque de alguma classe. Como podia ser Maggie um tigre? Ela era humana. Completamente humana.

—Carinho? — sussurrou ele, acariciando a cara do tigre. — É realmente você?

O tigre engatinhou mais perto dele. Ela acariciou com o nariz seu peito nu e levantou uma pata para deixá-la descansar sobre seu quadril. Ele poderia sentir o medo dela misturado com alívio.

Wren a rodeou com seus braços sustentando-a perto.

—Está bem— disse-lhe, acariciando sua suave pelagem. — Tenho-te.

Dois segundos mais tarde, ela estava tendida como uma nua humana em seus braços.

Wren a voltou para ver esses familiares olhos marrons lhe olhando.

—Estou assustada, Wren— disse ela, sua voz tremendo. —O que me está ocorrendo?

Ele pegou seu rosto em suas mãos.

—Não sei. Que aconteceu enquanto estive fora?

—Seu pai me meteu neste quarto e eu pensei que ele me matava.

Wren franziu o cenho ante suas palavras.

—O que?

—Ele me atacou como um tigre, logo tudo se voltou negro. Quando despertei, era... —Ela voltou a mudar a um tigre antes que ela pudesse terminar de falar.

Seu pânico se redobrou.

—Está bem, Maggie— Wren a reconfortou. —Respira fundo e imagine como uma humana.

Ela retornou a ele.

—Isso— disse ele com um sorriso que ele realmente não sentia.

Mas ele não queria assustá-la mais do que já estava.

—Segue te enfocando em ser humana e permanecerá como uma.

—Tenho que lhe dizer isso, ser um tigre realmente chateia.

Ele riu misteriosamente de suas palavras.

—Algumas vezes. Outras vezes não é tão mau.

—Esta não é uma dessas vezes.

Ele sorriu enquanto lhe acariciava gentilmente o cabelo.

—Não, suponho que para você não o é. Ele inclinou sua cabeça tratando de sentir a seu pai, mas todo que Wren podia sentir era a Maggie. —Sabe aonde foi meu pai?

—Não, mas a próxima vez que lhe veja, tenho a intenção de lhe devolver a dentada.

—Eu lhe morderei por ti. —Wren se tornou para trás. —Como se sente agora mesmo?

—Enjoada. Sente alguma vez como se fosses vomitar quando muda de forma?

—Normalmente se vai rápido. Mira o olhar em algo por um minuto e seus sentidos se aplacarão.

Ela cravou os olhos em seus lábios.

Wren não sabia que isso o ia acender, mas seu corpo reagiu instantaneamente.

—Tinha razão— disse ela. —Ajuda.

Wren a beijou ligeiramente. Ela deixou escapar um profundo gemido de sua garganta enquanto separava os lábios para saborear a doçura da boca dela. Com seu corpo endurecendo inclusive mais, ele amavelmente pegou seu peito em sua mão.

Ele começou a tombá-la de costas quando alguém bateu na porta.

Rapidamente ele os vestiu ambos quando a porta meio se abriu para mostrar a seu pai. Vacilando no portal, ele parecia tímido.

— Não sabia que tinha retornado. Vim para checar a Maggie. Como o está passando?

Wren deixou a cama quando a raiva se apoderou dele

—O que fez a ela?

Ele olhou depois do Wren à cama onde Maggie ainda jazia em forma humana.

—Sinto muito, Maggie. Mas era o melhor. Você é mais forte agora. Viverá mais tempo do que o faria como um humano, me acredite, está muito melhor assim.

Wren lhe agarrou e o golpeou ruidosamente contra a parede.

—O que lhe tem feito?

—Dei-lhe os poderes de minha mãe.

Wren não podia ter estado mais aturdido se seu pai o tivesse golpeado. Ele afrouxou sua sujeição em sua garganta.

—Que fez o que?

—Dei-lhe força animal. Acreditei que para o fim de semana já não os necessitaria mais de todas maneiras, vale?

Wren negou com a cabeça.

—É impossível. Ninguém pode entregar seus poderes.

Seu pai bufou ante isso.

—Sim, podem. Não é algo que se faça freqüentemente. Muito poucos de nossa raça chegam a legar sua magia. Mas pode fazer-se.

Wren ainda não acreditava nisso. —Não. Conheço um Were-Hunter que se emparelhou com um humano. Ela não tem poderes.

—Porque ele não os compartilhou com ela.

—Me acredite, se Vane pudesse compartilhar seus poderes com sua esposa, faria-o.

O pai do Wren arqueou uma sobrancelha ante o que isso se referia.

—Embora isso significasse debilitar os seus?

Wren vacilou. Não, possivelmente não.

—Como é que nunca ouvi sobre isso?

—Não é algo que se fale em muitos círculos abertamente. Inteirei-me disso por minha mãe, que me entregou seus poderes quando descobriu que estava morrendo de câncer. Era jovem e ela estava aterrorizada de que Grayson me matasse. Assim que ela me fez o suficientemente forte para que pudesse lhe fazer frente. Agora lhe passei seu presente a sua namorada.

Maggie ficou lentamente direita na cama.

—Por que não os dá ao Wren?

O pai dele meio lhe sorriu. —Seus poderes bastam para que ele possa manter-se firme contra alguém. Mas você... você sempre seria uma debilidade para ele. Agora já não o é. Em poucos dias, acostumar-se-á a sua nova vida e dominará com mestria esses poderes.

—Mas não somos companheiros— disse Wren, ainda incapaz de acreditar que isso estivesse acontecendo.

—Serão-o. Sei.

Wren negou com a cabeça.

—Maggie é a filha de um senador dos Estados Unidos, Papai. Como se supõe que deve voltar para sua vida agora? Ele observou como o horror impactava nele.

—Por que não me disse isso? —Perguntou seu pai.

—Se soubesse que foste enganar a para colocá-la em nosso mundo, o teria feito. Mas nunca sonhei em minha mais descabelada imaginação que poderia fazer isto.

Maggie tocou o braço do Wren quando se uniu a eles.

—Está bem, Wren. Embora para ser honesta, escolher isto tivesse sido mais agradável. O coração de seu pai estava no lugar correto. Não pode te zangar com alguém que faz algo por que lhe ama.

Wren chiou os dentes.

—Claro que posso.

Seu pai se viu aflito.

—Mas eu não quero.

Seu pai tomou ao Wren em seus braços e lhe abraçou.

Ela lhes sorriu.

—Assim antes que troque a tigre outra vez, descobriu algo sobre o assassinato de seu pai?

Wren assentiu com a cabeça enquanto ele se apartava para mover-se ao lado de Marguerite.

—O brilhante plano de minha mãe é que ela mata a Papai e a mim, e logo ela e Grayson dividem a herança. Ele deve lhe repassar um milhão de dólares a sua conta antes dos assassinatos.

—Mas ela não te matou— recordou-lhe Marguerite. —depois de que seu pai morreu.

—Sabem— disse seu pai entre os dentes apertados com força— realmente me incomoda falar de minha morte desta maneira.

—Sinto muito— disse Maggie. Ela olhou ao Wren. —Está seguro de que não podemos lhe



salvar?

—Não— disse Wren. —Isso alteraria as coisas e os Destinos nos castigariam por isso.

Seu pai esteve de acordo.

—E o mais provável é que ambos terminassem mortos em algum outro fantástico lugar umas horas depois de me haver salvado. Os Destinos têm uma estranha maneira de manter em equilíbrio as coisas.

Marguerite o sentia pelo Aristóteles.

—Assim, como podemos provar que estiveram envoltos?

—Não sei— disse Wren. —O depósito não quer dizer nada. Suponho que poderia obter uma cópia disso, mas Grayson poderia mentir e dizer que pôs o dinheiro ali por outra razão. Seu argumento se apoiará em que meus pais estão mortos. Ele dirá que eu os matei a ambos.

—Assim precisa descobrir quem matou a sua mãe e obter provas disso.

Wren assentiu com a cabeça. Poderia ter estado Grayson na casa quando ela morreu?

Aristóteles negou com a cabeça.

—Não é possível.

Está seguro? Perguntou Wren.

—Sim. Expulsei ao Grayson daqui faz muito tempo. —Aristóteles se voltou prudente. —O que recorda a respeito da noite de minha morte? Necessito cada detalhe.

Wren dedicou um olhar incômodo ao Marguerite.

—Ocorreu ao redor das dez. Recordo-o porquê ouvi o relógio tocar ao mesmo tempo em que algo se rompeu. Tive a suspeita de que algo ia mau, assim deixei meu quarto para ir ao teu. Encontrei-te ali e te segurei.

Ela viu a dor no rosto do pai do Wren.

—Logo os ouvi rindo e fui matá-los. O amante de mamãe me atacou e me deixou fora de combate. Quando despertei, a casa estava ardendo e escapei quando o piso se queimou de debaixo de mim. Um bombeiro me tirou e eu escapei pelo bosque. Ali havia um homem que me chamou. Ele disse que me levaria ao Santuário.

Seu pai franziu o cenho.

—Que homem?

—Não sei. Ele nunca me disse seu nome e eu nem sequer sei por que confiei nele, em retrospectiva. Ele só parecia ser honesto.

Marguerite considerou isso.

—Que aspecto tinha?

Wren se encolheu de ombros.

—Ele se via e cheirava a humano. Era realmente alto, com olhos negros e escuro cabelo marrom.

Aristóteles negou com a cabeça.

—Não conheço nenhum humano com esse aspecto.

—Está seguro? Perguntou Wren.

—Sim.

—Que estranho— disse Marguerite enquanto o considerava — Quem pôde ser ele então?

Wren negou com a cabeça.

—Não sei.

Aristóteles deixou escapar um comprido suspiro, cansado. —Muito bem então. Não parece que haja muito que possamos fazer até a noite que me matam. Direi-lhe ao banco que me tenha à corrente a respeito dos movimentos das contas de sua mãe. Você fique aqui e ensine a sua namorada como usar seus poderes.

O cenho franzido do Wren aumentou.

—Aonde vai?

Seu pai deu ao Wren um olhar significativo.

—Quero ir passar um pouco de tempo com meu filho a fim de que ele não me odeie completamente quando me encontrar morto.

—Não te odiei, Papai.

Ele sorriu tristemente.

—Obrigado, Wren. Alegra-me sabê-lo antes de morrer.

Marguerite estava assombrada pela força do homem, o fato que ele podia confrontar sua morte tão corajosamente. Era incrível.

—Está sendo incrível entendendo tudo isto.

Ele zombou disso. —Só por fora. Asseguro-lhe isso, por dentro estou gritando agora mesmo. Não há nada pior que saber que vais morrer e não poder evitá-lo.

Ela se encolheu de medo ante tal pensamento.

—Não, não me imagino.

Aristóteles abriu a porta.

—Voltarei em poucas horas. Enquanto isso se necessitarem algo, tenha a Maggie me avisando pelo interfone.

—De acordo.

Quando seu pai começou a sair, Wren o deteve.

—Obrigado, Papai.

Ele aplaudiu ao Wren no braço antes de deixá-los sós.

Wren suspirou com excesso.

—Este foi realmente um pestilento dia, né?

—Poderia dizer que sim. Esta manhã estávamos em 2005 em Nova Orleães, eu estava te

olhando e me perguntando como seria ter a capacidade de transformar-se em tigre. Agora isto foi antes que me introduzisse no mundo de 1981 e pudesse me converter em um tigre. Yeah, simplesmente um dia como outro qualquer... se estiver em uma produção do Ted Raimi.

Wren bufou ante seu comentário sarcástico.

Marguerite se esfregou os braços quando o verdadeiro horror de tudo isto penetrou profundamente em seu coração.

—O que vai ser de nós, Wren?

—Não sei. Mas algo que seja, será interessante.

—E isso é o que realmente, realmente me assusta.

Capítulo 13

Marguerite aprendeu rapidamente que a vida como um Were-Tigre não era fácil. Em primeiro lugar, seu apetite se quadriplicou quase instantaneamente. E quando registrou a deserta cozinha em busca de chocolate para comer, desde que seu novo metabolismo queimaria montões de calorias, Wren a avisou de que estava eternamente fora de seu menu. Aparentemente muito disso poderia matá-la.

Igual ao Tylenol.

O Tylenol não lhe importava, mas o chocolate foi um golpe duro. Não mais coelhinhos de Páscoa para ela.

Mas as boas notícias eram que seu corpo rapidamente se aclimou às mudanças e em umas poucas horas ela pôde manter sua forma humana outra vez com facilidade.

Wren lhe explicou que durante o dia ser humano não seria um problema para ela, desde que era sua “forma de apoio”, a dele era tecnicamente a do tigid, o qual explicava por que cada vez que dormia ou se deprimia ele voltava para a forma do tigid.

Ela também aprendeu que seria mais fácil para ela transformar-se em tigre de noite. Ser um tigre durante o dia seria um pouco complicado já que ela ainda se estava acostumando a seus poderes.

Até que os dominasse, durante a lua cheia sua forma humana provavelmente mudaria até contra sua vontade. A atração magnética da lua cheia faria estragos em seus poderes — daí vinha o mito humano do Lobisomem.

Debaixo a luz de uma lua cheia, todos os jovens Were-Hunters estavam a mercê de seus poderes. Eles provavelmente atacariam a um humano desprevenido, desde que o animal neles tendia a assumir o controle de seu raciocínio humano.

—Todo mito humano tem alguma base de verdade— lhe disse Wren quando lhe ensinava como controlar sua habilidade para mudar.

A mudança de uma forma para outra não era dolorosa. Era o manter essa forma o que supunha estresse mental e físico.

Mas quando seu corpo se acostumou, Marguerite começou a sentir-se feroz. Intensa. Tudo era mais vívido agora.

Sua visão. Sua audição. Os aromas — outra coisa da que poderia ter passado.

Ao menos para certas coisas. Para outras, como a maneira em que Wren cheirava quando estava perto, não era tão mau.

Ela apoiou sua cabeça contra o pescoço do Wren a fim de que ela pudesse inspirar o único perfume dele. Era mais intoxicante que um vinho fino.

E dava água na boca.

Sempre tímida na vida, agora estava possuída por alguma outra coisa. Algo feroz e desatinado. Ela era ainda a mesma Marguerite, solo que agora era muito mais consciente a respeito de seu lugar no mundo.

Wren sorriu quando ela amavelmente acariciava com o nariz seu pescoço.

—Sente o tigre atirando de ti, verdade?

—O que?

—A besta que compartilha seu corpo. É diferente sendo humano. Crepita dentro de ti como se fosse outra pessoa, te chamando.

Ela assentiu enquanto engatinhava em seu regaço, logo o empurrou sobre a cama. Ela esfregou seu rosto contra a dele, deleitando-se com a sensação de suas ásperas bochechas raspando a suavidade das suas próprias. Seu corpo estava ardendo.

E o animal dentro dele desejava ardentemente com uma necessidade nascida da loucura.

Ela cravou os olhos em sua camisa, logo desejou que desaparecesse.

Desapareceu instantaneamente.

Era bom ser um tigre mágico. Marguerite sorriu com satisfação.

Ao menos até que seu próprio Top e sutiã desapareceram.

—Ouça!

—Acabou-se o jogo limpo — disse Wren um instante antes que todas as roupas dela desaparecessem.

Pela primeira vez em sua vida, ela não estava coibida. A besta dentro dela não sabia nada de modéstia. Só sabia de desejo. De fome.

Wren

E queria prová-lo.

Wren se recostou novamente e observou o fogo que ardia brilhante em seus olhos marrom escuro. Ele já estava duro e ansiando-a quando ela acariciou seu peito com seu cabelo. Chiando os dentes, ele teve que esforçar-se para não assumir o controle disso.

Mas isto era parte de que chegasse a ser ela mesma. Ela precisava experimentar o novo aspecto de si mesma. Precisava chegar a um acordo com a fome da alma de um tigre.

Tender-se ali enquanto ela o explorava foi a coisa mais difícil que alguma vez tinha tido que fazer. Seu corpo suave se esfregava tortuosamente contra o dele. Quando lhe mordeu a orelha, o rangente pelo de entre suas coxas roçou contra seu quadril, lhe recordando sua própria fome por ela.

Seu desejo prendeu fogo ao seu próprio.

Wren assobiou quando ela percorreu sua orelha com a língua. Seu fôlego no pescoço se abrasava e causava que corressem calafrios ao longo de seu corpo. Havia algo dentro dele que se acalmava com seu contato e ainda lhe excitava mais do que nada alguma vez o tinha feito.

Ele correu suas mãos sobre as suas suaves costas para capturar seu traseiro nas mãos. Ela gemeu em sua orelha antes que ela se movesse a fim de montar escarranchada seu corpo. Wren se levantou para pegar seu rosto nas mãos enquanto ele aprofundava mais seu beijo.

Tudo o que ele alguma vez tinha querido em sua vida era algo aonde pertencer, e com ela ele encontrou esse lugar especial. Era por isso que ela significava tanto para ele, por que nunca queria perdê-la. Ela era tudo para ele.

E ele não poderia conservá-la.

Era tão injusto e ainda ele se negava a deixar-se pensar nisso. No momento, estavam juntos e isso era tudo o que era importante para ele. Suspirando com satisfação, ele amavelmente acariciou com o nariz sua bochecha.

Marguerite grunhiu ante a vista dos músculos definidos do Wren esticando-se quando se continha guardando o controle e lhe permitindo a ela sair-se com a sua com ele. O que tinha essa besta que fazia que todo seu corpo ardesse em chamas?

Realmente, ninguém deveria ser tão irresistível. Com o coração golpeando, ela se separou de seus lábios e grunhiu ferozmente. Seu perfume e sabor corriam através dela, embebedando-a com necessidade. Ela tinha que lhe ter...

Incapaz de agüentar mais, empalou-se a si mesma nele.

Grunhiram em uníssono.

Wren levantou seus quadris, enterrando-se mais nela. Marguerite se mordeu o lábio de satisfação quando notou a dura espessura dele dentro de seu corpo. Não havia nada melhor que a sensação dele enterrado ali enquanto faziam o amor furiosamente.

Seu corpo vibrou e ardeu, exigindo mais e mais dele. Mordendo o lábio, ela viu como seu prazer estava refletido nos olhos dele. OH, sim, isto era o que ela tinha desejado ardentemente dele e não lhe cabia dúvida de que nenhum homem poderia inclusive ser capaz de fazê-la sentir dessa maneira outra vez.

Ele era tudo para ela.

E ambas ela e o tigre tinham a intenção de lhe conservar. Incapaz de suportá-lo mais, ela acelerou seus ataques até que encontrou a liberação que ela necessitava.

Wren observou como Maggie se corria gritando seu nome. Sorrindo, ele se deu volta com ela a fim de que ele pudesse finalmente tomar o controle desse jogo. Ele se moveu mais rápido contra seus flexíveis quadris, aumentando o prazer dela quando suas unhas se cravaram em suas costas.

E quando ele encontrou seu próprio orgasmo, poderia jurar que viu estrelas.

Ele se derrubou em cima dela, seu coração golpeava enquanto sentia o mais incrível êxtase de sua vida. Não havia nada sobre a terra que pudesse igualar-se ao calor dela sob ele. Da sensação de sua mão quente contra sua fria pele.

A besta dentro dele poderia devorá-la. Já estava grunhindo e preparando-se para provar outra vez seu corpo.

Marguerite jogou com seu cabelo enquanto o fôlego de Wren fazia cócegas através de sua pele. Ela amava a sensação de seu peso sobre ela. De seu corpo ainda unido ao dele. Era quente e duro.

E ela nunca queria voltar a mover-se.

Ela esfregou seus pés sobre a parte inferior de suas pernas, deleitando-se em sentir todos seus finos músculos. Ela podia sentir que sua fome por ele começava a elevar-se outra vez profundamente em seu interior. Agora ela finalmente entendia como Wren podia lhe fazer o amor durante horas.

Era intrínseco.

Uma risada profunda saiu de sua garganta quando o notou ficando duro dentro dela. Mordendo o lábio, moveu-se contra ele, lento e fácil, saboreando toda a largura e longitude dele.

Wren se levantou sobre seus braços para olhá-la fixamente enquanto ela continuava controlando o jogo.

—Acredito que minha pequena tigresa ainda tem fome.

Ela gemeu quando ele se meteu com força nela, profundo e duro.

E ela ainda queria mais. Cavando seu traseiro, ela o urgiu a ir mais rápido e levantou seus quadris para lhe aspirar até mais profundo. Ainda não era suficiente.

Como se pudesse sentir isso, Wren se afastou. Marguerite choramingou até que ele a voltou sobre seus joelhos. Ele tomou suas mãos e as apertou contra a cabeceira enquanto lhe separava as coxas com as dele.

—Confia em mim, Maggie— respirou em sua orelha um momento antes que estivesse dentro dela outra vez.

Ela ficou sem fôlego ante a profundidade de sua penetração. Seus seios tremiam quando ele empurrava contra ela. Usando a cabeceira como alavanca, lhe encontrou golpe a golpe. Ele pegou seus seios um instante antes que enterrasse seus lábios contra a nuca de seu pescoço.

Marguerite gemeu ante o quente de seus lábios, a sensação de sua mão cavando seus seios

enquanto lhe baixava a outra por seu estômago até sua úmida fenda. Sua respiração se cerrou quando ele brincou com ela ao mesmo tempo que empurrava. Ela nunca havia sentido nada mais incrível que ele dentro e ao redor dela. Era como se ela fosse consumida por ele.

E quando chegou outra vez foi tão intenso e devastador que ela literalmente gritou.

Wren riu com satisfação até que seu próprio orgasmo o reclamou. Ele se sepultou profundamente em seu interior enquanto seu corpo inteiro vibrava. Nunca havia sentido nada como isso. Seu coração pulsando depressa, seus poderes crepitando, ele se abraçou ao redor dela e a devorou de retorno à cama a fim de que ela jazesse sobre seu peito, completamente exposta.

Marguerite deixou escapar um esfarrapado mas satisfeito suspiro enquanto Wren acariciava seus seios enquanto ela jazia em cima dele. Ela estava tão saciada que se sentia como um gatinho bem alimentado preparado para uma longa sesta.

Wren se enganchou seus tornozelos com os dela e abriu suas pernas de par em par.

—Não acredito que possa ter nunca suficiente de ti, Maggie— sussurrou ele quando lentamente começava a brincar com ela outra vez.

Ela tremeu ante a sensação de seus compridos e magros dedos acariciando suas dobras. Deles explorando profundamente seu corpo, acendendo ainda mais fogo dentro dela. Ela baixou suas mãos para cobrir as dele enquanto lhe dava ainda mais prazer.

—Como é estar emparelhado? —perguntou ela, imaginando se poderia ficar melhor que isso.

—Para a fêmea, o céu. Para um macho, é uma merda.

Ela franziu o cenho ante seu tom, quase feroz.

—Como assim?

—Uma vez que nossa raça forma um casal, realmente é até que a morte nos separe. Não há liberdade para nenhum dos dois enquanto ambos os companheiros vivam.

Ela começou a lhe corrigir a respeito do “nossa” até que se deu conta de que ela era agora de sua raça.

Ela já não era completamente humana.

—É tão mau?

—Não se ambos são leais um para o outro. O trabalho do macho é proteger à fêmea. Para mantê-la e a seus filhos a salvo. Sempre que ela viva, ele nunca mais poderá tocar sexualmente a outra mulher. Essencialmente, voltamo-nos impotentes ao redor de alguém exceto nossas companheiras.

Agora ela entendeu a cólera de seu pai.

—Seu pai nem sequer pode tomar a uma amante?

—Não. Nenhum varão pode. Mas as fêmeas têm liberdade de compartilhar seus corpos com quem elas escolham. Só que não podem reproduzir-se com alguém que não seja seu companheiro.

—Isso não parece justo.

— Não o é. Foi uma das maldições que os três Destinos lançaram a minha gente quando fomos criados.

Ela vaiou enquanto ele continuava acariciando-a e moveu seus quadris contra sua mão.

A tudo isto, o que ele descrevia não soava tão mal.

—Assim, se um dos companheiros morre, o outro é livre?

—Sim, a menos que tenhamos combinado nossas forças vitais. Então se um morrer, ambos morrem.

Ela fechou seus olhos e sorriu.

—Isso soa romântico.

Ele acariciou seu cabelo com seu rosto enquanto continuava acariciando-a.

—Em certo modo é. É o último sacrifício entre dois seres que nunca querem viver separados. Dizem que nem sequer os Destinos podem romper tal união. Se um dos amantes é reencarnado, então os Destinos devem reencarnar o outro a fim de que possam estar juntos outra vez em suas novas vidas.

Ela abriu seus olhos quando Wren se separou dela. Ele a deslizou completamente dele, em cima da cama. Olhou-lhe carrancuda até que ele se moveu sobre a cama até ficar tendido entre suas coxas abertas.

—É tão formosa— disse ele com a voz rouca, seus olhos ardendo nos dela.

Marguerite queria lhe dizer quanto ela o amava, mas lhe dava medo. Ela não estava nem sequer segura de por que. Mas algo dentro dela temia que se o dizia, arruinaria esse momento e ela não queria que isso acabasse.

Wren tomou suas mãos nas dele e as dirigiu ao centro de seu corpo.

—Abra-se a si mesma para mim, Maggie— disse ele, sua voz rouca. —Quero verte te tocando a si mesma enquanto te saboreio.

Ela tremeu ante suas palavras quando acessou a lhe agradar. No mesmo momento em que o fez, ele inundou sua cabeça e fez passar a sua boca. Marguerite choramingou de prazer enquanto sua língua a atormentava com o êxtase mais doce que ela tinha conhecido alguma vez.

Como podia algum homem a fazer sentir dessa maneira?

E nesse momento, ela se deu conta de algo.

Ela queria estar emparelhada com ele, para sempre.

Está louca?

Mas seu coração não escutava a seu cérebro. Pois, os corações eram estranhas vezes racionais. Tudo o que sabia era o que sentia. Ela amava a esse homem com uma profundidade de emoção que ela nunca tinha conhecido antes.

Como não poderia?

Tinha-lhe dado a ela mais que qualquer outro que alguma vez tivesse conhecido. Ele a

escutava. Ele cuidava dela.

Ela realmente o tinha domesticado. Ao menos em certa forma. Quando se tinham conhecido, ele nunca tinha sabido o que era tocar a uma mulher. Ele tinha sido selvagem e feroz.

Agora ele era tenro com ela. Ele cuidou dela.

E agora ela queria cuidar dele.

Marguerite jogou a cabeça para trás quando voltou a correr-se. Ela se estremeceu pela intensidade de seu prazer misturado com seus voláteis sentimentos.

Ele nunca poderia ser seu... Não, Wren Tigarian nunca poderia pertencer a Marguerite D'Aubert Goudeau. Em seu mundo de sangue azul e conformidade de plástico, ele sempre se sobressairia.

Mas ela já não era Marguerite D'Aubert Goudeau, ao menos não completamente.

Ela era Maggie Goudeau.

Humana.

Tigresa.

E queria ao Wren Tigarian como dela. Só tinha que convencer aos muito teimosos Três Destinos que ela era uma besta a ter em conta. Uma que estava mais que disposta a brigar por esse homem.

Capítulo 14

Wren jazia nu, embalando Maggie enquanto ela dormia no abrigo de seus braços. Ele pressionou sua bochecha contra a dela enquanto a escutava respirar. Ela tinha uma leve rouquidão que o esquentava completamente. Ele estava cansado também, mas queria abraçá-la como homem ao menos um pouco mais enquanto o aroma dela penetrava em seus sentidos.

Era o céu estar em seus braços, e ele amaldiçoou aos Destinos por não lhes permitir emparelhar-se. Não era justo ou correto. Certamente eles foram feitos um para o outro... De repente ouviu algo no corredor de fora.

Wren se moveu lentamente da cama quando sentiu um estranho calafrio percorrendo sua coluna vertebral. Não era igual ao que teve quando seu pai se aproximava.

Era... horripilante, poderoso, perturbador.

Ele cruzou o quarto, sua atenção se enfocou no que ele tinha ouvido fora.

Fechando seus olhos, ele se vestiu e a Maggie um instante antes que ele sentisse uma presença detrás dele.

Wren se girou para encontrar a um dos tigres em forma humana que o tinham assaltado no

Santuário.

O tigre se moveu para tentar pôr um colar no pescoço de Wren.

Wren separou de um empurrão ao Katagaria, lançando-o contra a parede. O colar caiu ao chão com um surdo ruído quando o tigre lhe grunhiu.

Maggie despertou com um grito sufocado.

—Foge, Maggie— disse Wren enquanto ficava entre ela e o tigre.

Dois tigres mais fizeram sua aparição.

Os olhos de Marguerite se estreitaram ante a visão dos tigres e o homem atrás de Wren. Uma desenfreada fúria se iniciou profundamente em seu interior. Ela nunca havia sentido nada como isso elevando-se.

Era a besta dentro dela. Ela sabia. Ela realmente a sentia estirando-se e grunhindo.

Corroendo.

E querendo sangue. O sangue deles.

Atuando por puro instinto animal, ela se lançou da cama ao tigre mais próximo a ela. Este se voltou contra ela para a briga. Por um instante fugaz, o temor a golpeou, e logo partiu, lavado por sua fúria.

E em seu lugar estava uma confiança com a que nunca tinha experiente. Confiando em si mesma completamente, ela manteve seu terreno e apanhou ao tigre pelo pescoço.

Wren ficou aturdido quando viu Maggie agarrar ao tigre. Ele sorriu um instante antes que algo lhe golpeasse. Ele não podia respirar quando a energia elétrica passou através de seu corpo inteiro, lhe emitindo de tigre a humano uma e outra vez.

Ele caiu ao chão, apavorado do que ocorreria a Maggie enquanto ele estava completamente incapacitado.

Marguerite se congelou ao ver Wren. Ele estava no chão contorcendo-se como se o afligisse uma aguda dor enquanto mudava de forma uma e outra vez a um ritmo alarmante.

O tigre com o que ela tinha estado brigando trocou a um varão humano. —lhe pôr o colar ao bastardo.

Ela não sabia que era isso, mas estava segura de que era mau. Ela voltou a mudar a forma humana.

—Não! — gritou ela, equilibrando-se sobre eles. Ela se atirou ao chão em cima de Wren e desejou tirar-se se mesma do quarto.

Por favor, deixa que funcione!

Dois segundos mais tarde, ela estava no dormitório do pai do Wren.

Aristóteles levantou o olhar de seu escritório com cenho.

—Maggie?

Antes que ela pudesse responder, os tigres apareceram no quarto com eles.

—Estão tratando de matar ao Wren— advertiu ela ao pai.

Ele deixou sua cadeira preparado para lutar contra eles.

Quando o humano se moveu para Wren, Marguerite se equilibrou sobre ele. Empurrou-lhe tão forte que ele em realidade gretou a parede.

—Fique fora disto, mulher, ou morre— advertiu a ela.

Ela o olhou com ódio. —O único que vai morrer esta noite é você, imbecil.

Aristóteles apanhou ao homem quando se equilibrava para ela. Ele retorceu a cabeça do homem até ouvir um horripilante som. O homem se converteu em tigre antes de cair ao chão, onde jazeu imóvel.

Os outros dois tigres se desvaneceram.

Só parcialmente aliviada, Marguerite se ajoelhou ao lado do Wren, que ainda cintilava entre suas formas.

—Carinho? —disse ela, querendo lhe ajudar.

—Devem ter lhe dado com um Taser— disse Aristóteles. —Você provavelmente também estaria assim se te tivesse alcançado. Não poderia manter nenhuma forma depois de que te alcançasse essa coisa.

Bem era bom sabê-lo, mas isso não ia ajudar ao Wren.

—O que podemos fazer para lhe ajudar?

—Nada— disse Aristóteles tristemente. —A eletricidade tem que deixar de ricochetear ao redor de suas células. Uma vez que o faça voltará para a normalidade, mas enquanto isso ele está indefeso.

Aristóteles encerrou seu olhar no dela. O calor e medo em seus olhos azuis a abrasaram. —E a vós dois lhes acaba o tempo. Agora que sabem que estão aqui, voltarão para ambos. Pela força.

—O que devemos fazer? —perguntou ela, disposta a brigar ou fazer algo que fora necessária para proteger ao Wren.

Seu pai colocou uma mão no braço do Wren.

—A Lua está elevando-se. É hora de que ambos voltem para lugar de que viestes.

Marguerite assentiu quando um novo temor a cativou.

—É muito logo. Não temos provas de sua inocência.

Ainda esses olhos a queimavam com uma intensidade que dava medo.

—Confia em mim. Vão ao escritório de Advocacia Laurens e procurem por um pacote. Enviarei-o daqui e o manterão a salvo, esperando por vós. Provará a inocência do Wren.

Soava tão mais fácil. —Está seguro?

—Não tem alternativa, Maggie— insistiu ele. —Se ficarem aqui, ambos morrerão. Só espero que tenha suficiente de meus poderes restantes, depois dos que lhe passei para cumprir com isto.

—E se não?

Ele afastou o olhar. —Está tudo nas mãos dos Destinos. Esperemos que não estejam totalmente carentes de compaixão.

Marguerite abriu sua boca para discutir, mas antes que pudesse fazê-lo, tudo ao redor dela se voltou impreciso.

Um minuto mais tarde, ela se encontrou em uma grama coberta de erva não muito longe de sua pequena casa em Nova Orleães.

Assombrada e um pouco confundida, ela olhou ao redor. Era meio-dia, e tudo parecia normal. O sol era luminoso e brilhante sobre sua cabeça. O dia dava a aparência de estar acalmado e tranqüilo.

Só que não havia nada de tranqüilo no que lhes ocorria agora mesmo. Não havia nada tranqüilo no medo e na ansiedade que ela sentia.

Em forma humana, Wren resmungou, logo deixou cair de repente a cabeça contra a grama. Ela conteve o fôlego, esperando que se transformasse em um tigrard outra vez.

Ele não fez.

Ele ficou imóvel contra a grama, seus olhos abriram com um olhar distante cheio de remorso e culpabilidade.

—Wren? —perguntou ela com vacilação.

—Maldito seja, Papai— ofegou zangado. —Como pôde?

Ela viu a angústia nos olhos do Wren e isso a acendeu.

— Sinto muito, Wren. Deveria lhe haver detido.

Ele se via como se queria gritar a injustiça. Isto só durou um instante antes que ele ficasse de pé com uma sombria determinação em seu rosto.

Wren lhe estendeu a mão.

—Vamos. Acabemos de uma vez. Não estou disposto a deixar que tenha morrido em vão.

Ela entendia exatamente o que ele sentia e estava igual de disposta a corrigir isto.

—Adiante.

Logo que ela tocou sua mão, ele os emitiu da rua para um pequeno quarto no beco detrás da Firma de Advocacia Laurens. Para seu alívio, suas roupas voltaram a mudar a seu usual adorno de 2005.

—Obrigado— disse ela, olhando para baixo a seu suéter rosado e suas calças cáquis. —Sinto-me muito mais normal agora, o qual é realmente muito estranho se tiver em conta todo o anormal em que me tornei.

Sorrindo, Wren a deu um alentador olhar antes que ele a guiasse dentro.

A morena recepcionista lhes olhou carrancuda quando entraram. Uma mulher de meia idade que obviamente tinha sido escolhida para seu trabalho porque poderia intimidar ao Evander Holyfield, ela os olhava suspicazmente. Era óbvio ela não reconheceu ao Wren.

—Posso lhes ajudar? —disse ela serenamente.

Wren se passou a mão através do cabelo. Maggie podia sentir sua ansiedade enquanto dirigia a palavra à mulher, que tinha uma atitude esnobe que orgulharia ao pai de Marguerite.

—Sim. Sou Wren Tigarian e me disseram que meu pai enviou algo a firma para que guardassem para mim.

O nome imediatamente se registrou no rosto da mulher quando ela se levantou. Ela o olhou com muito mais respeito.

—OH, você é um dos clientes pessoais do Sr. Laurens. Se você e sua amiga esperarem aqui mesmo, Sr. Tigarian, eu irei buscar. Ela fez uma pausa quando chegou à porta do escritório. — Gostariam de beber alguma coisa?

Wren olhou a Marguerite.

—Estou bem— disse ela rapidamente.

A mulher olhou a Wren, que negou com a cabeça em declínio.

—Muito bem, senhor. Voltarei em seguida com o Sr. Laurens. Sinta-se em sua casa.

Wow, a mudança em seu tom era considerável

Marguerite podia sentir a agitação do Wren enquanto esperavam ao Bill.

Não que tiveram que esperar muito. Ele entrou na área de recepção um passo detrás de sua recepcionista, que retornou a seu assento.

Bill franziu o cenho nervosamente logo que os viu. Não é que Marguerite o culpasse. Ainda estavam sendo caçados.

—O que está fazendo aqui, Wren?

—Meu pai te enviou algo. Ele me disse que o teria na caixa forte.

Bill negou com a cabeça. —Não, nós não temos nada.

Wren falou em voz baixa a fim de que só ela e Bill pudessem lhe ouvir.

—Acabo de deixá-lo, Bill, e ele me disse que ia enviar algo aqui para que você o guardasse. Ele disse que provaria minha inocência.

Os olhos do Bill se abriram desmesuradamente para irritação de Wren.

—Nunca chegou nenhuma carta dele, me acredite. Não há nada aqui. Haveria-lhe dito faz muito tempo se tivesse tido algo par a você.

Ela viu a decepção que ela sentia refletida no rosto de Wren.

—Está seguro?

—Nunca brincaria com isto.

Maldição. Marguerite se estremeceu. Como pôde seu pai não havê-lo enviado? Ou, Deus não o permita, caiu vítima do serviço de correios. Isso era desastroso.

—O que vamos fazer? — perguntou ao Wren.

Wren se esfregou a cabeça para aliviar a dor que começava a andar propriamente detrás de

seus olhos. Ele estava zangado e decepcionado.

Mas sobre tudo ele estava triste. Seu coração se doía pelo pai ao que ele logo que tinha conhecido. Um pai que não lhe tinha odiado depois de tudo.

Somente esse conhecimento havia valido a viagem ao passado. E o que se ele não podia provar sua inocência? Ao menos ele finalmente sabia que seu pai lhe tinha amado.

Ele olhou a Maggie, que estava em suas mãos mantê-la a salvo. E em seu coração ele sabia o que tinha que fazer.

—Vou ao Omegrion. Seu tom foi baixo a fim de que a recepcionista não lhe pudesse ouvir inadvertidamente.

—Está louco? —vaiou Bill. — Matarão-lhe.

—Matarão-me se não o faço. Sabe. —Wren a olhou, esperando fazê-la entender por que tinha que fazer. —Savitar é minha única esperança. Lhe pedirei um diki e logo veremos o que ocorre.

—O que é um diki? —Perguntou Marguerite, sua voz apenas mais que um sussurro.

—Uma prova para combater— esclareceu Bill. —Wren se enfrenta a seu acusador e brigam.

Ela estava consternada ante a idéia.

—Não! — disse ela firmemente.

—Não temos alternativa, Maggie. Virão atrás de nós. Nem você nem eu descansaremos alguma vez deles. Não há nenhum lugar no que possamos nos esconder sem que nos encontrem. Diga-lhe Bill.

Bill suspirou com excesso.

—Ele tem razão. Embora odeie admiti-lo. Não se deterão até que ele esteja morto.

Marguerite se compôs e olhou Wren com crua determinação.

—Bem. Então vou contigo.

—Maggie...

—Não, Wren— ela disse severamente. —Não vais fazer isto sozinho. Necessita a alguém em sua retaguarda.

Wren cravou os olhos nela. E foi então que soube a verdade.

Ele amava a esta mulher. Ele amava sua força e sua coragem. Ela era absolutamente tudo para ele. Emparelhado ou não, ele nunca sentiria isto para outra fêmea.

Na verdade, ele não queria ir só. Se tivesse que morrer, queria morrer nos braços de Maggie, com o contato de sua mão em sua pele para lhe facilitar seu caminho.

—De acordo. —Wren olhou a recepcionista.

Bill seguiu sua linha de visão.

—Terry? Pode me pegar o jornal que tenho em meu escritório e me trazer isso.

—Seguro, Sr. Laurens. Voltarei em seguida.

Wren esperou até que ela estivesse fora de sua vista. Rodeando a Maggie com seus braços, ele

fechou seus olhos e os teletransportou à casa do Savitar.

Wren não se moveu durante vários segundos enquanto percorria com o olhar o enorme quarto circular. Embora ele tinha um assento na câmara de vereadores, ele nunca tinha estado aqui antes. O quarto era imenso, quase entristecedor.

—Onde estamos? —perguntou Maggie enquanto olhava boquiaberta a opulência do lugar.

—Uma Ilha ambulante.

Ela arqueou ambas as sobrancelhas.

—Uma o que?

—É uma ilha do tipo Brigadoon⁷. Esta aparece e se desvanece ao desejo do Savitar.

Ela parecia ainda mais confundida

—E quem é Savitar?

—Esse seria eu.

Ambos se voltaram para ver um homem incrivelmente alto de pé detrás deles. Vestido todo de branco como o típico surfista, Savitar tinha o cabelo marrom escuro até os ombros e um profundo bronzeado.

Wren abriu a boca quando reconheceu ao Savitar.

—Você?

—Conhece-lhe? Perguntou Maggie.

Wren assentiu com a cabeça.

—É o homem que encontrei no bosque depois de que minha mãe morresse.

—Que te trouxe para Nova Orleães?

—Esse fui eu— disse Savitar outra vez quando passou a seu lado, para um trono situado contra uma parede.

⁷ **Brigadoon** é um filme estadunidense de 1954 baseado num conto alemão mais antigo, escrito por Friedrich Gerstaecker, falando de uma aldeia mítica da Alemanha, chamada *Germelshausen* e que havia sido amaldiçoada por uma magia. No Brasil, o filme recebeu o título de **A lenda dos beijos perdidos**. Substituiu o nome do lugar para Brigadoon, provavelmente tomando por base um lugar famoso da Escócia, o *Brig o'Doon* (Ponte de Doon), outros sugerem que o nome "Brigadoon" fosse uma combinação de palavras Gaélicas, onde *briga* significaria "discussão, disputa", e *dún* seria "colina", "forte da colina" ou ainda "aldeia da colina". O nome também pode ser um derivado da deusa céltica Brígida' (*Brigid*, no original), significando "colina de Brígida". O fato é que *brig* em escocês significa *ponte*. Finalmente, poderia ter sua origem numa forma sincrética do escocês com o inglês, contraindo-se *Break of Dawn*, termo que dá um sentido de ruptura, surgimento repentino, o que estaria mais de acordo com a situação da aldeia de *Brigadoon*.

Marguerite estava boquiaberta ante a indiferença do homem.

Quando se sentou, o quarto se encheu com pessoas que pareciam ter estado em meio de fazer alguma coisa. Um homem ainda sujeitava uma coxa de frango frito entre seus lábios como se estivesse em meio do jantar.

—Que diabos é isto? —perguntou um homem de cabelo escuro que rapidamente fez cintilar roupas sobre seu corpo nu. — Savitar? Estava no meio de minha ducha.

Savitar parecia não arrepende-se absolutamente.

Marguerite estava a ponto de rir até que seu olhar caiu sobre um dos tigres que tinham estado os seguindo. O homem franziu seu lábio um instante antes que se convertesse em tigre e se equilibrasse sobre eles.

Ele se lançou para o Wren.

Justo quando deveria havê-lo alcançado, ele se estrelou contra o que parecia ser uma parede invisível. Ele caiu gritando.

—Não me fudas mais, estúpido punk— expressou Savitar com um grunhido. —Agora levante, Zack.

O tigre se voltou humano. Sua boca sangrava quando se voltou a olhar para o trono do Savitar.

—Exijo justiça!

Savitar riu maliciosamente.

—Tome cuidado com o que deseja, poderia acabar obtendo-o.

Marguerite intercambiou um olhar totalmente confundido com o Wren, quem parecia entender quase tanto como o fazia ela. O que estava passando aqui?

—Animais— disse Savitar. —Lamento havê-los incomodado. Mas parece que há uma nova evidência que considerar.

—Ele sabe algo— murmurou ela ao ouvido do Wren.

Wren tomou sua mão na sua e a apertou.

—Nicolette? Savitar se dirigiu a urso que tinha sido tão desagradável com eles. Importaria-te compartilhar com o conselho o que me disse antes?

—Oui.

Zack grunhiu como advertência para Nicolette.

—Pensa no que tem que perder, urso.

—Preocupa-se por seu traseiro, tigre— disse Savitar com sarcasmo. Seu olhar se suavizou quando voltou a olhar à urso. — Fala, Nicolette. Para ser mais clichê, a verdade te libertará.

Nicolette percorreu com o olhar ao Wren e Marguerite antes de que falasse outra vez.

—Zack Tigarian admitiu ante ambas, eu e minha filha que ele sabia que Wren não se tornou louco. Que ele e seu pai o acusaram só para conseguir seu dinheiro.

Outro homem de cabelo escuro olhou com cenho a Nicolette.

—O que há a respeito de seu anterior testemunho? Disse que tinha presenciado sua mesma loucura.

Nicolette assentiu.

— Ele foi mais hostil ultimamente, não menti. E ele nos tem exposto inecessariamente ao escrutínio dos humanos.

Zack se burlou.

—Ele está agora mesmo aqui de pé com a filha de um senador, me diga que classe de animal faria tal coisa? É óbvio que ele está louco. Ele inclusive se lançou à jaula dos tigres no zoológico, onde estava sendo visto pelos humanos.

Savitar olhou a Maggie e Wren com uma expressão estóica.

—Tem algo que dizer, Maggie?

—Como sabe meu nome?

Uma esquina de sua boca se elevou ironicamente.

—Sei tudo, menina. E a imensa maioria disso, desejaria não sabê-lo... especialmente esses pensamentos de garota que está tendo a respeito do Wren agora mesmo. Realmente me incomodam, e realmente desejaria que Dante deixasse de pensar na Pandora... — Savitar fez uma careta, logo pareceu tirar-lhe de cima. —Agora fala se tiver algo que dizer para refutar essas alegações.

Marguerite soltou a mão do Wren para dar um passo adiante enquanto se voltava para os were-animais que estavam na mesa redonda.

—Em cada acontecimento dos que vocês acusam ao Wren, estive ali como testemunha. Ele nenhuma só vez atacou a menos que fora em minha defesa ou na sua própria. Ele só se meteu na jaula dos tigres porque a vida de um menino pequeno estava correndo perigo e ele sabia que ele podia salvá-lo. Isso não foi loucura, foi bondade.

Uma mulher loira a desdenhou com sarcasmo.

—O que sabe um humano?

Savitar bufou.

—OH, acredito que nossa pequena humana sabe muito de animais... especialmente agora.

Marguerite franziu o cenho. Pelo tom de sua voz ela podia dizer que em certa forma Savitar sabia que ela era em parte tigre.

Meu deus, o homem parecia saber tudo. Realmente dava medo pensar nisso.

Wren se moveu para ficar diante dela.

—Não estou louco nem demente. Não há trelosa em meu interior. Estou aqui para ser julgado como considere o Omegrion, mas somente se me prometem que nada ocorrerá a Maggie.

Zack desdenhou.

—Eu temeria mais por minha própria vida que pela dos humanos.

Wren inclinou sua cabeça como se sentisse algo estranho. Ele trocou de direção quando algo brilhou intermitentemente justo detrás dele.

Antes que ele pudesse reagir, um homem agarrou Maggie, logo desapareceu com ela.

Zack riu um instante antes que ele desaparecesse, também.

—Que diabos? Demandou Fury da mesa redonda.

Savitar não reagiu absolutamente fisicamente. Ele estava sentado sobre seu trono sem emoção alguma.

—Bom, isso foi certamente especial— disse ele, sua voz carregada com sarcasmo.

—Vais permitir que alguém ameace a santidade deste lugar? — perguntou o representante chacal.

—OH não— disse Savitar. Ele comprovou seu relógio de pulso. —Ihe demos alguns minutos antes de enviar ao tigre a terminar com isto.

—Onde diabos a levou? Exigiu Wren.

Savitar lhe dedicou um gracioso olhar. —Sujeite a seus cavalos ou, já que é em parte tigre, sua cauda.

—Ela não pode estar sozinha! — gritou Wren fervendo por dentro de cólera. Savitar podia não lhe preocupar o bem-estar do Maggie, mas a ele com toda segurança sim. —Tem que me enviar a ela agora.

—“Fehrista nam gaum”.

Wren franziu o cenho ante as palavras que ele não compreendeu.

—O que quer dizer isso?

—Para fazer um omelete deve romper alguns ovos primeiro.

Marguerite estava ligeiramente desorientada quando se encontrou em um luxuoso quarto, efusivamente adornado. Este parecia algum tipo de casa de fim de semana com jardim de uma revista. Tudo altamente polido e meticulosamente limpo.

Ela tratou de mover-se, mas o tigre ainda a sujeitava com força por atrás lhe impedindo de escapar. De fato, ela logo que podia respirar.

Fechando seus olhos, ela convocou seus poderes e tratou de converter-se em tigre.

Não era fácil.

Mas quando Zack cintilou no quarto, ela o conseguiu. O homem que a sujeitava amaldiçoou antes que ele se convertesse em tigre para atacá-la. Marguerite lhe lançou uma navalhada a sua garganta antes que ela o mordesse com força no pescoço.

Eles não iriam capturá-la sem briga.

Ele se afastou coxeando dela enquanto Zack se equilibrava, agarrando-a por atrás. Ela rugiu enquanto tratava de lhe morder também, mas ele a sujeitou de tal maneira que ela não podia escapar.

Um homem de meia idade ficou sem fôlego quando entrou na habitação. Vestido com um caro traje negro, ele era o menino do pôster do set do Fortune.

Marguerite inclinou sua cabeça. Era Grayson. Ela o reconheceu imediatamente devido ao fato de que guardava uma assombrosa semelhança com o Aristóteles.

—Trouxeste-o? — Perguntou Grayson.

—Não. Esta é sua companheira humana.

Grayson negou com a cabeça.

—Como é isso possível?

—Não me pergunte— Zack disse em um tom agravado. —Você é o ancião, Papai. Ele indicou onde o outro tigre jazia sobre o chão, morto e ensangüentado. —Ela já matou ao Theo, e estou seguro que Wren a rastreará a nós de um momento a outro.

Grayson se aproximou deles cautelosamente.

Marguerite lançou uma dentada ao Grayson, querendo fazê-lo migalhas não só pelo que tinha feito ao Wren a não ser ao Aristóteles também. Como podia matar algum homem a seu próprio irmão?

E por quê?

Dinheiro?

Isso era ridículo e ambos a mulher e o animal nela procuravam vingança pela indevida dor que Grayson tinha causado ao Wren.

Ela se esforçou em retornar à forma humana a fim de que pudesse dizer ao Grayson exatamente o que pensava dele, mas seu corpo não a escutava no momento.

Grayson se moveu para ela, com deliberada intenção. Ele conjurou uma faca de mariposa em seu punho. Abrindo-o com um giro, dedicou a ela um diabólico sorriso afetado.

—Então eu digo que ponhamos fim a seu sofrimento e deixemos que Wren a encontre com a garganta rachada.

—Não te atreva a tocá-la.

Marguerite, assim como também Grayson e Zack, congelaram-se ante o som de uma voz que ela estava segura de que nunca voltaria a ouvir.

Não poderia ser... Ela não estava segura de quem era o mais atônito quando Aristóteles apareceu no quarto ante eles. Com seus braços cruzados sobre seu peito ele parecia estranhamente calmo, e ainda ao mesmo tempo sua cólera era tangível. Era uma estranha combinação.

—Você está morto! — estalou Grayson.

Aristóteles riu.

—Pareço morto, Irmão?

—Karina te matou.

Aristóteles arqueou uma sobrancelha ante isso.

—Pensei que era Wren que me assassinasse, Não é isso o que alegavam?

Grayson se afastou dela lentamente, para a porta.

—Você é um fantasma. Tem que sê-lo. Sua companheira te matou faz mais de vinte anos.

—O fez? Aristóteles descruzou os braços e lançou uma pequena estrela japonesa ao braço do Zack.

Amaldiçoando de dor, Zack deixou ir a Marguerite.

Seu rosto uma máscara de malícia, Aristóteles se voltou para seu irmão. —Lhe disse isso a muito tempo, Gray, nunca te coloque entre um tigre e seu companheiro.

Grayson se transformou em um tigre e se lançou sobre o Aristóteles. Aristóteles o apanhou em seus braços e o manteve muito perto a seu coração.

Olhou-lhe sombrio.

—Faz o que tenha que fazer para proteger ao Wren, Maggie. Ele te necessita, — disse ele, logo desapareceu.

Marguerite se voltou contra Zack com um rosnado.

Wren estava lívido para o momento em que Savitar lhe permitiu localizar a Maggie.

Ele cintilou a uma casa pouco familiar, preparado para brigar com o diabo ele mesmo se fizesse falta.

Mas o que encontrou o confundiu por completo. Maggie estava acurrucada nua em uma esquina, estremecendo-se e chorando, enquanto o corpo tigre do Zack estava tendido afastado a alguns pés dela.

Atordado e apavorado do que lhe tinham obrigado a fazer, Wren se adiantou pouco a pouco a Maggie até que ele pôde atraí-la a seus braços. Ela o olhou com lágrimas em seus olhos. Seu intestino se atou enquanto se preparava mentalmente para o pior.

—Matei-o, Wren— ofegou ela, — tal como fiz com o outro. Foi tão horrível. Ela se limpou a boca tão forte que estava assombrado de que não se tirasse a pele. — Não posso tirar o sabor do sangue de minha boca.

—Eles lhe fizeram... estão bem?

Ela assentiu com a cabeça, logo soluçou até mais forte.

Aliviado de que eles não a tivessem violado, ele a sujeitou mais perto e enviou uma silenciosa prece de agradecimento.

—Shh— disse ele, devorando-a a seu regaço e vestindo-a. —Não fez nada além do necessário para te proteger. Não há nada mau com isso.

—Mas matei a alguém.

—Agora é um tigre, Maggie. O animal dentro de ti é mais forte... — ele fez uma pausa enquanto pensava atentamente nisso. Não era certo e ele sabia. —Não. A mulher dentro de ti é o suficientemente forte para saber que tinha que fazer-se. Se não os tivesse matado, lhe teriam matado eles.

Marguerite deixou escapar um débil suspiro quando recordou ao Wren lhe dizendo quão dura era sua vida. Quão brutal. Ao tempo que ela tinha pensado que ele só estava sendo melodramático.

Agora ela entendia.

Ele tinha razão, a parte animal de se mesma estava satisfeita inclusive quando a mulher nela estava horrorizada. As duas partes dela estavam em guerra e em paz.

Era tão estranho.

Como podia sentir-se assim? Esses tinham sido pessoas, algum tipo delas. E ela os tinha matado.

Pelo Wren e por si mesma. Não, ele tinha razão. Isso era autodefesa. Se ela não os tivesse matado, eles teriam tirado muito mais dela.

Wren se levantou e atirou dela para pô-la em pé. Seus olhos estavam obscuros com preocupação, e isto a esquentava inclusive através da dor e o horror.

—Fez-te mal na briga?

—Alguns Arranhões, mas viverei. Ela ficou olhando quando todo o acontecimento voltou a passar através de seus pensamentos e ela tremeu. —Seu pai esteve aqui.

Wren cravou os olhos nela com incredulidade.

—O que?

Ela assentiu.

—Imediatamente depois de que Zack me trouxe aqui, seu pai veio e agarrou a seu irmão. Acredito que ele o levou ao passado.

—Isso não tem sentido. Por quê?

—Não sei. Possivelmente para lhe confrontar?

Mas inclusive isso não tinha sentido. Era completamente valente.

Wren deixou escapar um comprido suspiro.

—Não há maneira de provar minha inocência agora. Não podemos sequer forçar ao Zack ou Grayson a confessar.

—Mas estão mortos. Não há ninguém que te acuse.

Seu olhar fixo a queimou.

—Nossa justiça não funciona desse modo. Ele subiu suas mãos aos lábios e depositou o mais tenro dos beijos em sua palma. —Vamos, devemos retornar ao Omegrion.

—Não— disse ela, lhe detendo. —Fujamos. Podemos...

—Não, Maggie. Nunca fui covarde e eu não fugirei nisto. Além disso, Savitar me pode encontrar.

A esperança flamejou dentro dela.

—Ele sabe a verdade. Ele disse que sabia tudo. Se lhe podemos conseguir...

—Savitar não interferirá com o que os outros decidam. Não está em sua natureza.

—Então que bem faz ele?

Antes que Wren pudesse responder, encontraram-se na sala do concílio do Omegrion.

Capítulo 15

Marguerite tragou ante o olhar nada divertido na cara Savitar quando ele cravou diretamente os olhos nela. Certamente ele não tinha ouvido o que justamente havia dito ao Wren... verdade?

—Sim— disse ele misteriosamente. —Fi-lo, e me pergunto cada fodido dia exatamente o que você perguntou. Que tão bom sou? A resposta é simples. Não há nada bom a respeito de mim e eu gosto desse modo. Orgulho-me disso, de fato.

Savitar era um homem realmente estranho.

E ainda, ele parecia zangado.

Ela passou o olhar ao redor da sala aos membros do conselho, todos ficaram com o olhar fixo, não neles, a não ser nas portas. Ela seguiu seus olhares e logo ficou sem fôlego.

Wren franziu o cenho até que ele olhou para onde todos tinham o olhar fixo. Ficou boquiaberto.

Ele piscou, tratando de esclarecer sua visão. Mas ainda via o que não podia ser.

—Papai?

O pai do Wren sorriu e assentiu.

Wren deu um passo indeciso adiante, então se deteve. Isto não era real. Não podia sê-lo.

Seu pai cruzou a distância para atrair ao Wren em um abraço. Ele só ficou ali em estado de shock, incapaz de devolver o abraço. Wren olhou Maggie, que parecia estar igual de confundida, logo ao Savitar, que simplesmente se via estóico.

Temendo que fosse um truque, Wren afastou ao homem que se parecia com seu pai.

—Que diabos é isto? —exigiu Wren.

—Seu pai não morreu— disse Savitar insipidamente. Ele se levantou de seu trono para aproximar-se deles. —Foi um inferno de uma noite. Foi uma pena que te deprimisse e te perdesse os foguetes.

Wren negou com a cabeça.

—Toquei-lhe. Vi seu corpo. Ele estava morto. Assassinado.

—Você viu o corpo do Grayson— explicou o pai do Wren.

Savitar agitou sua mão e sobre a longínqua parede apareceram umas imagens. Wren não podia respirar enquanto via seu pai e a seu tio brigando como tigres. Com um movimento rude, o pai do Wren abriu de um corte a garganta de seu irmão.

Grayson saiu coxeando e morreu no piso onde Wren recordou encontrar a seu pai. Dois segundos mais tarde, o tigre se converteu em um homem.

—Não pensou alguma vez que era estranho que o cadáver parecesse humano? —perguntou-lhe Savitar. —Conforme sei, não deveria ser seu pai um tigre como cadáver?

Os olhos do Wren se alargaram. Era verdade. Ele deveria ter pensado nisso pelo menos, mas no trauma resultante nunca lhe tinha ocorrido. Nem ainda quando voltava a pensar sobre isso. Não é que ele estivesse acostumado a insistir nessa noite.

—Não o entendo.

Seu pai colocou uma mão no ombro do Wren.

—Meu irmão era Arcadio, como nossa mãe. E ele odiava isso a respeito dele mesmo. Igual a você, ele ocultava o que ele era do mundo. Ele nunca aprendeu a chegar a um acordo com isso. É pelo que eu não confiava nele. Ele tinha todo o poder de um tigre e tudo o ciúme e o ódio de um humano.

—Já te disse que esses bastardos estavam atrás do dinheiro.

Wren olhou carrancudo a Dante Pontis, que dava ao concílio um sorriso afetado de “Eu te disse” desde seu assento na mesa.

O pai do Wren limpou garganta, concentrando a atenção em volta a ele. —Enquanto você e Maggie estavam fora, comecei a pensar a respeito do que os dois me haviam dito a respeito da noite em que me encontrou. E recordei que você disse que era humano. Dei-me conta de que não era eu o que viu. Não podia ter sido. Sou um tigre e teria sido tigre inclusive morto.

—Mas você me deu seus poderes— disse Maggie, confundida.

Aristóteles negou com a cabeça.

—Dei-te os poderes que minha mãe me conferiu. Eu mantive meus próprios. Seus olhos se voltaram angustiados quando olhou ao Wren.

—Soube que Karina tinha que ter visto o Grayson, e seu rosto deve ter ficado tão desfigurado pelo assassinato que ela assumiu que era eu, já que nunca tinha deixado a meu irmão entrar em minha casa — a menos que o trouxesse eu mesmo para brigar. Mantive-me tentando pensar de por que o tinha feito e quando.

Seu olhar se aguçou quando apertou sua mão no ombro do Wren.

—Então me ocorreu. Se Grayson estava vivo para te acusar antes que você retornasse, então eu devia havê-lo trazido de retorno no tempo para lhe assassinar depois de que você partisse.

Wren olhou ao Marguerite.

—Está seguindo isto?

—Não realmente, mas de uma forma estranha, acredito que o entendo. —Ela olhou a seu pai.

—Se você matou ao Grayson, então quem matou a Karina?

O pai do Wren aspirou profundamente. —Eu o fiz. Suponho, que ainda pensava que ia morrer

essa noite, assim depois de que eles lhe encerraram, confrontei a ela e seu amante. Brigamos, e durante isso, seu amante caiu na chaminé. Ele pulverizou os carvões pelo quarto ao sair e isso lhe prendeu fogo a casa antes que ele morresse. Karina e eu baixamos brigando. Para quando a matei, havia chamas em todas as partes e assumi que isso queria dizer que ia morrer no incêndio. Deprimi-me, e quando despertei, estava em um refúgio animal.

Wren ficou completamente aturdido pela revelação. Seu pai tinha estado vivo todos estes anos?

—Por que não me disse alguma vez?

—Porque ele sabia que você tinha que crescer sem ele. — Disse Marguerite tranquilamente. — De outra maneira tudo mudaria.

Aristóteles assentiu.

—Você não teria retornado a me advertir sobre minha morte, e se não tivesse feito isso, eu teria morrido, como você o faria. Não teria mudado meu testamento e você teria entrado na custódia do Grayson.

Savitar se moveu para permanecer ao lado deles.

—Isso é verdade. Tudo o que aconteceu é o que se supunha que tinha que acontecer.

Wren ainda não podia acreditar-lhe. Como se supunha que ia ser tudo isto?

—Onde estiveste escondido todos estes anos? — perguntou-lhe ele a seu pai.

Sorriu-lhe com acanhamento

—Levando a companhia detrás dos cenários como se fosse um humano. É por que ninguém alguma vez te incomodou enquanto estava no Santuário. Piscou os olhos ao Wren. —Realmente não pensará que ia deixar as coisas em mãos humanas, verdade? Mas eu realmente aprecio os conselhos que vós dois me deram. World Wide Web. Tinha razão, é um inferno de coisa.

Marguerite estava completamente aturdida por tudo isto.

Aristóteles continuou.

—Tenho que dizer que não foi difícil dar o salto à Corporação Microsoft depois do que disse, mas estou muito condenadamente agradecido de estar vivo para chatear aos Destinos sobre isso. Ser o Segundo Lugar é melhor que estar morto.

Dante assobiou da mesa para obter sua atenção.

—Sabe que tudo isto é realmente encantador e interessante... bom, nem tanto. Eu estou aborrecido e tenho coisas que fazer em casa. Assim o que, o resto de nós tem a liberdade de ir-se agora?

Savitar se encolheu de ombros.

—Depende. A ordem de morte para o Wren está levantada?

—O homem está vivo— disse Vane para outros. —E ele admite que ele matou a sua companheira em defesa própria. Não vejo como poderia Wren ser responsável. Voto por rescindir a

ordem.

Savitar assentiu de acordo.

—Alguém o apóia?

—Eu o faço— disse lhe Dante.

Savitar esquadrinhou o grupo.

—Todos os que estejam a favor digam sim.

Foi unânime.

—Então todos são livres de ir— disse Savitar secamente.

Eles se esfumaram ao sair. Todos exceto Dante, quem se aproximou deles.

—Felicidades, tigre— disse ele, estendendo sua mão ao Wren. —Sabia que era inocente. E se você alguma vez necessita um santuário, o Inferno de Dante está ali par a você... só espero que não te importe congelar seu traseiro fora da temporada de inverno. Traz uma parka. Faz frio nas Cidades as Gêmeas.

Wren estava comovido por sua oferta.

—Obrigado, Dante.

—Não há problema. Sorriu a Maggie, logo lhe piscou os olhos. —Boa sorte. Tenho o pressentimento de que irão necessitá-la. Ele se esfumou.

Wren se voltou para enfrentar ao Savitar. Ele fez algo que ele nunca tinha feito para com outra alma vivente. Ofereceu-lhe ao imortal sua mão.

—Obrigado. Por tudo.

Savitar a estreitou.

—Não me atribuo o mérito disto. Tudo o que fiz foi recolher seu rançoso traseiro e levá-lo a rastros a Nova Orleães. O resto foram você e seu pai. Ele soltou a mão do Wren e deu um passo atrás. —Agora se me desculpam... o surfe me espera.

Savitar colocou um par de óculos de sol enquanto suas roupas mudaram a um traje de mergulho negro. Logo ele, também, deixou de existir.

Wren cravou os olhos em seu pai enquanto tratava de acostumar-se a tudo isso.

— Não posso acreditar que isto seja real. Não posso acreditar que esteja realmente vivo.

—Você não pode? —perguntou Aristóteles incrédulo. —Sou o que estive vivendo como um fantasma todos estes anos. Ele tremeu. —Josiah Crane. É uma merda ou que?

Maggie lhe sorriu. —Penso que é um nome maravilhoso.

Aristóteles se suavizou quando a olhou.

—Lamento te haver deixado sozinha com o Zack quando agarrei ao Grayson. Ele não te machucou, ou sim?

Ela negou com a cabeça.

—Bem. Aristóteles tirou sua carteira e a abriu. —Olhem, sei que os dois têm muito que fazer

quando retornarem a Nova Orleães. Ele tirou um cartão de apresentação e o deu ao Wren. —me chame alguma vez. E se te chega a passar por Nova Iorque, te deixe cair de visita.

Wren tomou o cartão e assentiu com a cabeça.

— Estarei por aí, Papai.

O pai do Wren a olhou esperançosamente.

—E Maggie?

—Estarei justo a seu lado.

Aristóteles resplandeceu ante eles.

—Excelente. Agora se só pudesse tirar de volta esses poderes a fim de estar completamente carregado... Ah, que diabos, vêem-se melhor em ti de qualquer maneira.

Wren abraçou a seu pai, quem logo se afastou para abraçar a Maggie.

—Cuidem-se.

Maggie se distanciou dele. —Você também.

Ele assentiu, logo os deixou a sós.

Marguerite observou como Wren colocava o cartão de seu pai em seu bolso.

—Assim agora o que? —perguntou ela, perguntando-se como poderiam ir a casa simplesmente depois de tudo o que lhes tinha ocorrido.

Para seu completo shock, Wren se ajoelhou diante dela. Ele tomou sua mão nas dele e ficou olhando.

—Marguerite, Lady Tigre, quer te casar comigo?

Ela não pode respirar quando ela ouviu essas palavras. Ele não podia estar declarando-se? Não como um humano. Não era possível.

—Não estamos emparelhados.

Ele se encolheu de ombros despreocupadamente.

—A merda com os Destinos e o que eles queiram. Com marca ou sem ela, quero-te, e quero passar o resto de minha vida contigo.

A visão de Marguerite se obscureceu quando as lágrimas encheram seus olhos. Obscenidades a parte, ela nunca tinha ouvido nada tão bonito.

Seu agarre sobre sua mão ficou tremulo como se temesse que ela se negasse.

—Casará-te comigo, bebê?

—É obvio que o farei. Disse ela com um diabólico sorriso. —Além disso, não é como se me casasse com um tio normal de todas formas. Eu poderia lhe comer acidentalmente durante uma lua cheia ou algo.

Wren lhe devolveu seu sorriso diabólico com um próprio enquanto ficava de pé e a atraía a seus braços. Ele pegou seu rosto em suas cálidas mãos.

—Não tem que esperar à luz de uma lua cheia, Maggie. Serei seu jantar em qualquer momento

que tenha fome.

Marguerite riu quando lhe manteve perto. Este era sem dúvida o momento mais feliz de sua vida.

Até que ela recordou algo.

—Não poderemos ter meninos?

Wren se tornou para trás e negou com a cabeça.

—Sempre podemos adotar. Quer dizer, se não te importar.

—Não me importa, mas está seguro que você não se importa?

—Não. Com tanto que te tenha, sempre serei feliz.

Marguerite baixou sua cabeça a dele para lhe dar um quente, faiscante beijo.

Agora, ela só tinha que encontrar a maneira de explicar tudo isto a seu pai.

Capítulo 16

Dois dias mais tarde

Com Maggie ao lado, Wren caminhou através das portas do Santuário como estava acostumado a fazer. Era tão estranho retornar depois de tudo o que tinha ocorrido. Havia uma estranha sensação de déjà vu que ele realmente não podia sacudir-se.

Ele tinha passado os últimos vinte anos limpando mesas aqui, nunca pensou nenhum só momento no que já não chamaria lar a esse lugar. Nunca havia pensando sobre o mundo que existia fora destas paredes. Ele tinha vivido aqui como um recluso e como uma concha que apenas se abria um pouco

Agora ele estava enfrentando a uma vida completamente nova com uma família completamente nova. Maggie, Marvin, e seu pai. Dava medo em certo modo e ainda assim ele o estava desejando. Era quase como se tivesse renascido. O velho Wren se foi e em seu lugar estava um homem que sabia exatamente o que ele queria.

E isso era a mulher a seu lado.

Com seu coração acelerado, manteve Maggie junto a ele enquanto se aproximava do Dev, que estava sentado diante da porta.

—Bem-vindo de novo— disse-lhe o urso com a maior naturalidade.

—Yeah —desdenhou Wren. —Não se preocupe. Não fico. Só estou aqui para recolher ao Marvin, a menos que algum de seus bastardos o tenha comido.

Os olhos do Dev dançaram com humor.



—Remi o tentou, mas esse pequeno sodomita é rápido. Ele esteve escondendo-se no quarto da Aimeé após.

Ao Wren não era engraçado. Sem outra palavra, conduziu Maggie através do bar, à cozinha, e à porta que conduzia à Casa Peltier. Como era típico, Remi estava ali com um semblante carrancudo em seu rosto.

—Te esfume, urso— grunhiu Wren ante a intimidação do Remi. —Move seu peludo traseiro ou lhe golpearei isso.

Remi cruzou os braços enquanto olhava provocadoramente ao Wren.

—Lhe deixe passar, mon ange.

Wren olhou sobre seu ombro para ver Nicolette atrás deles. Seu rosto era estóico, mas por uma vez ele não sentiu animosidade contra ela.

A cara de Remi registrou surpresa ante as palavras de sua mãe.

—A mulher...

—Ela é livre de ir com ele— disse Nicolette ao Remi, lhe interrompendo. —Ela é uma de nós agora.

Wren inclinou sua cabeça para ela antes de sorrir burlonamente ao Remi. Remi queria brigar, ele o podia cheirar. Mas felizmente para o urso, ele se fez a um lado.

Wren abriu a porta e deixou Maggie entrar primeiro. Ele ainda não confiava nos ursos, e queria manter um olho sobre ela enquanto estavam ali para que ninguém a ferisse de maneira nenhuma.

Lo seguiu-os à sala.

—Lamento o que aconteceu, tigre.

Ele riu ferozmente disso.

—Não, não o lamenta.

Nicolette o sujeitou para que se detivesse quando chegou às escadas.

—Foi tua culpa, sabia? Você nunca foi realmente um de nós aqui.

—Nenhum de suas vítimas, quererá dizer. —Wren negou com a cabeça. — Não, Lo, não fui. A diferença dos outros parvos daqui que dariam sua vida por ti, eu sei a verdade. Você faz o que tem que fazer, mas ao final, você não quer a nenhum de nós aqui. Não somos nada para você exceto um meio para conseguir um fim, e de uma forma estranha, eu quase respeito isso. É a lei de Darwin. Ou você come o urso ou o urso come a você. Minha meta é ser quem janta, nunca o jantar.

Wren olhou para onde Maggie esperava no primeiro degrau, lhe observando com orgulho brilhando em seus olhos marrons.

—Só devo minha lealdade a uma pessoa.

Nicolette assentiu com a cabeça.

—Entendo. E nossas leis ainda têm aplicação. Agora que foste perdoado...

—Economize-lhe isso Lo. Tenho bastante de humano em mim como para não deixar que o passado, passado seja. Voltou-te contra mim e não posso esquecer isso. Tenho muito que perder agora.

Nicolette assentiu para ele.

—Então entenderá se te peço que vá?

—Só estou aqui pelo macaco.

—Então o agarra e parte.

—Me acredite, é minha intenção. Wren se dirigiu escada acima com Maggie diante dele. Ele a dirigiu pelo corredor até o quarto de Aimeé antes que batesse na porta e esperasse.

—Entre.

Ele empurrou um pouco a porta para encontrar a bearswan em sua cama em forma humana, vendo televisão. Marvin atirou a banana em suas mãos, logo correu gritando para o Wren. Ele se lançou aos braços do Wren.

Wren o apanhou contra seu peito com uma risada.

—Hey, companheiro— disse ao macaco quando envolveu os braços ao redor do seu pescoço e o abraçasse fortemente. —Eu também senti saudades.

Pela cara da Aimeé, Wren podia dizer que ela estava atônita de lhe ver ali.

—Obrigado por cuidar dele.

—Foi um prazer.

Quando Wren começou a sair, Aimeé o deteve.

—Tenho algumas coisas para você.

Ele franziu o cenho quando ela se ajoelhou ante sua cama e tirou para fora uma caixa plástica.

—São um punhado de coisas que deixou.

Wren ficou aturdido ao ver o moletom que Maggie lhe tinha dado junto com o resto de suas roupas.

—Sei quão estranho é a respeito de sua essência, assim que coloquei tudo em uma vasilha hermética.

Uma onda de ternura pela bearswan o transpassou. A diferença de sua mãe, Aimeé era humana, e por uma vez ele não o dizia de maneira pejorativa.

—Obrigado, Aimeé.

Ela lhes sorriu.

—Não há problema.

—Como vai ao Fang? —perguntou Maggie.

A tristeza fez mais escura as feições de Aimeé quando afastou o olhar.

—Não sei. Já não me permitem lhe ver. Eles me vigiam agora. Todo o tempo.

Wren se compadeceu dela. Ele não podia se imaginar sendo separado da pessoa que amava.

Ele mataria a alguém ou algo que se interpusesse entre ele e Maggie.

—Realmente o sinto.

Um sorriso agri-doce curvou os lábios de Aimeé quando se voltou a olhá-los.

—Não o faça. Os dois me dão esperança.

—Para que? —perguntado Wren.

—Para meu próprio futuro. —Aimeé lhe beijou ligeiramente na bochecha. —Se cuidem os dois.

Ele assentiu para ela.

—Você, também, Aimeé.

Marvin saltou do ombro do Wren ao de Maggie. Ele revolveu seu cabelo, logo depositou um beijo em sua frente.

Maggie riu.

—Acredito que gosta de mim.

—Melhor que sim— disse Wren em um tom ligeiro. Ele voltou a olhar para Aimeé. —Boa sorte, bearswan.

—Obrigado, cachorrinho.

Wren passou seu braço ao redor de Maggie e os emitiu de retorno a sua casa.

Não, agora era a casa de ambos.

Ele finalmente tinha uma casa, depois de todo este tempo, ele tinha algum lugar ao que realmente pertencia. O sentimento passou sobre ele com uma alegria que só tinha conhecido nos braços do Maggie.

—Pobre Aimeé— disse Maggie enquanto levava ao Marvin para que visse onde estavam sua comida e a água em uma esquina sobre o móvel mostrador da cozinha. —Crê que alguma vez encontrará a maneira de estar com o Fang?

—Não sei. Para lhe ter, ela teria que abrir mão de sua família. Duvido que isso alguma vez ocorra.

Marguerite suspirou sonhadoramente quando Wren apareceu atrás dela enquanto Marvin salpicava em sua taça de água. Ela apoiou sua frente contra a bochecha do Wren quando ele a sujeitou perto. O perfume dele a envolveu e a fez faminta por ele.

Tudo era perfeito ou ao menos quase perfeito. Por causa da viagem no tempo, ela só tinha faltado a classe uma semana. Com a ajuda do Dr. Alexander, ela seria capaz de fazer acontecer isto como um incidente e conseqüências.

Ela e Wren tinham decidido que ela acabaria seu último semestre na faculdade de direito e então viajariam por algum tempo antes que ela pensasse em fazer o exame para o corpo de advogados.

Isso soava como o céu para ela.

Enquanto Wren a sujeitava, ela observou ao Marvin explorar seu gabinete de cozinha. —De onde veio Marvin?

Ela podia sentir ao Wren sorrindo.

—Não sei. Ele estava no carro do Savitar quando ele me salvou. Ele esteve comigo desde então.

—É um lindo macaquinho. —Suspirou ela quando sentiu a protuberância do Wren contra seu quadril enquanto amavelmente lhe acariciava o pescoço com o nariz.

—Marvin— disse Wren com voz rouca. —vá comprovar fora seu dormitório e fecha a porta.

O macaco gritou agudamente ao Wren antes de obedecer.

—Macaco inteligente— disse Marguerite com uma risada.

—Mmm— ofegou Wren contra sua garganta antes de brandamente lhe lambe a pele.

O fogo corria através de suas veias quando lhe levantou a prega da pequena saia de couro e correu suas mãos sobre ela.

—É um pequeno tigre faminto, verdade? —disse quando lhe baixava as calcinhas das pernas.

—Insaciável. Ele se afrouxou suas calças antes de lhe levantar a prega de sua saia para deixá-la ao descoberto da cintura para baixo. Ele a levantou para sentá-la sobre o mostrador.

Marguerite vaiou quando ele se deslizou profundamente em seu interior.

Ela abrigou seu corpo ao redor do dele enquanto ele empurrava contra seus quadris.

Ela amava sentir o poder dele dentro dela. Amado o fato de que ele foi todo dela. Não havia nada igual a seu Wren.

Estreitou a ela quando se correu ferozmente.

Wren grunhiu quando notou o corpo dela convulsionando ao redor do dele. Não há nada na vida que ele entesourasse mais que a esta mulher. Ele acelerou seus embates e em alguns impulsos mais se uniu a ela em seu paraíso.

Ele a manteve perto dele e deixou que seu fôlego abrasasse sua pele. Seus corpos ainda estavam unidos, ele desfrutou no senti-la. Por ela, ele estava disposto a fazer qualquer coisa.

—Importa-te se fico aqui mesmo, dentro de ti, durante o resto do dia?

Ela realmente ronronou.

— De maneira alguma.

Mordendo os lábios, lhe acariciou com seu corpo, pondo-o duro uma vez mais.

Wren grunhiu ante quão bem a sentia a ela enquanto se inclinava para lhe desabotoar sua blusa de seda. Ele sorriu ante o fato de que ela não trazia posto um sutiã.

—Sei quanto os odeia— disse ela como se pudesse ler seus pensamentos.

Sorriu-lhe antes de baixar sua cabeça para saborear o tenso mamilo.

Marguerite gemeu ante a sensação de sua língua lhe dando lambidas de maneira tortuosa. Com cada lambida, seu corpo se contraía, levando-a perigosamente perto de outro orgasmo.

Justo quando estava segura de que ia se correr outra vez, ela ouviu o Marvin gritando da outra habitação.

Wren saiu dela com uma maldição.

—O que é isso? —perguntou ela, meio assustada de que alguém mais viesse atrás deles.

—Ele diz que há alguém entrado por seu caminho de acesso.

Marguerite franziu o cenho. Ninguém deveria vir de visita. Já havia dito ao Todd, Blaine, e a outros que ela já não estava interessada em seu grupo de estudo.

Quem podia ser?

Ela abotoou sua blusa enquanto Wren se recolocava as calças. Quando endireitou sua saia, alguém começou a chamar a sua porta.

Ela intercambiou um semblante carrancudo com o Wren enquanto ia abrir. Ao minuto de abrir um pouco a porta, ela sentiu imediatamente a necessidade de fechá-la de repente.

Era seu pai, e ele estava flanqueado por dois Agentes Secretos. Os três estavam vestidos com poderosos trajes negros. Eram um bom espetáculo sobre ela.

—OH cara— disse ela em voz baixa. —São o Arquivo-X.

Seu pai a fulminou com o olhar.

—Não te faça de espertinha comigo, senhorita. Tem idéia do que interrompeste? Não tenho tempo que voar até aqui para ver que continua faltando a classes e que me pendura o telefone.

Marguerite deixou escapar um cansado suspiro quando ficou olhando com um olhar aborrecido. Sem lhe falar, deixou a porta aberta e caminhou despreocupadamente para seu pequeno escritório. Ela olhou ao Wren e lhe enviou uma advertência silenciosa: *Eu dirigirei isto.*

Wren parecia menos que agradado. *Está segura?*

Ela assentiu embora ela pudesse sentir que sua irritação para seu pai subia.

Seu pai franziu seus lábios quando entrou na casa com seus homens lhe flanqueando.

—E o que é esse adorno que tem posto, Marguerite? Parece uma mulher de rua.

Ela baixou o olhar a sua minissaia negra e seus saltos altos. Ela tinha comprado o traje ontem mesmo, depois de que Wren lhe houvesse dito quanto gostava de ver suas pernas. Sua blusa de seda cor Borgonha estava um pouco curta, mas era o suficientemente sóbria. Ela dificilmente se parecia com uma prostituta.

E profundamente em seu interior, sua cólera aumentou. Ela já não tinha treze anos e este homem não dirigia sua vida.

—Sim, mas a pergunta é Papai, pareço uma barata ou uma cara?

—Não te parece com nenhuma— expressou Wren com um grunhido.

Sorriu-lhe.

Seu pai franziu seus lábios ante a presença do Wren.

—É este o ajudante de garçom com o que estiveste vadiando ultimamente?



Marguerite caminhou para o Wren, quem a puxou a seus braços.

—Sim, Papai. Ele é meu ajudante de garçom e eu estou apaixonada por ele, vamos casar nos no fim de mês.

Seu pai deu um passo ameaçador para ela.

Ela sentiu ao Wren esticar-se como se estivesse preparado para brigar.

—Tenho-lhe, amor, deixa fazê-lo a minha maneira.

Wren se relaxou só um grama.

—Em que diabos está pensando? —grunhiu seu pai.

Marguerite se negou a lhe dar alguma classe de desculpas.

—Esta é minha vida, Papai, e de agora em diante, vou viver a. Realmente eu gostaria que você formasse parte disto, mas se não poder, então bem, terminei de tentar te agradar.

Sua atrativa cara se endureceu. —Será melhor que me escute, senhorita. Acontece que eu sou sua própria vida. Esse carro, esta casa, a escola a que vai... Nem sequer pode te permitir pagar a conta de seu telefone celular por ti mesma, te case com este folgazão e estará fora desta casa. Cortarei-te tão rápido, que sua cabeça dará voltas.

—Bem— disse ela em um tom aborrecido. —Transladaremos-nos, então.

Seu pai parecia padecer do estômago.

—E onde irá? OH espera, esqueci-o. Pode ir à em qualquer lugar que necessitem a um ajudante de garçom que limpe mesas. Pense a respeito disso, Marguerite, não seja tola. Não atire sua vida por um pedaço de lixo que recolheu em um bar. As pessoas não vivem de amor. Isto não te alimentará e não te protegerá.

—Ali está equivocado, Papai. Wren pode, e o fará, manterá-me a salvo.

Ele elevou seu rosto com fúria.

—Maldita seja! Depois de tudo o que tenho feito por ti... de tudo o que te dei. Como te atreve a me cuspir na cara? E para que? A fim de que possa te vingar de mim fazendo isto?

—Não se trata de ti, Papai. Trata-se de mim e Wren. Você não tem nada que ver com que eu esteja apaixonada pelo Wren. Nada.

Ele entrecerrou seus olhos neles.

—Quero a ambos os fora desta casa amanhã.

—Bem.

Seu rosto se voltou de pedra.

—Isto não é um jogo, Marguerite, e não estou brincando. Verei-te na rua antes de deixar que jogue a sortes sua vida. Cancelarei seus cartões de crédito logo que saia daqui e limparei sua conta corrente estudantil. Nas seguintes poucas horas não terá absolutamente nada.

Ela se voltou a dirigir ao Wren e lhe contemplou.

—Assim onde você crê que deveríamos viver, carinho? Qual patético barracão te atrai?

Wren se encolheu de ombros. —Bom, temos a propriedade no norte da Escócia, mas faz um pouco de frio ali e você sabe como me sinto sobre o frio. Também está a fazenda na reserva de animais que temos na África do Sul. Uma ilha no Pacífico que se supõe é bastante agradável. Nunca estive ali, mas minha mãe estava acostumada adorá-la e meu pai disse que é nossa todo o tempo que queiramos estar ali. Não é um lugar realmente grande, só umas dez milhas quadradas mais ou menos. Mas são nossas. E também está o navio atracado nas Bahamas. Ele fez uma pausa no que a isso se refere. —Bom, é um navio, mas tem dez dormitórios, assim é um pouco parecido a uma casa. Logo temos nossos dois pisos superiores de Construções Tigarian os dois pisos superiores, mas isso é como viver sobre o trabalho, em minha opinião. Sem mencionar que a cidade é ruidosa.

Ele cerrou os dentes ao pensar.

—Mas sabe, desde que quer terminar a escola, poderíamos comprar essa casa no Garden District que você tanto você.

—Quer dizer a mansão histórica com a piscina?

Ele assentiu com a cabeça.

—Sim. Era só, quanto? Quatro milhões e meio? Porei a meu contador nisso e deveríamos poder nos mudar à nova casa pela manhã.

Os olhos de seu pai cresciam por segundo.

—Que estupidez é esta?

—Não é nenhuma estupidez, papai. É a verdade.

Seu pai ainda se recusava a acreditar nisso.

—Ele te está mentindo, Marguerite. Acorda e não seja estúpida.

Ela arqueou uma sobrancelha ante seu pai.

—Tenho uma pergunta, papai. Sei quanto estiveste querendo acolher ao Senador de Estado Laurens e lhe fazendo a bola por suas contribuições porque ele, como reveste dizer, tem mais dinheiro que Deus. Sabe de onde sua família obteve seu dinheiro?

—É obvio. Eles são acionistas na Corporação Tigarian.

Ela assentiu. Quer conhecer o homem que mantém cinquenta e dois por cento dessas ações?

Sua mandíbula realmente caiu ao chão.

—Não é possível.

Marguerite lhe sorriu.

—Sim, papai, é-o. Apresento ao Wren Tigarian. O homem que possui a pimenta.

Foi a primeira vez em sua vida que ela tinha visto seu pai ficar mudo.

Marguerite se voltou e fez algo completamente crasso e grosseiro. Ela assobiou ao Marvin. Logo que o macaco esteve em seus braços, ela passou junto ao Wren e recolheu suas chaves do mostrador.

Com uma confiança que nunca tinha conhecido antes, ela se dirigiu para seu pai e lhe deu as

chaves.

—Sem intenção de ofender, Papai, não quero a vida que me deu. Quero a que vou fazer por mim mesma... com o Wren. É bem-vindo a ela. Mas não deixarei que me controle.

Ela fechou suas mãos sobre suas chaves.

—Te amo, papai, e eu gostaria que fosse uma parte de meu futuro. Mas se não puder, é tua essa decisão. Já não sou a garotinha assustada a quem lhe aterrava te fazer passar vergonha. Agora sou Maggie Goudeau e sei o que quero. Quando decidir que pode me querer e aceitar sem condições, me chame.

Deixou-lhe ir e se voltou para tomar a mão do Wren. Pela primeira vez em sua vida, ela se sentiu livre. Feliz. O futuro se prolongava ante dela com uma imensidão que a teria assustado algumas semanas atrás.

Agora ela estava desejando confrontar a provocação.

Quando deixaram a casa, ela metade esperou que seu pai a chamasse de volta, mas não o fez.

E isso estava bem. Seu pai necessitava tempo e ela tinha... literalmente séculos diante dela.

Sem voltar o olhar atrás, ela entrou no Mustang vermelho do Wren e sujeitou ao Marvin em seu regaço.

—Está segura a respeito disto? —perguntou Wren quando se unia a ela no carro.

—Absolutamente.

Wren recolheu sua mão e beijou sua palma ligeiramente.

--Assim, aonde devemos nos dirigir?

Lhe fez um quente percurso com o olhar.

--Voto por um tranqüilo hotel onde possamos terminar o que interrompeu meu papai.

Wren sorriu abertamente ante sua resposta.

—Aqui, aqui, Lady Tigre. Soa a bom plano para mim.

O sorriso do Maggie se desvaneceu quando ela se voltou a olhar para onde seu pai se elevava sobre seu alpendre dianteiro, lhes observando partir. A garotinha nela queria correr de retorno a ele e lhe abraçar.

Mas ela já não era uma menina, e até que ele pudesse aceitar isso, não havia nada mais que dizer entre eles.

Adeus, Papai.

Ela só esperava que um dia recuperasse o sentido. Mas até que ele o fizesse, esse não seria seu problema. Ela se negava a lhe deixar que a retivesse mais.

Seu coração se aliviou, baixou seu olhar a sua palma sem marcar.

—Wren? Crê que alguma vez seremos companheiros?

Wren a percorreu com o olhar.

—Já o somos, Maggie. Não necessito que alguma marca externa me diga o que já sei.

Sorriu-lhe.

—Amo-te, Wren.

Ele estendeu sua mão e a enlaçou com a dela.

—Eu também te amo, pequena.

E esse era o maior milagre de todos.

—Assim ainda está seguro de querer te casar comigo? Com parentes políticos e tudo?

Ele bufou.

—Os parentes políticos não me assustam. Se ele não vier de visita, sempre o posso comer.

Ela riu.

—De acordo, assim ao menos já sei o que pôr no menu do casamento. A cabeça de um senador. Legal.

Wren se uniu a sua risada, mas inclusive quando o fazia, ele sentiu a tristeza dentro dela, e por isso ele poderia em realidade a matar a seu pai. Ele não podia entender como o homem podia ser tão imbecil para com sua única filha. Se Wren alguma vez tinha algum próprio, asseguraria-se de que nunca duvidasse de seu amor.

Mas isso não servia de ajuda a Maggie.

—Tudo irá bem, Maggie, confia em mim.

—Já o faço.

Wren apertou sua mão antes que a deixasse ir e se dirigiu para o Bairro Francês. Quando se deteve ante um semáforo, ele a olhou e se fez uma promessa. Seu pai poderia não a amar, mas Wren daria a ela tanto de se mesmo, que ela nunca sentiria saudades.

E isso era algo que ela poderia definitivamente ter em conta.

Epílogo

Um mês mais tarde.

Marguerite sorriu ao Wren quando esperavam de pé no pequeno pátio detrás de sua nova casa no Garden District. O ar era um pouco úmido e caloroso, por isso ela escolheu para casar um singelo vestido de noiva sem alças e de pouca cauda. Ela tinha o cabelo recolhido com diminutas flores brancas, mas sem véu.

Wren se via fantástico, a não pouco quente, em seu traje negro de etiqueta e cauda. Pela primeira vez, seu cabelo não lhe caía sobre os olhos. Ele atualmente o levava para um lado de seu rosto.

—Vou entrar nisto com os olhos abertos e não quero que nada turve minha visão...

Essas palavras que lhe havia dito mais cedo ainda a esquentavam.

Seu cortejo nupcial era pequeno com somente Elise, Whitney, Tammy, Vane, Bride que sujeitava a seu filho, Fury, Fang, Aristóteles... e é obvio Marvin que vestia um pequeno smoking tamanho macaco já que era o padrinho das bodas.

O pai de Marguerite tinha sido convidado, mas aparentemente ele tinha estado muito ocupado para vir e isso estava bem para ela.

De qualquer maneira, ela não queria que nada arruinasse esse dia. Melhor que estivesse ausente a que estivesse ali e franzindo o cenho.

Wren beijou seu dedo anelar onde estava sua aliança de ouro antes que ele beijasse seus lábios quando o sacerdote os proclamou marido e mulher. Uma parte dela estava mais que divertida ante o que a isso se referia a eles eram mas bem Tigre e Tigerswan nesses dias, mas isso era outra história.

Logo que Wren a soltou, suas amigas se aproximaram para abraçá-la e felicitá-la. Marguerite as abraçou enquanto ela escutava aos lobos acossar ao Wren.

—Agora está como Vane, preso para a eternidade— disse Fury com um estremecimento. — Homem, é estúpido. A diferença do Vane, você não tinha uma razão para isso.

—Melhor será que te cale, Fury— disse Vane surgindo. —Ou deixarei a Bride solta sobre ti.

—Yeah— assentiu Bride passando seu filho aos braços de seu pai. — Conheço um pequeno demônio que gosta do sabor da carne de lobo— Todos riram, exceto por Elise, Tammy, e Whitney, quem se viam confundidas.

Quando se postergaram dentro da casa para a recepção, Marguerite se deteve abruptamente quando encontrou ao Savitar no vestíbulo. Arqueando suas sobancelhas, Vane se deteve ante o homem que vestia um par de desajeitadas calças brancas e uma camiseta canção azul e branca que pendurava aberta deixando ao descoberto seus oito quentes abdominais.

—Alguma vez usa algo que não seja roupa de praia?

Savitar se encolheu de ombros.

—Todas as outras coisas me irritam. Além disso, é fácil de pôr... fácil de tirar.

Marguerite enrugou seu nariz ante suas palavras.

—Ew. TMI... muita informação.

—Entendido— disse Wren quando Vane sacudiu sua cabeça e seguiu a outros a sala de jantar. Uma vez que estiveram sós, Wren olhou cenhudamente ao Savitar.

—Então, a que devemos a honra?

Savitar lhes sorriu abertamente meio insolente e presunçoso. — Sinto muito interromper suas bodas, mas não ficarei muito.

—Não tem que partir correndo por nossa culpa— disse Maggie rapidamente.



Wren esteve de acordo. —Temos um montão de comida se gostaria de ficar. Haveríamos lhe convidado, mas não pensei que as bodas fossem seu cenário.

—Não o são— disse ele secamente. —Mas queria dar aos dois um presente de um amigo.

O cenho franzido do Wren aumentou.

—Não tinha que fazê-lo.

—Sei, mas quero fazê-lo. —Sem dizer mais, Savitar uniu a mão esquerda do Wren com a direita dela e as manteve entre as suas.

Ficando sem fôlego, Marguerite sentiu um ardor repentino. Ela abstraiu sua mão para encontrar uma pequena marca, intrincada e como tatuada em sua palma. —Que é o...

—É uma marca de emparelhamento— disse Wren em voz baixa quando olhava de sua mão ao Savitar. —Não entendo. Isto é real?

Savitar assentiu.

—Não confio nas Destinos. Essas três cadelas têm um retorcido senso de humor, e o último que quero é ver que emparelham a alguém inclusive só por rancor. Além disso, estou seguro de que aos dois gostariam de ter meninos algum dia. —Uma profunda tristeza entrou em seus olhos, mas passou rapidamente. —Todo mundo deveria ter possibilidade de ver crescer a seus filhos.

Wren se viu consternado.

—Mas você não pode jogar com o destino.

Savitar lhe deu um aberto sorriso matreiro.

—Você não pode, pequeno tigre, mas eu faça o que quero. Malditos sejam os destinos. Se andam procurando bronca comigo, então adiante. Importa-me pouco o que pensem e ao final do dia, saberão com quem não enredar-se. —Ele lhes piscou um olho. — Vós dois meninos, tenham uma grande vida por diante. Me vou pilhar uma onda e surfar.

Marguerite ficou com a boca aberta quando Savitar se desvaneceu em um nada. Ela esfregou a marca em sua mão direita com a esquerda.

—Isto é legítimo?

Wren lhe levou sua mão a dele.

—Acredito que o é.

—Então podemos ter meninos...

Meneando suas sobrancelhas ante ela, deu um sorriso que era completamente lascivo. Sedutor.

—Há somente uma forma de descobrir. Voto por pular a festa e fugir.

Ela riu ante a aparência ansiosa em seu rosto.

—É tão mau.

Ele grunhiu pelo baixo desde sua garganta enquanto lhe percorria com um quente olhar.

—Não posso evitá-lo, vê-te muito comestível com esse vestido.

Wren se tornou atrás ante o som de alguém esclarecendo a garganta.

Marguerite se ruborizou ao ver o pai dele de pé na soleira da porta.

Aristóteles negou com a cabeça ante eles.

—Alguns de nós também estamos famintos, assim, importa-lhes se começarmos a comer sem vós?

Wren se encolheu visivelmente.

—Sinto muito, Papai. Já vamos.

Seu pai arqueou as sobrancelhas lhe olhando como se não acreditasse.

Quando começaram a entrar na sala, foram interrompidos outra vez pelo timbre da porta.

Wren e Marguerite mudaram um cenho franzido.

—Não é ninguém de meu lado— disse Wren, —Nós não batemos.

Ela pôs seus olhos em branco ante ele.

—Provavelmente seja UPS. Voto por que adicionemos ao homem da entrega que ousou nos interromper ao menu.

Wren riu.

—Não sei. Acredito que seus amigos poriam-se a correr.

Ele se apressou à porta.

Ela observou quando ele a abria, então ficou rígido.

Olhando com cenho ante suas ações e curiosa do que as causou, ela se adiantou ao mesmo tempo em que a porta se abria mais. Marguerite vacilou quando viu seu pai na soleira, parecendo um pouco tímido.

Wren se moveu para lhe deixar entrar na casa. Um brilho de alívio passou pela cara de seu pai quando a viu, até que este foi substituído pela decepção e a pena.

—Sinto chegar tarde botão-de-ouro— disse com rouquidão. —Eu realmente tentei fazê-lo, mas estive toda a noite em uma sessão no Congresso e o clima era tão mau que o vôo se atrasou. Vim logo que pude.

Marguerite não sabia que a aturdia mais. Sua desculpa ou o uso de um apelido que ela não tinha ouvido de seus lábios desde ela era uma garotinha.

—Está bem, papai.

—Não, não o está. Ele limpou a voz antes que tirasse uma pequena caixa do bolso de seu casaco. —ia enviar te isto, mas pensei que era melhor vir aqui e lhe dar isso em pessoa— lhe deu a caixa.

Marguerite lhe olhou carrancuda. Era uma caixa de colar no velho estilo de 1950.

—O que é isso?

—As pérolas de sua avó. Sua mãe as levou postas em nossas bodas e ela queria que você as levasse na tua.

As lágrimas fluíram acima em seus olhos. Tinham passado anos desde que seu pai tivesse

falado de sua mãe de tal maneira.

Wren se aproximou dela para colocar uma mão reconfortante em suas costas enquanto abria a caixa e via o conjunto de pérolas brancas e brincos que faziam jogo.

—São preciosas.

Seu pai inclinou sua cabeça. —Igual a sua mãe... e igual a você.

Seus lábios tremeram quando suas lágrimas começaram a cair. E logo Marguerite fez algo que não tinha feito desde a morte de sua mãe. Abraçou a seu pai.

Pela primeira vez em sua memória, ele não se esticou e se afastou. Ele a rodeou com seus braços e a manteve perto.

—Te amo, papai— sussurrou ela contra sua bochecha.

—Eu também te amo, Marguerite. Ele a apertou um instante antes que se endireitasse e enxugasse as lágrimas do rosto dela. Seu sorriso estava matizado pela tristeza. —Sinto não ter estado aqui para te entregar. Deveria ter chamado ao menos.

—Está bem.

Wren tomou as pérolas da caixa. Quando se moveu para pô-las a ela, seu pai lhe deteve.

—Você tem o resto de sua vida para ajudá-la com isto. Se não te importar, eu gostaria de fazê-lo simplesmente esta vez.

—É obvio— disse Wren quando os entregou.

Marguerite deu um muito menos que feminino gole de nariz quando se encontrou com os olhos turquesa do Wren. O amor em seu olhar a enfraquecia.

Seu pai lhe pôs as pérolas, logo se afastou para ficar diante do Wren.

—Sei que fui um espinho para ambos, mas sou o bastante homem para admitir quando me equivoco. —Ele a percorreu com o olhar. —É minha filha, Marguerite, e se ele te faz feliz, então isso é o melhor que posso pedir, pensei muito a respeito do que me disse nas últimas semanas e eu quero formar parte de sua vida... se me deixar.

—É obvio, papai. Aconteça o que acontecer, sempre será meu pai.

Seus olhos se suavizaram até que ele voltou a olhar ao Wren.

—Enterramos a tocha? Não mais rancores?

Marguerite agüentou o fôlego enquanto esperava impaciente a resposta do Wren.

Ele vacilou um momento antes de tomar a mão de seu pai e estreitá-la.

—Nenhum que dure o bastante enquanto não faça a ela chorar a não ser de felicidade.

Seu pai colocou sua outra mão em cima da do Wren.

— Não se preocupe. Não tenho intenção alguma de machucá-la jamais.

Outra vez ouviram alguém esclarecer a voz. Marguerite começou a ver o Aristóteles parado outra vez na soleira da porta.

—Vamos comer ou não? —Ele perguntou.



Marguerite riu.

—Definitivamente vamos comer— disse ela antes que ela apresentasse a seu pai ao do Wren.

E quando os quatro se reincorporaram ao resto de banquete, ela sentiu um calor arrastando-se através dela.

—Está bem? —perguntou Wren quando tomou sua mão para conduzir a à mesa.

—Só pensava que desejaria que minha mãe estivesse aqui.

—Estou seguro de que te está olhando e sorrindo.

Marguerite beijou sua bochecha. Em uma forma estranha, ela sentia que ele tinha razão, e nesse momento ela se deu conta de que esse dia era realmente perfeito.

E ela tinha uma pessoa a quem agradecer e era a única pessoa a que tentaria passar o resto de sua vida agradecendo. Ela apertou a mão dessa pessoa antes que ela tomasse assento com sua ajuda, e ele se sentasse a seu lado.

Quando começaram a comer, Marguerite sorriu ao Wren. Possivelmente não houvesse outro dia perfeito em seu futuro, mas tinham este e com tanto que tivesse ao Wren a seu lado, ela sabia que não lhe importava o que o futuro lhe proporcionasse, sempre enfrentariam com gosto a isso. Juntos.

Savitar forçou uma expressão em branco em seu rosto quando se aproximou da figura solitária que estava sentada sobre sua praia, observando o fluxo. Vestido com uma camisa havaiana e um par de calções de surfista, o homem de cabelo escuro se reclinava sobre seus braços com sua atenção posta em nenhuma parte.

Ele conhecia esse afastado olhar. Era um que ele levava a muito tempo. E era por que a praia era a única coisa que lhe oferecia algum tipo de conforto.

O oceano, como o tempo, era interminável e em constante mudança. Vasto. Vazio. Entristecedor.

Pregando seus braços sobre seu peito, ele se aproximou do homem na praia.

—Entreguei seu presente a eles.

Nick Gautier lhe olhou então. Pela cara do Nick, Savitar podia dizer que lhe levou vários segundo registrar essas palavras.

—Obrigado pelo favor, Savitar.

—Não há problema. São bons meninos.

Nick assentiu com a cabeça enquanto um amargo sorriso sobrevoou a comissura de seus lábios.

—Nunca teria pensado que Maggie tinha isso nela para brigar por seu futuro. Nem sequer pelo Wren, de fato. É bom ver seus amigos felizes, verdade?



Savitar bufou.

—Como sabê-lo? Não tenho amigos. As pessoa basicamente fedem e todos os amigos lhe acabam fodendo ao final.

—Então por que estou eu aqui?

—Diabos se sei.

Mas essa não era a verdade. Nick estava ali porque Acheron o tinha pedido e Acheron era um dos muito poucos seres a que Savitar nunca se negaria.

—Me diga algo, Sav. Eles...

—Viverão felizmente inclusive depois. Não se preocupe. Criarão montões de pequenos tigres e pensarão em ti de vez em quando. Demônios, eles inclusive lhe porão seu nome a seu primogênito... que é obvio será uma garota, mas à pequena Nikki não importará seu nome. Ela pensará que é genial.

Nick assentiu com a cabeça, mas mesmo assim, Savitar podia sentir sua dor. Nick não tinha querido morrer, e sua morte lhe havia fodido em mais forma que uma.

Mas a vida e a morte seguiam. Ele sabia melhor que ninguém.

—Vamos, menino— disse ele, inclinando sua cabeça para as ondas. —O Surfe nos espera.

Nick começou a rodar seus olhos ante ele, vais treinar-me como um Dark-Hunter?

—Sim, mas agora mesmo, eu tenho grandes coisas em mente. Uma de vinte pés se dirige à costa e eu ando procurando bronca com ela.

Nick suspirou quando ficou em pé. Savitar já estava vestido com seu traje de surfista quando se abriu passo para a água. Uma prancha de surfe apareceu ao lado dele.

Ele estava agradecido de que Savitar lhe tivesse acolhido desde que agora mesmo ele não podia enfrentar ao Acheron sem querer matar ao bastardo pelo que aconteceu ao Nick a noite de sua morte. Mas honestamente, ele estava cansado de estar sentado sobre seu traseiro, esperando que seu treinamento começasse.

Sua velha vida tinha terminado. Ele sabia. Não havia maneira de voltar para o que ele tinha conhecido. Nenhuma maneira de voltar para Nova Orleães.

Agora, igual a Wren e Maggie, era hora de que um novo capítulo começasse em sua vida.

E ele o podia sentir chegando, igual à onda que se ia formando...

Fim.

Artista: **Dead Milkmen (The)**

Album: Other

Música: **V.F.W.**

Mom and Dad don't like me
They say I'm mean and crude
They tried to make me a good little boy

Dark Hunters 13 - Desata a Noite -- Wren e Margherite
Unleash the Forbidden -- Sherrilyn Kenyon

By sticking downers in my food

Fucked up world

We're all veterans of a fucked up world

Fucked up world

We're all members of a fucked up world

My neighbours try to run me down

Because I'm such a mess

Maybe it's cause of the way I look

Or maybe the way I dress

Philosophers try to put me down

Hey what's the meaning of life?

Go kill a cop and drink till you drop

Baby that's my advice

In a...

Fucked up world

We're all veterans of a fucked up world

Fucked up world

We're all members of a fucked up world

Girls don't really like me

That's why I hate myself

Maybe it's cause of the way I look

Or maybe it's something else

My room is such a pig sty

My floor has never been swept

But I've got a fuck off attitude

And that's something that should be kept

In a...

Fucked up world

We're all veterans of a fucked up world

Fucked up world

We're all members of a fucked up world

Tradução

Mamãe e papai não gostam de mim

Dizem que sou mesprezível e bruto

Tentaram me fazer um bom menino

Me degolando com minha comida

Fodido mundo

Somos todos veteranos de um mundo fodido

Fodido mundo

Nós somos todos membros de uma fodido mundo

Meus vizinhos tentaram me jogar a baixo

Porque eu sou uma bagunça total

Talvez seja por causa da minha aparência

Ou talvez a forma em que me visto

Filósofos tentaram me derrubar

Ei qual é o sentido da vida?

Va matar um policial e beber até cair

Bebê esse é o meu conselho

Em um...

Fodido mundo

Somos todos veteranos de um mundo fodido

Fodido mundo

Nós somos todos membros de um fodido mundo

Garotas realmente não gostam de mim

É por isso que me odeio

Talvez seja pela minha aparência

Ou talvez seja outra coisa

Meu quarto é como um chiqueiro

Meu andar nunca foi varrido

Mas eu tenho uma fodida atitude

E isso é algo que deve ser mantido

Em um...

Fodido mundo

Somos todos veteranos de um mundo fodido

Fodido mundo

Nós somos todos membros de um fodido mundo

